UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CÍNTIA APARECIDA DE SOUSA

Representações da mulher esportista brasileira sob a ótica da Análise de Discurso Crítica: O jornalismo esportivo sobre elas, feito por elas e comentado por elas

UBERLÂNDIA
2025

CÍNTIA APARECIDA DE SOUSA

Representações da mulher esportista brasileira sob a ótica da Análise de Discurso Crítica: O jornalismo esportivo sobre elas, feito por elas e comentado por elas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso.

Orientadora: Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S725 Sousa, Cíntia Aparecida de, 1987-
2025 Representações da mulher esportista brasileira sob a ótica da Análise de Discurso Crítica: [recurso eletrônico] : O jornalismo esportivo sobre elas, feito por elas e comentado por elas / Cíntia Aparecida de Sousa. - 2025.

Orientador: Maria Aparecida Resende Ottoni.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.138
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Ottoni, Maria Aparecida Resende , 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de doutorado - PPGEL				
Data:	Vinte e seis de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	08:30	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	12113ELI007				
Nome do Discente:	Cíntia Aparecida de Sousa				
Título do Trabalho:	Representações da mulher esportista brasileira sob a ótica da Análise do Discurso Crítica: o jornalismo esportivo sobre elas, feito por elas e comentado por elas				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Gêneros, Discursos, Identidades e Letramento: Um olhar para diferentes Práticas Sociais				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professoras Doutoras: Maria Aparecida Resende Ottoni - UFU, orientadora da Tese; Ana Cristina Menegotto Spannenberg - UFU; Cristiane Fuzer - UFSM; Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi - SEE/DF, e Cristiane Carvalho de Paula Brito - UFU.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Resende Ottoni**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/02/2025, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Menegotto Spannenberg**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/02/2025, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi**, **Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Fuzer**, **Usuário Externo**, em 27/02/2025, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Carvalho de Paula Brito**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2025, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6128568** e o código CRC **B86EA83C**.

Referência: Processo nº 23117.012112/2025-68 SEI nº 6128568

Representações da mulher esportista brasileira sob a ótica da Análise de Discurso Crítica: O jornalismo esportivo sobre elas, feito por elas e comentado por elas

Tese apresentada para a obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 26 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra.: Maria Aparecida Resende Ottoni - UFU

Profa. Dra.: Ana Cristina Menegotto Spannenberg – UFU

Profa. Dra.: Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi - SEE-DF

Profa. Dra.: Cristiane Carvalho de Paula Brito - UFU

Profa. Dra.: Cristiane Fuzer - UFSM

Às mulheres que lutam todos os dias por espaços em uma sociedade ainda permeada pelo machismo e patriarcalismo.

AGRADECIMENTOS

Certamente a produção de uma tese não se realiza de forma sozinha. Para conseguir o título de doutora muitas pessoas foram fundamentais ao longo deste processo. Assim, alguns singelos agradecimentos se fazem importantes e necessários.

Agradeço aos meus pais, Marli e Antônio. Mãe, a senhora é a pessoa mais importante da minha vida. Obrigada por acreditar em mim e por ter me transformado na pessoa que sou. Pai, obrigada por proporcionar um lar em que a educação se fez presente e por não deixar faltar nada. Não tivemos luxo, mas nunca soubemos o que é a falta do essencial para se viver.

Agradeço aos meus irmãos Graciele e Marcos. Irmã mais nova, obrigada por me socorrer nas formatações e ilustrações deste trabalho e por ser a minha melhor companhia. Irmão mais velho, obrigada pela preocupação em sempre lembrar-me de salvar o arquivo da tese, por me apresentar o amor pelo nosso São Paulo Futebol Clube e por dividir as agonias com o nosso Verdão da Mogiana, o Uberlândia Esporte Clube (UEC).

Agradeço à minha orientadora, Maria Aparecida Resende Ottoni. Cida, obrigada pela parceria; sei que não fui uma orientanda perfeita, mas, você, certamente, foi uma orientadora espetacular. Quem diria que aquela candidata à vaga de professor(a) no ano de 2008 seria a minha orientadora de doutorado? Recordo-me de ter ficado encantada com a senhora cantando aquela canção, já que a tecnologia a tinha deixado na mão. Hoje, encanto-me com o seu profissionalismo e dedicação em conduzir este processo de orientação.

Agradeço às minhas amigas, Amanda Marques e Michelly Lopes. “Vacas”, vocês são incríveis, seremos sempre o “Trio HG”, mesmo que cada uma siga uma direção. As palavras de apoio, ombro amigo e as fofocas deixaram esta caminhada mais leve.

Agradeço às minhas amigas Angélica Guimarães, Deisiane Cabral e Valquíria Amaral. Jornamigas, não honrei, em 2024, o compromisso de sempre me fazer presente em nossos encontros mensais. A ausência foi necessária, mas as carrego em meu coração.

Agradeço à minha Escola Estadual Honório Guimarães (HG). Paulo Rocha, meu diretor, Flávia Mendes, minha vice-diretora, e Maria Ângela, minha supervisora, obrigada por entenderem o meu pedido de afastamento deste lugar que tanto amo e que me transformou em uma professora apaixonada pela educação. Ires Fernandes, Mara Moraes e Dirce Silva, obrigada pelas mensagens e vídeos descontraídos. Em momentos difíceis, eles foram o combustível para continuar a jornada. Bianca Ferretti, obrigada pelo auxílio nos trâmites para a solicitação do meu afastamento. Alessandra Miranda, Carina Costa, Franciely Moreira, Juliana Ferreira e

Juliana Souza, obrigada pela parceira ao longo destes quase 10 anos de HG.

Agradeço aos(às) meus(minhas) alunos(as) do 9ºA, 9ºB e 9ºC de 2024. Obrigada pelas cartas de despedida e pelo carinho ao longo destes quatro anos de doutorado. Saibam que foi muito difícil deixá-los na reta final do ensino fundamental de vocês, mas deixo o meu carinho por vocês aqui registrado.

Agradeço a todos(as) meus(minhas) alunos(as) ao longo desta minha carreira de professora. Com vocês sorri, chorei e aprendi, é muito bom ser parada na rua e saber que ainda se lembram da professora de língua portuguesa apaixonada pelo Chico Bento.

Agradeço à Secretária Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) por autorizar o afastamento de minhas atividades como professora no ano de 2024, sem este benefício seria impossível a concretização desta pesquisa.

Agradeço aos(às) integrantes do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (Ppgel/UFU). O profissionalismo de cada um (docentes e técnicos administrativos) foi fundamental para a realização deste árduo processo. Em especial, agradeço a doutoranda do programa Maria de Oliveira Rodrigues que me ajudou com os documentos necessários para a solicitação de afastamento para estudos.

Agradeço aos amigos da Diretoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia (Dirco/UFU). Em especial, Milton Santos, obrigada por todo carinho, é muito bom ser amiga do "Cara da UFU"; Diélen Borges, obrigada pela parceria de escrita, sentirei saudades das nossas manhãs na biblioteca; Jussara Coelho, Glória Nunes e Monallysa Leite, obrigada pela paciência em ouvir as minhas lamentações e medos durante este processo; João Ricardo, obrigada pela produção da arte de divulgação dos meus minicursos e pelas palavras de incentivo.

Agradeço à minha banca de defesa titular e suplente. Ana Cristina Menegotto Spannenberg, Carla Nunes Vieira Tavares, Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi, Cristiane Carvalho de Paula Brito, Cristiane Fuzer, Flávia Motta de Paula Galvão e a Luísa em seu ventre. Professoras, muito obrigada por aceitarem o convite e possibilitarem a realização desta banca feminina. O profissionalismo de vocês me inspira. Vocês representam a força da mulher na educação.

Agradeço aos(às) integrantes das bancas de qualificação do projeto e da primeira versão da tese. Ariel Novodvorski, Cristiane Fuzer, Débora de Carvalho Figueiredo e Vinícius Durval Dorne. Obrigada por iluminarem os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos(à) debatedores(a) do Sepella. André Ricardo Nunes Martins, Christiane

Pitanga Serafim da Silva e Sandro Xavier da Silva. Obrigada por participarem deste importante lugar de discussão proporcionado pelo Ppgel/UFU.

Agradeço às profissionais do sítio Dibradoras. Angélica Souza, Julia Belas, Natália Andrade, Renata Mendonça e Roberta Nina, foi um aprendizado ouvi-las. Conhecer a história de mulheres que lutam para o empoderamento feminino é um sopro de esperança.

Agradeço às participantes do grupo focal. Meninas, é uma pena não poder nomeá-las, mas sem vocês esta pesquisa não se completaria. Obrigada pela dedicação e pela imensa ajuda na construção deste trabalho sobre as mulheres. Vocês são sensacionais.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional. Em especial, Ângela Fernandes, Bianca Souza, Isabela Peixoto, Layane Campos e Thais Souza, que sempre me auxiliaram nos momentos de desespero deste processo.

Agradeço a minha eterna amiga Danizinha, obrigada por ser esta pessoa tão especial em minha vida. Você certamente será uma médica incrível.

Agradeço à Sociedade, que mantém a universidade pública e gratuita e me proporcionou duas graduações, um mestrado e, agora, um doutorado na UFU.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

Enfim, agradeço a todos(as) que fizeram parte desta etapa de minha carreira profissional e pessoal.

Desejo que este trabalho seja um sopro de inspiração e que possa despertar o amor e a curiosidade pelo universo feminino esportivo.

“Lugar de mulher é no esporte”
(Dibradoras).

RESUMO

A presente tese desenvolve um estudo sobre as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo. Para o desenvolvimento da pesquisa, não pautamos em um veículo da mídia tradicional em que o poder ainda se concentra nas mãos dos homens e o destaque é, principalmente, direcionado a eles. O estudo abre espaço para as representações da mulher esportista brasileira em um veículo de comunicação alternativo, o sítio Dibradoras, um dos poucos meios de comunicação especializado em jornalismo esportivo do Brasil comandado somente por mulheres e dedicado à divulgação da presença da mulher no esporte. O objetivo geral da pesquisa consiste em identificar, analisar e compreender quais representações discursivas da mulher esportista brasileira são construídas no e pelo sítio Dibradoras, como é a avaliação, por parte das mulheres jornalistas desse sítio, da produção dos textos nele publicados e quais os sentidos construídos pelas mulheres leitoras - discentes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - a partir desses textos. Assim, os *corpora são constituídos* por três conjuntos de dados, a saber: (1) textos jornalísticos publicados no sítio Dibradoras, em 2021, relacionados com os Jogos Olímpicos ou Paralímpicos de Tóquio; (2) dados gerados por meio de entrevistas com as jornalistas autoras dos textos selecionados do sítio Dibradoras e (3) dados gerados por meio de um grupo focal realizado com mulheres, estudantes do curso de Jornalismo UFU, que analisaram os textos do sítio. Os fundamentos teóricos e metodológicos norteadores consistem nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC), especificamente da abordagem dialético-relacional, proposta pelo britânico Norman Fairclough e da abordagem da representação de atores sociais, de Theo van Leeuwen, em diálogo com pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especificamente o que diz respeito ao Sistema da Transitividade. Além disso, os estudos acerca do jornalismo esportivo e da presença da mulher como atleta, profissional de comunicação e leitora/consumidora no ambiente esportivo também são abordados na parte teórica. Para as análises dos dados gerados pelos textos jornalísticos, utilizam-se as categorias avaliação, intertextualidade, interdiscursividade e representação de atores sociais; já as análises dos dados gerados pelas entrevistas e por meio do grupo focal pautam-se na categoria avaliação associada às macrotemáticas presentes em cada material. As análises dos textos jornalísticos demonstram que as mulheres esportistas brasileiras nos textos do sítio Dibradoras são representadas como forças ativas, de modo personalizado, por individualização, nomeação e classificação. As participantes do grupo focal destacam que as representações da mulher esportista brasileira apresentadas pelo sítio Dibradoras estão atreladas à luta/superação, ao profissionalismo e à humanização. Além disto, por meio das entrevistas com as jornalistas do sítio percebe-se a discrepância de tratamento em relação ao gênero, a luta pela desconstrução da objetificação da mulher e a importância de veículos que desenvolvam um jornalismo esportivo feminista, em que os esportes praticados pelas mulheres são tratados/abordados com o mesmo respeito e espaço que as atividades praticadas pelos homens possuem na mídia tradicional. Assim, destacar as representações da mulher esportista brasileira presentes no sítio Dibradoras; compreender, pelas vozes das produtoras deste conteúdo, como essas representações são construídas e observar a recepção desses textos feita por um grupo de estudantes de Jornalismo, mostrou a importância da divulgação da presença da mulher no ambiente esportivo por meio de um jornalismo esportivo feminista, já que a mídia tradicional ainda é permeada por ideias com cunhos patriarcais e machistas e destinada majoritariamente às atividades praticadas pelos homens.

Palavras-chave: Mulher; Esporte; Jornalismo Esportivo; Representação Discursiva; Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

The present thesis elaborates on the representation of Brazilian female athletes in sports journalism. In order to develop the research, we did not focus on a traditional media vehicle where power is concentrated in men's hands and the focus is mainly directed at them. The study paves the way for the representations of Brazilian female athletes in an alternative media platform, the website called Dibradoras, one of the few media platforms specialized in sports journalism, led exclusively by women and dedicated to women's presence in sports. The main objective of the research is to identify, analyze, and understand the discursive representations of Brazilian female athletes that are constructed on and by the Dibradoras website, how the Dibradoras website is evaluated by female journalists, as well as the written and published texts on the Dibradoras website, and what the constructed meanings are by female readers – students from the Journalism course at the Federal University of Uberlândia – based on these texts. Thus, the corpora are constituted by three data sets, namely: (1) journalistic texts published on the Dibradoras website in 2021, related to the Tokyo Olympic or Paralympic Games; (2) data generated through interviews with female journalists who are authors of the selected texts from the Dibradoras website; and (3) data generated through a focus group conducted with women, students in the Journalism course at the Federal University of Uberlândia, who analyzed the texts from the Dibradoras website. The guiding theoretical and methodological foundations involve Critical Discourse Analysis (CDA), specifically the dialectical-relational approach proposed by the British linguist Norman Fairclough, and the approach to the representation of social actors by Theo van Leeuwen, in dialogue with Systemic-Functional Linguistics (SFL), particularly in relation to the Transitivity system. In addition, the studies regarding sports journalism and the presence of women as athletes, media professionals, and readers/consumers in the sports environment are also discussed in the theoretical part. On one hand, for the analysis of the data generated by the journalistic texts, the categories used are evaluation, intertextuality, interdiscursivity, and the representation of social actors; on the other hand, the analysis of the data generated through interviews and a focus group is based on the category of evaluation, associated with the macro-themes present in each material. The analysis of the journalistic texts demonstrates that Brazilian female athletes on the Dibradoras website are represented as active forces, in a personalized manner, through individualization, nomination, and classification. The focus group participants highlight that the representations of Brazilian female athletes presented by the Dibradoras website are tied to the themes of struggle/overcoming, professionalism, and humanization. Furthermore, through interviews with journalists from the Dibradoras website, it is possible to perceive the gender-based treatment discrepancy, the fight for the deconstruction of female objectification, and the importance of media vehicles developing feminist sports journalism, where sports practiced by women are treated with the same respect and space that sports practiced by men receive in traditional media. Thus, highlighting the representations of Brazilian female athletes on the Dibradoras website, understanding, through the voices of those who produce this content, how these representations are constructed, and analyzing how a group of Journalism students received these texts highlight the importance of promoting women's presence in the sports sphere through feminist sports journalism, as traditional media remains influenced by patriarchal and sexist ideas and continues to prioritize men's sports.

Keywords: Woman; Sports; Sports journalism; Discursive representation; Critical discourse analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimentos e instrumentos para coleta e geração de dados 44
Quadro 2 - Trechos referentes às notas de campo 47
Quadro 3 - Modalidades presentes nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 52
Quadro 4 - Modalidades presentes nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 53
Quadro 5 - Conjunto de dados 1: Textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 55
Quadro 6 - Critérios de inclusão e de exclusão de participantes na pesquisa: Entrevistas 56
Quadro 7 - Conjunto de dados 2: Informações sobre as entrevistas com as profissionais do sítio Dibradoras 58
Quadro 8 - Critérios de inclusão e de exclusão de participantes na pesquisa: Grupo Focal 61
Quadro 9 - Conjunto de dados 3: Descrição das sessões do grupo focal 64
Quadro 10 - O código macrotemáticas e seus subcódigos 72
Quadro 11 - Inserção da mulher nas modalidades olímpicas 84
Quadro 12 - Abordagens de Análise de Discurso Crítica apresentadas por Wodak e Meyer (2009) 102
Quadro 13 - Arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas pautadas na abordagem dialético-relacional, construído por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base na crítica explanatória de Bhaskar 109
Quadro 14 - Questões para a análise da intertextualidade 115
Quadro 15 - Representação de discurso 116
Quadro 16 - Exemplos de representação de discurso 118
Quadro 17 - Questões para a análise da interdiscursividade 119
Quadro 18 - Exemplo de interdiscursividade 120
Quadro 19 - Questões para a análise da avaliação 121
Quadro 20 - Exemplos de avaliação 123
Quadro 21 - As Metafunções da linguagem e as variáveis do contexto situacional 127
Quadro 22 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção ideacional 128
Quadro 23 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção interpessoal 128
Quadro 24 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção textual 129
Quadro 25 - Integração multifuncional da oração 130
Quadro 26 - Definições dos elementos do sistema de transitividade 131
Quadro 27 - Tipos de circunstâncias 132

Quadro 28 - Exemplos de verbos que realizam processos verbais 143
Quadro 29 - Exemplos de verbos que realizam processos em orações comportamentais 145
Quadro 30 - Elementos de uma prática social 149
Quadro 31 - Exemplo de inclusão por meio da ativação 154
Quadro 32 - Exemplos de inclusão por meio da passivação 155
Quadro 33 - Exemplos de inclusão por meio da indeterminação 156
Quadro 34 - Exemplos de inclusão por meio da categorização 157
Quadro 35 - Exemplos de inclusão por meio da nomeação 158
Quadro 36 - Exemplos de inclusão por meio da impersonalização 159
Quadro 37 - Exemplo de inclusão por meio da generalização 161
Quadro 38 - Exemplos de inclusão por meio da especificação 161
Quadro 39 - Os textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras para a construção do *corpus* 163
Quadro 40 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso direto 169
Quadro 41 - As vozes das mulheres atletas articuladas por meio de discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 171
Quadro 42 - A voz da mulher ex-atleta articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 174
Quadro 43 - A voz da mulher árbitra articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 175
Quadro 44 - As vozes da mulher dirigente e da mulher pesquisadora articuladas por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 175
Quadro 45 - A voz da mulher treinadora articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 176
Quadro 46 - As vozes masculinas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso direto 178
Quadro 47 - As vozes masculinas articuladas por meio de discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 178
Quadro 48 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso indireto 182
Quadro 49 - As vozes masculinas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso indireto 182

Quadro 50 - As vozes femininas e masculinas articuladas por meio de discurso indireto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 183
Quadro 51 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do relato de ato de fala 185
Quadro 52 - A voz feminina incluída por meio de relato do ato de fala nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do relato de ato de fala 185
Quadro 53 - Discurso da superação articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 188
Quadro 54 - Discurso da emoção articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 189
Quadro 55 - Discurso histórico articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 191
Quadro 56 - Discurso feminista articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 193
Quadro 57 - Discurso machista articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 194
Quadro 58 - Exemplos de declarações avaliativas presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 197
Quadro 59 - Exemplos de declarações avaliativas com processo mental afetivo presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 200
Quadro 60 - Exemplos de declarações com valores presumidos presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 201
Quadro 61 - Exemplos de declarações com modalidade deôntica presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 202
Quadro 62 - A representação da participante social mulher esportista brasileira de modo ativo, pelas jornalistas, nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 205
Quadro 63 - A representação da participante social mulher esportista brasileira de modo passivo, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 206
Quadro 64 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da funcionalização, pelas jornalistas, nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras 208
Quadro 65 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (classificação), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras. 209

Quadro 66 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (identificação física), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 211
Quadro 67 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (identificação relacional), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 212
Quadro 68 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da valoração, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras.....212
Quadro 69 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da nomeação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 213
Quadro 70 - A junção da categorização e da nomeação da participante social mulher esportista brasileira, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 215
Quadro 71 - A representação dos participantes sociais por meio da indeterminação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 216
Quadro 72 - A representação dos participantes sociais por meio da impersonalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 217
Quadro 73 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da especificação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras.....219
Quadro 74 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da generalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 220
Quadro 75 - O uso dos termos “eu”, “gente” e “mulher(es)” nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras 223
Quadro 76 - O futebol feminino como a modalidade mais abordada no sítio Dibradoras 224
Quadro 77 - A presença do adjunto negativo “não” nas entrevistas 225
Quadro 78 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática jornalismo esportivo presentes nas entrevistas.....229
Quadro 79 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática contexto cultural presentes nas entrevistas 233
Quadro 80 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática Dibradoras presentes nas entrevistas 235
Quadro 81 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática prática jornalística presentes nas entrevistas 237

Quadro 82 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática relação com o esporte presentes nas entrevistas 239
Quadro 83 - As citações diretas e indiretas articulas nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras 240
Quadro 84 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática Dibradoras presentes no grupo focal 247
Quadro 85 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática mulher x homem presentes no grupo focal 248
Quadro 86 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática mulher na sociedade presentes no grupo focal 250
Quadro 87 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática contexto cultural presentes no grupo focal 250
Quadro 88 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática representação da mulher esportista brasileira presentes no grupo focal 252
Quadro 89 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática prática jornalística presentes no grupo focal 254
Quadro 90 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática relação com o esporte presentes no grupo focal 255

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A composição da Tríade Feminina 34
Figura 2 - Mapa mental dos caminhos metodológicos da pesquisa 40
Figura 3 - Imagem da parte superior do sítio Dibradoras 50
Figura 4 - Transcrição da Entrevista 01 pelo sítio *Speechnotes* 59
Figura 5 - Classificação de arquivos no NVivo 68
Figura 6 - Código intertextualidade e seus subcódigos 69
Figura 7 - Código interdiscursividade e seus subcódigos 70
Figura 8 - Código avaliação e seus subcódigos 70
Figura 9 - O código representação de atores sociais e seus subcódigos 71
Figura 10 - Processo de codificação de dados no NVivo 72
Figura 11 - Lema do sítio Dibradoras 79
Figura 12 - Fundadoras do Dibradoras 79
Figura 13 - Interação público e as dibras 80
Figura 14 - Imagem da parte inicial superior do sítio Dibradoras 81
Figura 15 - Recorte do jornal O Imparcial 88
Figura 16 - Integrantes da equipe feminina da Rádio Mulher 90
Figura 17 - Reprodução da foto vencedora do concurso cultural da OTB Sports 94
Figura 18 - Capa da edição de agosto de 1995 da revista Placar 96
Figura 19 - Foto publicada pela revista Placar em 1995 97
Figura 20 - Reportagem do sítio Caras sobre a cobertura dos Jogos de Tóquio 98
Figura 21 - Arcabouço Tridimensional do Discurso 105
Figura 22 - Momentos da prática social 108
Figura 23 - Estratificação na LSF 126
Figura 24 - Exemplificação dos elementos do sistema de transitividade 131
Figura 25 - Tipos de processos nas orações 133
Figura 26 - Orações materiais intransitivas e transitivas 134
Figura 27 - Oração material com estrutura passiva 135
Figura 28 - Orações materiais com Escopo 136
Figura 29 - Orações materiais com Beneficiário 136
Figura 30 - Orações materiais com Atributo 137
Figura 31 - Orações mentais 138

Figura 32 - Tipos de orações mentais 139
Figura 33 - Orações relacionais intensivas 140
Figura 34 - Orações relacionais circunstanciais 141
Figura 35 - Orações relacionais possessivas 142
Figura 36 - Participantes das orações verbais 143
Figura 37 - Orações verbais com citação e relato 144
Figura 38 - Oração comportamental 145
Figura 39 - Oração existencial 146
Figura 40 - Tipos de participantes presentes nas orações 147
Figura 41 - Rede de sistema para a análise da representação de atores sociais no discurso .. 153
Figura 42 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelos textos jornalísticos 166
Figura 43 - Exemplo da inserção do discurso direto sem a presença de um processo verbal 181
Figura 44 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras 222
Figura 45 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelo grupo focal 243
Figura 46 - As representações das mulheres esportistas brasileiras nas produções do sítio Dibradoras elencadas pelas participantes do grupo focal 253
Figura 47 - Principais formas de representações das mulheres esportistas brasileiras como participante social nas produções do sítio Dibradoras 257

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participação brasileira nos Jogos Olímpicos 85
Tabela 2 - Participação brasileira nos Jogos Paralímpicos 86
Tabela 3 - Processos verbais utilizados na articulação das vozes por meio do discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 180
Tabela 4 - Processos verbais utilizados na articulação das vozes por meio do discurso indireto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 184
Tabela 5 - Cruzamento entre o código intertextualidade e seu subcódigo representação de discurso e o código avaliação com seus subcódigos nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 197
Tabela 6 - Cruzamento entre o código macrotemáticas e o código avaliação com seus subcódigos nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras 228
Tabela 7 - Cruzamento entre o código macrotemáticas e o código avaliação com seus subcódigos nos encontros do grupo focal 246

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Autoria dos textos jornalísticos do *corpus* 51
Gráfico 2 - Classificação dos textos jornalísticos a partir do assunto abordado 54
Gráfico 3 - Sexo e Gênero das participantes do Grupo Focal 62
Gráfico 4 - Período no curso de Jornalismo das participantes do Grupo Focal 62
Gráfico 5 - Faixa etária das participantes do Grupo Focal 63
Gráfico 6 - Etnia Racial das participantes do Grupo Focal 63
Gráfico 7 - Os dez esportes mais abordados nas notícias esportivas 75
Gráfico 8 - As representações de discurso presentes nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 168
Gráfico 9 - Cruzamentos de dados entre os códigos interdiscursividade e intertextualidade nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 187
Gráfico 10 - Os modos de avaliação presentes nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras 196
Gráfico 11 - Os modos de representação da participante social mulher esportista brasileira, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 204
Gráfico 12 - A categoria personalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 207
Gráfico 13 - A categoria impersonalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 216
Gráfico 14 - A categoria especificação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras 218
Gráfico 15 - Temáticas verificadas nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras 226
Gráfico 16 - Os modos de avaliação presentes nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras 227
Gráfico 17 - Macrotemáticas verificadas nos encontros do grupo focal 244
Gráfico 18 - Os modos de avaliação presentes nos encontros do grupo focal 245

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRAJI	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
ADC	Análise de Discurso Crítica
ALED	Associação Latino-americana de Estudos do Discurso
Arq UFU	Arquibancada UFU
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBoxe	Confederação Brasileira de Boxe
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBJ	Confederação Brasileira de Judô
CBV	Confederação Brasileira de Vôlei
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COB	Comitê Olímpico do Brasil
COI	Comitê Olímpico Internacional
CPB	Comitê Paralímpico do Brasil
CPI	Comitê Paralímpico Internacional
DIRCO	Diretoria de Comunicação Social
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACED	Faculdade de Educação
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
GT	Gramática Tradicional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILEEL	Instituto de Letras e Linguística
LC	Linguística Crítica
LNB	Liga Nacional de Basquete
NBB	Novo Basquete Brasil
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
PAIES	Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior

PDF	*Portable Document Format*
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGCE	Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
SD	Sequência(s) Discursiva(s)
SEE/MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEC	Uberlândia Esporte Clube
UEFA	União das Federações Europeias de Futebol
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

A PROFESSORA E A JORNALISTA: as memórias de uma eterna aprendiz.....27

1 O INÍCIO DA JORNADA 32

2 OS CAMINHOS DA PESQUISA: A presença da mulher no esporte como tema, autoria e leitora 40

2.1 Pressupostos Metodológicos: a pesquisa documental e etnográfico-discursiva crítica de abordagem qualitativa.....41

2.2 Procedimentos e instrumentos para a geração de dados.....43

2.3 Submissão ao CEP e nomenclatura das participantes para apresentação dos resultados ...48

2.4 Textos jornalísticos do sítio Dibradoras: delimitação, coleta e seleção para construção do *corpus* 49

2.5 Entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros 56

2.6 Grupo Focal com as discentes em Jornalismo para análise das produções textuais do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros 60

2.7 Triangulação teórica e metodológica.....66

2.8 Procedimentos metodológicos para o tratamento, a organização e a análise dos dados 67

3 O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: a constante luta feminina por espaços no ambiente esportivo 74

3.1 Das páginas de jornais ao sítio Dibradoras: a gênese do jornalismo esportivo.....74

3.2 A esportista, a jornalista e a leitora: as diversas facetas das mulheres no ambiente esportivo 82

4 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: Teoria e método para a compreensão da representação da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo.....100

4.1 Análise de Discurso Crítica: gênese e abordagens 100

4.2 A abordagem Dialético-Relacional: concepções e reflexões 104

4.2.1 Intertextualidade: a articulação de diferentes vozes e textos.....113

4.2.2 Interdiscursividade: a imbricação de discursos em um texto 118

4.2.3 Avaliação: as declarações avaliativas e os valores presumidos em um discurso.....121

4.3 Linguística Sistêmico-Funcional: considerações e conceitos.....124

4.3.1.1 Orações materiais *134*
4.3.1.2 Orações mentais *138*
4.3.1.3 Orações relacionais *140*
4.3.1.4 Orações verbais *142*
4.3.1.5 Orações comportamentais *144*
4.3.1.6 Orações existenciais *146*
4.4 A abordagem da representação de atores sociais: concepções e reflexões 147
4.4.1 A Rede de sistemas da representação de atores sociais proposta por van Leeuwen *152*
5 A PRESENÇA DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO: a mulher esportista, a mulher jornalista e a mulher leitora 163
5.1 A mulher esportista e suas representações nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras 163
5.1.1 A presença da intertextualidade nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras *167*
5.1.2 A imbricação dos discursos nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras *185*
5.1.3 A avaliação nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras *195*
5.1.4 A representação de atores sociais nos textos jornalísticos *202*
5.2 A mulher jornalista e suas avaliações como produtora de conteúdo esportivo do sítio Dibradoras e sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo 221
5.3 A mulher leitora e suas avaliações sobre as representações da mulher esportista brasileira construídas nas produções jornalísticas do sítio Dibradoras 241
5.4 Triangulação: a presença da mulher como tema, autoria e leitora no jornalismo esportivo 256
6 O DESFECHO DA JORNADA 263
REFERÊNCIAS 268
APÊNDICE A - Levantamento inicial do *corpus* documental 281
APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados - Roteiro da entrevista com as autoras dos textos publicados no site Dibradoras 286
APÊNDICE C - Instrumento de coleta de dados - Roteiro para realização do Grupo Focal 287
APÊNDICE D - Formulário de inscrição para participação no Grupo Focal 289
APÊNDICE E - Lista de 100 palavras: Textos Jornalísticos 297

APÊNDICE F - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 01 300

APÊNDICE G - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 02 301

APÊNDICE H - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 03 302

APÊNDICE I - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 04 303

APÊNDICE J - Lista de 100 palavras: Entrevistas 304

APÊNDICE K- Lista de 100 palavras: Grupo Focal 307

ANEXO A - Parecer de aprovação do CEP/UFU 310

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Entrevista) 312

ANEXO C - Autorização para realização da pesquisa com as discentes do curso de Jornalismo da Faced/UFU 315

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Grupo Focal) 316

A PROFESSORA E A JORNALISTA: as memórias de uma eterna aprendiz

Nas páginas iniciais desta tese, dedico-me à minha apresentação pessoal e profissional. Sou Cíntia Aparecida de Sousa, natural da cidade mineira de Perdizes. Filha do meio de um pedreiro e de uma dona de casa e que, quando pequena (de idade, porque de altura ainda tenho esta caraterística), nutria os sonhos de ser professora de inglês e jornalista esportiva.

Venho de uma família em que não era possível pensar em uma faculdade particular. Apesar de nunca terem deixado faltar o essencial, meus pais não tinham condições de arcar com três graduações. Em minha casa, o lema é "Se fez para um, tem que fazer para os outros dois!". Então, a solução era conquistar a aprovação em uma universidade pública e gratuita. Uberlândia era a cidade mais perto, além de que o meu irmão mais velho já cursava Engenharia Civil na Universidade Federal de Uberlândia, a minha amada UFU.

Assim, aos 18 anos optei pelo curso de Letras, do Instituto de Letras e Linguística (Ileel), já que a UFU não oferecia a graduação em Jornalismo. Lembro-me do momento em que soube da minha aprovação no extinto Programa Alternativo de Ingresso ao Ensino Superior (Paies), processo em que o tradicional vestibular era dividido em três etapas, sendo as provas realizadas no final de cada ano do Ensino Médio. Era uma quinta-feira do mês de março de 2005, estava no horário de almoço, quando de repente o telefone fixo (sim, sou da época em que as notícias eram dadas por ligações e telegramas) tocou. Era a telefonista da universidade informando que o meu nome estava na lista de aprovados na 6ª chamada para o curso de Letras, habilitação em português e inglês. Fiquei em choque. Foi preciso que a minha mãe ligasse para a UFU para confirmar a informação. Pensei que seria um trote, inocência de quem sempre estudou em escola pública e acreditava erroneamente que a universidade federal era apenas para alunos(as) de escolas particulares.

De uma hora para outra era preciso deixar a minha cidade natal e aventurar-se na cidade grande. No curso de Letras, logo de início, vi o meu sonho de ser professora de língua inglesa desmoronar. Eu esperava que seria um curso em que aprenderia o idioma, mas estava errada, era o curso para a formação de professores. Eu, que mal sabia o famoso verbo *To BE*, tive que remar contra a maré. Mas, desistir não passou pela cabeça. Desde o primeiro período comecei a fazer os cursos gratuitos oferecidos pelo Ileel/UFU. E, no segundo período, quando comecei a receber uma bolsa de monitoria, destinei o meu "rico dinheirinho" a mensalidades de um curso de inglês.

Com o amor pela língua inglesa destruído, o estudo da língua materna floresceu. Ao longo da graduação, me encantei com a área da Fonética e Fonologia e confesso que tinha uma aversão à Análise de Discurso, apesar de que naquele momento só conhecia a corrente de linha francesa. Desenvolvi a iniciação científica "Descrição e Análise do Sistema Vocálico Pretônico das cidades de Patrocínio e Perdizes", sob a orientação do mestre José Sueli de Magalhães. Adorava compreender as diversas formas de falar de uma região. Envolvi-me tanto com a temática que almejei fazer mestrado na área. Mas, por ironia do destino, em 2008, ano em que eu concluí a graduação, a UFU realizou o processo para a 1ª turma de Jornalismo.

O sonho de ser jornalista voltava a pulsar. Mesmo sem recordar os conteúdos do ensino médio, em especial, as disciplinas de exatas, arrisquei-me no vestibular. Como era de se esperar, não consegui a aprovação para a segunda fase. Mas, não me deixei abater, peguei o meu honroso canudo e decidi que iria conciliar o trabalho de professora com os estudos para o vestibular. Dito e feito. O ano de 2009 não foi fácil. Aprendi que uma graduação não apresentava a realidade de uma sala de aula. Nunca me esqueço da bolinha de papel em minha direção quando passava o conteúdo no quadro negro durante a minha primeira aula como professora. Fiquei sem reação, apenas queria chorar e sair da sala de aula correndo feito uma criança em busca do colo materno. Com o passar do tempo fui aprendendo a ser professora. Sim, a gente não aprende tudo na faculdade. Descobri que não basta dominar o conteúdo, é preciso saber lidar com as adversidades diárias de uma sala de aula. Mas segui firme nesta honrosa, porém desvalorizada missão.

Associei as aulas ao estudo das apostilas de cursinhos pré-vestibulares do meu irmão. Como tinha apenas seis aulas no meu primeiro emprego como professora, na época era difícil conseguir cargos completos como designada[1], o salário recebido não dava o luxo de custear um cursinho. O jeito era estudar por conta própria e assim fiz. Em 2010, prestei o processo seletivo da UFU para o curso de Jornalismo. Era o primeiro ano que a universidade usaria a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em substituição à primeira etapa do processo. Esta foi a primeira e única vez que fiz o exame, já que quando finalizei o ensino médio deixei de fazer a prova para acompanhar a final olímpica do vôlei masculino. Sim, o amor pelo esporte fez com que eu desistisse de fazer o Enem. E este amor começou ainda na infância. As modalidades masculinas eram a minha paixão, mas somente hoje tenho consciência do que isto significava a exclusão das mulheres.

[1] Forma de trabalho, sem vínculo efetivo, empregada pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG).

Nunca fui boa na prática de esportes, para falar a verdade, sou péssima. Nunca fiz parte da lista de escolhidas nas montagens das equipes escolares. Sempre ouvia a mesma frase: “as que sobraram, uma vai para o time X, a outra para o Y...”. Como não possuía talento para a prática, tive que encontrar um caminho no qual pudesse respirar o universo esportivo. O jornalismo foi a solução.

Ingressei na 2ª turma de Jornalismo da UFU com sede de desbravar o ambiente esportivo. A segunda graduação foi em paralelo com a profissão de professora na rede estadual; não podia me dar ao luxo de apenas estudar, era necessário trabalhar para pagar os famosos boletos.

No decorrer da graduação em Jornalismo encantei-me pelo esporte praticado pela pessoa com deficiência. Os meus dois projetos de conclusão de curso[2] foram dedicados a este tema. O primeiro, uma revista sobre o esporte adaptado intitulada Revista Adaptar. O veículo nasceu com o intuito de divulgar e promover o paradesporto da cidade de Uberlândia. O projeto foi desenvolvido em parceria com, agora jornalistas, mas eternas companheiras de trabalhos acadêmicos, Ana Gabriela Faria, Angélica Guimarães e Vanessa Duarte, sob a orientação da professora Ana Cristina Spannenberg. No Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC, sob orientação da professora Adriana Cristina Omena dos Santos, debrucei-me em um tema o qual eu tinha gana em desvendar: a representação do paradesporto no sítio Globo Esporte.com. Na pesquisa, constatei o que já imaginava: o esporte praticado pela pessoa com deficiência possui pouco espaço na mídia tradicional.

Em março de 2014, concluí o curso de Jornalismo e comecei a busca por um emprego na área, com a esperança de que uma oportunidade pudesse envolver o esporte. No mês de julho, passei em um processo seletivo para trabalhar na assessoria de comunicação da 13ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, a OAB Uberlândia. Não era com jornalismo esportivo, mas era uma forma de exercer a profissão de jornalista.

Durante a minha estadia na OAB, recebi a notícia de aprovação no concurso público para professora de língua portuguesa na SEE/MG. Em agosto de 2015, comecei a exercer o cargo de professora na Escola Estadual Honório Guimarães, lugar onde descobri a paixão pela

[2] O projeto pedagógico do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo, vigente na época, estabelecia o desenvolvimento das disciplinas: Projeto Experimental (I e II) e Trabalho de Conclusão de Curso (I e II). A primeira tinha como objetivo o desenvolvimento de um produto jornalístico que contemplasse uma das linguagens da comunicação social (impresso, rádio, vídeo, internet, tv, assessoria dentre outras). Já a segunda, consistia na elaboração e desenvolvimento de uma pesquisa, sob a orientação de um professor, sobre temática relevante ao universo da comunicação social.

educação e que reacendeu aquele desejo de criança de ser professora. Hoje, defendo a educação pública com “unhas e dentes”, porque sou filha dela e trabalho por/com ela.

A partir de 2015, conciliei os dois empregos. As manhãs, dedicadas ao ensino de língua portuguesa para alunos(as) do 7º ao 9º do Ensino Fundamental. As tardes e comecinho das noites, à assessoria de comunicação da OAB Uberlândia. E no meio disto tudo, ainda fui assessora de comunicação do time de futebol masculino do Uberlândia Esporte Clube, durante o Módulo II do Campeonato Mineiro disputado em 2015. Realizei o desejo de trabalhar com esporte. Mas confesso que senti na pele o machismo que o ambiente proporciona à mulher. De olhares tortos à desconfiança sobre a nossa competência profissional, um ambiente hostil.

Em 2016, retornei à UFU. Ingressei no Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (Ppgce), da Faculdade de Educação (Faced), da UFU, com o objetivo de escrever um livro-reportagem sobre as mulheres paratletas da cidade de Uberlândia. Foi a partir deste momento que comecei a me dedicar às atividades praticadas por elas. “Guerreiras: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas”, sob a orientação do professor Rafael Duarte Oliveira Venancio, foi a concretização de um sonho. Conhecer e escrever sobre as histórias de Joana Silva, Daniele Martins, Gisele Ferreira, Amanda Sousa, Laila Suzigan foi transformador e enriquecedor para minha descoberta da importância de um jornalismo feminista.

Em 2018, junto ao título de mestre, veio a demissão da assessoria da OAB Uberlândia. Momento de repensar e decidir o caminho a ser seguido. Optei por me dedicar apenas à educação. Estava bem com a minha escolha, até que, em 2020, a pandemia covid-19 assolou o mundo e me fez recalcular a rota. Então, decidi prestar o processo seletivo para doutorado em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Ppgel), do Ileel/UFU. Queria juntar as minhas duas paixões: a língua portuguesa e o jornalismo esportivo.

Em 2021, ano em que o ensino presencial ainda era proibido, iniciei os estudos desta pesquisa. Confesso que foram anos complicados, mas de muito aprendizado. No meu segundo ano de doutoramento, cometi a insensatez (no bom sentido) de ter um segundo emprego. O desejo de ser jornalista falou mais alto. Em 2022, aceitei o convite da Diretoria de Comunicação Social (Dirco/UFU) para compor a equipe de comunicação. Por dois anos, conciliei as jornadas de trabalho com os estudos do doutorado. Novamente vivi na pele a dura realidade de quem precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Confesso que por muitas vezes deixei de lado a pesquisa, não por desejo, mas a dupla jornada não permitia um maior engajamento na academia.

Em 2024, reta final desta pesquisa, consegui um afastamento do meu cargo de professora. Com o coração partido, deixei os(as) meus(minhas) pequenos(as) que acompanhava por três anos. Seria o nosso último ano juntos, mas tive que antecipar a minha saída. Desde março de 2024, minhas manhãs e noites (e algumas madrugadas) são dedicadas à escrita da tese. Era preciso correr atrás do tempo perdido, pois uma pesquisa não se faz da noite para o dia.

Hoje, percebo que sou uma pessoa diferente. Não me cobro tanto pela perfeição, talvez porque ela nem exista. Aprendi a importância da reescrita e de honrar as pessoas que desbravaram os caminhos para que eu pudesse chegar aonde estou. Descobri que o jornalismo esportivo feminista é o caminho para que nós, mulheres, possamos fazer parte do universo esportivo sem sermos reduzidas a objetos de desejo.

Compreendi que mudanças sociais são necessárias e que histórias precisam ser contadas por outros olhares e outras vozes. Assim, desejo que esta pesquisa possa contribuir com/para o empoderamento feminino e com a sororidade, pois somos mais fortes, quando nos unimos.

Lugar de mulher é onde ela quiser.

1 O INÍCIO DA JORNADA

Nosso estudo nasceu de uma inquietação sobre o espaço da mulher no jornalismo esportivo, pois vivenciamos o preconceito e descrédito presentes na mídia tradicional esportiva brasileira pelo fato de sermos mulheres. Se você é mulher e gosta de futebol, em algum momento da vida, deve ter ouvido: "Você sabe o que é impedimento?" ou "Só diz que gosta de esporte para ver os homens e conseguir fisgar um marido". Esses dizeres ilustram como a presença da mulher no universo esportivo, seja nos esportes aquáticos, nos de quadra, nos de tatames ou nas pistas, sempre foi, em sua maioria, relacionada à competência (ou melhor, à incompetência) ou associada a uma figura masculina.

As pesquisadoras Romero e Pereira (2014) destacam que o universo esportivo sempre configurou como espaço masculino e as mulheres eram excluídas da participação. "Na concepção de Coubertin, os Jogos Olímpicos modernos destinavam-se única e exclusivamente ao sexo 'forte'. [...], o ambiente esportivo produzia e representava a masculinidade" (Romero; Pereira, 2014, p.60). Se, como espectadoras, as mulheres já não eram bem-quistas, haja vista as proibições nos primórdios dos jogos olímpicos; quando elas começaram a se dedicar à prática das atividades esportivas ou a participar da divulgação dessas atividades na mídia, o tratamento não foi muito diferente.

Ao longo dos anos, a mulher vem lutando para conquistar espaços nas práticas esportivas e nos veículos de comunicação, mas ainda há muito a ser alcançado, pois "nenhum país é democrático se não tiver um tratamento igualitário entre mulheres e homens. De forma análoga, podemos dizer que nenhum legado é realmente significativo se não traz mudanças positivas também para as mulheres" (Gregory, 2014, p.13).

No futebol, temos a maior vencedora do prêmio *The Fifa Awards*[3], promovido pela Federação Internacional de Futebol (Fifa). A brasileira Marta[4], meia-campista, foi eleita seis vezes (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018) como a melhor jogadora do mundo. Apesar do

[3] Em 2024, a premiação deixou de se chamar *The Best* e se transformou em *Fifa Awards*. A premiação acontece desde 1991 para o melhor jogador do mundo e desde 2001 para a melhor jogadora. O formato atual da premiação foi criado em 2016 (Fernandez, 2024, s.p.).

[4] Marta Vieira da Silva nasceu na cidade de Dois Riachos, no estado de Alagoas, em 19 de fevereiro de 1986, atualmente joga no time Orlando Pride, dos Estados Unidos. A jogadora participou de cinco Copas do Mundo de Futebol Feminino, disputando 20 jogos e balançando as redes em 17 oportunidades, sendo a maior artilheira da história das Copas, inclusive, considerando a masculina (Marta da Silva, 2024, s.p.). Em 2024, a Fifa criou o "Prêmio Marta", premiação destinada para o gol mais bonito do futebol feminino em cada ano, e a vencedora foi a própria Marta com o gol com a camisa da seleção brasileira contra a Jamaica, em junho (Marta, 2024, s.p.).

feito da atleta, na mídia esportiva, ainda prevalecem as discussões sobre o porquê do menino Ney, Neymar Júnior[5], atacante, nunca ter ganhado o prêmio.

No vôlei, nossa seleção feminina é bicampeã olímpica (2008 e 2012), mas o destaque das notícias ainda recai sob a beleza das jogadoras, as eternas musas da delegação. A associação ao item lexical "amarelonas", termo amplamente usado nos veículos de comunicação desde a derrota da equipe na semifinal dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, para a Rússia, reforça outra forma de representação das mulheres presente na mídia tradicional, ou seja, a de seres emocionalmente frágeis.

O tratamento aos feitos dos homens e das mulheres ainda é carregado de muitas diferenciações. "O sexismo e as hierarquias de gênero estão presentes não só nas desiguais e diferentes formas de representação do masculino e do feminino, como também nos papeis produzidos pela mídia, que legitimam os estereótipos presentes na sociedade" (Romero; Pereira, 2014, p. 66). Enquanto a figura do homem é associada ao protagonismo profissional, a mulher é colocada à sombra deste protagonismo masculino.

Em 2013, Thomas Horky e Jörg-Uwe Nieland analisaram 81 jornais de 22 países[6], incluindo o Brasil, sobre a produção no jornalismo esportivo. O estudo mostrou a predominância masculina, tanto na produção quanto no tema. Em relação ao gênero do(a) autor(a), 92% dos artigos foram escritos por homens e 8% por mulheres. Já no tocante às personagens das produções jornalísticas, 88% tiveram um atleta masculino como personagem central; enquanto 11% destacavam a mulher e em 1% não foi Identificado o gênero da personagem da produção jornalística.

A partir deste contexto cultural, o presente trabalho realiza um estudo sobre as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo. Para o desenvolvimento da pesquisa, não pautamos em um veículo da mídia tradicional em que o poder ainda se concentra nas mãos dos homens e o destaque é, principalmente, direcionado a eles. O estudo abre espaço para as representações da mulher esportista brasileira em um veículo de

[5] Neymar da Silva Santos Júnior nasceu em Mogi das Cruzes, São Paulo, no dia 5 de fevereiro de 1992. Em 2009, despontou para o futebol no Santos Futebol Clube, clube para o qual retornou no início do ano de 2025, depois da rescisão de contrato com o time Al-Hilal, da Arábia Saudita. No ano de 2013, transferiu-se para o time espanhol Barcelona, tornando-se, naquele momento, a transação mais cara da história do futebol brasileiro. A melhor colocação do atleta na premiação foi o 3º lugar, em duas ocasiões, 2015 e 2017 (Neymar, 2024, s.p.).

[6] Os países participantes da pesquisa e o respectivo número de artigos analisados: *Australia*/Australia (1.671); *Brazil*/Brasil (559); *Canada*/Canadá (837); *Denmark*/Dinamarca (1.522); *England*/Inglaterra (2.554); *France*/França (475); *Germany*/Alemanha (1.899); *Greece*/Grécia (669); *India*/Índia (544); *Malaysia*/Malásia (1.159); *Nepal*/Nepal (186); *New Zealand*/Nova Zelândia (382); *Poland*/ Polônia (815); *Portugal*/Portugal (391); *Romania*/Romênia (283); *Scotland*/Escócia (962); *Singapore*/Cingapura (251); *Slovakian Republic*/Eslováquia (256); *Slovenia*/Eslovênia (504); *South Africa*/ África do Sul (522); *Switzerland (French)*/Suíça parte de língua francesa (471); *Switzerland (German)*/Suíça de língua parte alemã (752) (Horky; Nieland, 2013, p.7).

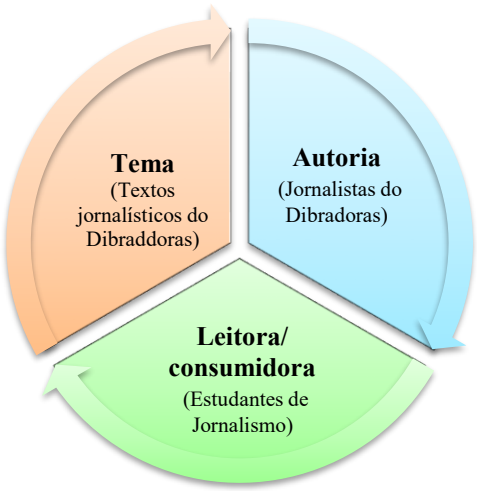
comunicação alternativo, o sítio Dibradoras[7]. Criado em 2015, o sítio é um dos poucos meios de comunicação do Brasil especializados em jornalismo esportivo comandado somente por mulheres e que tem como objetivo divulgar o protagonismo da mulher, seja em uma modalidade feminina ou masculina.

É importante destacar que, ao utilizarmos a expressão nominal "mulher esportista", estamos considerando todas as funções que uma mulher pode desenvolver no esporte, por exemplo, a mulher atleta, a mulher árbitra, a mulher técnica, a mulher coordenadora, a mulher dirigente, dentre outras funções. Além disso, nosso foco direciona-se a atletas com nacionalidade brasileira; já que, majoritariamente, a produção do sítio Dibradoras é sobre elas.

Nesta pesquisa, não reduzimos o termo mulher aos critérios puramente biológicos, pois baseamos na definição apresentada pela pesquisadora Claudia de Lima Costa (1998). Para a estudiosa, com base em Teresa de Lauretis, o termo mulher refere-se a "uma identidade politicamente assumida, a qual está invariavelmente ligada aos lugares social, cultural, geográfico, econômico, racial, sexual, libidinal, etc., que ocupamos e a partir do qual lemos e interpretamos o mundo" (Costa, 1998, p. 139).

Para a realização do estudo, propomos a criação de um tripé, o qual denominamos de Tríade Feminina. Ele inclui a mulher esportista como tema do texto jornalístico; a mulher jornalista como produtora do conteúdo com foco nas mulheres e a mulher como leitora/consumidora dos textos jornalísticos produzidos por mulheres jornalistas sobre mulheres esportistas, conforme ilustra a Figura 1, a seguir.

Figura 1 - A composição da Tríade Feminina



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

[7] O endereço do sítio Dibradoras é de https://dibradoras.com.br/.

O desenvolvimento da pesquisa engloba três conjuntos de dados, a saber: (i) textos jornalísticos publicados no sítio Dibradoras no ano de 2021 que retratam a presença da mulher esportista brasileira nos Jogos Olímpicos ou Paralímpicos de Tóquio; (ii) dados gerados por meio de entrevistas com as jornalistas autoras dos textos selecionados do sítio Dibradoras e (iii) dados gerados por meio de um grupo focal realizado com mulheres, estudantes do curso de Jornalismo, da Faced/UFU, que analisaram os textos selecionados do sítio Dibradoras.

Desse modo, a pesquisa criou um espaço para a discussão da presença da mulher no jornalismo esportivo seja como tema, produtora de conteúdo e leitora/consumidora em um ambiente historicamente associado ao homem. A pesquisa destaca as mulheres no jornalismo esportivo, a partir das próprias mulheres; contribuindo assim com o empoderamento destas em nossa sociedade[8].

Os fundamentos teóricos e metodológicos norteadores neste trabalho consistem nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica, doravante ADC. Segundo discorre Ottoni (2007a, p. 15), a ADC "representa uma alternativa transdisciplinar de estudos da linguagem e práticas sociais que investiga Fenômenos discursivos diversos especialmente em relação a questões de poder, ideologia, discriminação e constituição de identidades".

A ADC consiste em um campo heterogêneo, no qual há diversas abordagens. Para este estudo, focamos na Dialético-Relacional, proposta pelo britânico Norman Fairclough (Fairclough, 1985, 1992[2001], 2003; Chouliaraki; Fairclough, 1999), e na de Atores Sociais, de Theo van Leeuwen (van Leeuwen, 1997, 2008). Para a análise discursiva também recorremos ao Sistema da Transitividade, da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, apresentado por M.A.K. Halliday (Halliday, 1978, 1989; Halliday; Matthiessen, 2004). Além disto, também nos dedicamos aos estudos sobre a gênese do jornalismo esportivo (Soares, 1994; Coelho, 2003; Gonçalves; Camargo, 2005, 2006; Ribeiro, 2007; Bezerra, 2008; Savenhago, 2011) e a presença da mulher como atleta, profissional de comunicação e leitora/consumidora no ambiente esportivo (Rubio; Simões, 1999; Romero, 2003; Goellner, 2004; Loffredo, 2004; Oliveira; Cherem; Tubino, 2008; Dantas, 2015; Sousa e Araújo, 2016; Firmino; Ventura, 2017; Amato; Gonçalves; Silva, 2017; Wolf, 2018; Teixeira; DeLuca, 2020; Araújo, 2021; Lima *et. al*., 2022; Portela *et. al*., 2023).

[8] "Os resultados do Censo Demográfico 2022 apontam que o Brasil tem 6,0 milhões de mulheres a mais do que homens. A população brasileira é composta por cerca de 104,5 milhões de mulheres e 98,5 milhões de homens, o que, respectivamente, corresponde a 51,5% e 48,5% da população residente no país" (Quantidade, 2022, s.p.).

Nossa pesquisa, por sua abordagem discursiva ancorada na ADC, não formula hipóteses, mas, sim, questões de pesquisa. Para o desenvolvimento deste estudo, partimos das seguintes questões de pesquisa:

a) Quais são as representações discursivas da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo produzido pelo sítio Dibradoras? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas representações são realizadas?;

b) Quais as avaliações produzidas pelas jornalistas do sítio Dibradoras acerca das representações discursivas da mulher esportista presentes no jornalismo esportivo tradicional e como elas avaliam a prática de produção dos textos para o Dibradoras? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas avaliações são realizadas?;

c) Quais avaliações as mulheres leitoras - jornalistas em formação - fazem dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras, das representações discursivas da mulher esportista neles construídas e da atuação da mulher jornalista no jornalismo esportivo? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas avaliações são realizadas?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar, analisar e compreender quais representações discursivas da mulher esportista brasileira são construídas no e pelo sítio Dibradoras, como é a avaliação, por parte das mulheres jornalistas desse sítio, da produção dos textos nele publicados e quais os sentidos construídos pelas mulheres leitoras - discentes do curso de jornalismo da UFU - a partir desses textos.

Os objetivos específicos englobam:

a) Identificar e analisar as vozes e discursos articulados nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras, os modos como o ator social mulher esportiva é representado e como as representações desse ator social são construídas;

b) Investigar como é a produção dos textos jornalísticos sobre mulheres no sítio Dibradoras e como as jornalistas representam e avaliam a participação feminina no jornalismo esportivo;

c) Compreender quais as avaliações que o público feminino - discentes do curso de Jornalismo da UFU - constrói sobre as matérias publicadas no sítio Dibradoras.

A relação entre a mulher e o jornalismo esportivo é um campo fértil para pesquisas acadêmicas. Para a compreensão do estado da arte acerca desta temática, realizamos uma busca no Catálogo[9] de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

[9] Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. A busca foi atualizada no dia 12 de novembro de 2024.

Superior (Capes). A pesquisa contemplou os termos Dibradoras, mulher, esporte, jornalismo esportivo, ADC e representação.

A busca iniciou-se pelo termo Dibradoras, veículo midiático de nossa análise. Em relação ao termo, encontramos apenas duas produções, a tese "Gênero e posicionamento no esporte: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras", de Carolina Bortoleto Firmino (2021), e a dissertação "O futebol de mulheres na mídia: a cobertura jornalística da copa do mundo de futebol feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradora", de Eduarda de Passos Gonçalves (2020).

A primeira produção investiga os critérios de noticiabilidade praticados pelo sítio Dibradoras. Firmino (2021), com uma compreensão teórica e empírica do jornalismo esportivo feminista e do mapa cultural esportivo, analisa as produções do sítio referentes ao ano de 2018. Na conclusão da tese, a pesquisadora apresenta 20 princípios para uma produção jornalística esportiva pauta no jornalismo feminista.

O segundo trabalho faz uma comparação na forma de cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 realizada pelos portais Globoesporte.com e Dibradoras. Gonçalves (2020) investiga os enquadramentos primários e secundários das notícias; as dimensões do esporte selecionadas, enfatizadas e excluídas da cobertura; se as notícias foram enquadradas episódicas ou tematicamente; a autoria das notícias e as fontes de informação.

Ampliando a busca, pesquisamos os trabalhos que tivessem como eixos de estudo a mulher e o esporte. O resultado apresentou-se muito amplo, foram catalogadas 338 publicações, sendo 73 teses, 248 dissertações, 6 de mestrado profissional e 7 de curso profissionalizante, abrangendo, principalmente, a área da Ciência da Saúde. Para um afunilamento, inserimos o termo jornalismo. A partir dos três termos, foi-nos apresentada uma relação de 20 produções, sendo 2 de doutorado, 16 de mestrado e 2 de mestrado profissional.

Desta lista de produções, após a leitura dos títulos e resumos, destacamos a tese "O consumo simbólico do esporte e o jornalismo feminista: entrecruzamentos discursivos na representação da mulher esportista na imprensa feita por e para mulheres", de Camilla Rodrigues Netto da Costa Rocha (2020), e a dissertação "As mulheres que falam do futebol de mulheres: uma análise de projetos de mídia esportiva alternativa brasileiros", de Flaviane Rodrigues Eugenio (2023).

O estudo desenvolvido por Rocha (2020) objetivou investigar as estratégias discursivas a fim de compreender, a partir das representações em torno das mulheres esportistas, quais as formas de consumo simbólico do esporte que emergem a partir dessas representações no

jornalismo feminista. A pesquisadora analisou dois veículos midiáticos feministas produzidos por e voltados para as mulheres, os sítios/blogues Think Olga e Dibradoras.

O trabalho de Eugenio (2023) realizou um levantamento dos projetos de mídia esportiva alternativa que são produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil. A autora catalogou 48 mídias, dentre elas o sítio Dibradoras se fez presente.

Em relação ao nosso arcabouço teórico, a ADC, iniciamos a busca pelo termo análise do discurso crítica, o que resultou em 4937 produções divididas entre doutorado, mestrado, mestrado profissional e profissionalizante. A partir desta seleção, acrescentamos o termo mulher, o que reduziu para 321 produções, e, na sequência, usamos o termo representação, que afunilou para 125 trabalhos acadêmicos. A partir da análise dos títulos e dos resumos, constatamos que nenhuma produção abordava a relação entre a mulher esportista, a mulher jornalista e a mulher leitora, ação desenvolvida nesta tese. A maior parte dos estudos encontrados focam a representação das mulheres nas mídias tradicionais.

Desse modo, evidenciamos a relevância científica de nossa pesquisa. Ela aborda uma temática ainda pouco explorada na Linguística e ainda não investigada à luz da ADC em diálogo com a LSF, e articula dados ainda não contemplados na academia.

Nossa pesquisa também se justifica socialmente pela questão de ser um trabalho que tem como objeto de estudo as representações da mulher esportista no jornalismo esportivo, visto que grande parte da mídia esportiva ainda destaca a beleza ou o físico ao invés da habilidade ou competência da mulher. Romero (2004, p. 109) afirma que "ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, frequentemente comparando seu desempenho com o dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia dos sexos". Assim, nossa pesquisa se justifica socialmente por analisar a mulher como produtora de informações no jornalismo esportivo, meio ainda centralizado nas mãos masculinas.

O sítio Dibradoras representa uma prática de resistência e reexistência da luta feminina contra a desigualdade de gênero permeada no jornalismo esportivo. Além de destacar a mulher como produtora de conteúdo, outra contribuição da pesquisa refere-se ao fato de o estudo analisar como as próprias mulheres recebem as produções que têm como foco o universo esportivo feminino.

Em suma, o presente trabalho justifica-se pela contribuição com a discussão sobre a importância de veículos de comunicação que destacam a presença da mulher em um ambiente predominante masculinizado e a relevância de divulgar a mulher como protagonista de

atividades esportivas. Além de exemplificar para as mulheres, sejam esportistas, jornalistas e/ou leitoras/consumidoras, que elas podem e devem buscar espaços em um ambiente historicamente associado ao masculino e negado a elas pelo fato de serem mulheres.

A presença da mulher no ambiente esportivo, se comparada à masculina, ainda é relativamente recente, tanto na prática quanto na produção dos textos e na composição do público consumidor, tornando-se um rico objeto de pesquisa. Esta pesquisa realiza uma análise discursiva da presença e das representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo produzido por mulheres, ou seja, as mulheres são o sujeito e o objeto neste segmento especializado; além de verificarmos como a mulher leitora/consumidora analisa/recebe as produções deste tipo de jornalismo esportivo feminista.

Tendo em vista o exposto, esta tese[10] organiza-se em seis seções, além desta primeira, **O início da jornada**, na qual apresentamos os nossos objetos de pesquisa, destacamos os objetivos geral e específicos e justificamos o desenvolvimento do trabalho. Na seção 2 **- Os caminhos da pesquisa: A presença da mulher no esporte como tema, autoria e leitora** detalhamos os percursos metodológicos desenvolvidos para realização da pesquisa. Na seção 3 **- O jornalismo esportivo e a mulher: a constante luta feminina por espaços no ambiente esportivo** apresentamos a gênese do jornalismo esportivo, partindo dos primeiros folhetos impressos até chegar aos veículos de comunicação advindo da propagação da internet; além de buscarmos como se deu a inserção da mulher como esportista, atleta e leitora/consumidora no ambiente esportivo. Na seção 4 - **Análise de Discurso Crítica: Teoria e método para a compreensão da representação da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo** realizamos uma revisão bibliográfica dos arcabouços teóricos articulados no estudo. Na seção 5 - **A presença da mulher no jornalismo esportivo brasileiro: a mulher esportista, a mulher jornalista e a mulher leitora** conduzimos as análises discursivas com foco na mulher como tema (textos jornalísticos), produtora de conteúdo (entrevistas com as jornalistas do Dibradoras) e leitora/consumidora (grupo focal com as estudantes do curso de Jornalismo da UFU). Na seção 6 - **O desfecho da jornada** tecemos as conclusões da pesquisa retomando nossas questões de estudo, as análises, dedilhando reflexões sobre a relação mulher e esporte e destacando as lacunas a serem preenchidas por futuras investigações.

[10] Essa tese está vinculada à linha de pesquisa Linguagem, sujeito e discurso do Ppgel/Ileel/UFU e ao projeto de pesquisa Gêneros, discursos, identidades e letramento: um olhar para diferentes práticas sociais, coordenado pela Professora Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni. Além disto, esta pesquisa desenvolveu-se no âmbito do Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, da UFU, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 OS CAMINHOS DA PESQUISA: A presença da mulher no esporte como tema, autoria e leitora

Nesta seção apresentamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa de doutorado que tem como foco as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo desenvolvido pelo sítio Dibradoras. Para isso, dividimos a seção em oito tópicos: 2.1 Pressupostos Metodológicos: a pesquisa documental e etnográfico-discursiva crítica de abordagem qualitativa; 2.2 Procedimentos e instrumentos para a geração de dados; 2.3 Submissão ao CEP e nomenclatura das participantes para apresentação dos resultados; 2.4 Textos jornalísticos do sítio Dibradoras: delimitação, coleta e seleção para construção do *corpus;* 2.5 Entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros; 2.6 Grupo Focal com as discentes em Jornalismo para análise das produções textuais do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros; 2.7 Triangulação teórica e metodológica do estudo e 2.8 Procedimentos metodológicos para o tratamento, a organização e a análise dos dado.

A organização metodológica desta pesquisa pode ser visualizada no mapa mental, conforme Figura 2.

Figura 2 - Mapa mental dos caminhos metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Souza *et. al*, 2022.

Nas subseções, a seguir, abordamos detalhadamente os procedimentos e os pressupostos metodológicos, destacados na Figura 2 e realizados para a concretização de nossa pesquisa.

2.1 Pressupostos Metodológicos: a pesquisa documental e etnográfico-discursiva crítica de abordagem qualitativa

O presente estudo articula pressupostos da pesquisa documental e da etnográfico-discursiva crítica e se pauta em uma abordagem qualitativa. Magalhães, Martins e Resende (2017) explicam que a pesquisa de abordagem qualitativa examina

> uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido social da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa; a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p.26).

A pesquisa qualitativa não foca em estatísticas, regras e outras generalizações, pois o objetivo recai sobre as descrições, comparações e interpretações. Nesse tipo de estudo enfatiza-se o universo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014). Este tipo de pesquisa "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc." (Silveira; Córdova, 2009, p.32).

Em nosso estudo, buscamos aprofundar a compreensão acerca das representações da mulher esportista construídas nos textos do sítio Dibradoras; além de investigarmos como estas representações são avaliadas pelas mulheres jornalistas do Dibradoras e como é a recepção e a avaliação destes textos pelas mulheres leitoras, ou seja, temos o intuito de compreender a presença da mulher no jornalismo esportivo em três vertentes: como esportista, jornalista e leitora/consumidora.

Assim, para a construção dos nossos *corpora* realizamos três procedimentos metodológicos: i) coleta de textos do sítio Dibradoras; ii) entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras e iii) grupo focal com estudantes de Jornalismo da Faced/UFU. Por meio destes procedimentos de geração de dados e das análises, temos acesso "às relações que se estabelecem entre estruturas, práticas, eventos, discursos e identidades" (Soares, 2024, p. 34).

Para isso, inicialmente, fizemos uma pesquisa documental no sítio Dibradoras. A pesquisa documental "caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não

receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação" (Oliveira, 2007, p. 69).

Ao voltarmos o nosso olhar para as representações da mulher esportista construídas no sítio Dibradoras, a partir do levantamento documental, percebemos a relevância de examinarmos essas representações para além das produções textuais. Desse modo, investimos na etnografia discursivo-crítica em ambiente virtual. Conforme Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 98), a pesquisa etnográfico-discursiva

> é um processo reflexivo baseado em observações e registros escritos (diários de pesquisadores ou pesquisadoras e de participantes, notas de campo), em dados gerados em entrevistas e em artefatos (textos e outros objetos) coletados no local de pesquisa. Porém, não se limita aos dados. Como se trata de um processo, os dados da pesquisa etnográfico-discursiva relacionam-se com a curiosidade e a motivação de pesquisadores e pesquisadoras e, também, com conceitos da literatura pertinente (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 98).

A motivação deste trabalho surgiu de observações feitas ao longo dos anos sobre as formas de representação da mulher no jornalismo esportivo tradicional. Ao nos depararmos com um veículo comandado exclusivamente por mulheres, cujo foco das publicações são as próprias mulheres, decidimos investigá-lo, acreditando que encontraríamos formas de representações diferentes das praticadas pelos veículos midiáticos tradicionais.

Nosso trabalho focou na compreensão das representações da mulher esportista presentes no sítio Dibradoras, com base nas observações das jornalistas e das estudantes de Jornalismo em relação aos textos jornalísticos publicados no veículo. Desse modo, verificamos a importância da construção de espaços que ofereçam dados para além das experiências do(a) pesquisador(a). Na pesquisa etnográfico-discursiva, "etnógrafos e etnógrafas levam suas próprias motivações para a pesquisa, [...] mas, ao mesmo tempo, [precisam] ter abertura para aprender com a experiência de fazer pesquisa (lidar com dados)" (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 99).

Cabe destacar que um estudo construído pela etnografia comumente se realiza com a inserção física do(a) pesquisador(a) na comunidade investigada, mas há também a possibilidade de se realizá-lo de forma virtual - denominada de etnografia virtual (Hine, 2004) ou de netnografia (Kozinets, 2014) -, em que a pesquisa é realizada em ambientes virtuais mediada por recursos tecnológicos (Soares, 2024).

Acerca da etnografia virtual ou netnografia, Gutierrez discorre que

> Diferentemente da etnografia tradicional, a netnografia não exige a presença física do pesquisador. Assim, a abordagem inicial, a chegada ao campo de pesquisa, assume um formato diferente[...]. Além disso, nos espaços on-line, a mediação da tecnologia interpõe na interação entre pesquisador e pesquisados filtros relacionados às possibilidades e peculiaridades de cada tecnologia (Gutierrez, 2009, p. 11).

A netnografia ou etnografia virtual modifica a relação espaço temporal e apresenta um contexto que é mediado pelas ferramentas, pelos ambientes, pelas práticas construídas no ciberespaço. Este tipo de etnografia ganhou destaque nos anos de 1990, em que estudos passaram a dedicar-se ao ciberespaço (Soares, 2024).

No caso do nosso estudo, as entrevistas com as jornalistas e os encontros do grupo focal ocorreram de forma remota, via aplicativo *Google Meet*. A escolha pelo formato remoto justifica-se pela falta de recursos financeiros da pesquisadora; além de que, no contexto pós pandemia da covid-19, momento em que se realiza o presente estudo, muitas pesquisas foram conduzidas em ambiente virtual, construindo assim interações sociais mediadas por recursos tecnológicos.

Para além dessas considerações, salientamos que, de acordo com Ottoni (2007a, p. 100), "a etnografia crítica objetiva, pois, estudar uma cultura para tentar mudá-la, utilizando a posição política e social dos/as pesquisadores/as como uma maneira de desenvolver uma consciência crítica e uma emancipação social". A autora acrescenta que "esse objetivo de mudança nem sempre é atingido e, ainda, é preciso que o(a) pesquisador(a) tenha cautela para não lutar por mudanças não almejadas pela comunidade pesquisada" (Ottoni, 2007a, p. 100).

Sabemos que, com nossa pesquisa, não modificaremos a estrutura social, pois as mudanças são lentas e graduais, mas com a realização deste estudo intencionamos promover uma reflexão sobre a importância da divulgação da presença da mulher em um espaço ainda permeado pelo masculino e abordar os desafios enfrentados pelas mulheres quando estas decidem conduzir um veículo de comunicação que tem como temática central a divulgação da presença da mulher no ambiente esportivo. Com isso, esperamos que a falta de visibilidade de atividades praticadas pelas mulheres possa ser notada e que se promova um espaço para discussões sobre porque o destaque no ambiente esportivo ainda é direcionado aos homens.

Na subseção 2.2, a seguir, apresentamos os procedimentos e instrumentos realizados para a geração de dados desta pesquisa.

2.2 Procedimentos e instrumentos para a geração de dados

Como já mencionado, nesta pesquisa investigamos as representações da mulher esportista no jornalismo esportivo a partir de três perspectivas: a da mulher esportista como tema dos textos jornalísticos; a da mulher jornalista autora e a da mulher jornalista em formação como leitora. Assim, ela foi desenvolvida em três etapas: 1ª) levantamento documental; 2ª) entrevistas e 3ª) grupo focal, conforme ilustra o Quadro 1, a seguir.

O quadro organiza-se em quatro colunas: Etapa, Procedimentos, Instrumentos e Período de Realização. Em etapa, apresentamos a enumeração da ordem de realização do procedimento; em procedimentos, destacamos as ações realizadas para a coleta e geração dos *corpora*; em instrumentos, descrevemos os meios utilizados para a coleta e a geração do material; e, em período de realização apontamos em que momento foi executado o procedimento.

Quadro 1 - Procedimentos e instrumentos para coleta e geração de dados

ETAPA	PROCEDIMENTOS	INSTRUMENTOS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO
1ª	- Coleta dos textos jornalísticos publicados no sítio Dibradoras. - Criação de um arquivo com todos os textos publicados em 2021 no sítio Dibradoras relacionados com os Jogos Olímpicos ou Paralímpicos de Tóquio 2020.	- A plataforma do sítio Dibradoras. (Apêndice A)	- Janeiro e fevereiro de 2022.
2ª	- Realização, de forma remota, de entrevistas semiestruturadas com as jornalistas autoras dos textos jornalísticos coletados no levantamento documental. - Gravação em vídeo, por meio do recurso disponível na plataforma *Google Meet*, das entrevistas. - Transcrição do áudio das entrevistas para a análise discursiva.	- Entrevistas semiestruturadas (Apêndice B). - Notas de campo com observações sobre as entrevistas.	- Junho a dezembro de 2023.
3ª	- Realização, de forma remota, de um grupo focal com mulheres discentes do curso de Graduação em Jornalismo, da Faced/UFU, para a análise dos textos jornalísticos selecionados a partir do levantamento documental. - Gravação em vídeo, por meio do recurso disponível na plataforma *Google Meet*, dos encontros. - Transcrição do áudio dos encontros para a análise discursiva.	- Grupo focal virtual (Apêndice C). - Notas de campo com observações sobre os encontros.	- Janeiro de 2024.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora inspirado em Soares (2024, p. 41).

Na primeira etapa, para a coleta dos textos jornalísticos publicados no sítio Dibradoras, seguimos os procedimentos relatados na seção 2.4. Na segunda etapa, o instrumento de geração de dados utilizado foi a entrevista, especificamente a semiestruturada (Gerhardt *et. al*, 2009).

A entrevista pode ser compreendida como uma "técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social" (Gil, 2014, p.109). O uso da entrevista como instrumento de coleta de dados proporciona uma obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social do entrevistado; trata-se de uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; além de que os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação (Gil, 2014).

Além destas vantagens, ao comparar a entrevista com o questionário, outra técnica largamente usada nas pesquisas sociais; Gil (2014) enfatiza que a entrevista pode acontecer com pessoas que não dominam a leitura e/ou escrita; possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a responder ao entrevistado; estabelece uma interação entre os envolvidos, visto que o(a) entrevistador(a) pode explicar o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; além de possibilitar a captação da expressão corporal do entrevistado, bem como tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

No que concerne ao tipo de entrevista realizado em nosso estudo - a semiestruturada, "o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal" (Gerhardt *et. al*, 2009, p. 72). Desse modo, organizamos um roteiro para conduzir as entrevistas com as jornalistas, autoras dos textos selecionados do sítio Dibradoras, o qual se encontra no Apêndice B desta tese. O documento foi um suporte, visto que o nosso intuito era que as entrevistadas, no decorrer da sessão, sentissem-se confortáveis em compartilhar as experiências de uma maneira espontânea, podendo abordar assuntos para além dos contemplados no roteiro.

As entrevistas foram realizadas remotamente, por meio do aplicativo *Google Meet*, devido à indisponibilidade de recursos financeiros para o custeio de viagens. As profissionais entrevistadas estavam em Belo Horizonte (Minas Gerais), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), São Paulo (São Paulo) e Londres (Reino Unido), enquanto a pesquisadora estava em Uberlândia (Minas Gerais).

A realização das entrevistas com as jornalistas nos possibilitou o acesso ao processo de produção dos textos jornalísticos; além de conhecermos as suas histórias de vidas, as opiniões e as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira dedicada ao jornalismo esportivo.

Além de compreendermos as representações da mulher esportista brasileira nos textos jornalísticos e entendermos o mecanismo de produção jornalística, era preciso construir um espaço para investigar a perspectiva da mulher leitora/consumidora acerca das produções jornalísticas selecionadas. Para isto, na terceira etapa, organizamos um grupo focal, no qual reunimos estudantes do curso de Jornalismo para discutir, analisar e/ou comentar sobre os textos jornalísticos do sítio Dibradoras. Gatti (2005) explica que

> o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (Gatti, 2005, p.11).

O grupo focal tem como objetivo explorar as percepções, ideias e opiniões sobre um tema específico. Almeida (2016) explica que essa estratégia metodológica se difere de uma entrevista pelo fato do que os participantes do grupo são conduzidos a emitir suas opiniões por meio de uma interação discursiva, enquanto na entrevista o(a) entrevistado(a) responde a perguntas do(a) entrevistador(a).

Como um dos intuitos desta pesquisa é investigar a recepção de textos jornalísticos sobre as mulheres esportistas pelas próprias mulheres; o grupo focal tornou-se uma ferramenta apropriada para alcançarmos o nosso objetivo. O procedimento promoveu uma interação discursiva entre as graduandas de Jornalismo e entre elas e a pesquisadora, com produtivas discussões acerca das representações da mulher esportista no sítio Dibradoras, proporcionando um importante material discursivo.

Sobre o papel do(a) mediador(a) no grupo focal, Almeida enfatiza que

> cabe ao moderador estimular o confronto dos diferentes argumentos expostos pelos participantes. Os participantes emitem as suas opiniões e, diante das de outros, podem ou não ajustá-las, reafirmá-las, corrigi-las, entre outras possibilidades. Portanto, não interessam apenas as declarações de cada um, mas a cadeia de justificações para manter (ou não) posições, percepções, valores etc. (Almeida, 2016, p. 44).

Para a condução da discussão, Almeida (2016) defende a necessidade da construção de um bom roteiro de questões para que o(a) moderador(a) não permita que os participantes se afastem do tema central. E, nessa direção, construímos um roteiro para a condução do grupo focal, o qual se encontra no Apêndice C deste trabalho.

A realização do grupo focal representou uma importante fase para a construção deste trabalho. As discussões proporcionadas durante os encontros puderam contribuir com a formação das participantes; além de criar um espaço em que elas se sentissem confortáveis para se expressarem sobre a presença, a atuação e a inserção da mulher no jornalismo esportivo.

Durante a realização das entrevistas e do grupo focal, também fizemos uso de notas de campo para registros dos encontros. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 150), as notas de campo são "relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo"; além de oferecer elementos para a autorreflexão do(a) investigador(a) a acerca do assunto em questão.

A partir das notas de campo realizadas ao longo dos encontros, sejam das entrevistas ou do grupo focal, fizemos observações para uma melhor compreensão da temática e alinhamento da metodologia, permitindo assim alteração, correção ou manutenção das ações empregadas nos procedimentos de geração de dados; além de registrarmos nossas impressões e angústias vivenciadas ao longo dos procedimentos.

No Quadro 2, a seguir, reproduzimos duas notas de campo referentes ao desenvolvimento desta pesquisa. A primeira aborda a nossa ansiedade para a realização da primeira entrevista, enquanto a segunda destaca uma situação ocorrida durante o quarto encontro do grupo focal.

Quadro 2 - Trechos referentes às notas de campo

NOTA DE CAMPO
Hoje realizei a primeira entrevista, confesso que estava com medo de que a jornalista desmarcasse e já estava pensando em como justificar para a minha orientadora o problema. Entrei cedo na sala virtual para verificar se estava tudo certo e se a minha conexão estava boa. Para a minha alegria, no exato horário marcado, a jornalista compareceu. No começo, eu estava bem tensa, pois não acreditava que estava dando certo a parte que mais temia (Nota de campo, Entrevista, 16/06/23).
Hoje, fiquei um pouco apreensiva, pois interpretei um trecho da notícia analisada de uma forma equivocada. Apresentei a minha interpretação a qual gerou uma discussão. Apesar do meu erro, fiquei feliz pois percebi que as estudantes estavam levando a sério a atividade e não tiverem receio de questionar a minha interpretação, demonstrando assim que o ambiente criado pelo grupo focal as deixava confortáveis para expressarem suas opiniões (Nota de campo, Grupo Focal, 18/01/24)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na subseção 2.3, a seguir, abordamos o processo de submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da UFU.

2.3 Submissão ao CEP e nomenclatura das participantes para apresentação dos resultados

Como apresentado na subseção anterior, a presente pesquisa compõe-se por dois grupos de participantes: as jornalistas autoras dos textos no sítio Dibradoras, que foram as entrevistadas, e as estudantes de Jornalismo, que integraram o grupo focal. Por trabalharmos com seres humanos, a pesquisa foi submetida ao CEP/UFU, via Plataforma Brasil, no dia 06 de março de 2023. O parecer consubstanciado 6.854.838 do ano de 2023, sob o número de comprovante 020575/2023 junto ao Comitê, foi expedido no dia 01 de abril de 2023, conforme documento apresentado no Anexo A.

Com a liberação para a realização do estudo, iniciamos o recrutamento das participantes da pesquisa. Todos os processos de abordagem e tratamento dos dados foram pautados nas normas estabelecidas pelo Comitê. Nas subseções 2.5 e 2.6, detalhamos minuciosamente o processo de abordagem para a construção de cada grupo de participantes.

Como sabemos, toda pesquisa pode oferecer riscos aos participantes e, neste estudo, um dos riscos consistia na identificação das envolvidas. Para que isto não ocorresse, utilizamos nomenclaturas para nos referirmos às participantes das entrevistas e do grupo focal na apresentação dos resultados.

Em relação às jornalistas, por causa do instrumento de coleta de dados ser a entrevista, escolhemos por nomeá-las com a palavra Entrevistada seguida de um número cardinal. Por exemplo, ENTREVISTADA 01 refere-se à primeira jornalista que concedeu entrevista para a nossa pesquisa; ENTREVISTADA 02 representa a segunda jornalista com a qual nos encontramos. A nomenclatura usada pode ser conferida no Quadro 7, da subseção 2.5.

Para a referência às integrantes do grupo focal, usamos a palavra Participante seguida também de um número cardinal. Por exemplo, PARTICIPANTE 01 representa a primeira estudante a se pronunciar no primeiro encontro do grupo focal; PARTICIPANTE 02 refere a segunda discente a se apresentar. É importante destacar que ao longo dos encontros a nomenclatura estabelecida na primeira sessão foi mantida nas demais sessões.

Em relação às autorias presentes no levantamento documental, optamos por usar o próprio nome da jornalista, já que os textos estão publicados em uma mídia pública, a qual qualquer leitor(a) tem acesso. Assim, a criação de um pseudônimo para nos referirmos às autoras dos textos jornalísticos seria incoerente, visto que em uma rápida pesquisa na internet é possível encontrar a autoria de cada produção analisada.

Por fim, é válido destacar que os arquivos com as gravações das entrevistas e do grupo focal foram utilizados apenas para a análise e sem o repasse ou divulgação para terceiros. A pesquisa analisou apenas as transcrições do áudio, não sendo utilizada a imagem e o áudio das entrevistadas e das integrantes do grupo focal, mantendo assim a identidade das participantes de nossa pesquisa em anonimato, conforme previsto pelo CEP.

A seguir, na subseção 2.4, discorremos o passo a passo do procedimento metodológico para a coleta dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

2.4 Textos jornalísticos do sítio Dibradoras: delimitação, coleta e seleção para construção do *corpus*

O pontapé inicial de nossa pesquisa sobre as representações da mulher esportista no sítio Dibradoras deu-se com a delimitação do recorte temporal para a coleta dos textos divulgados no veículo de comunicação. A pesquisa tomou como base os textos publicados em 2021, ano das disputas dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio 2020.

Originalmente, os jogos estavam programados para acontecer em 2020, porém, no dia 24 de março de 2020, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Organizador Local anunciaram a suspensão das competições para o ano de 2021. A alteração ocorreu devido ao avanço da pandemia covid-19. A organização, no entanto, optou por manter a nomenclatura oficial (2020) mesmo com os jogos sendo realizados em 2021 (Declaração, 2020, s.p.).

A escolha por este recorte temporal deve-se pelo fato de que, durante as disputas dessas competições, encontramos um cenário em que as atividades esportivas, além do futebol, ganham destaque na mídia. Assim, com este recorte poderíamos encontrar uma maior diversidade de modalidades esportivas para a análise das representações da mulher esportista.

Dentro do sítio, selecionamos os textos que estavam na aba “Esportes Olímpicos”, dentro do subtópico “Tóquio 2021”. Entre os dias 21 de abril e 10 de novembro de 2021 - datas da primeira e última publicação no ano de 2021 na aba selecionada, foram encontrados 109 textos, conforme quadro apresentado no Apêndice A.

A coleta aconteceu de forma manual. Na página inicial do sítio, direcionávamos à aba “Esportes Olímpicos” e na sequência clicávamos no subtópico “Tóquio 2021”, como ilustrado na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Imagem da parte superior do sítio Dibradoras



Fonte: Sítio Dibradoras (Imagem capturada em fevereiro de 2023).

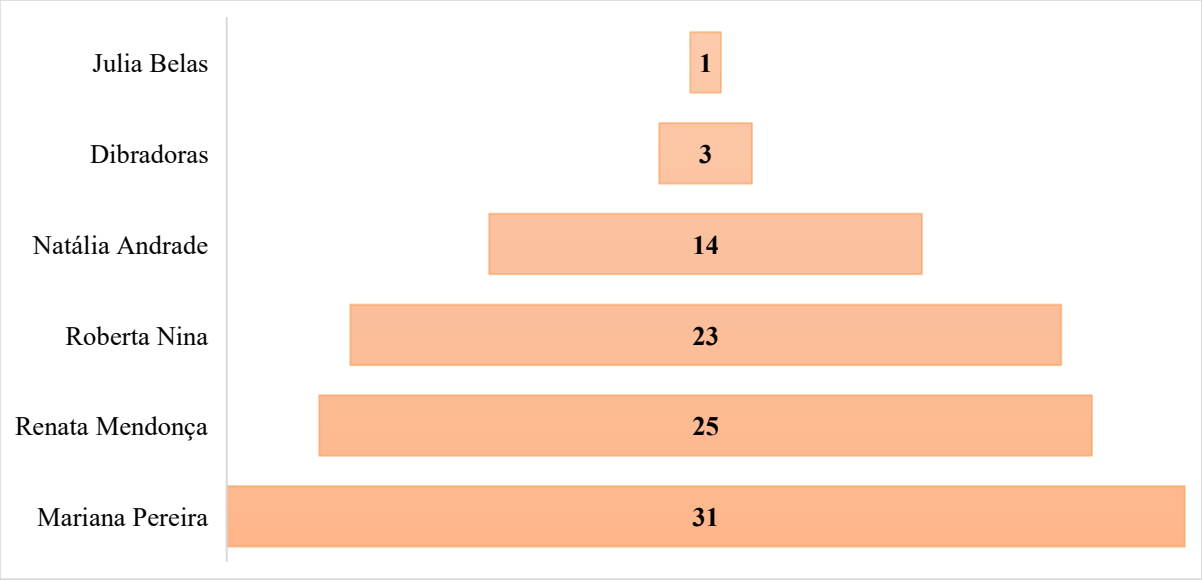
Seguindo o passo a passo destacado na Figura 3, todas as produções associadas à aba e ao subtópico eram relacionadas na tela. Na sequência, visitávamos cada matéria apresentada na tela para coletarmos somente as produções divulgadas no ano de 2021, recorte temporal de nosso trabalho.

Os textos, que se encaixam no nosso recorte temporal, foram salvos em formato *Portable Document Format* (pdf), em uma pasta do nosso computador pessoal; além de fazermos uma cópia no *drive* do aplicativo *Google Drive*. Cada arquivo foi nomeado com a data da publicação, no formato de ano, mês e dia; o título do texto jornalístico e o nome do sítio, por exemplo, 21-08-18 Uma vida pelo esporte conheça a história de Beth Gomes, paratleta do lançamento de disco - DIBRADORAS. É importante destacar que, posteriormente, as produções selecionadas para a análise foram salvas em formato *Microsoft Word*, conforme explicamos na subseção 2.8.

Com os textos coletados, começamos a delimitação do material. Nossa pesquisa optou por analisar somente as representações da mulher esportista brasileira, visto que o foco do nosso trabalho consiste nesta nacionalidade. Em uma primeira seleção, excluímos 12 textos. A exclusão ocorreu devido às produções não estarem relacionadas a uma esportista brasileira, visto que as personagens centrais eram profissionais de outros países, tais como Canadá, Estados Unidos da América, Japão, dentre outros.

Na sequência, dividimos as 97 produções em relação à autoria. O Gráfico 1, a seguir, apresenta o nome da autora, seguido de uma barra com o número de publicação associado a ela.

Gráfico 1 - Autoria dos textos jornalísticos do *corpus*



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o Gráfico 1, encontramos seis autorias, sendo cinco relacionadas a nomes de jornalistas (Julia Belas, Marina Pereira, Natália Andrade, Renata Mendonça e Roberta Nina) e uma com o nome do sítio. Assim, dessas 97 produções, a partir da análise da autoria, as três assinadas como Dibradoras e as 31 produções assinadas pela jornalista Mariana Pereira foram descartadas do nosso *corpus*.

A exclusão dos textos jornalísticos assinados com o nome do sítio foi decorrente à impersonalização, ou seja, como não havia a presença de um nome de uma profissional não era possível a identificação da autoria para convidá-la à etapa da entrevista. A exclusão dos textos assinados por Mariana Pereira justifica-se pelo fato de que a jornalista não retornou nossas tentativas de contato para convidá-la a participar de nossa pesquisa. Desse modo, não selecionamos as produções da jornalista para a construção do nosso *corpus*, já que a profissional não participaria da segunda etapa de coleta de dados.

Na sequência, dividimos as produções a partir dos assuntos presentes nos textos. Para esta etapa, levamos em consideração as modalidades esportivas disputadas nos Jogos Olímpicos[11] e nos Jogos Paralímpicos, conforme apresentamos nos Quadros 03 e 04, com levantamento da participação brasileira e destaque para a presença ou não das mulheres.

Os Quadros 03 e 04 estão organizados em três colunas: Modalidade, Participação brasileira e Participação das mulheres brasileiras. Em modalidades, destacamos o nome do

[11] É importante ressaltar que as ramificações das modalidades não estão apresentadas no quadro, por exemplo, a modalidade Canoagem divide-se em *Slalom* e Velocidade; o Ciclismo em BMX (*Bicycle Moto Cross*) e MTB (*Mountain Bike*) e o Hipismo em Adestramento, CCE (Concurso Completo de Equitação) e Saltos.

esporte praticado; em participação brasileira, marcamos com a letra X (xis) e a cor verde, os esportes que tiveram presença da delegação brasileira e, em participação das mulheres brasileiras, realizamos o mesmo processo de marcação da coluna participação brasileira, porém com foco na presença das mulheres brasileiras.

Quadro 3 - Modalidades presentes nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020

Jogos Olímpicos		
Modalidade	**Participação brasileira**	**Participação das mulheres brasileiras**
Atletismo	X	X
Badminton	X	X
Basquete		
Basquete 3x3		
Beisebol		
Boxe	X	X
Canoagem	X	X
Caratê		
Ciclismo	X	X
Escalada		
Esgrima	X	X
Futebol	X	X
Ginástica Artística	X	X
Ginástica de Trampolim		
Ginástica Rítmica	X	X
Golfe		
Handebol	X	X
Hipismo	X	X
Hóquei sobre a Grama		
Judô	X	X
Levantamento de Peso	X	X
Luta Olímpica (*Wrestling*)	X	X
Maratona Aquática	X	X
Nado Artístico		
Natação	X	X
Pentatlo Moderno	X	X
Polo Aquático		
Remo	X	
Rúgbi	X	X
Saltos Ornamentais	X	X
Skate	X	X
Softbol		
Surfe	X	X
Taekwondo	X	X
Tênis	X	X
Tênis de Mesa	X	X
Tiro Esportivo	X	
Tiro com Arco	X	X
Triatlo	X	X
Vela	X	X
Vôlei	X	X
Vôlei de Praia	X	X

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados divulgados pelo Comitê Olímpico Brasileiro (Tóquio 2021, s.p.)

Quadro 4 - Modalidades presentes nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020

Jogos Paralímpicos		
Modalidade	**Participação brasileira**	**Participação das mulheres brasileiras**
Atletismo	X	X
Badminton	X	
Basquetebol*		
Bocha	X	X
Canoagem	X	X
Ciclismo (estrada e pista)	X	X
Esgrima*	X	X
Futebol de 5	X	
Goalball	X	X
Hipismo	X	X
Judô	X	X
Levantamento de peso (Halterofilismo)	X	X
Natação	X	X
Remo	X	X
*Rugby**		
Taekwondo	X	X
Tênis de mesa	X	X
Tênis* (em cadeira de rodas)	X	X
Tiro com arco	X	
Tiro esportivo	X	
Triatlo	X	X
Vôlei sentado	X	X

Fonte: Elaborado pela pesquisadora. a partir dos dados divulgados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (Jogos Paralímpicos, 2021, s.p.)
*Esportes praticados em cadeira de rodas.

O Quadro 3 nos mostra que a delegação brasileira, nos Jogos Olímpicos, esteve presente em 30 modalidades. As mulheres brasileiras não competiram no Remo e no Tiro esportivo. Já nos Jogos Paralímpicos, conforme apresentado no Quadro 4, 20 modalidades tiveram brasileiros competindo, mas as mulheres não participaram do Badminton, Futebol de 5, Tiro com arco e Tiro esportivo.

Com base nas modalidades disputadas nas competições, em nosso *corpus,* encontramos onze modalidades em destaque; sendo dez olímpicas (basquete masculino[12], boxe, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, maratona aquática, tênis, vela e vôlei) e uma paralímpica (atletismo/lançamento de disco). Entretanto, 18 textos jornalísticos não abordavam apenas uma modalidade esportiva, por esta razão, fez-se necessária a criação de três nomenclaturas sem que o foco fosse apenas uma modalidade específica, mas, sim, a abordagem da produção jornalística.

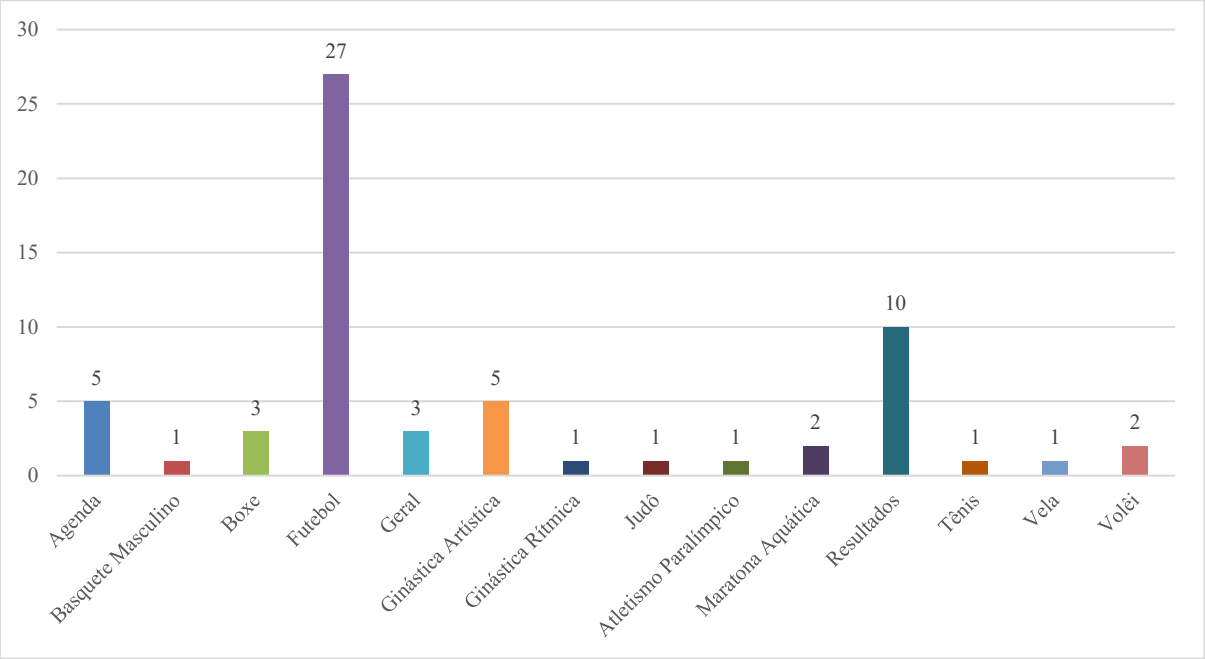
Os textos que tinham como objetivo a divulgação dos horários de participação das mulheres em todas as modalidades foram classificados como Agenda; os textos em que havia

[12] O basquete masculino entrou no nosso recorte, porque traz a presença da mulher como árbitra.

mais de uma modalidade foram classificados como Geral; e, por fim, as produções que traziam um resumo dos resultados obtidos pelas mulheres em todas as modalidades foram classificadas como Resultados.

A relação dos assuntos encontrados nas 63 produções textuais é destacada no Gráfico 2, a seguir. No Eixo y (vertical), temos os números de ocorrências; enquanto no Eixo x (horizontal), encontramos os assuntos identificados.

Gráfico 2 - Classificação dos textos jornalísticos a partir do assunto abordado



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As matérias classificadas como Agenda e Resultados foram excluídas do *corpus*, pois apresentavam informações básicas em relação a horários e/ou resultados; representando assim pouco relevância para a construção de representações discursivas da mulher esportista no jornalismo esportivo.

Para mantermos um equilíbrio entre as modalidades abordadas e assim verificarmos as representações da mulher esportista em diversos esportes, optamos por selecionar um texto de cada modalidade encontrada no *corpus*. Desse modo, a partir da geração dos dados documentais, nosso *corpus* formou-se com 18 textos publicados no sítio Dibradoras, conforme apresenta o Quadro 5, a seguir.

O quadro organiza-se em cinco colunas: Texto, Data de publicação, Título, Autoria e Assunto. Em texto, exibimos a numeração do texto em nosso *corpus,* a qual será utilizada ao longo desta tese; em data de publicação, apresentamos o dia, o mês e o ano em que o texto foi

divulgado no sítio; em título, reproduzimos o título do texto jornalístico[13]; em autoria, destacamos quem são jornalistas autoras dos textos; e, em assunto, elencamos qual a modalidade esportiva abordada no texto.

Quadro 5 - Conjunto de dados 1: Textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

TEXTO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTORIA	ASSUNTO
01	30/04/21	Contra tudo e contra todos: como foi a 1ª Olimpíada do futebol feminino	Renata Mendonça	Futebol
02	16/07/21	ketleyn Quadros será 3ª mulher porta-bandeira na história Brasileira dos Jogos	Roberta Nina	Judô
03	22/07/21	Boxe feminino no Brasil: de proibido por lei a esperança de ouro em Tóquio	Julia Belas	Boxe
04	28/07/21[14]	Quem é Rebeca Andrade, a ginasta campeã olímpica que brilhou em Tóquio	Renata Mendonça	Ginástica Artística
05	28/07/21	Andreia Silva faz história em Tóquio e se torna a 1ª árbitra a atuar no basquete masculino	Roberta Nina	Basquete Masculino
06	30/07/21	Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time		Futebol
07	31/07/21	Dupla do tênis ficou com vaga olímpica de última hora e conquistou bronze histórico		Tênis
08	01/08/21	Rebeca Andrade conquista 1º ouro olímpico das mulheres brasileiras em Tóquio	Natália Andrade	Ginástica Artística
09	03/08/21	Mulheres de ouro! Martine e Kahena são bicampeãs em Tóquio e constroem tradição feminina na vela	Roberta Nina	Vela
10	03/08/21	Carta para Cristiane, Marta e Formiga	Natália Andrade	Futebol
11	04/08/21	Pronta para 'quebrar paradigmas', Ana Marcela planejou cada braçada para o ouro	Roberta Nina	Maratona Aquática
12	07/08/21	Sonhos não envelhecem: aos 40, Carol Gattaz vive ápice da carreira em Tóquio	Renata Mendonça	Vôlei
13	07/08/21	Resultados das mulheres em Tóquio: Brasil fica em 12º na ginástica rítmica		Ginástica Rítmica
14	07/08/21	Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio	Roberta Nina	Boxe
15	08/08/21	Bia Ferreira faz história e conquista prata olímpica em Tóquio	Renata Mendonça	
16	09/08/21	Jogos olímpicos de Tóquio: por que não temos mais mulheres treinadoras?		Geral
17	09/08/21	Gabi valoriza medalha de prata, mas sonha com ouro: "quero ser campeã olímpica"	Roberta Nina	Vôlei
18	18/08/21	Uma vida pelo esporte: conheça a história de Beth Gomes, paratleta do lançamento de disco		Atletismo paralímpico/ Lançamento de Disco

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

[13] Todos os títulos trazem o endereço eletrônico de hospedagem do texto jornalístico. Para acessá-los, basta clicar com o botão esquerdo sobre o título e escolher a opção abrir *hiperlink*, que o provedor de internet abrirá a página com o texto jornalístico.

[14] É importante destacar que estamos reproduzindo a data presente na publicação. No entanto, o texto apresenta um desencontro de informação, visto que a primeira medalha de ouro da ginasta Rebeca Andrade aconteceu apenas no dia 01 de agosto e a matéria é dada de 28 de julho de 2024. Desse modo, acreditamos que houve um erro na data da publicação, porém este equívoco não significa problema para a inserção da reportagem em nosso *corpus*, já que não analisamos o material com foco na data de publicação, mas, sim, no conteúdo publicado.

No Quadro 5, percebemos que as modalidades boxe, futebol, ginástica artística e vôlei possuem mais de um texto selecionado para a composição do *corpus*. Este fato aconteceu devido essas modalidades terem sido abordadas com maior frequência. Desse modo, selecionamos um texto de cada jornalista sobre a modalidade; caso a profissional tivesse mais de uma produção sobre a modalidade, escolhemos o texto que tivesse um recorte para além da apresentação de resultados alcançados nas competições, permitindo assim uma análise mais profunda das representações da mulher esportista no jornalismo praticado pelo sítio Dibradoras.

A seguir, na subseção 2.5, apresentamos o passo a passo para a realização das entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras.

2.5 Entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros

A construção da segunda etapa dos *corpora*, a princípio, apresentava-se a mais desafiadora de nossa pesquisa, já que era preciso o contato com profissionais de um sítio que, apesar de ser uma mídia alternativa, é conhecido nacionalmente. Entretanto, este momento mostrou-se tranquilo e enriquecedor, visto que, de cinco jornalistas autoras dos textos, quatro se colocaram à disposição para contribuir com o presente estudo. Além das jornalistas autoras dos textos jornalísticos, tivemos a participação da publicitária do veículo analisado e que também é uma das fundadoras do sítio.

A etapa das entrevistas iniciou com a elaboração dos critérios de inclusão e exclusão para a composição do grupo, conforme destacado no Quadro 6, a seguir. Os quadros 6 e 8 estão organizados em três colunas: Procedimento, Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão. Em procedimento, nomeamos o procedimento realizado para a coleta do *corpus*; em critérios de inclusão, apresentamos as categorias de seleção para as participantes da pesquisa e, em critérios de exclusão, destacamos as não categorias de seleção para as participantes da pesquisa.

Quadro 6 – Critérios de inclusão e de exclusão de participantes na pesquisa: Entrevistas

PROCEDIMENTO	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Entrevista semiestruturada remota	- Ser autora de pelo menos um texto jornalístico publicado no sítio Dibradoras que compõem o *corpus* da pesquisa; - Aceitar participar da pesquisa; - Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);	- Não ser autora de nenhum texto jornalístico publicado no sítio Dibradoras que compõem o *corpus* da pesquisa; - Não aceitar participar da pesquisa; - Não assinar o TCLE;

	- Ser do sexo feminino (cis ou transgênero); - Ter mais de 18 anos de idade.	- Não ser do sexo feminino (cis ou transgênero); - Ter menos de 18 anos de idade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o Quadro 6, o critério inicial para a construção das participantes sociais do grupo das entrevistas trata da autoria de pelo menos um dos textos jornalísticos divulgados durante o nosso recorte temporal, 2021, no sítio Dibradoras. A partir da análise de autoria das 109 produções coletadas, conforme já mencionado, encontramos cinco jornalistas aptas para esta etapa de nossa pesquisa.

O contato inicial com as autoras aconteceu por meio da mídia social oficial do sítio Dibradoras: Instagram[15]. Inicialmente, enviamos uma mensagem privada (*inbox)* explicando a pesquisa e solicitando o contato das cinco jornalistas autoras dos textos para as convidarmos a participar do projeto. Como não tivemos retorno em tempo hábil, fizemos uma busca pelos perfis pessoal ou profissional das jornalistas, por meio desse recurso recebemos a devolutiva de duas jornalistas. Além da rede social, enviamos um e-mail para o endereço de contato disponível no sítio, por este canal tivemos o retorno de outras três profissionais (duas jornalistas e uma publicitária).

Com os laços estabelecidos com as quatro jornalistas autoras dos textos jornalísticos e a publicitária, cofundadora do veículo de comunicação; as profissionais foram convidadas, via e-mail ou aplicativo de mensagem, a participarem da pesquisa. Os encontros remotos foram realizados conforme a disponibilidade de cada entrevistada e a sessão foi composta apenas pela pesquisadora e a entrevistada.

As entrevistas, conforme já mencionado na subseção 2.2, aconteceram de forma remota, via plataforma *Google Meet*. Com a prévia autorização das entrevistadas para a captação do áudio e imagem, os encontros foram gravados por meio do recurso do aplicativo. As gravações foram salvas em uma pasta do nosso computador pessoal; além de fazermos uma cópia no *drive* no aplicativo *Google Drive*.

Os encontros iniciaram com a apresentação da pesquisadora, da pesquisa, a leitura do TCLE (Anexo B) e esclarecemos, caso houvesse, dúvidas acerca da pesquisa. Após a leitura do termo, a entrevistada era convidada a participar da pesquisa. Com a confirmação da

[15] Disponível em: @dibradoras.

participação, informávamos que o termo seria enviado por e-mail para a assinatura e destacávamos que a entrevista só seria utilizada após a entrega do documento assinado, respeitando assim as normas do CEP/UFU. A devolução dos termos aconteceu via e-mail; quatro profissionais imprimiram, assinaram e escanearam o documento; enquanto uma optou pela assinatura digital via plataforma federal do Sou Gov.

A seguir, no Quadro 7, apresentamos algumas informações sobre as entrevistas. O quadro foi produzido em cinco colunas: Data, Nomenclatura, Formação Acadêmica, Função e Duração. Em data, apresentamos o dia, o mês e o ano em que a entrevista foi realizada; em nomenclatura, destacamos o termo que usamos para se referir à entrevistada sem identificá-la; em formação acadêmica, nos referimos à escolaridade da entrevistada; em função, destacamos a relação profissional da entrevistada com o sítio Dibradoras e, em duração, trazemos o tempo, em minutos e segundos, de cada encontro.

Quadro 7 - Conjunto de dados 2: Informações sobre as entrevistas com as profissionais do sítio Dibradoras

DATA	NOMENCLATURA	FORMAÇÃO ACADÊMICA	FUNÇÃO	DURAÇÃO
16/06/2023	Entrevistada 01	Graduada em Jornalismo	Jornalista e cofundadora do sítio	74 minutos e 23 segundo
26/06/2023	Entrevistada 02	Graduada em Jornalismo	Jornalista freelancer do sítio	74 minutos e 13 segundos
08/08/2023	Entrevistada 03	Graduada em Jornalismo	Jornalista freelancer do sítio	75 minutos e 55 segundos
25/08/2023 (parte 1)	Entrevistada 04	Graduada em Jornalismo	Jornalista e cofundadora do sítio	60 minutos e 32 segundos
14/09/2023 (parte 2)	Entrevistada 04	Graduada em Jornalismo	Jornalista e cofundadora do sítio	34 minutos e 31 segundos
05/12/2023	Entrevistada 05	Graduada em Publicidade	Publicitária e cofundadora do sítio	47 minutos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

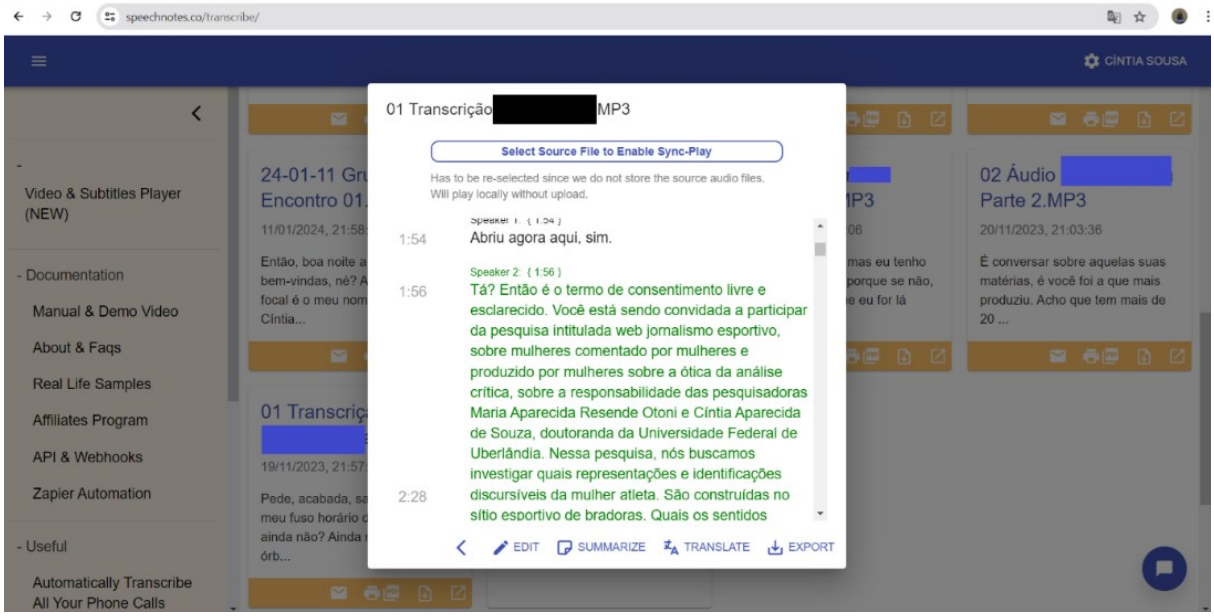
Conforme apresenta o Quadro 7, realizamos cinco entrevistas. As quatro primeiras foram com as autoras de textos jornalísticos presentes no nosso levantamento documental, nas quais abordamos o processo de construção dos textos presentes no veículo de comunicação, além de discutirmos sobre o espaço das mulheres no jornalismo esportivo. A quinta entrevista, pelo fato de a profissional não ser autora de textos do nosso *corpus*, os temas abordados no encontro foram a história do sítio Dibradoras e os desafios para a manutenção do sítio em um universo permeado pela masculinidade, e referida entrevista foi usada para a construção da seção 3, na parte em que abordamos a história do sítio Dibradoras.

Para a condução dos encontros, produzimos um roteiro, o qual se encontra no Apêndice B. No entanto, é relevante destacarmos que o uso do roteiro não engessou os encontros; uma

vez que o documento funcionou como um guia para que pontos importantes a serem abordados durante a conversa não fossem esquecidos.

Com as entrevistas finalizadas, começamos a preparação do material para a análise discursiva. Inicialmente, realizamos a extração do áudio das gravações pelo aplicativo gratuito *CapCut*[16], os arquivos foram salvos em formato mp3 em uma pasta do nosso computador pessoal, além de fazermos uma cópia no *drive* no aplicativo *Google Drive*. Na sequência, os áudios extraídos foram depositados no sítio de transcrição *Speechnotes*[17], para a transformação automática do áudio em texto escrito pelo programa, conforme ilustrado na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Transcrição da Entrevista 01 pelo sítio *Speechnotes*



Fonte: Captura da tela da transcrição feita pelo sítio *Speechnotes*.

Após a finalização da transcrição feita pelo sítio, apresentado na Figura 4, exportamos o arquivo para o nosso computador pessoal e criamos um documento em formato *Microsoft Word* para realizarmos uma cuidadosa revisão ortográfica e gramatical do material gerado automaticamente pelo aplicativo. Após a revisão, salvamos uma cópia do arquivo, o qual foi nomeado com a data de realização da entrevista, no formato de ano, mês e dia; seguido da palavra Entrevistada e de um número cardinal, o qual correspondia a ordem da entrevista, por exemplo, 23-06-16 ENTREVISTADA 01, referindo-se ao encontro que aconteceu no dia 16 de junho de 2023 com a primeira jornalista entrevistada É importante ressaltar que apenas o arquivo final foi utilizado para a construção da análise dos dados no *software* NVivo.

[16] *CapCut* é sítio de edição de vídeos gratuito, disponível em https://www.capcut.com/pt-br/.
[17] *Speechnotes* é um sítio pago para auxílio na transcrição de áudios, disponível em https://speechnotes.co/transcribe/. O custeio do programa foi financiado pela pesquisadora.

A seguir, na subseção 2.6, apresentamos o passo a passo para a realização do grupo focal com as estudantes de Jornalismo da UFU.

2.6 Grupo Focal com as discentes em Jornalismo para análise das produções textuais do sítio Dibradoras: seleção, critérios para inclusão e exclusão das participantes, convite e realização dos encontros

A terceira e última etapa para a construção dos *corpora* refere-se à realização do grupo focal. O intuito deste procedimento era que, após uma leitura dos textos jornalísticos selecionados, as participantes do grupo fossem estimuladas a analisar/opinar/avaliar sobre como a mulher esportista brasileira é representada nas produções do sítio Dibradoras; além de discutirem sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. A realização do grupo focal foi submetida e aprovada no Sistema de Informação de Assuntos Estudantis da UFU, sob o registro de número 11927. Deste modo, todas as participantes receberam certificados pela participação no estudo.

De acordo com Gatti (2005, p. 22), um grupo focal "visando abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, [...] não pode ser grande, mas também não pode ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas". Levando em consideração a observação de Gatti, optamos por realizar o procedimento com seis a dez participantes.

Como um dos intuitos da pesquisa foi investigar quais sentidos as mulheres leitoras - jornalistas em formação - construíam a partir da leitura de textos produzidos por mulheres jornalistas sobre a mulher esportista, o grupo focal foi formado somente com discentes do curso de Jornalismo da Faced/UFU. Na categoria idade selecionamos estudantes acima ou igual a 18 anos, não havendo restrição ao limite máximo de idade, já que em curso de graduação podemos encontrar diferentes faixas etárias.

É válido destacar que não restringimos a períodos acadêmicos específicos, visto que, devido à pandemia covid-19, o calendário da universidade sofreu alterações por causa da paralisação das aulas presenciais, dificultando assim a associação das discentes a um único período.

A seguir, no Quadro 8, elencamos os critérios de inclusão e exclusão para a composição do grupo focal.

Quadro 8 - Critérios de inclusão e de exclusão de participantes na pesquisa: Grupo Focal

PROCEDIMENTO	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Grupo Focal	- Estar matriculada no curso de Jornalismo da Faced/UFU; - Ser do sexo feminino (cis ou transgênero); - Ter mais de 18 anos de idade; - Aceitar participar desta pesquisa; - Assinar o TLCE.	- Não estar matriculada no curso de Jornalismo da Faced/UFU; - Não ser do sexo feminino (cis ou transgênero); - Ter menos de 18 anos de idade; - Não aceitar participar desta pesquisa; - Não assinar o TLCE.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os critérios apresentados no Quadro 8 justificam-se pelo fato de que, na composição de um grupo focal, os participantes precisam ter algumas características homogêneas, "mas com variação entre eles para que apareçam opiniões diferentes e divergentes" (Gatti, 2005, p.18).

Para a concretização do grupo focal, entramos em contato, pessoalmente, com a coordenação do curso de Jornalismo da Faced/UFU. No encontro, apresentamos o estudo e solicitamos permissão para a realização da pesquisa com as discentes. Com a autorização da coordenação para a realização da pesquisa (Anexo C), partimos para a formação do grupo focal.

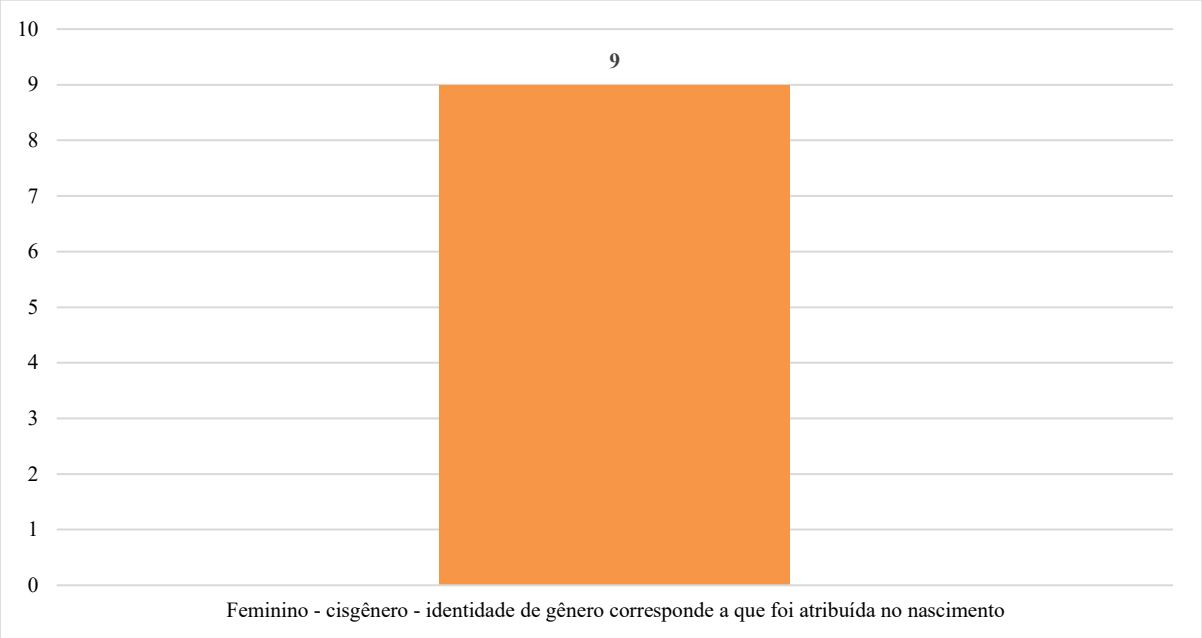
Inicialmente enviamos uma mensagem via *WhatsApp* para os grupos de estudantes[18], convidando as alunas para participarem do projeto. Entretanto, a adesão foi pequena; tivemos apenas uma inscrição. Então, no dia 09 de janeiro de 2024, a convite da então coordenadora e professora do curso, Christiane Pitanga Serafim da Silva, fomos presencialmente à sala do segundo período apresentar a pesquisa; como a turma era dividida em duas, também visitamos a turma da professora Mirna Tonus.

Após a apresentação da pesquisa, disponibilizamos o *link* para acesso a um formulário de inscrição (Apêndice D). O grupo focal recebeu 11 inscrições, mas duas discentes inscritas não compareceram a nenhum encontro; por esta razão as informações referentes a elas foram excluídas do *corpus.* Esse momento foi motivador e muito importante para a continuação do trabalho, pois as discentes mostraram-se interessadas e se dispuseram a participar do estudo de uma forma bastante efetiva.

A seguir, os gráficos 03, 04, 05 e 06 destacam a composição do grupo focal em relação ao sexo e gênero, à faixa etária, à etnia racial e ao período no curso de Jornalismo.

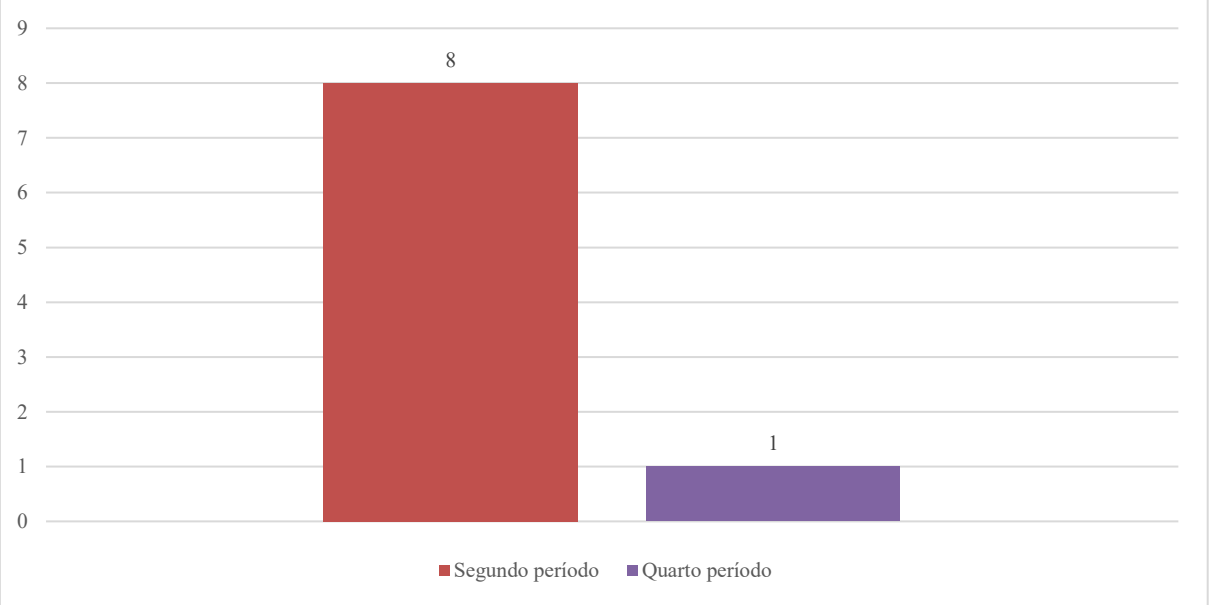
[18] As mensagens foram enviadas pelos(as) discentes que faziam estágio na Dirco/UFU (janeiro de 2024), já que, atuo como jornalista no setor, pedi a eles que repassassem o convite aos grupos de suas respectivas turmas.

Gráfico 3 - Sexo e Gênero das participantes do Grupo Focal



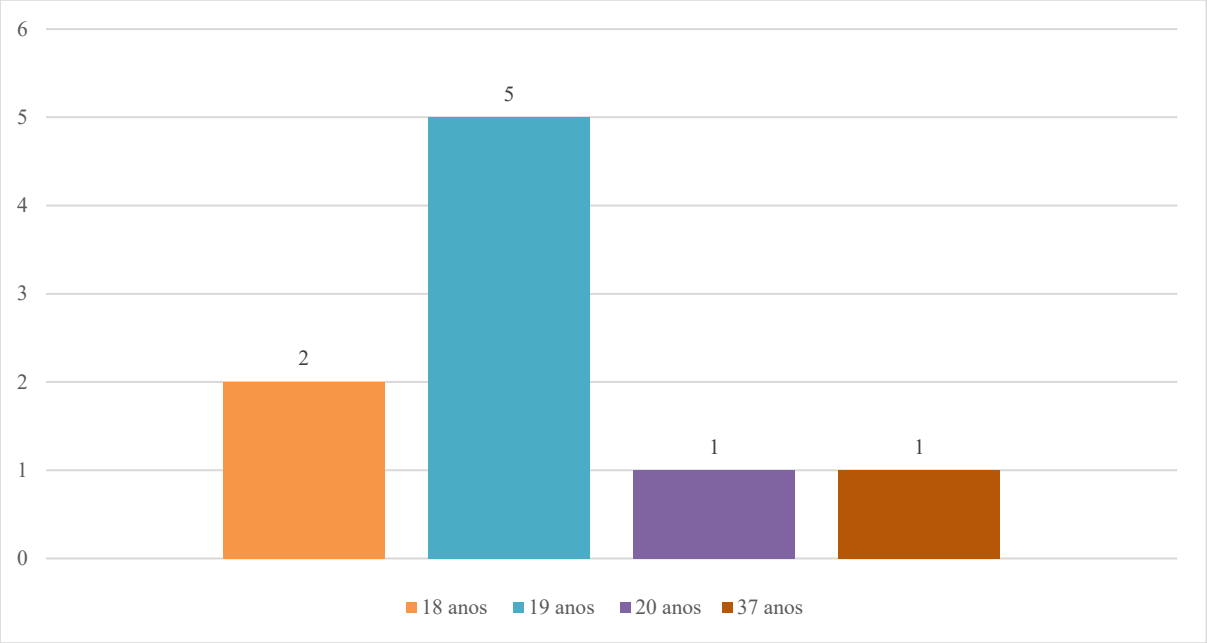
Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados coletados na ficha de inscrição do grupo focal.

Gráfico 4 - Período no curso de Jornalismo das participantes do Grupo Focal



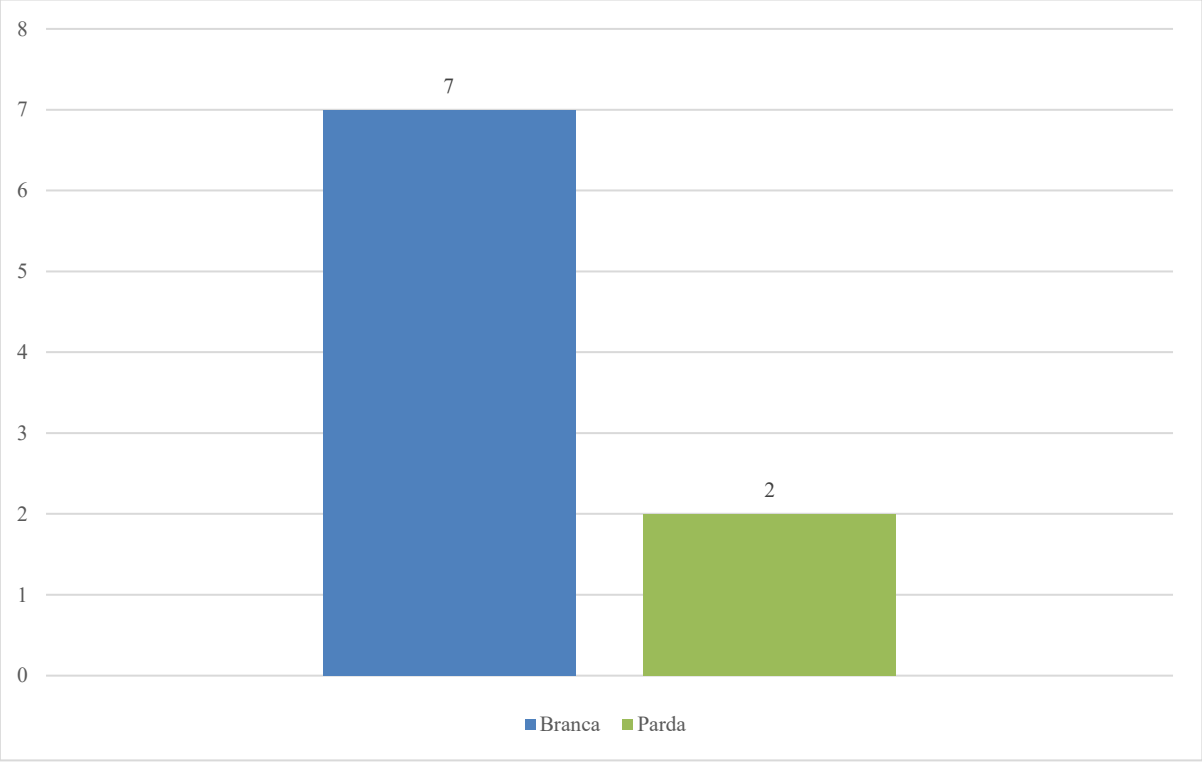
Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados coletados na ficha de inscrição do grupo focal.

Gráfico 5 - Faixa etária das participantes do Grupo Focal



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados coletados na ficha de inscrição do grupo focal.

Gráfico 6 - Etnia Racial das participantes do Grupo Focal



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados coletados na ficha de inscrição do grupo focal.

De acordo com o Gráfico 3, todas as 9 participantes se identificaram com o sexo feminino e o gênero cisgênero - identidade de gênero correspondente a qual foi atribuída no nascimento. Em relação ao período no curso de Jornalismo da UFU, Gráfico 4, 8 cursam o segundo período e uma o quarto. Em relação à faixa etária e etnia racial, os perfis das

participantes apresentaram pequenas variações, conforme destacado nos gráficos 5 e 6, respectivamente.

As sessões, a princípio, ocorreriam nas dependências da UFU, porém antes do primeiro encontro, fizemos uma enquete por meio de um grupo de mensagens criado para comunicação com as participantes do projeto, e elas optaram pela realização de encontros de forma remota. Para isso, utilizamos a plataforma *Google Meet*, o que possibilitou também a gravação das sessões, com a prévia autorização das estudantes para a captação do áudio e imagem.

No encontro inicial, 11 de janeiro de 2024, apresentamos a proposta do estudo, discutimos o cronograma das atividades, lemos o TCLE (Anexo D) e reforçamos que o material coletado só seria utilizado após a entrega do termo assinado, respeitando assim as normas do CEP/UFU. Seis discentes assinaram o TCLE presencialmente, marcamos um encontro com as graduandas na UFU e recolhemos as assinaturas; já três enviaram o termo via e-mail, duas assinaram digitalmente via plataforma federal Sou Gov e uma optou por imprimir, assinar e escanear o documento. É importante destacar que neste primeiro momento também tivemos um espaço para que as participantes relatassem as impressões e ou dúvidas sobre a pesquisa; além delas expressarem como enxergam a presença da mulher no jornalismo esportivo.

Foram realizados cinco encontros durante o mês de janeiro de 2024. No Quadro 9, a seguir, realizamos uma descrição dos encontros. O quadro organiza-se em cinco colunas: Encontro, Data, Textos Jornalísticos, Participantes e Duração. Em encontro, destacamos a ordem dos encontros; em data, apresentamos o dia, o mês e o ano em que as reuniões aconteceram; em textos jornalísticos destacamos as produções analisadas em cada sessão; em participantes, apresentamos a quantidade de discentes presentes no encontro, e, em duração, trazemos o tempo em minutos e segundos de cada encontro.

Quadro 9 - Conjunto de dados 3: Descrição das sessões do grupo focal

ENCONTRO	DATA	TEXTOS JORNALÍSTICOS	PARTICIPANTES	DURAÇÃO
1	11/01/24	Não houve texto analisado no primeiro encontro.	7	68 minutos e 57 segundos
2	16/01/24	Contra tudo e contra todos: como foi a 1ª Olimpíada do futebol feminino Quem é Rebeca Andrade, a ginasta campeã olímpica que brilhou em Tóquio	6	78 minutos e 29 segundos
3	17/01/24	Carta para Cristiane, Marta e Formiga Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time	6	63 minutos e 01 segundo
4	18/01/24	Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio	3	60 minutos e 33 segundos

		Sonhos não envelhecem: aos 40, Carol Gattaz vive ápice da carreira em Tóquio		
5	22/01/24	Uma vida pelo esporte: conheça a história de Beth Gomes, paratleta do lançamento de disco Jogos olímpicos de Tóquio: por que não temos mais mulheres treinadoras?	5	77 minutos e 10 segundos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme destacamos no Quadro 9, em cada sessão foram analisadas duas reportagens do *corpus* documental. Apenas, no primeiro encontro não houve análise, já que o intuito era a apresentação da pesquisa e interação entre as integrantes da atividade. É importante ressaltar que a pretensão inicial era analisar todas as reportagens do *corpus* documental, sendo quatro ou cinco reportagens por encontro. Porém, a partir das nossas notas de campo durante a primeira sessão de análise (2º encontro), percebemos que a análise de quatro reportagens em um único encontro não seria produtiva, visto que após a segunda reportagem as participantes já se mostravam dispersas e desmotivadas a analisar o material; além de percebemos que a duração do grupo focal, para analisar de quatro reportagens por encontro, seria muita extensa, fato que comprometeria o engajamento das participantes.

Assim, a partir do terceiro encontro mudamos nossa estratégia; no início de cada encontro apresentávamos os títulos das quatro reportagens selecionadas para aquele dia e pedíamos que as participantes escolhessem a reportagem a ser analisada, terminada a análise da primeira escolha, passávamos para a segunda produção, sempre com o cuidado de não ultrapassar uma hora e meia de sessão.

Um dia anterior aos encontros, disponibilizamos no grupo de mensagem os endereços eletrônicos das matérias selecionadas para a sessão, possibilitando assim às estudantes um contato prévio com o material a ser analisado. Os textos jornalísticos foram apresentados de acordo com a ordem cronológica de publicação (c.f Quadro 5) do sítio Dibradoras.

Durante os encontros, a análise das reportagens era realizada por trechos. Primeiramente, realizávamos a leitura em voz alta e depois convidávamos as participantes a opinarem sobre o material. Caso nenhuma participante se pronunciasse, fazíamos uma pergunta para estimular a participação. Ao longo dos encontros, percebemos que as participantes no início apresentavam mais retraídas e com o desenvolvimento da atividade elas se sentiram mais confortáveis para realizar comentários ou observações sobre a temática abordada na discussão, além de relacionar a temática com as vivências pessoais.

Com os encontros encerrados, realizamos os mesmos procedimentos de curadoria dos dados feitos com as entrevistas, descritos detalhadamente na subseção 2.5, a saber, extração do áudio pelo aplicativo gratuito *CapCut*, depósito do material no sítio de transcrição *Speechnotes,* revisão minuciosa pela pesquisadora e análise discursiva dos dados.

Após a revisão, salvamos uma cópia do arquivo, o qual foi nomeado com a data de realização da sessão do grupo focal, no formato de ano, mês e dia; seguido da palavra Encontro e de um número cardinal, o qual correspondia a ordem da sessão, por exemplo, 24-01-11 ENCONTRO 01, que se refere a primeira sessão do grupo focal que aconteceu no dia 11 de janeiro de 2024.

Na subseção 2.7, a seguir, abordamos a triangulação teórica metodológica de nossa pesquisa.

2.7 Triangulação teórica e metodológica

Como já dito, a presente pesquisa nasceu do interesse em investigar e compreender as representações das mulheres esportistas brasileiras no jornalismo esportivo praticada pelo sítio Dibradoras. Com a temática delimitada, era preciso decidir a partir de qual lupa teórico-metodológica essa temática seria examinada; momento em que conhecemos a ADC, campo que nos era totalmente desconhecido.

Começamos com um aprofundamento bibliográfico acerca dos conceitos abordados na ADC e descobrimos a possibilidade de uma triangulação teórica e metodológica em nosso estudo. Ottoni (2017) explicamo-nos que a triangulação

> pode se referir à articulação de diferentes tipos de dados, de dados coletados em diferentes locais e época, de teorias e de metodologias, numa pesquisa. Essa articulação teórica e metodológica proposta por meio da triangulação coaduna-se com a abordagem transdisciplinar preconizada pela ADC, que é uma teoria e método em relação dialógica com outras teorias sociais e métodos, com os quais deve-se envolver de um modo 'transdisciplinar', e não simplesmente interdisciplinar [...] (Ottoni, 2017, p. 20).

Após várias reflexões sobre a pesquisa, construímos uma triangulação teórica que envolve as abordagens da ADC - Dialético-Relacional, de Norman Fairclough (1992 [2001]; 1999 e 2003) e a Representação de Atores Sociais, de van Leeuwen (1997, 2008) -, articuladas à LSF (Halliday, 1978; 1989; Halliday; Matthiessen, 2004) e a estudos sobre a mulher no

esporte, a mulher no jornalismo esportivo, a mulher como receptora da produção jornalística esportiva; além de estudos sobre a mídia jornalística esportiva.

Em relação à triangulação metodológica, os pesquisadores Richardson e Sueyoshi (2018, p. 552) explicam que "um pesquisador implementa diferentes métodos - como entrevistas, dados de censo e documentos - para validar os resultados". E, em nossa pesquisa, articulamos levantamento documental, entrevista com as jornalistas do sítio Dibradoras e grupo focal com discentes do curso de Jornalismo, para a coleta e geração dos dados para a compreensão das representações da mulher esportista brasileira construídas no sítio Dibradoras.

Para finalizar a apresentação do percurso metodológico desta pesquisa, na subseção 2.8, a seguir, descrevemos os passos trilhados para a realização das análises dos dados.

2.8 Procedimentos metodológicos para o tratamento, a organização e a análise dos dados

A princípio, analisaríamos os materiais coletados e gerados para esta pesquisa sem o auxílio de um *software* de dados. No entanto, devido à extensão do nosso material, percebemos que a marcação manual no *Microsoft Word* seria muito morosa; além de que o método escolhido inicialmente não oferecia um recurso para a tabulação das codificações. Após a leitura da tese "O funcionamento discursivo da prática social de adoção: a voz de famílias e de profissionais da rede de apoio e de proteção", de autoria de Layane Campos Soares, sob a orientação da professora doutora Maria Aparecida Resende Ottoni, conhecemos o *software QSR NVivo*.

O *software*, que está na versão 14, foi desenvolvido pela Universidade de La Trobe, de Melbourne, na Austrália (Soares, 2024), e é produzido pela Lumivero. O NVivo é "um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos" (Viana; Hostins; Beunza, 2021, p.821). Por ser um *software* de análise de dados qualitativos, o NVivo configurou-se em uma importante ferramenta para a construção de nossa análise discursiva.

O uso do *software* requer a aquisição de uma licença e, nesta pesquisa, utilizamos a versão Release 1.7.2, a qual foi concedida pela professora orientadora deste trabalho. Para aprendermos a manusear o *software*, assistimos ao curso "Nvivo: Fundamentos[19]" (NVivo, 2023), proferido pelo professor Alex Niche Teixeira, disponibilizado no canal do YouTube "Metodologias Informacionais UFRGS".

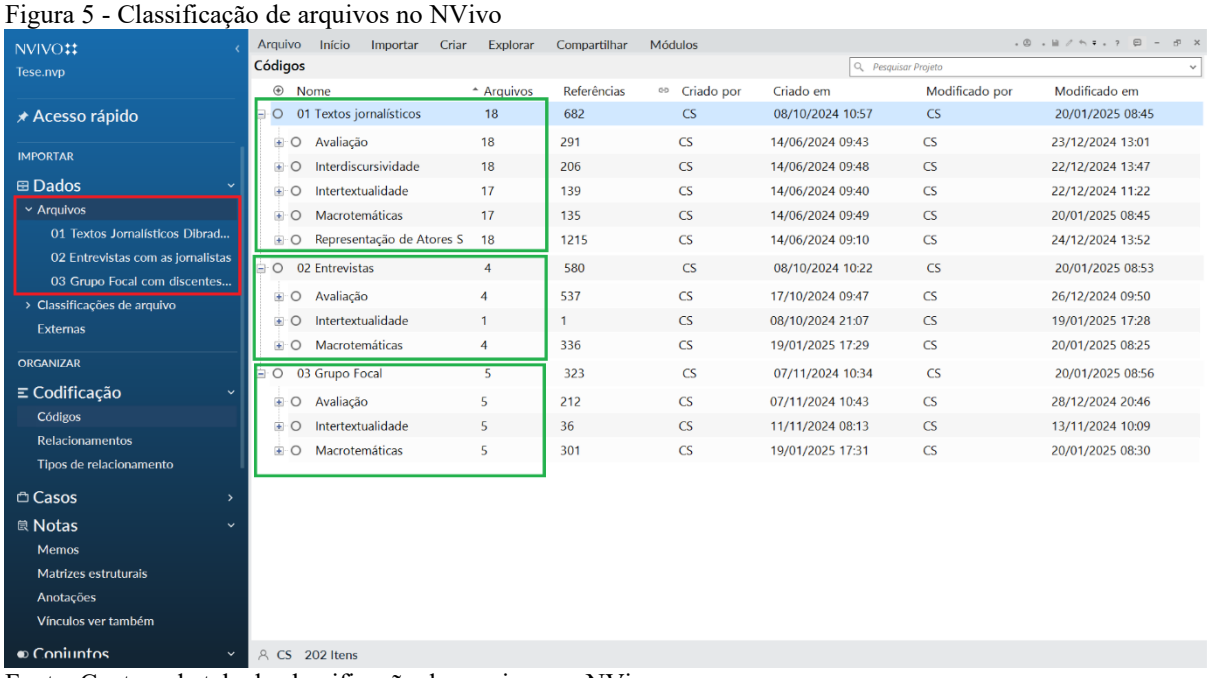
[19] Aqui, registramos os nossos agradecimentos à equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela disponibilização gratuita do material. O curso foi de extrema importância para o manuseio do *software* em um curto período.

O processo de organização dos dados no *software* iniciou-se com a criação do projeto, denominado por Tese; a escolha do idioma, Língua Portuguesa, e as configurações de salvamento. Na sequência, iniciamos a inserção do material na aba Dados, no subitem Arquivos, localizados à esquerda da tela do programa. Para uma melhor organização, criamos três pastas, as quais denominamos de: 01 Textos Jornalísticos Dibradoras; 02 Entrevistas com as jornalistas e 03 Grupo Focal com as discentes.

Com as pastas criadas, exportamos o material a ser codificado em arquivos no formato *Microsoft Word*. Na pasta Textos Jornalísticos foram inseridos 18 arquivos; na pasta Entrevistas, quatro arquivos e na pasta Grupo Focal, cinco arquivos. Após a criação das pastas, realizamos várias releituras do material para a definição das categorias teoricamente orientadas com as quais trabalharíamos, processo que demandou muito tempo para a realização.

Na Figura 5, a seguir, reproduzimos a tela do programa NVivo, após a inserção dos códigos elencados para a análise. Os quadros com contornos vermelhos destacam os arquivos, enquanto os de contornos verdes referem-se aos códigos inseridos para a codificação do material.

Figura 5 - Classificação de arquivos no NVivo



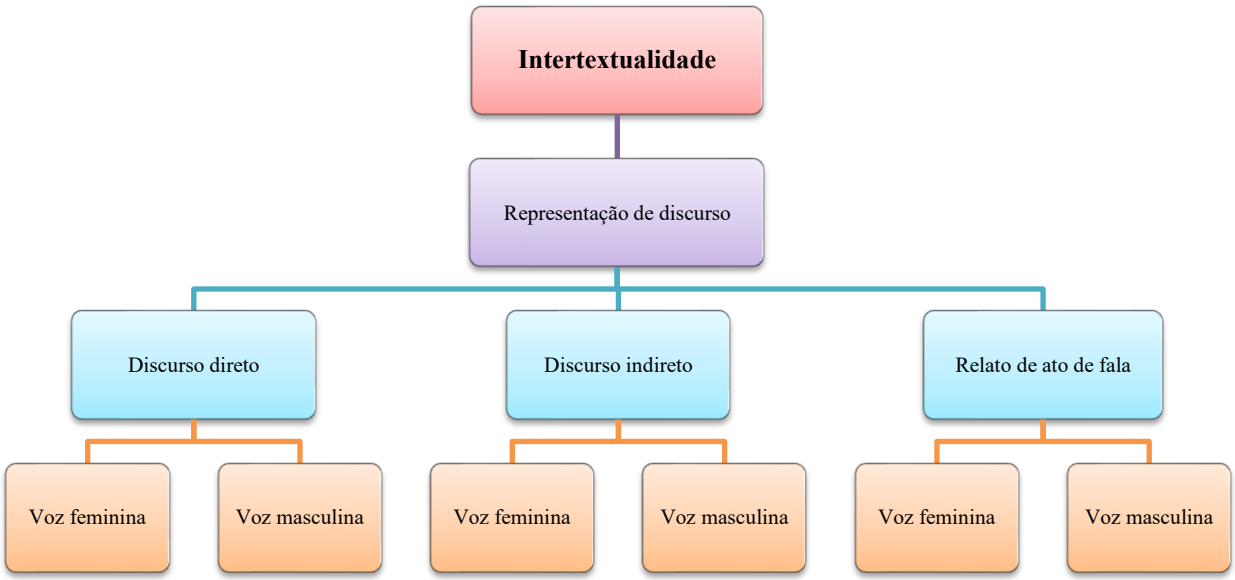
Fonte: Captura da tela de classificação de arquivos no NVivo.

Para a codificação dos dados referentes aos textos jornalísticos trabalhamos os códigos: avaliação, interdiscursividade, intertextualidade, macrotemáticas e representação de atores sociais. Com os materiais proveniente das entrevistas e do grupo focal, os códigos usados foram avaliação, intertextualidade e macrotemáticas.

Como percebemos na Figura 5, os códigos possuem um símbolo ( ) ao lado esquerdo, o que significa que eles apresentam subcódigos. No tocante ao código intertextualidade[20], conforme ilustrado na Figura 6, a seguir, criamos o subcódigo representação do discurso e seus subcódigos: discurso direto, discurso indireto e relato de ato de fala, em consonância com Fairclough (2001, 2003). E a cada um destes três subcódigos, vinculamos a dois subcódigos: voz feminina e voz masculina.

O código intertextualidade foi observado nos três *corpora*. Todavia optamos por analisá-lo somente no material referente aos textos jornalísticos. Esta decisão justifica-se pelo fato de que, ao longo das releituras dos materiais gerados pelas entrevistas e grupo focal, percebemos que o cruzamento entre os códigos avaliação e macrotemáticas seria mais pertinente para o alcance dos nossos objetivos.

Figura 6 - Código intertextualidade e seus subcódigos

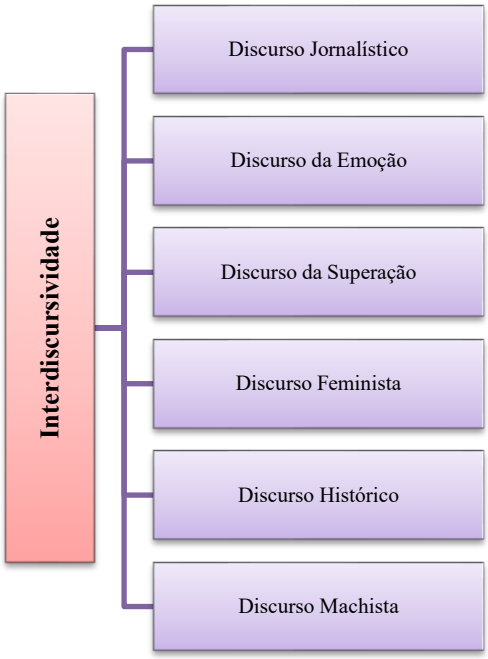


Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Em relação ao código interdiscursividade[21], à medida que realizávamos a leitura dos dados para a codificação, identificávamos os discursos articulados nos textos jornalísticos e inseríamos os subcódigos referentes a cada discurso articulado. A Figura 7, a seguir, destaca os discursos verificados no *corpus* referente aos textos jornalísticos, já que optamos por analisar este código apenas no material gerado com base nos textos jornalísticos.

[20] Na subseção 4.2.1 realizamos a discussão teórica acerca da categoria intertextualidade.
[21] A explicação para a nomeação de cada discurso é desenvolvida na subseção 5.1; enquanto a explicação sobre a categoria interdiscursividade é apresentada na subseção 4.2.2.

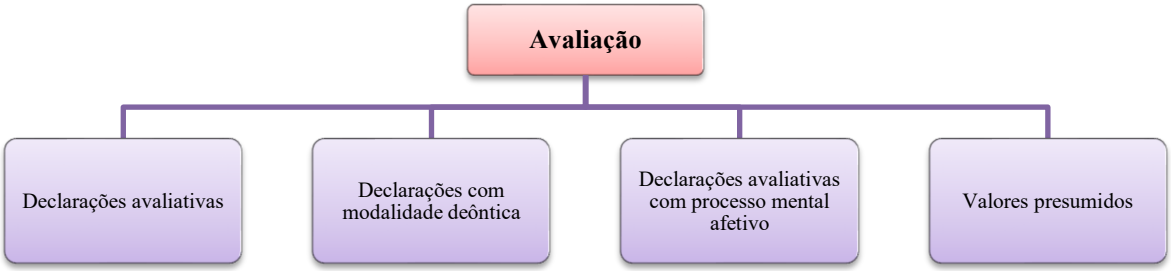
Figura 7 - Código interdiscursividade e seus subcódigos



Fonte: Elaborada pela pesquisadora

No que concerne ao código avaliação[22], conforme destaca a Figura 8, a seguir, incluímos os subcódigos relativos às realizações linguísticas das avaliações, seguindo Fairclough (2003): declarações avaliativas; declarações avaliativas com modalidade deôntica; declarações avaliativas com processo mental afetivo e valores presumidos.

Figura 8 - Código avaliação e seus subcódigos



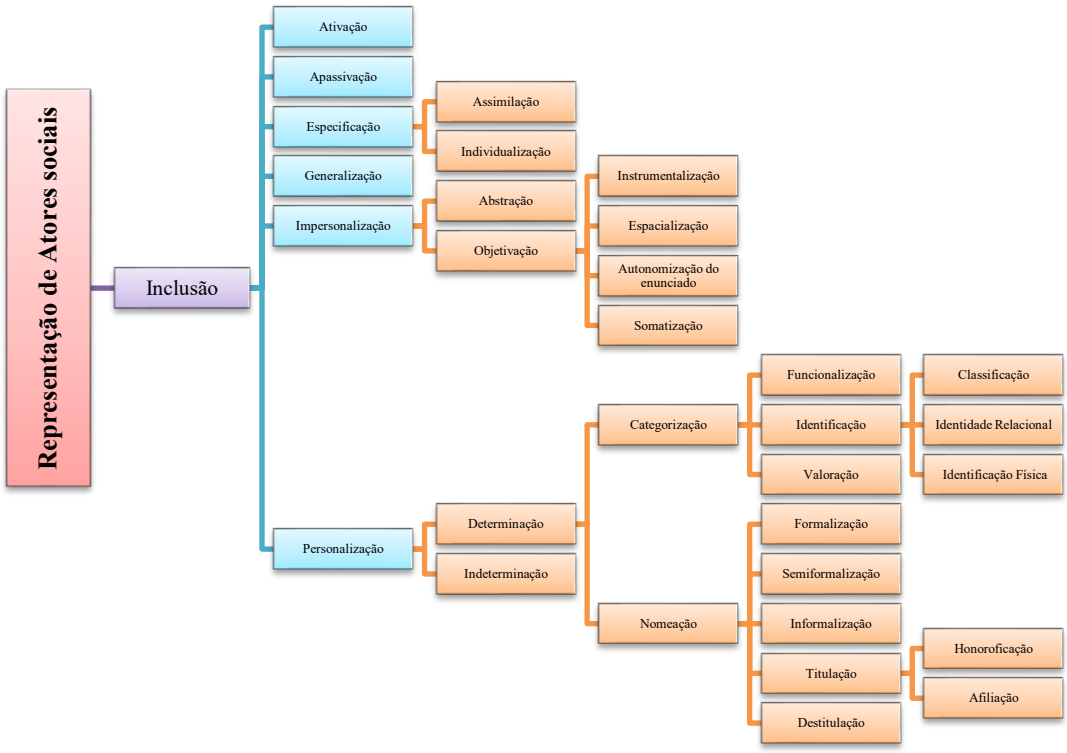
Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Figura 9, a seguir, ilustra, com base na rede de sistemas de van Leeuwen (2008), o código representação de atores sociais[23], criado a partir da articulação da teoria de representação de atores sociais nesta pesquisa. Vinculados a esse código, criamos o subcódigo inclusão, com os seguintes subcódigos: ativação e passivação; personalização e impersonalização e

[22] Na subseção 4.2.3 realizamos uma discussão teórica acerca da categoria avaliação.
[23] Na subseção 4.4 realizamos uma discussão teórica acerca da rede de sistemas de van Leeuwen.

especificação e generalização. É importante destacar que este código foi direcionado, exclusivamente, aos textos jornalísticos, para a compreensão de como são construídas as representações das mulheres esportistas brasileiras como atores sociais nas produções do sítio Dibradoras, já que o nosso intuito era verificar as formas de representação de atores sociais construídas nos textos.

Figura 9 - O código representação de atores sociais e seus subcódigos[24]



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Os códigos referentes às macrotemáticas foram inseridos ao longo das leituras de cada arquivo. As macrotemáticas agrupam os trechos de acordo com os assuntos abordados. No Quadro 10, a seguir, apresentamos as macrotemáticas referentes às entrevistas e ao grupo focal. É pertinente destacar que realizamos marcações para o referido código no material referente aos textos jornalísticos, porém devido ao robusto volume de dados gerados pelas marcações dos demais códigos (avaliação, interdiscursividade, intertextualidade e representação de atores sociais), optamos por não o selecionar para a análise. Por esta razão, o quadro, a seguir, apresenta somente as macrotemáticas referentes ao material proveniente das entrevistas e do grupo focal.

[24] É importante destacar que a figura apenas ilustra as categorias da Rede de Sistemas de van Leeuwen analisadas nesta tese. A Rede de Sistemas, conforme abordado pelo pesquisador, é apresentada na página 153.

Quadro 10 - O código macrotemáticas e seus subcódigos

ENTREVISTAS	GRUPO FOCAL
• Contexto Cultural • Dibradoras • Jornalismo Esportivo ✓ Experiências profissionais ✓ Invisibilidade feminina ✓ Jornalismo esportivo feminista ✓ Mídia tradicional ✓ Questões Racial e Social • Produção Jornalística • Relação com o esporte	• Contexto Cultural • Curso de Jornalismo • Dibradoras • Mídia tradicional • Mulher na sociedade • Mulher X Homem • Prática Jornalística • Relação com o esporte • Representação da mulher esportista atrelada à/ao: ✓ Fragilidade ✓ Homem/Masculinidade ✓ Luta/Superação ✓ Objeto/Sexualização ✓ Profissão

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com os códigos e subcódigos inseridos na aba Codificação, passamos para as marcações do material no programa. É importante ressaltar que os códigos e subcódigos foram inseridos ao longo das releituras do material. Para a codificação, primeiramente, abríamos o arquivo, na sequência, selecionávamos o trecho a ser codificado e o vinculávamos ao código e ao subcódigo adequado. As marcações aconteceram de forma individual, ou seja, cada arquivo foi codificado separadamente, sendo que um mesmo trecho poderia apresentar diversas codificações.

Na Figura 10, a seguir, ilustramos o processo de marcação dos códigos em um dos textos jornalísticos de nosso *corpus*.

Figura 10 - Processo de codificação de dados no NVivo



Fonte: Captura da tela de um texto jornalístico em processo de codificação no NVivo.

Com base na Figura 10, podemos observar que as partes codificadas no programa estão destacadas na cor amarela. Do lado direito da tela, temos um recurso do *software* para a visualização das marcações, a Faixa de Codificação. Ao clicarmos na barra colorida, abaixo do código, o programa apresenta o trecho relacionado àquele código.

Finalizadas as marcações nos *corpora*, exploramos os recursos do *software* tais como tabelas, gráficos, nuvens de palavras e cruzamentos. A geração de dados guiou o nosso olhar em relação ao caminho a ser trilhado na análise discursiva, a qual foi construída separadamente de acordo com cada material codificado e gerado.

A análise foi organizada conforme as etapas do processo de coleta e geração de dados. Primeiro, analisamos os textos jornalísticos do site Dibradoras. Em seguida, analisamos as entrevistas com as produtoras de conteúdo do site. Depois, debruçamo-nos sobre a análise dos encontros do grupo focal com as estudantes de Jornalismo da UFU. Por fim, realizamos a triangulação das análises.

A construção da análise a partir dos dados gerados na codificação dos textos jornalísticos[25] do sítio Dibradoras foi organizada de acordo com as categorias analisadas. Assim, discorremos, separadamente, sobre as categorias avaliação, interdiscursividade, intertextualidade e representação de atores sociais.

Na sequência passamos a organização dos dados gerados referente às entrevistas[26] e ao grupo focal[27]. A princípio, pensávamos em abordar as mesmas categorias elencadas nos textos jornalísticos. No entanto, a partir das codificações realizadas no *software* percebemos que seria mais pertinente para a nossa pesquisa uma análise a partir do cruzamento dos códigos avaliação e macrotemáticas. Desse modo, a análise discursiva foi construída a partir dos resultados gerados com o cruzamento dos códigos avaliação e macrotemáticas dos materiais provenientes das entrevistas e do grupo focal.

Após a construção de cada análise, realizamos uma triangulação[28] entre os principais resultados de cada uma das três etapas. Mas antes de adentrarmos nas análises dos nossos *corpora*, discorremos, nas seções seguintes, sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo, com foco na mulher atleta; na mulher jornalista e na mulher leitora; além de destacarmos os pressupostos da ADC e da LSF pertinentes para a condução de nossa pesquisa.

[25]A análise referente aos textos jornalísticos encontra-se na subseção 5.1.
[26] A análise referente às entrevistas encontra-se na subseção 5.2.
[27] A análise referente ao grupo focal encontra-se na subseção 5.3.
[28] A triangulação da análise encontra-se na subseção 5.4.

3 O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: a constante luta feminina por espaços no ambiente esportivo

Nesta seção dedicamo-nos ao estudo sobre a relação entre o jornalismo esportivo e a mulher. Apresentamos um breve histórico do jornalismo esportivo, desde a sua inserção no Brasil até os tempos atuais, em que as mídias digitais influenciam o rumo das notícias e destacamos a presença da mulher neste ambiente que, ao longo do tempo, foi marcado pelo predomínio masculino.

Para Coelho (2003, p. 122), a cobertura de esportes está sujeita a intempéries, já que "o profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar comentarista ou repórter esportivo como mero 'palpiteiro'". Somando a este cenário, o esporte, por muito tempo, foi associado à figura masculina, seja na prática, na cobertura jornalística ou no público-alvo, sendo a mulher afastada deste cenário.

A seção divide-se em dois tópicos, a saber, 3.1 Das páginas de jornais ao sítio Dibradoras: a gênese do jornalismo esportivo e 3.2 A esportista, a jornalista e a leitora: as diversas facetas das mulheres no ambiente esportivo.

3.1 Das páginas de jornais ao sítio Dibradoras: a gênese do jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo consiste em uma área especializada do jornalismo destinada a divulgar assuntos relacionados ao esporte. No Brasil, existem divergências em relação ao marco inicial desse tipo de jornalismo especializado. Para o jornalista Juarez Bahia (1990, p.152 *apud* Bezerra, 2008, p.35), o jornalismo esportivo iniciou em meados do século XIX, em 1856, quando o jornal O Atleta publicou reportagens sobre atividades físicas para os moradores do Rio de Janeiro. Entretanto, para o referido profissional, foi apenas na década de 1920 que os grandes jornais começaram a dedicar páginas aos eventos esportivos.

Por outro lado, Camargo (2006) defende que as primeiras notícias esportivas foram divulgadas no Jornal do Comércio de São Paulo, na edição de 17 de outubro de 1901, quando a mídia impressa, mais especificamente o jornal, começou a divulgar as informações do futebol.

> Eram poucos os que tinham acesso às informações. O custo dos jornais era elevado e a população tinha dificuldades para compreender a mensagem que traziam, por falta de instrução ou porque os termos esportivos na época faziam referência às línguas estrangeiras, mais especificamente à língua inglesa,

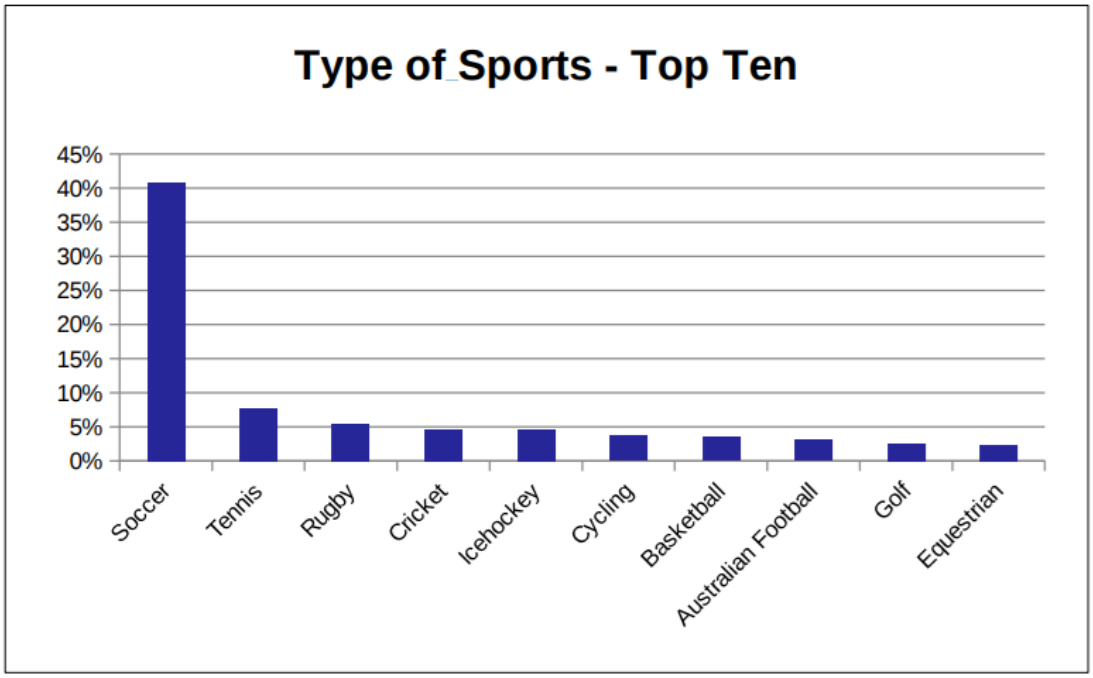
> como *corner* ou *penalty*, tão usuais. O futebol era praticado somente pela elite da sociedade que tinha acesso à prática esportiva nos clubes ou escolas (Camargo, 2006, s.p).

Conforme destaca Camargo (2006), a mídia esportiva teria registro de início no século XX, fato que aconteceu devido ao início da prática do futebol no Brasil pela elite. Assim, estudar o jornalismo especializado em esportes pode ser sinônimo de reviver o surgimento e a popularização da atividade trazida pelo inglês Charles Miller, o *football*. Foi no ano de 1894, quando a primeira bola, do até então desconhecido esporte, chegou ao Brasil.

Para Bezerra (2008, p.11), "podemos constatar isso através dos próprios meios de comunicação, já que o esporte tem ocupado, mundialmente, uma posição de destaque com enormes espaços destinados a este segmento principalmente com o futebol". Hoje, somos considerados o país do futebol e, passados mais de 100 anos desde a chegada da primeira bola, as notícias sobre este esporte possuem, a cada dia, mais espaço nos veículos midiáticos brasileiros e internacionais.

Os pesquisadores Thomas Horky e Jörg-Uwe Nieland (2013), a partir de uma pesquisa realizada em 2011, constataram o predomínio do futebol nas páginas esportivas, conforme ilustra o Gráfico 7, a seguir,

Gráfico 7 - Os dez esportes[29] mais abordados nas notícias esportivas



Fonte: Reprodução de Horky e Nieland (2013, p. 11).

[29] Tradução nossa para: *Type of Sports - Top 10* (Tipos de esportes - Top 10); *Soccer* (futebol); *Tennis* (tênis); *Rugby* (Rúgbi); *Cricket* (críquete); *Icehockey* (Hóquei no gelo); *Cycling* (Ciclismo); *Basketball* (basquete); *Australian Football* (futebol australiano); *Golf* (golfe) e *Equestrian* (hipismo).

O Gráfico 7 ilustra que mais de 40% das notícias analisadas tiveram o futebol como assunto principal. Em nossa pesquisa com as produções do sítio Dibradoras, o resultado também constatou o predomínio da referida modalidade, conforme apresentamos na seção 5.

No entanto, no início do século XX, os espaços para as atividades esportivas ainda eram poucos. O primeiro jornal diário de esporte brasileiro, Jornal dos Sports, foi publicado pela primeira vez em 13 de maio de 1931, sua última edição foi em 2007, mas somente foi somente "a partir da segunda Metade dos anos 60 [1960], com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, [que] o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão" (Coelho, 2003, p. 10).

O jornalismo esportivo desenvolveu-se juntamente com a popularização do futebol no país. E um dos fatos que marcou a impulsão desse esporte no Brasil foi as atuações dos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, que trouxeram aos relatos jornalísticos a paixão pelo esporte. Assim, as páginas de jornais e revistas passaram a tratar de assuntos relacionados ao futebol com o intuito de envolver o(a) leitor(a). Foi exatamente nesta época que

> crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas de jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam [...]. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (Coelho, 2003, p. 17).

O jornalismo esportivo no Brasil iniciou-se no final do século XIX e início do XX. Neste período os veículos de destaque eram os meios impressos. Na sequência, foi a vez do rádio se render à transmissão das atividades esportivas. Segundo Camargo (2005, p. 9), "[...] o rádio desempenha uma função ímpar, ao ampliar o imaginário do ouvinte. É também a mídia que informa com mais rapidez".

Pelas ondas radiofônicas, era possível levar ao ouvinte a transmissão de um lance que poderia estar acontecendo do outro lado do planeta; "anteriormente, o rádio limitava-se à repetição das notícias dos jornais ou à transmissão de informação sobre os jogos após a sua realização" (Soares, 1994, p. 17). A primeira transmissão de futebol foi realizada em 1931, pelo locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, um jogo amistoso entre as seleções do estado de São Paulo e do Paraná, disputado no dia 19 de julho, data[30] que,

[30] A data foi escolhida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1976, em homenagem ao time mais antigo do país em atividade, o Sport Club Rio Grande, do Rio Grande do Sul, fundado no dia 19 de julho de 1900 (19 de julho, s.d, s.p.).

posteriormente, se transformaria no dia nacional do futebol. “Foi justamente em 1950, [...] que o rádio atingiu o ápice, já que, naquele ano, a Copa do Mundo foi realizada no Brasil. A derrota da Seleção Brasileira na época, por 2 a 1, na final contra o Uruguai, disputada no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, ecoou por todo o país, via ondas do rádio” (Savenhago, 2011, p.25).

Os anos de 1950 também foram marcados pela chegada da televisão no país. Muitos acreditavam que seria o fim do rádio, fato que não se concretizou. Mas, é certo que presenciamos uma transformação na comunicação, em que a imagem passou a ganhar destaque. De acordo com Gonçalves e Camargo (2005), a primeira reportagem filmada para a televisão ocorreu em 1950, no jogo entre Portuguesa de Desportos e São Paulo, representando um marco para as transmissões esportivas na televisão brasileira.

A primeira transmissão televisiva intermunicipal de uma partida de futebol aconteceu em 18 de dezembro de 1955, pela TV Tupi de São Paulo, com o jogo entre Santos e Palmeiras (Ribeiro, 2007). Em 1970, com um forte investimento do governo militar de Emílio Garrastazu Médici, tivemos a transmissão a cores e ao vivo, via satélite, da Copa do Mundo Masculina de 1970, no México (Gonçalves; Camargo, 2005), Nesta competição, a Seleção Brasileira de Futebol Masculina conquistou o tricampeonato.

Os anos foram passando e novas tecnologias foram surgindo e influenciando a maneira de fazer jornalismo. No Brasil, a internet começou a ter espaço em meados da segunda Metade dos anos 1990 e trouxe uma revolução nos meios jornalísticos. Em relação ao jornalismo esportivo, o marco inicial foi o lançamento, em 1997, do sítio especializado em futebol, Lancenet, que hoje corresponde ao sítio Lance!. Porém, foi apenas no início dos anos 2000 que o jornalismo esportivo digital começou a ganhar espaço. Coelho (2003) explica que, nessa época, grandes nomes do rádio e da televisão migraram para o webjornalismo esportivo. E, é neste contexto que se encontra o veículo de comunicação do nosso estudo.

O sítio Dibradoras nasceu da união de cinco mulheres que se encontraram em um grupo do Facebook, chamado 4-4-2 (sistema tático do futebol). A publicitária Angélica Souza, a designer Nayara Perone e as jornalistas Julia Vergueiro, Renata Mendonça e Roberta Nina perceberam que as mulheres eram a minoria no grupo e que as modalidades femininas raramente eram pautas das discussões. Então, em 2015, as garotas decidiram se unir, nascendo assim o Dibradoras, como explica Angélica Souza (2023):

> Foi meio que o encontro de meninas que estavam num grupo de homens que se falava muito de futebol, principalmente. E a gente começou a se conectar ali, porque a gente viu que a gente tinha pautas semelhantes ou a gente entrava

> em discussões semelhantes. Ou a gente não era ouvida ou quando a gente era ouvida sempre vinha algum tipo de resposta que tinha um cunho machista, um cunho misógino. E foi assim que a gente foi se juntando (Souza [entrevista concedida à] pesquisadora, 05 dez. 2023).

O nome Dibradoras nasceu de uma referência ao termo "drible". No entanto, as fundadoras fizeram referência à expressão mais presente no dia a dia, ou seja, a variação linguística "dibre". Sobre a escolha, Souza (2023) revive o momento,

> ah, o nome foi a Nayara que teve essa ideia. A gente, enfim, aquele processo louco de tentar criar um nome e tudo mais, e aí a gente lembrou, né? A Nayara fez essa analogia com o dibre, que é uma palavra errada, mas que se usa muito no Brasil, que é quase certa. E aí a gente pensou em Dibradoras e aí já pensando nesse conceito de que a gente era meio que fora do ninho, ali no ambiente do futebol, principalmente do futebol masculino. Então, a gente tem que dibrar muito para conseguir fazer as nossas coisas, para fazer nossa voz [ser] ouvida, a nossa opinião [ser] ouvida. Então, foi assim o processo, assim, foi meio que uma reunião entre a gente e esse foi o que agradou a todas (Souza [entrevista concedida à] pesquisadora, 05 dez. 2023).

E elas não estavam erradas, foi e ainda é preciso driblar diversas adversidades e a primeira delas foi exatamente por causa do nome escolhido. "O vocábulo foi motivo para que o público masculino descredibilizasse o blog[31] quando ele passou a integrar a blogosfera da UOL, em 2018" (Firmino, 2021, p. 144). Em resposta aos diversos questionamentos sobre o nome, as jornalistas produziram um vídeo com a participação do linguista, jornalista e professor Pasquale Cipro Netto, o professor Pasquale.

De uma forma bem-humorada, mas sem deixar a criticidade de lado, as jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina apresentam recortes de mensagens recebidas nas redes sociais e conversam com Pasquale sobre os questionamentos da escolha do nome do veículo de comunicação. Intitulado de "É drible ou ~dibre? Pasquale responde" (É drible, 2018), o vídeo tem como descrição o seguinte trecho: "A escolha do nome 'Dibradoras' não foi por acaso. Como todo bom amante do futebol, sabemos que na rua, na várzea, e até nos maiores campos de futebol do mundo, quem domina é o ~dibre [...]".

A palavra driblar vem da língua inglesa, *to dribble*, que significa gotejar, não se sabe de que maneira ela chegou ao Brasil e como foi relacionada ao futebol. Em relação à transformação do termo driblar na variação linguística dibre, Pasquale destaca que se trata de um movimento denominado de rotacismo - que é quando se coloca a letra R no lugar de qualquer outra letra,

[31] Neste trabalho usamos a forma blogue, mas por se tratar de uma citação direta, não alteramos a grafia da palavra.

neste caso a substituição é da consoante L. O professor explica que as duas formas são aceitas, e o uso de cada uma deve levar em consideração o ambiente em que for inserida.

O sítio tem como lema a frase “Lugar de mulher é no esporte”, conforme ilustra a Figura 11. O lema é uma analogia à frase popular “Lugar de mulher é na cozinha”, em que se passa a ideia de que as mulheres deveriam se dedicar apenas a atividades domésticas.

Figura 11 - Lema do sítio Dibradoras



Fonte: Sítio Dibradoras.

Em 2024, a equipe é composta pelas cofundadoras Angélica Souza, Renata Mendonça e Roberta Nina, conforme ilustra a Figura 12. A jornalista contratada Maíra Nunes e outras jornalistas que trabalham como *freelancer* também compõem o grupo, que é conhecido pelo termo “dibras”, como destaca a Figura 13.

Figura 12 - Fundadoras do Dibradoras



Da direita para a esquerda: a publicitária Angélica Souza e as jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina.
Fonte: Reprodução X Dibradoras (@dibradoras).

Figura 13 - Interação público e as dibras



Fonte: Reprodução X Dibradoras (@dibradoras).

O primeiro trabalho do grupo foi a cobertura remota da Copa do Mundo de Futebol Feminino, que aconteceu no Canadá, no ano de 2015. As profissionais produziram seis *podcasts*, em que abordavam a competição, sobre a qual quase ninguém falava, e apresentavam histórias de ex-jogadoras que fizeram parte da seleção brasileira feminina. O conteúdo foi disponibilizado na plataforma Central 3. Até o dia 15 de agosto de 2019, data da última publicação, foram produzidos 147 episódios do *podcast* Dibradoras.

Na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015, a Seleção Brasileira caiu nas oitavas de final para a Austrália, mas a competição representou uma grande mudança para as dibras, como explica a cofundadora Renata Mendonça (2023)

> Foi a partir do término da Copa do Mundo, que a gente, que vinha, o Pan-Americano era o próximo grande evento, logo em seguida, e aí a gente ficou se perguntando, "Pô!, o problema que as mulheres vivem no futebol é o mesmo problema que as mulheres vivem em qualquer área do esporte. Vamos ampliar a temática, vamos falar do Pan aqui, aí a gente vai falar sobre as diversas modalidades". Então, logo em seguida, a gente amplifica, porque a gente percebe que o problema que as mulheres vivem no futebol é o mesmo problema que elas vivem em qualquer área do esporte; o preconceito, ele tem a mesma raiz, e aí, por isso a gente amplia o discurso e a gente hoje fala de qualquer mulher protagonista na área do esporte. Então, às vezes é a treinadora, às vezes é a árbitra, às vezes a jornalista. Enfim, ela não precisa

> ser uma atleta de uma modalidade, ela pode ter uma função dentro de qualquer área do esporte. (Mendonça [entrevista concedida à] pesquisadora, 2023[32]).

Simultaneamente ao *podcast*, as profissionais desenvolviam conteúdo para o blogue Dibradoras, que inicialmente eram postagens independentes. Em 2018, o Dibradoras passou a integrar o catálogo de blogues do UOL Esporte. Já, em 2020, as responsáveis pela mídia criaram uma campanha no Catarse[33] para arrecadar fundos para que o blogue pudesse ser hospedado em uma plataforma própria. No ano de 2022, o Dibradoras transformou-se em um sítio sem a vinculação com outros portais esportivos, tendo assim o seu próprio endereço eletrônico.

Além do sítio, atualmente[34], o Dibradoras está presente no Instagram (137K seguidores), X (antigo Twitter) (66,8K seguidores), Facebook (33 mil curtidas) e YouTube (7,62 inscritos). E no período de 15 de setembro de 2019 a 15 de outubro de 2020 foram produzidos 42 episódios do *podcast* para a plataforma B9, que disponibilizava o conteúdo nos principais serviços de *streaming*. Lembrando de que, conforme apresentamos anteriormente, os episódios do *podcast* inicialmente eram divulgados pela plataforma Central 3.

A versão mais recente do sítio Dibradoras é composta por sete abas: Notícias, Futebol, Copa do Mundo, Seleção Brasileira, Campeonatos, Esportes Olímpicos e Entrevistas, conforme ilustra a Figura 14.

Figura 14 - Imagem da parte inicial superior do sítio Dibradoras[35]



Fonte: Sítio Dibradoras.

[32] Apesar das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) indicarem que devemos destacar a data de realização da entrevista, não cumprimos tal orientação, pois se a colocarmos identificamos a jornalista em nossa análise, ação não permitida pelo CEP.
[33] Endereço eletrônico da campanha no Catarse: https://www.catarse.me/dibradoras.
[34] As informações referentes ao número de seguidores foram checadas no dia 27 de novembro de 2024.
[35] A captura da imagem foi realizada em 27 de novembro de 2024.

O sítio Dibradoras tem como objeto alçar a mulher esportista aos holofotes da produção jornalística esportiva, como explica uma das cofundadoras, Roberta Nina (2023).

> Então, a gente quer trazer os feitos das mulheres, as conquistas, né? Então, a gente sempre valoriza alguma coisa que ela conquistou, algum feito que ela alcançou depois de muita luta, ou então a gente conta assim, sei lá, algum episódio marcante da vida dela, sempre dando enfoque, colocando ela como protagonista da própria história dela e não tratando ela como um rosto, como um corpo, e é isso que acontece muitas vezes, têm modalidades, né, que o povo gosta de fazer as musas aparecerem, geralmente são em esportes em que o corpo feminino tá em evidência, tipo vôlei de praia, a natação, o tênis, então, eles acabam dando esse enfoque, mas pra gente nunca foi isso (Nina [entrevista cedida à] pesquisadora, 2023[36]).

Os caminhos trilhados pelas dibras foram influenciados pelas lutas das mulheres por espaço no ambiente esporte. Ao traçar a origem do jornalismo esportivo, podemos perceber que a figura masculina prevaleceu na história. No entanto, isto não significa que a mulher não se fez presente. Por esta razão, na subseção 3.2, a seguir, apresentamos algumas das conquistas e os desafios que as mulheres vivenciaram e vivenciam, ao longo da história, seja como esportista, jornalista ou leitora.

3.2 A esportista, a jornalista e a leitora: as diversas facetas das mulheres no ambiente esportivo

A presença feminina no esporte ainda é cercada de muitos desafios e por muitos anos as atividades esportivas eram exclusivas à prática masculina. Na Antiga Grécia, berço dos jogos olímpicos, a presença da mulher era vetada com a alegação de que os caminhos, até os locais das competições, eram de difícil acesso, e as mulheres, por serem consideradas frágeis e delicadas, não resistiriam ao percurso; além de que punições, às mulheres que desobedeciam às regras, eram estabelecidas, como expõem Amato, Gonçalves e Silva (2017)

> a pena para as mulheres que fossem pegas assistindo aos Jogos Olímpicos era ser atirada do alto do Monte Tipeón, mas, no entanto, não há registro de que isso foi posto em prática. Os textos apresentam apenas uma violação sem punição, a de Kallipatira. Durante a realização das 94ª Olimpíadas, no ano de 404 a.C., ela vestiu-se como homem para ver o filho Pisirodos competir. Porém, foi descoberta em área proibida ao não conseguir se conter após o triunfo de seu filho durante a competição do pugilato. Presa, foi absolvida em

[36] Idem nota 32.

> consideração ao fato de ser, não apenas a mãe do atleta, mas também filha do campeão olímpico Diágoras (Amato; Gonçalves; Silva, 2017, p. 161).

A descoberta do disfarce de Kallipatira fez com que os treinadores fossem proibidos de usar túnicas durante as competições, evitando assim que outras mulheres pudessem acompanhar os jogos disfarçadas.

Durante o domínio da Grécia pelo imperador romano Teodósio, as práticas esportivas foram proibidas por serem consideradas pagãs, cabendo às mulheres a função de dançarinas e acrobatas para divertimento dos convidados (Romero, 2003). No período da Idade Média as mulheres podiam participar das mesmas atividades esportivas que os homens, mas este direito foi negado séculos depois. De acordo com Oliveira, Cherem e Tubino (2008),

> [...] no século XVII, houve uma profunda mudança, onde a mulher perde seus direitos, sendo subjugada pelo marido ou, quando solteira, pelo parente homem mais próximo. O que acabou por excluir a mulher das atividades esportivas. Somente no século XVIII e início do XIX a mulher começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas a assistir alguns eventos como, boxe, remo e corridas de cavalo (Oliveira; Cherem; Tubino, 2008, p.118).

A possibilidade da presença da mulher como competidora só veio a acontecer efetivamente nos jogos olímpicos modernos que retornaram no ano de 1896, na Grécia. Entretanto, o responsável pela competição, Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin, não concordava com a participação e vetou a presença delas na primeira edição dos jogos modernos, “por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno tão recheado de honras e conquistas” (Goellner, 2004, p.43).

Em protesto à exclusão das mulheres da primeira edição dos jogos modernos e após ter a inscrição negada para participar do atletismo, Stamata Revith, grega de aproximadamente 30 anos, mãe, pobre e moradora de Pirineus, fez o percurso da maratona de maneira extraoficial, no dia seguinte à competição masculina, percorrendo a última volta por fora do estádio, já que a entrada ao local foi negada a ela (Firmino; Ventura, 2017).

No ano de 1900, nos Jogos de Paris, França, devido à desorganização e à ausência de regras do COI sobre a participação feminina, as mulheres competiram no golfe e tênis, modalidades em que não havia contato físico e eram consideradas esteticamente bonitas e conDizente com a figura feminina. A participação aconteceu de forma simbólica, já que elas não receberam medalhas, sendo premiadas apenas com diplomas (Rubio; Simões, 1999).

Com o passar dos anos, as mulheres foram sendo inseridas, lentamente, em outras modalidades olímpicas, conforme detalhamos no Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 - Inserção da mulher nas modalidades olímpicas

ANO	CIDADE	PAÍS	MODALIDADES
1900	Paris	França	Golfe e Tênis
1904	Saint Louis	Estados Unidos	Tiro com arco
1908	Londres	Inglaterra	Tênis*
1912	Estocolmo	Suécia	Natação
1924	Paris	França	Esgrima
1928	Antuérpia	Bélgica	Atletismo; Ginástica Artística
1948	Londres	Inglaterra	Canoagem
1952	Helsinque	Finlândia	Hipismo
1964	Tóquio	Japão	Vôlei
1976	Montreal	Canadá	Remo, Basquete e Handebol
1980	Moscou	Rússia	Hóquei de Campo
1984	Los Angeles	Estados Unidos	Tiro e Ciclismo
1988	Seul	Coreia do Sul	Tênis de Mesa e Navegação
1992	Barcelona	Espanha	*Badminton* e Judô
1996	Atlanta	Estados Unidos	Futebol e *Softbol*
2000	Sydney	Austrália	Levantamento de Peso, Pentatlo, Taekwondo e Triatlo
2004	Atenas	Grécia	Luta livre
2012	Londres	Inglaterra	Boxe
2016	Rio	Brasil	Golfe* e rugby
2020 (2021)	Tóquio	Japão	Basquete 3x3; *Softbol**; Karatê; Skate; Escalada Esportiva; Surfe
2024	Paris	França	*Breaking*

Fonte: International Olympic Committee (2024, p. 3-4).
*Esportes reinseridos nos jogos olímpicos.

Apenas na edição de 2012, em Londres, Inglaterra, as mulheres puderam participar de todas as modalidades disputadas nos jogos, e a partir da edição do Rio de Janeiro, Brasil, 2016, a inserção de novas modalidades engloba os dois gêneros. Desse modo, percebemos que a inclusão das mulheres no cenário esportivo mundial vem acontecendo de forma gradual e lenta. Sobre parte desse processo, Firmino e Ventura (2017) explicam que

> em 1994, com a comemoração ao centenário dos Jogos Olímpicos Modernos, surgiram recomendações sobre novos modelos de participação esportiva, que incluía a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Em 1996, foi redigida a Carta Olímpica, com a função de aplicar o princípio da igualdade entre homens e mulheres através do fomento à promoção de mulheres no esporte em todos os níveis e estruturas; então, surge no COI o movimento *Women and Sport*, a fim de encorajar essa pauta, com o auxílio da Comissão das Mulheres no Esporte para assegurar que esse compromisso seja cumprido (Firmino; Ventura, 2017, p. 258).

Na edição de 2020, em Tóquio, o COI decretou duas mudanças em suas regras visando à promoção da equidade de gêneros. A primeira consiste em que as delegações participantes

dos jogos deveriam ser compostas por pelo menos uma atleta feminina e um atleta masculino. A segunda alteração refere-se às diretrizes do protocolo que passam a exigir que as delegações nomeiem uma mulher e um homem que, em conjunto, devem conduzir a bandeira do país na cerimônia de abertura.

Em 21 edições dos jogos olímpicos com a presença das mulheres brasileiras, somente em duas edições anteriores à decisão do Comitê a mulher foi escolhida para conduzir a bandeira na cerimônia de abertura. Em 2000, a jogadora de vôlei de praia Sandra Pires, e, em 2016, a atleta do pentatlo moderno, Yane Marques, conduziram a bandeira brasileira. A condução da bandeira por uma mulher paratleta, antes da mudança de regra do COI, aconteceu também em duas edições. Em Sydney, Austrália, 2000, com Ádria dos Santos, e na edição do Rio, 2016, com Shirlene Coelho, ambas do atletismo.

Em relação à delegação brasileira nos jogos olímpicos, conforme apresenta a Tabela 1, a seguir, a primeira participação foi em Antuérpia, Bélgica, 1920, sendo a delegação composta apenas por homens. A presença da mulher brasileira na competição só aconteceu no ano de 1932, quando a nadadora paulista Maria Emma Lenk, com apenas 17 anos, participou dos jogos de Los Angeles, Estados Unidos, tornando-se a primeira mulher brasileira e também a primeira sul-americana a participar do torneio (Loffredo, 2004).

Tabela 1 - Participação brasileira nos Jogos Olímpicos

ANO	CIDADE	PAÍS	Nº DE MULHERES	%	Nº DE HOMENS	%	TOTAL
1920	Antuérpia	Bélgica	-	-	21	100	21
1924	Paris	França	-	-	12	100	12
1928	Amsterdã	Países Baixos	-	-	-	-	-
1932	Los Angeles	Estados Unidos	01	1,51	65	98,48	66
1936	Berlim	Alemanha	06	6,38	88	93,61	94
1948	Londres	Inglaterra	11	13,58	70	86,41	81
1952	Helsinque	Finlândia	05	4,62	103	95,37	108
1956	Melbourne	Austrália	01	2,08	47	97,91	48
1960	Roma	Itália	01	1,23	80	98,76	81
1964	Tóquio	Japão	01	1,47	67	98,52	68
1968	Cidade do México	México	03	3,57	81	96,42	84
1972	Munique	Alemanha	03	3,37	84	94,38	89
1976	Montreal	Canadá	07	7,52	86	92,47	93
1980	Moscou	Rússia	15	13,76	94	86,23	109
1984	Los Angeles	Estados Unidos	22	14,56	129	85,43	151
1988	Seul	Coreia do Sul	35	20,58	135	79,41	170
1992	Barcelona	Espanha	51	25,88	146	74,11	197
1996	Atlanta	Estados Unidos	66	29,33	159	70,66	225

2000	Sydney	Austrália	94	45,85	111	54,14	205
2004	Atenas	Grécia	122	49,39	125	50,60	247
2008	Pequim	China	133	48,01	144	51,98	277
2012	Londres	Inglaterra	123	47,49	136	52,50	259
2016	Rio	Brasil	209	44,94	256	55,05	465
2020 (2021)	Tóquio	Japão	141	46,53	162	53,46	303
2024	Paris	França	154	55,55	123	44,45	277

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados do Comitê Olímpico do Brasil (COB) (Participações, 2024, s.p).

A Tabela 1 apresenta o número de participantes brasileiros, mulheres e homens, em cada competição dos jogos olímpicos modernos. Os dados revelam que, desde a primeira edição dos jogos modernos com a participação feminina, 1932, até a de 2020 (edição analisada nesta tese), a presença masculina foi superior à feminina. Apenas, em 2024, pela primeira vez na história, a delegação brasileira foi composta em sua maioria por mulheres, as quais foram as responsáveis por 60% das medalhas conquistadas (12 medalhas no total de 19).

As primeiras mulheres brasileiras medalhistas surgiram apenas em 1996, em Atlanta, Estados Unidos, 100 anos após a realização da primeira edição dos jogos na era moderna e 64 anos após a participação da primeira mulher brasileira. As duplas de vôlei de praia, Jacqueline Silva e Sandra Pires e Adriana Samuel e Mônica Rodrigues, conquistaram ouro e prata respectivamente; enquanto as seleções de basquete e a de vôlei de quadra ficaram com a prata e o bronze, respectivamente, em suas modalidades.

Em relação aos jogos paralímpicos, o Brasil fez sua estreia em 1972, em Heidelberg, Alemanha, com a participação de vinte homens, conforme apresentado na Tabela 2, a seguir. As mulheres só integraram a delegação brasileira paralímpica na edição seguinte, 1976, em Toronto, Canadá. As paratletas Beatriz Siqueira, que competiu na natação e no *lawn bowls* (um tipo de bocha sobre grama), e Maria Alvares, no tênis de mesa e no atletismo, foram as primeiras representantes brasileiras nos jogos paralímpicos (Fernandes, 2016, s.p).

Tabela 2 - Participação brasileira nos Jogos Paralímpicos

ANO	CIDADE	PAÍS	Nº DE MULHERES	%	Nº DE HOMENS	%	TOTAL
1972	Heidelberg	Alemanha	-	-	20	100	20
1976	Toronto	Canadá	02	6,06	31	93,93	33
1980	Arnhem	Países Baixos	-	-	14	100	14
1984	Nova York/ Stoke Mandeville	Estados Unidos/ Inglaterra	06	20,68	23	79,31	29

1988[37]	Seul	Coreia do Sul	11	17,74	50	80,64	62
1992	Barcelona	Espanha	10	23,25	33	76,74	43
1996	Atlanta	Estados Unidos	19	31,66	41	68,33	60
2000	Sydney	Austrália	11	17,18	53	82,81	64
2004	Atenas	Grécia	22	22,44	76	77,55	98
2008	Pequim	China	55	29,25	135	71,80	188
2012	Londres	Inglaterra	69	37,91	113	62,08	182
2016	Rio	Brasil	102	35,66	184	64,33	286
2020 (2021)	Tóquio	Japão	96	36,92	164	63,07	260
2024	Paris	França	117	45,88	138	54,11	255

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados do Comitê Paralímpico do Brasil (CPB) (Resultados, 2024, s.p).

A Tabela 2 ilustra que nos jogos paralímpicos a presença dos homens também é superior à presença das mulheres. Os dados revelam que, das 13 edições, apenas na última, a presença feminina superou a barreira dos 40% de participação. Em Tóquio, o destaque feminino ficou por conta da nadadora pernambucana Carol Santiago, da classe S12 (para atletas com deficiência visual), que conquistou cinco medalhas, quatro individuais (três de ouro e uma de bronze) e uma prata no revezamento 4x100m até 49 pontos. A nadadora viria a ser tornar, na edição seguinte, Paris 2024, a maior medalhista de ouro do Brasil na história dos jogos paralímpicos. A paratleta conquistou cinco pódios, sendo três medalhas de ouro, nos 50m livre, 100m livre e 100m costas; e duas de prata, nos 100m SB12 e no revezamento 4x100m livre até 49 pontos.

As primeiras medalhas paralímpicas conquistadas pelas mulheres do Brasil vieram nos jogos disputados em duas cidades-sede: Nova York, Estados Unidos, e Stoke Mandeville, Inglaterra, em 1984. Nesta edição, as mulheres trouxeram mais medalhas que os homens, das 28 do nosso país, 19 foram conquistadas por elas. A delegação brasileira era composta por apenas seis mulheres, das quais cinco voltaram com medalhas na bagagem. No atletismo, Amintas Piedade conquistou dois ouros e duas pratas; Anelise Hermany trouxe duas pratas e um bronze; Márcia Malsar conseguiu um ouro, uma prata e um bronze e Miracema Ferraz ganhou um ouro e cinco pratas. Já na natação, Maria Jussara Santos faturou um ouro e duas pratas (Relembre, 2024).

A mulher, em sua busca por espaços no ambiente esportivo, enfrentou e enfrenta diversas lutas. A história revela que, tanto nos jogos olímpicos quanto nos paralímpicos, a

[37] A partir do ano de 1988, os Jogos Paralímpicos passaram a ser disputados na mesma cidade-sede dos Jogos Olímpicos, um acordo entre o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) e o COI (Jogos, s.d, s.p.).

participação da mulher aconteceu posterior à masculina, além do número de participantes mulheres ser inferior ao comparado com os homens.

No Brasil, houve um decreto que proibiu a prática de algumas modalidades pelas mulheres. O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, sancionado pelo então presidente Getúlio Vargas, proibia as mulheres à prática de esportes que eram considerados socialmente masculinos. O texto destacava que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportistas do país" (Brasil, 1941).

O decreto-lei não nomeava as modalidades proibidas, mas, após 21 anos, em 1965, durante o regime militar, o Conselho Nacional de Desportos (CND) nomeou os esportes proibidos. "Lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático *(sic)*, rugby, halterofilismo e beisebol" (Conselho, 1965) foram vetados à prática feminina.

A proibição em 1941 foi um reflexo do que as mulheres viviam na época. Na Figura 15, a seguir, reproduzimos uma manchete publicada em 15 de janeiro de 1941 pelo jornal O Imparcial, três meses antes da assinatura do decreto-lei.

Figura 15 - Recorte do jornal O Imparcial



Fonte: Publicação na rede social X do Museu do Futebol (@museudofutebol).

A figura acima ilustra a resistência que as mulheres enfrentaram na década de 1940. O jornal enfatizava a incompatibilidade entre as mulheres e o futebol. Para justificar o

posicionamento, o veículo de comunicação apresentou declarações do representante do Ministério da Educação, Iguesil Marinho. O futebol foi uma das modalidades mais afetadas pela proibição, que vigorou até o ano de 1979.

E não foi apenas dentro das quatro linhas, das pistas, das piscinas, seja qual for o espaço de competição, que a mulher encontrou ou encontra resistência. A prática do jornalismo esportivo por elas também é calcada em desafios. O sítio Dibradoras, veículo de comunicação analisado nesta pesquisa e conduzido somente por mulheres, representa uma resistência ao modelo de jornalismo praticado em nossa sociedade, o qual prioriza a presença masculina.

De acordo com os registros da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista no Brasil foi a carioca Narcisa Amália de Campos. Em 1884, a jornalista fundou o jornal quinzenal Gazetinha, que tinha como subtítulo "folha dedicada ao belo sexo", onde publicou "artigos em defesa de ideias republicanos, democratas, abolicionistas e feministas, temas que também configuram em sua poesia" (Teixeira; DeLuca, 2020, s.p.).

Ao longo dos anos, a presença masculina prevaleceu nas redações jornalísticas e às mulheres cabiam os "suplementos femininos e em setores do jornalismo considerados pela opinião masculina dominante como de pouco prestígio ou de menor importância" (Koshiyama, 2001, p. 4).

Passados mais de cem anos da inserção oficial da primeira mulher no cenário jornalístico, atualmente a mulher representa a maior parte no mercado de trabalho. Os dados do estudo "Perfil do Jornalista Brasileiro 2021[38]" revelam que as redações jornalísticas do nosso país são compostas, predominantemente, por mulheres (58%), cor branca (68,4%), solteiros(as) (49,4%) e com até 40 anos (30,3) (Lima *et. al*., 2022).

A primeira mulher a atuar profissionalmente como jornalista esportiva no Brasil foi Maria Helena Rangel. Formada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) e atleta de arremesso de peso. No ano de 1947, quando cursava Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, Maria foi convidada a escrever sobre esportes no recém-lançado jornal Gazeta Esportiva. "Em apenas cinco anos de carreira - o registro profissional vai de 1º de janeiro de 1948 a 30 de setembro de 1953 -, a jornalista publicou centenas de matérias, cobriu campeonatos e viajou para vários países" (Prizibisczk, 2007, s.p.)

[38] A pesquisa é uma construção coletiva liderada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (Lastro/UFSC) e articulada nacionalmente pela Rede de Estudos sobre Trabalho e Profissão (RETIJ), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Outra mulher pioneira consiste na jornalista fotográfica carioca Mary Zilda Grassia Sereno, que atuou na imprensa brasileira entre os anos 1940 e 1970 e tinha como paixão a fotografia no futebol. “Entre outros feitos, foi a única fotógrafa escalada para cobrir a Copa do Mundo de 1950. Ao entrar em campo, no Maracanã, acabou sendo estrondosamente vaiada pelo fato de ser mulher” (Costa, 2021; *apud* Orlandi, 2021, s.p).

Até o início dos anos 1970, era rara a presença delas na seção esportiva, mas foi nesta década, que a Rádio Mulher, em 1972, distanciando-se do tradicional jornalismo esportivo praticado na época, montou uma equipe esportiva somente com mulheres, conforme ilustra a Figura 16, a seguir.

Figura 16 - Integrantes da equipe feminina da Rádio Mulher



Zuleide Ranieri Dias, a Zuzu, cumprimentando o árbitro Oscar Scolfaro



Germana Garilli, a Gegê, entrevistando o goleiro santista Claudio Cesar no Pacaembu



Claudete Troiano entrevistando Pelé

Fonte: Acervo Digital do Museu do Futebol.

No dia 5 de junho de 1972, ocorreu a primeira narração esportiva feita pela equipe feminina. Zuleide Ranieri narrou o amistoso entre Palmeiras e Portuguesa de Desportos, no antigo Palestra Itália, em São Paulo. Ribeiro (2007) relata que

> só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos - que também era juíza -; na reportagem, Germana Garilli, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida (Ribeiro, 2007, p. 221).

Apesar do preconceito masculino, tanto por parte dos jornalistas quanto dos atletas, a equipe permaneceu no ar por cinco anos. Segundo Ribeiro (2007, p. 221), "o que levou Roberto Montoro [dono da emissora] a desistir do projeto não foi o preconceito, mas os baixos índices de audiência". E, somente 20 anos depois, que uma mulher voltaria a integrar uma equipe de rádio esportivo como repórter e comentarista da Rádio Gazeta, Regiane Ritter, que também se tornou a primeira mulher a ocupar a função de repórter de campo no Brasil e a participar da cobertura esportiva da Copa do Mundo Masculina de 1994, nos Estados Unidos. Em uma entrevista, a profissional aborda o seu pioneirismo.

> Se a mulher pode ser presidente da República, pode ser Primeira Ministra, ser a mulher mais influente na economia da Europa como é a Angela Merkel, da Alemanha, por que não pode ter mulher no jornalismo esportivo? Quando eu comecei, era um negócio feio. Era o mundo do Bolinha e a Luluzinha não entra, menina não entra. Aí eu falei: quem disse que não entra, eu vou entrar". Vim da roça, sou xucra, e juro que não pensei que a repercussão seria tão grande. É muito bom, é gratificante. Não é a fama, é a importância de ter feito o que fiz profissionalmente (Ritter [entrevista concedida a] Rozemberg, s.d., documento eletrônico).

No meio televisivo, a presença feminina se deu a partir da década de 1980. Dantas (2015), ao retomar o histórico da participação das mulheres na mídia esportiva brasileira, destaca a presença das jornalistas Isabela Scalabrini e Monika Leitão, como as primeiras mulheres a participarem da cobertura esportiva da Rede Globo. Em 1991, a jornalista Mylena Ciribelli tornou-se a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na Rede Globo, o dominical Esporte Espetacular. Mas, somente em 1998, com a jornalista Glenda Kozlowski, uma atração esportiva diária passou a ser comandada por uma mulher. A jornalista Renata Fan, em 2007, ao assumir a apresentação do Jogo Aberto, na Band (Rede Bandeirantes), tornou-se a primeira mulher a comandar um programa esportivo no estilo "mesa-redonda", em que o foco é a opinião (Dantas, 2015).

Coelho (2003) também destaca a presença da jornalista Isabel Tanese, que ficou à frente do caderno de esportes do jornal impresso Estado de São Paulo, entre 1998 e 2001. Já entre os anos 2000 e 2010, Kitty Balieiro exerceu a chefia da redação do canal esportivo ESPN Brasil; enquanto Sonia Francine, a Soninha, se destacou na função de comentarista pelo mesmo canal, entre 1999 e 2004.

De acordo com o referido autor, as redações de esporte, até o ano de 2003 (data de publicação do seu livro), tinham em torno de 10% de mulheres. Mais recentemente, uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com os três maiores jornais impressos do país: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, destacou que no jornalismo esportivo está a maior disparidade de gênero, sendo apenas 17% dos textos de autoria feminina. "A dominância masculina exacerbada nos esportes provavelmente se deve ao futebol que é ainda um esporte muito masculino, na prática e na crítica, a despeito do progresso que o futebol feminino fez nos últimos anos em nosso país" (Portela *et. al*., 2023, p. 14).

Coelho (2003, p.35) também destaca que no jornalismo esportivo as mulheres são direcionadas para a cobertura de esportes olímpicos. "É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento".

Além do preconceito, soma-se a questão do assédio moral e sexual enfrentados pelas jornalistas. Em 2018, a *hashtag* "#DeixaElaTrabalhar ganhou o cenário nacional. O movimento nasceu de uma iniciativa de 52 repórteres esportivas do Brasil, no dia 25 de março de 2018, após dois episódios de machismo e assédio durante coberturas esportivas acontecidos naquele mesmo mês, sobre os quais Rossi (2018) relata

> em uma cobertura ao vivo de uma partida de futebol, a repórter Bruna Dealtry, do canal Esporte Interativo, foi beijada, à força, por um torcedor. O episódio ocorreu no Rio de Janeiro, no último dia 14, durante a partida entre o Vasco e Universidad do Chile, pela Libertadores. Constrangida, a repórter disse que a atitude "não foi legal", mas continuou a transmissão. Três dias antes, em Porto Alegre, um torcedor do Inter insultou e agrediu, fisicamente, a repórter Renata Medeiros, da Rádio Gaúcha, que cobria a partida entre Grêmio e Inter. "Sai daqui, sua puta", disse o torcedor à jornalista (Rossi, 2018, s.p.).

O objetivo do movimento consistia em denunciar o assédio moral e sexual no ambiente esportivo sofrido pelas mulheres jornalistas. A ação rapidamente teve o apoio de diversas entidades esportivas como os clubes de futebol Atlético Mineiro, Atlético Goianiense, Bahia, Botafogo, Chapecoense, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Paysandu, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport e Vitória, além da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e da Liga Nacional de Basquete (LNB), que organiza o Novo Basquete Brasil (NBB) (#DeixaElaTrabalhar, 2018, s.p.).

Em 2021, a Abraji passou a monitorar os casos de ataques contra as mulheres jornalistas, com a criação do sítio violenciagenerojornalismo.org.br. Em 2023, os dados revelaram que

40,8% dos casos eram ataques de gênero, com destaque para os ataques à reputação e à moral, usando a aparência, a sexualidade ou traços sexistas de personalidade para agredir a mulher.

Ao longo dos anos, a inserção da mulher no ambiente esportivo foi marcada por descrédito e submetida a ideais machistas de que mulher não gosta ou não entende de esporte. Para exemplificar tal cenário, destacamos a reportagem televisiva do Globo Esporte São Paulo, intitulada "Pelado FC: 250 meninas se organizam para jogar ao futebol" (Pelado FC, 2015).

A reportagem, que tinha como objetivo apresentar o projeto Pelado Real[39], um grupo só de mulheres para a prática do futebol, inicia com a seguinte frase proferida pelo jornalista Renato Peters: "Telespectador do GE, chega de homens suados. Essa reportagem está bem mais agradável para os nossos olhos". A abertura veio logo após a chamada do âncora, o jornalista Ivan Moré, "Como hoje é sexta-feira, vamos descontrair como uma matéria bacana? Com mulheres bonitas e muita música no Globo Esporte".

Tanto na chamada quanto na abertura da reportagem, temos a representação de que só homens (héteros) assistem ao Globo Esporte; não cabendo às mulheres gostar de futebol ou se interessar pela prática esportiva. Na prática, o intuito da matéria não foi de apresentar um lugar em que a mulher pudesse praticar o esporte ou representar a mulher como protagonista, como alguém com direito a aprender a jogar futebol e valorizar tal conquista, mas, sim, de representar a mulher como objeto de desejo, um "colírio" para os "marmanjos", distanciando assim a mulher como público-alvo da reportagem.

Em um estudo desenvolvido por Sousa e Araújo (2016) sobre a representação da mulher nas campanhas da cerveja holandesa Heineken, temos a dissociação da mulher com o ambiente esportivo. Os autores analisam a peça publicitária de 2014, em que a empresa, em parceira com as lojas Shoestock, lançou a "1ª Heineken Shoe Sale" (Heineken, 2014) e destacam a presença da "tradicional divisão entre homens e mulheres, enquanto os primeiros relaxam com uma boa partida, as segundas só se interessam por liquidações" (Sousa; Araújo, 2016, p.5).

A campanha propaga a representação da mulher como não consumidora de esportes, já que durante a final da Liga dos Campeões da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), temporada 2013/2014, seria realizada uma liquidação de sapatos, que tem como público-alvo elas, ou seja, para os homens, futebol e cerveja; para mulheres, sapatos e liquidação.

O movimento de trazer a mulher como público-alvo do esporte é uma das bandeiras levantadas pelo sítio Dibradoras. Em 2015, ano da criação do sítio, de acordo com a jornalista

[39] Saiba mais sobre o projeto em: https://peladoreal.com.br/. Acesso em: 29 nov. 2024.

Renata Mendonça (2023), um dos primeiros posicionamentos do grupo foi contra um concurso cultural realizado pela agência esportiva OTB Sports, empresa que gerencia a carreira de jogadores e técnicos de futebol.

O concurso tinha como objetivo premiar, com uma camisa do Flamengo autografada pelo jogador peruano Paolo Guerrero, então atleta do time carioca e gerenciado pela empresa, o torcedor flamenguista que reproduzisse em uma foto o amor pelo time. A proposta vencedora trazia um torcedor do Flamengo comemorando em frente à televisão; enquanto a mulher, possivelmente a companheira, usando uma camisa da equipe rival, Botafogo, estava presa e amordaçada na cadeira ao lado e virada de costas para a televisão, conforme ilustra a Figura 17, a seguir.

Figura 17 - Reprodução da foto vencedora do concurso cultural da OTB Sports



Fonte: Firmino (2021, p. 214).

O sítio Dibradoras foi o primeiro veículo a se posicionar contrário à premiação da foto escolhida como vencedora. “Parece piada, mas não é. Uma foto de cunho machista, ofensivo e até violento foi eleita a vencedora de um concurso cultural promovido por uma agência esportiva nas redes sociais” (Vergueiro, 2015, s.p.). O posicionamento das jornalistas ganhou repercussão nacional e levantou discussões sobre o machismo e a violência contra a mulher. Como resultado do movimento iniciado pelas dibras, a agência desclassificou a foto e publicou uma carta de retratação.

Outro fato que demonstra que a mulher não é vista como público-alvo, em especial em coberturas sobre o futebol, refere-se à imagem das mulheres jornalistas presentes nos programas de televisão. Por muitos anos, a mulher foi apresentada como um ornamento dos programas esportivos, ou seja, a presença feminina tinha como intuito embelezar as atrações, já que em raros momentos elas posicionavam-se criticamente sobre as temáticas debatidas.

Sobre o assunto, a jornalista Olga Bagatini (2018) discorre que

> são comuns as "mesas redondas" *(sic)* compostas majoritariamente por homens, mas que têm como apresentadoras mulheres consideradas padrão de beleza e vestidas em trajes curtos. Elas não participam efetivamente do debate esportivo: estão ali como enfeites do cenário. Além de excluir as jornalistas, que ficam como "café com leite", essa prática também reforça estereótipos de que mulheres não entendem de esporte e são meros corpos para apreciação masculina (Bagatini, 2018, s.p.).

A beleza feminina não é ressaltada apenas em referência às mulheres jornalistas. As mulheres atletas também vivenciam situações em que a aparência física ganha destaque em detrimento aos resultados esportivos construídos. A Revista Placar[40], uma das publicações mais tradicionais de futebol, em 1995, abordou o futebol feminino em uma matéria de capa, conforme ilustram as figuras 18 e 19, em que colocavam a beleza feminina em ênfase.

[40] A Revista Placar foi lançada em 20 de março de 1970 pela Editora Abril. Em 2022, a revista passou a ser licenciada pela Editora Score. Ao longo dos anos, a publicação teve diferentes formatos: primeiramente foi semanal, depois passou a mensal com edições temáticas, voltou a ser semanal e atualmente está na versão mensal (Revista Placar, 2024, s.p.).

Figura 18 - Capa da edição de agosto de 1995 da revista Placar



“Futebol feminino: As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo!).
Fonte: Placar Magazine (1995).

Figura 19 - Foto publicada pela revista Placar em 1995



"O melhor do jogo. Confesse. Você sempre imaginou como seria se, ao final da partida, as garotas imitassem os homens e trocassem as camisas em campo, não? PLACAR realiza seu sonho. Afinal, futebol é confraternização". Fonte: Placar Magazine (1995).

A manchete "Futebol feminino: As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo)", associada à imagem das mulheres trajando *mini short*, top e fazendo poses sensuais de costas, remetia às famosas capas da revista masculina Playboy[41]. "A beleza, na época, era mais importante do que a qualidade do futebol. O que importava ali era agradar os olhos masculinos que consumiriam a revista. E isso nem faz tanto tempo, foi em 1995" (Mendonça, 2019, s.p.)

Ao abordar o futebol feminino, a revista reproduzia estereótipos de feminilidade e sexualizava as mulheres, demonstrando que a publicação esportiva era direcionada ao público masculino, conforme confirma a legenda da Figura 19, "O melhor do jogo. Confesse. Você sempre imaginou como seria se, ao final da partida, as garotas imitassem os homens e trocassem as camisas em campo, não? PLACAR realiza seu sonho. Afinal, futebol é confraternização".

Sobre a objetificação da mulher no esporte, Araújo (2021) discorre que

[41] A Revista Playboy foi criada em 1953 pelo americano Hugh Hefne. No Brasil, foi publicada pela Editora Abril de 1975 até 2015 e de 2015 a 2017 pela *PBB Entertainment*. A revista trazia em suas páginas mulheres nuas em ensaios fotográficos (França, 2020, p. 77).

> A objetificação e a sexualização de mulheres em conteúdos midiáticos sobre futebol feminino compõe um cenário que circulou na imprensa esportiva e que reforçou uma visão social de desigualdade entre os gêneros durante toda a história: a de que mulheres existem para servir os homens, seja como esposa zelosa, filha *obediete (sic)*, mãe cuidadosa ou com seu corpo a serviço da vontade, do desejo e do olhar masculino. Tal discurso desconsiderou a luta de gerações de mulheres por visibilidade e pelo direito de praticar o esporte (Araújo, 2021, p.149).

Hoje, reportagens como a apresentada pela Revista Placar de 1995 são menos frequentes na mídia esportiva, mas termos como "musa", "bela", "gata" ainda se fazem presentes, conforme exemplifica a Figura 20.

Figura 20 - Reportagem do sítio Caras sobre a cobertura dos Jogos de Tóquio



OLIMPÍADAS 2021 / TÓQUIO 2020

Musas brasileiras! Conheça as atletas que estão arrancando suspiros na Olimpíada de Tóquio

Confira uma lista com as 10 gatas do Time Brasil que são medalha de ouro no quesito beleza

Vivian Martins Publicado em 28/07/2021, às 13h30 - Atualizado em 29/07/2021, às 15h10

Confira as atletas brasileiras mais gatas das Olimpíadas - Reprodução/Instagram

O Brasil está dando orgulho na Olimpíada de Tóquio! E se você ainda não está acompanhando a competição, nós trouxemos uma lista que vai fazer você querer ficar acordado até mais tarde.

As nossas gatas da seleção brasileira estão arrasando nos Jogos Olímpicos e arrancando suspiros dos telespectadores também com suas aparências impecáveis e com seus corpaços.

Fonte: Martins (2021, s.p.).

A jornalista e escritora feminista, Naomi Wolf (2018), destaca que esta concepção de beleza é uma das principais formas de manutenção do poder do patriarcado em nosso tempo. “A ‘beleza’ é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino” (Wolf, 2018, p. 26).

Ser mulher e dedicar-se a um universo permeado pelos ideais masculinos, este é o cenário em que está inserida a nossa pesquisa. Se existe preconceito contra a mulher em nossa sociedade, ele é potencializado quando associado a um universo masculino. E como destacamos nesta seção, lutar para participar das competições não é o único desafio das mulheres, elas também encontram barreiras quando se dedicam à cobertura jornalística das atividades esportivas ou quando simplesmente querem consumir o assunto, já que por anos elas não eram consideradas como público-alvo das produções jornalísticas esportivas.

Após esta reflexão da presença da mulher no ambiente esportivo, na Seção 4, a seguir, apresentamos os conceitos da ADC pertinentes para a construção deste trabalho sobre as representações da mulher esportista brasileiras no sítio Dibradoras.

4 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: Teoria e método para a compreensão da representação da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo

A presente seção tem como intuito abordar o universo teórico em que se insere a nossa pesquisa. Iniciamos com o contexto geral da ADC, como teoria e método, com destaque para as duas teorias discursivas críticas, a saber, a Dialética-Relacional de Norman Fairclough e a abordagem dos atores Sociais, de Theo van Leeuwen, que, em conjunto com a LSF, dão sustentação e embasamento para a análise dos nossos *corpora* sobre as representações da mulher esportista brasileira presente no sítio Dibradoras.

A seção divide-se em quatro subseções: 4.1 Análise de Discurso Crítica: gênese e abordagens; 4.2 A abordagem Dialético-Relacional: concepções e reflexões; 4.3 Linguística Sistêmico-Funcional: considerações e conceitos e 4.4 A abordagem da representação de atores sociais: concepções e reflexões. Durante o percurso teórico, ao discorrermos sobre as categorias elencadas para a análise do estudo, usamos sequência(s) discursiva(s), doravante SD, extraídas dos *corpora* linguísticos da presente tese para exemplificá-las.

4.1 Análise de Discurso Crítica: gênese e abordagens

Estudar as mudanças não é uma tarefa fácil, elas são constantes e acontecem a todo instante. Por isso, teorias e métodos surgem para ajudar na compreensão da nossa sociedade. Muitos arcabouços teóricos carregam traços de teorias anteriores e as associam a novos conceitos construindo novos estudos. Assim, aconteceu com a ADC que é "uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas que tem atraído cada vez mais pesquisadores(as)" (Resende; Ramalho, 2017, p. 07).

A ADC, muitas vezes, é associada como sinônimo da Linguística Crítica (LC), entretanto Wodak (2004) nos explica que elas se relacionam, mas possuem diferenças. A LC aflorou-se nos anos 1970 e 1980 com "o surgimento de uma forma de análise do discurso e do texto que reconhecia o papel da linguagem na estruturação de relações de poder na sociedade" (Wodak, 2004, p. 228). A ADC data-se dos anos de 1990 e originou-se a partir dos preceitos apresentados na LC, mas com novos enfoques, pois "os estudiosos que passaram a se dedicar à análise linguística, semiótica e discursiva, a partir de diferentes campos acadêmicos, compartilham uma perspectiva particular dentro da qual os conceitos de poder, ideologia e história são centrais" (Wodak, 2004, p. 232).

Quando falamos em ADC, é preciso compreendermos que se trata de um campo heterogêneo, no qual há diversas abordagens, mas que "guardam certas características em comum, o que garante coerência ao campo. Essas características comuns são, pelo menos, três: a interdisciplinaridade, o posicionamento e a utilização das categorias linguísticas como ferramentas para a crítica social" (Resende, 2012, p. 99).

A interdisciplinaridade, conceito muito utilizado nas pesquisas acadêmicas e na prática educacional, refere-se à mescla de teorias e/ou estudos para a compreensão de uma situação. As correntes da ADC não se restringem a uma única teoria, mas buscam auxílio em arcabouços complementares para a compreensão de um problema social. Conforme menciona Resende (2012), nos estudos da ADC

> Fairclough propõe uma articulação entre Linguística Sistêmica Funcional e Sociologia; van Dijk estabelece diálogo entre Linguística Textual e cognição social; van Leeuwen, um dos principais nomes da Semiótica Social, volta sua atenção para a multimodalidade, propondo o conceito ampliado de texto que norteia pesquisas contemporâneas em ADC; e Ruth Wodak articula a Sociolinguística e a História (Resende, 2012, p. 100-101).

Além da interdisciplinaridade, o posicionamento torna-se uma ferramenta comum entre as abordagens de ADC. Resende (2012, p. 101) explica que nesta característica o mito da "imparcialidade científica" é negado, pois "a ADC propõe abordagens críticas para a análise de textos, assumindo posicionamento explícito em relação a problemas sociais de cunho discursivo".

Assim, nossa pesquisa ao destacar a presença da mulher em um ambiente com predominância do masculino mostra-se relevante para a compreensão da importância da luta pela igualdade de gêneros em nossa sociedade. Além do mais, o presente estudo nasceu de uma inquietação ao percebermos e vivenciarmos a hostilidade no jornalismo esportivo frente à presença feminina.

Por fim, os estudos enquadrados na ADC utilizam categorias linguísticas como ferramentas para a crítica social. Resende (2012, p. 102) explica que "a Linguística, portanto, serve como instrumento para a crítica social, já que o objetivo das análises é a crítica sustentada pela análise de textos". As categorias são as ferramentas utilizadas para a análise textual, que levam em consideração o contexto social ao qual o discurso está inserido. Elas emergem da análise e

> são formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o

> discursivo e o não discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais (Ramalho; Resende, 2011, p. 112).

Em nossa pesquisa, percebemos a relevância de se analisar as categorias analíticas intertextualidade, interdiscursividade, avaliação e representação de atores sociais. Para a compreensão das categorias intertextualidade, interdiscursividade e avaliação recorremos aos pressupostos teóricos de Norman Fairclough, (1985, 1992[2001], 1999, 2003, 2012); enquanto a representação de atores sociais é abordada a partir da obra de Theo van Leeuwen (1997, 2008), com o suporte do sistema da transitividade da LSF. As categorias analíticas usadas para a análise discursiva são detalhadas nas subseções 4.2.1, 4.2.2, 4.2.3 e 4.4.

É importante destacar que Fairclough (2003) trabalha a categoria representação de atores sociais por meio da apresentação de um recorte da abordagem de van Leeuwen. Em nossa pesquisa, recorremos diretamente à obra de van Leeuwen para compreendermos a temática. Desse modo, realizamos uma articulação entre as abordagens discursivas críticas de Fairclough e van Leeuwen.

Os estudos em ADC abarcam diversas abordagens, mas possuem traços em comum. Os pesquisadores Wodak e Meyer (2009, p. 20) nos apresentam seis divisões, conforme destacamos no Quadro 12.

Quadro 12 - Abordagens de Análise de Discurso Crítica apresentadas por Wodak e Meyer (2009) [42]

ABORDAGEM	AUTORES
Histórico Discursiva	Martin Reisigl e Ruth Wodak
Linguística de *Corpus*	Gerlinde Mautner
Atores Sociais	Theo van Leeuwen
Análise de Dispositivo	Siegfried Jäger e Florentine Maier
Sociocognitiva	Teun van Dijk
Dialético-Relacional	Norman Fairclough

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Wodak e Meyer (2009, p. 20).

As abordagens destacadas no Quadro 12 levam em consideração as pesquisas realizadas nos países europeus, porém, é relevante destacarmos alguns dos caminhos trilhados na América Latina. O Método Sincrônico-Diacrônico de Análise Linguística de Textos, apresentado por María Laura Pardo (2011), professora da Universidade de Buenos Aires, Argentina; a

[42] Para um conhecimento inicial destas abordagens, sugerimos a leitura do capítulo "Análise de Discurso Crítica: Origem, Pressupostos Básicos e Abordagens", do livro **Análise de Discurso Crítica: subsídios teóricos e metodológicos para pesquisa**, organizado por Maria Aparecida Resende Ottoni. A obra encontra-se gratuitamente no sítio da editora Pontes.

Abordagem Discursivo-crítica Interseccional[43], desenvolvida pela professora da Universidade de Brasília (UnB), Maria Carmen Aires Gomes, e pelos integrantes do grupo de pesquisa: AFECTO; a Rede Latino-americana de Análise de Discurso Crítica e Pobreza[44], que teve início em 2005, no âmbito do IV Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (Aled); a Rede de Discurso e Gênero[45], fundada em 2002, na UnB, a partir do projeto de pesquisa Rede de Pesquisa em Discurso e Gênero: cartografia para integração Brasil e América Latina, coordenado pelas professoras Viviane de Melo Resende e Maria Carmen Aires Gomes, dentre outras pesquisas.

As abordagens da ADC não se restringem a uma única proposta teórica. Além disso, é possível estabelecer diálogos entre estas abordagens, fato que acontece nesta pesquisa. A compreensão das representações da mulher esportiva brasileira no jornalismo esportivo faz-se à luz das abordagens Dialético-Relacional, de Norman Fairclough, e Atores Sociais, de Theo van Leeuwen, abordadas nas subseções 4.2 e 4.4, respectivamente.

De acordo como Magalhães, Martins e Resende (2017), a articulação de teorias e métodos propicia, na ADC,

> [...] tanto uma análise crítica de realidades de injustiças e desigualdades que beneficiam alguns grupos em detrimento de outros quanto fornece um instrumental teórico-prático que pode ter papel preponderante na luta política que precede à transformação dessas realidades, o que implica fazer cessar a opressão e promover justiça e igualdade nas relações sociais (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 148).

Analisar as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo à luz de pressupostos da ADC não se restringe a uma análise textual, já que nas pesquisas em ADC realizamos uma análise orientada linguística, textual e socialmente. Desse modo, a análise contextualizada, leva em consideração o contexto social em que o discurso é produzido, não focando apenas nos recursos linguísticos e textuais do discurso.

Assim, ao selecionarmos o sítio Dibradoras como objeto de estudo, intencionamos compreender a luta das mulheres por uma mudança social. De acordo com Renata Mendonça

---

[43] Algumas das produções bibliográficas da pesquisadora estão depositadas em https://sigaa.unb.br/sigaa/public/docente/producao.jsf?siape=1193529. Acesso em: 08 jul. 2024.

[44] Informações do grupo podem ser encontradas no sítio da Aled. Disponível em: https://comunidadaled.org/redlad/. Acesso em: 08 jul. 2024.

[45] Informações do grupo podem ser encontradas no sítio da Aled. Disponível em: https://comunidadaled.org/redige/. Acesso em: 08 jul. 2024.

(2023), o jornalismo esportivo ainda concentra a maior parte de sua produção em modalidades masculinas.

> Toda a mídia esportiva tá dando 97% do seu espaço para esportes masculinos ou para homens como protagonistas do esporte. Dibradoras vai fazer o contrário, a gente vai dar só visibilidade às mulheres. É por que a gente acha irrelevante que os homens fazem no esporte? Não! É porque já tem muita gente cobrindo o que os homens fazem e falando o tempo inteiro dos homens. Então, a gente precisa trazer a visibilidade, mostrar as histórias das mulheres que não estão sendo contadas, toda a cobertura que a gente faz no Dibradoras, ela tem o viés de procurar mulheres protagonistas e isso envolve inclusive eventos masculinos (Mendonça [entrevista concedida à] pesquisadora, 2023[46]).

Ao eleger a mulher como foco de publicação, o sítio Dibradoras tem o intuito de promover uma mudança social em um ambiente em que ainda predomina a presença masculina. Assim, estudar o referido meio de comunicação sob a luz da ADC torna-se uma importante ferramenta para a compreensão de uma situação em que a mulher ainda é colocada às sombras de uma figura masculina.

Dando sequência à nossa revisão bibliográfica, nas subseções 4.2, 4.3 e 4.4, a seguir, destacamos as abordagens da ADC basilares para a nossa pesquisa e os conceitos da LSF que são pertinentes para a construção da análise discursiva.

4.2 A abordagem Dialético-Relacional: concepções e reflexões

O linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, Grã-Bretanha, no artigo intitulado *Critical and descriptive goals in discourse analysis*, publicado em 1985, no periódico *Journal of Pragmatics,* utilizou pela primeira vez o termo "Análise de Discurso Crítica", o que desencadeou uma série de importantes debates sobre a linguagem como prática social nas transformações econômicas e culturais em uma sociedade.

Izabel Magalhães, pesquisadora da UnB e pioneira nos estudos em ADC no Brasil, explica que "a contribuição principal de Fairclough foi a criação de um método para o estudo do discurso e seu esforço extraordinário para explicar por que cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos linguistas" (Magalhães, 2005, p. 3).

Nossa pesquisa corrobora essa associação, já que realizamos um estudo sobre a mídia, mais precisamente, como são as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo

[46] Idem nota 32.

desenvolvido pelo sítio Dibradoras, por meio de análises linguísticas de textos jornalísticos e áudios de entrevistas e de encontros do grupo focal levando em consideração as questões sociais em que os discursos foram reproduzidos.

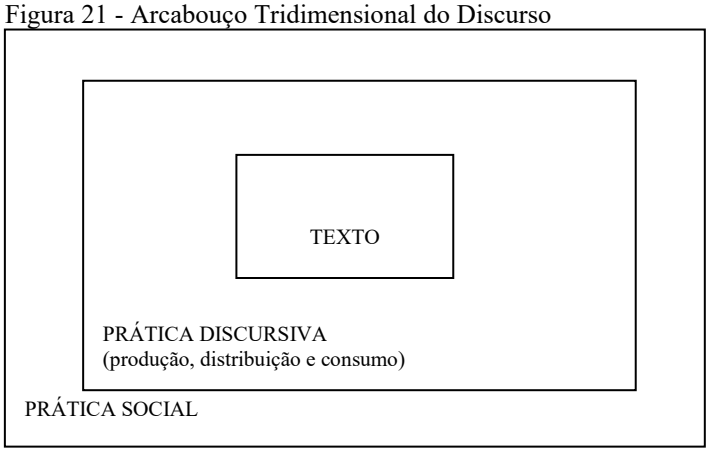
Fairclough propõe a abordagem denominada de Dialético-Relacional que "é baseada no pressuposto de que a linguagem é uma parte irredutível da vida social, dialeticamente interligada com outros elementos da vida social, de modo que a análise e a investigação social tenham sempre em conta a linguagem[47]" (Fairclough, 2003, p. 3).

Na abordagem faircloughiana, três arcabouços teórico-metodológicos se destacam, a saber: i) arcabouço tridimensional (Fairclough, 1985, 1992[2001]); ii) arcabouço pautado na crítica explanatória de Bhaskar (Chouliaraki; Fairclough, 1999) e iii) arcabouço centrado nos três significados do momento discursivo das práticas sociais (Fairclough, 2003).

Uma das primeiras contribuições do referido autor deve-se à apresentação, em 1992, no livro *Discourse and social change* (posteriormente traduzido para a língua portuguesa sob o título de Discurso e Mudança Social, 2001), do arcabouço teórico-metodológico para investigações discursivas denominado de arcabouço tridimensional ou Teoria Social do Discurso.

No arcabouço tridimensional de Fairclough, o discurso torna-se o centro, como demonstramos na Figura 21, a seguir.

Figura 21 - Arcabouço Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Neste arcabouço teórico-metodológico, Fairclough analisa o discurso como texto, prática discursiva e prática social, ou seja, o discurso é o uso da linguagem como forma de

[47] Tradução nossa para *"[...] is based upon the assumption that language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life, so that social analysis and research always has to take account of language"* (Fairclough, 2003, p. 3).

prática social, sendo esta prática não apenas de representação, mas de significação do mundo. O discurso é compreendido como uma "prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais" (Fairclough, 2001, p. 89). Assim, o discurso consiste em um "modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação" (Fairclough, 2001, p. 91).

No arcabouço tridimensional de Fairclough, temos a análise do texto, da prática social e da prática discursiva. Resende e Ramalho (2017, p. 27) explicam que, para Fairclough, o texto e a prática social são descritos em uma dimensão do evento discursivo, os quais são medidos pela prática discursiva. Ao associar o discurso como uma prática social, o arcabouço tridimensional leva em consideração os conceitos de ideologia e hegemonia, sendo este último bastante pertinente a nossa pesquisa. Fairclough (2001) recorre, com ressalvas, a concepções clássicas do século XX de Antonio Gramsci, Louis Althusser e John B. Thompson, dentre outros, para a construção destes conceitos.

O conceito de ideologia, abordado por Fairclough (2001), provém dos estudos de John B. Thompson (1995). Ao voltarmos à ideologia, significa que compreendemos e explicamos as maneiras pelas quais as formas simbólicas[48] são usadas para a implementação e a manutenção de relações de dominação. Para Fairclough, as ideologias são

> significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (Fairclough, 2001, p. 117).

A busca pela manutenção da ideologia deve-se à hegemonia. De acordo com Fairclough (2001), a hegemonia consiste no domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseando-se mais no consenso do que no uso da força. A hegemonia fornece para o discurso,

> tanto uma matriz - uma forma de analisar a prática social a qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturaram ou desafiam as hegemonias existentes — como um modelo — uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes (Fairclough, 2001, p. 126).

[48] Formas simbólicas tratam de "um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos" (Thompson, 1995, p.79).

No jornalismo esportivo, em especial na mídia tradicional, encontramos uma hegemonia do masculino, tanto em relação às modalidades divulgadas quanto aos responsáveis pela produção do conteúdo. No ano de 2020, uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) destacou que "[...] de toda cobertura esportiva mundial, apenas 4% do espaço é dedicado às modalidades esportivas praticadas por mulheres" (Apenas, 2021).

Em nossa pesquisa, focamos em um grupo que busca a desconstrução da hegemonia permeada em nossa sociedade de que o esporte não é lugar para mulheres, sejam elas esportistas, jornalistas ou leitoras. Apesar da hegemonia ser "vista em termos da permanência relativa de articulações entre elementos sociais, existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos" (Resende; Ramalho, 2017, p. 44).

O sítio Dibradoras, ao direcionar para a divulgação das atividades esportivas das mulheres e formar uma equipe apenas de jornalistas mulheres, constrói uma alternativa de luta à hegemonia masculina no esporte e no jornalismo esportivo, buscando assim uma mudança social.

Com o passar do tempo, algumas mudanças teóricas foram introduzidas na abordagem proposta por Fairclough. Na obra *Discourse in Late Modernity - Rethinking Critical Discourse Analysis* (1999), Lilian Chouliaraki e Norman Fairclough deixam de visualizar o discurso como uma prática social e passam a abordá-lo como um momento dessa prática social. A mudança deve-se à aproximação dos pesquisadores com a corrente filosófica do Realismo Crítico de Roy Bhaskar e com o materialismo histórico-geográfico de David Harvey, nascendo assim o arcabouço pautado na crítica explanatória de Bhaskar, em que as pesquisas pautam-se em problemas práticos da vida social.

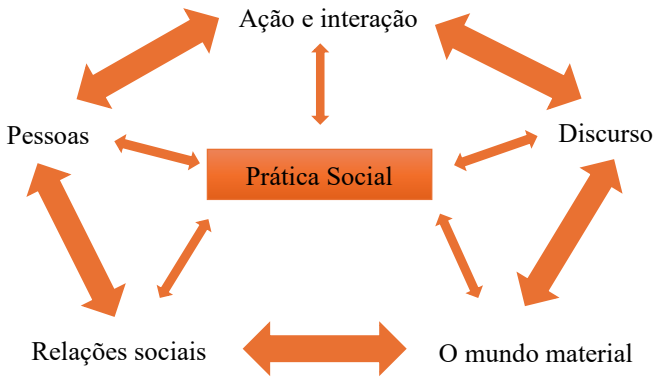
Choularaki e Fairclough (1999) defendem que a vida social é constituída de práticas sociais, definindo-as como

> formas habituais, ligadas a tempos e espaços específicos, nas quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agirem conjuntamente no mundo. As práticas são constituídas em toda a vida social, por exemplo, nos domínios especializados da economia e da política, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana[49] (Choularaki; Fairclough, 1999, p. 21).

[49] Tradução nossa para *"[...] mean habitualised ways, tied to particular times and places, in which people apply resources (material or symbolic) to act together in the world. Practices are constituted throughout social life - in the specialised domains of the economy and politics, for instance, but also in the domain of culture, including everyday life"* (Choularaki, Fairclough, 1999, p. 21).

A prática social passa a ser compreendida como a articulação do discurso (semioses) com outros elementos sociais que estão associados a áreas específicas da vida social. Fairclough (2003) destaca cinco momentos constituintes da prática social, os quais podem ser visualizados na Figura 22.

Figura 22 - Momentos da prática social



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Fairclough (2003, p. 25) e Souza (2022, p. 31).

Como percebemos na figura acima, o arcabouço apresenta um deslocamento teórico-conceitual sobre o discurso. Ottoni (2007a, p. 20) explica que o discurso passa a ser definido como "uma dimensão constituinte das práticas sociais que mantém relação dialética com outras dimensões não-discursivas, tomando por referência elementos semióticos dessas práticas".

Resende e Ramalho (2017) argumentam que, ao abordarem o discurso como um dos elementos da prática social, Chouliaraki e Fairclough ampliam o caráter emancipatório da ADC.

> Primeiro, porque possibilita maior abertura nas análises; segundo, porque incita, mais que o modelo tridimensional, o interesse na análise de práticas problemáticas decorrentes de relações exploratórias; e, terceiro, porque capta a articulação entre discurso e outros elementos sociais na formação de práticas sociais (Resende; Ramalho, 2017, p. 38-39).

Assim, o discurso como um elemento da prática social, "através da análise de amostras discursivas historicamente situadas, pode-se perceber a internalização de outros momentos da prática no discurso, ou seja, a interiorização de momentos como, por exemplo, relações sociais e ideologias no discurso" (Resende; Ramalho, 2017, p. 39).

Debruçando sobre o nosso trabalho, temos a prática jornalística para as representações da mulher esportista brasileira praticada pelo sítio Dibradoras como a nossa prática social. Para analisá-la, levamos em consideração os seus elementos constitutivos como as instituições

envolvidas, as pessoas participantes com base em suas crenças, valores, desejos e ideologias, as atividades materiais, as relações de poder e os modos de agir e de interagir presentes.

Para auxiliar as análises pautadas na abordagem dialético-relacional com base na crítica explanatória de Bhaskar, Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam cinco etapas, destacadas, a seguir, no Quadro 13.

Quadro 13 - Arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas pautadas na abordagem dialético-relacional, construído por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base na crítica explanatória de Bhaskar

<table>
<tr><th colspan="3">ETAPAS DO ARCABOUÇO PAUTADO NA CRÍTICA EXPLANATÓRIA DE BHASKAR</th></tr>
<tr><td colspan="3">1. Um problema (atividade / reflexividade)</td></tr>
<tr><td rowspan="5">2. Obstáculos para superar o problema</td><td colspan="2">a) análise da conjuntura</td></tr>
<tr><td rowspan="2">b) análise da prática da qual o discurso é um momento:</td><td>(i) quais são as práticas relevantes?</td></tr>
<tr><td>(ii) Relação do discurso com outros momentos.
- discurso como parte da atividade.
- discurso e reflexividade.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">c) análise do discurso:</td><td>(i) análise estrutural: a ordem do discurso</td></tr>
<tr><td>(ii) análise interacional:
- análise interdiscursiva
- análise linguística e semiótica.</td></tr>
<tr><td colspan="3">3. Funcionamento do problema na prática</td></tr>
<tr><td colspan="3">4. Possíveis caminhos para resolver o problema</td></tr>
<tr><td colspan="3">5. Reflexão sobre a análise</td></tr>
</table>

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60); tradução de Ottoni (2007b, p. 110-111).

Com base no Quadro 13, compreendemos que o arcabouço analítico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) se constitui em cinco etapas principais. O ponto inicial deste arcabouço trata-se da percepção de um problema relacionado ao discurso em alguma parte da vida social.

Nossa pesquisa teve como ponto de partida as representações da mulher no jornalismo esportivo brasileiro presentes nas mídias tradicionais, as quais são construídas, em sua maioria, pelos homens; já que a mulher jornalista, como destacada na seção anterior, possui pouco espaço no jornalismo esportivo. Em contraponto a este cenário, desenvolvemos um estudo centrado na investigação e na análise: das representações da mulher esportista brasileira construídas por mulheres jornalistas no sítio Dibradoras, um veículo de comunicação alternativo comandado somente por mulheres e com foco na presença da mulher no esporte, seja nas modalidades femininas ou masculinas; de como a mulher jornalista avalia a presença da mulher jornalismo esportivo; e dos sentidos construídos pelas mulheres leitoras, jornalistas em formação, a partir da leitura de textos do referido sítio.

Assim, partimos do pressuposto de que o sítio Dibradoras possa ser uma ferramenta para a desconstrução das representações estereotipadas da mulher esportista, as quais são

pautadas nos ideais machistas e patriarcais e ainda se fazem presentes no jornalismo esportivo tradicional.

Em 2003, na obra intitulada *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*, Fairclough apresentou um novo arcabouço com foco em uma análise mais linguística do texto. É importante destacar que os conceitos defendidos nas obras de 1992 e 1999 não são deixados de lado, mas o autor faz um diálogo com conceitos da LSF de Michael Halliday, ação que também acontece nesta pesquisa. "Na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é um recurso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 21).

Com base na concepção funcionalista da linguagem, Halliday e Matthiessen (2004) registra três Metafunções[50] presentes nos textos, a saber, i) a ideacional; ii) a interpessoal e iii) a textual, destacando assim o caráter multifuncional da linguagem. A partir das Metafunções da linguagem apresentadas por Halliday e da articulação com os conceitos de gênero, discurso e estilo, Fairclough (2003) propõe três significados para a análise do momento discursivo das práticas sociais, a saber, i) o significado acional (modos de agir ligado ao gênero); ii) o significado representacional (modos de representar ligado aos discursos) e iii) o significado identificacional (modos de ser ligado ao estilo).

O primeiro significado, acional, Fairclough (2003, p. 65) o relaciona ao conceito de gênero. Para o pesquisador, os gêneros "são o aspecto especificamente discursivo dos modos de agir e interagir no curso dos eventos sociais[51]", ou seja, ao analisarmos um texto a partir do gênero, "o objetivo é examinar como o texto figura na (inter)ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos" (Resende; Ramalho, 2017, p. 62).

É importante frisar que os gêneros são definidos pelas práticas sociais e, mudanças nas formas de ação e interação provocam mudança dos gêneros. Para Fairclough (2003), essas transformações em nossa sociedade possibilitam o surgimento de novos gêneros a partir dos gêneros já existentes. Fairclough (2003) distingue três tipos de gêneros, a saber, i) pré-gêneros (conceito baseado em Swales, 1990); ii) gêneros desencaixados e iii) gêneros situados. De acordo com o pesquisador, usamos "'pré-gênero' [...] para as categorias mais abstratas como Narrativa; 'gênero desencaixado' para categorias um pouco menos abstratas como Entrevista;

[50] As metafunções são abordadas na subseção 4.3.
[51] Tradução nossa para *"[...] Genres are the specifically discoursal aspect of ways of acting and interacting in the course of social events"* (Fairclough, 2003, p. 65).

‘gênero situado’ para gêneros que são específicos de redes particulares de práticas como a entrevista etnográfica[52]” (Fairclough, 2003, p. 69).

Embora, nossa pesquisa não perpasse pelo estudo de gêneros discursivos, recorremos a uma categoria que é associada por Fairclough (2003) ao significado acional: a intertextualidade. Para Fairclough (2003, p. 353), “a intertextualidade é um aspecto importante para qualquer pesquisa sobre o discurso[53]”, por esta razão, dedicamos a subseção 4.2.1 a esta categoria.

Continuando o estudo sobre os significados propostos por Fairclough (2003), chegamos ao representacional. Este significado relaciona-se ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Em sua concepção de discurso, Fairclough (2003) apresenta duas vertentes para o termo: uma mais abstrata, a qual refere-se à “linguagem e outros tipos de semiose como elementos da vida social”, e outra mais concreta significando “modos particulares de representação de parte do mundo” (Ottoni, 2007a, p. 41).

A primeira concepção aborda o discurso como um dos elementos das práticas sociais; enquanto a segunda diz respeito a um dos modos como o momento discursivo funciona nas práticas sociais. Segundo Fairclough (2003), nas práticas sociais o discurso, na primeira acepção, figura-se como gêneros; e os discursos, na segunda concepção, aos estilos.

Dentro do significado representacional, com base na segunda concepção, o discurso, ou melhor, os discursos, são vistos como “formas de representar aspectos do mundo - os processos, as relações e as estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ de pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, e o mundo social[54]” (Fairclough, 2003, p. 124).

Ottoni (2007a, p. 42) explica que, para Fairclough, a representação consiste em “um processo de construção social de práticas, incluindo a auto-construção reflexiva [...]. Assim sendo, o discurso como modo de representação também molda os processos e práticas sociais e é por eles moldados, desempenhando papel fundamental na vida social”.

Para analisarmos o significado representacional em um texto, Fairclough (2003, p. 129) propõe duas ações, a saber, “(1) identificar as principais partes do mundo (incluindo áreas da vida social) que estão representadas, ou seja, os ‘temas’ centrais; (2) identificar a perspectiva

---

[52] Tradução nossa para *“[...] I shall use ‘pre-genre’ as suggested above for the most abstract categories like Narrative, ‘disembedded genre’ for somewhat less abstract categories like Interview, ‘situated genre’ for genres which are specific to particular networks of practices such as ‘ethnographic interview’”* (Fairclough, 2003, p. 69).
[53] Tradução nossa para *“[...] intertextuality is indeed an important aspect of any research on discourse Fairclough”* (Fairclough, 2003, p. 353).
[54] Tradução nossa para *“[...] I see discourses as ways of representing aspects of the world – the processes, relations and structures of the material world, the ‘mental world’ of thoughts, feelings, beliefs and so forth, and the social world”* (Fairclough, 2003, p. 124).

ou ângulo ou ponto de vista particular a partir do qual elas são representadas[55]". Desse modo, um texto pode apresentar diferentes discursos, já que são construídos a partir das diversas representações. Assim, "os discursos constituem parte dos recursos que as pessoas empregam para se relacionarem umas com as outras - mantendo-se separadas umas das outras, cooperando, competindo, dominando - e buscando mudar as formas como se relacionam umas com as outras[56]" (Fairclough, 2003, p. 124).

As categorias analíticas ligadas ao significado representacional, apresentadas por Fairclough (2003), são a transitividade, o vocabulário, a interdiscursividade, a representação de atores sociais e a representação de eventos sociais. Para tratar da primeira, Fairclough (2003) recorre à LSF e, para estas duas últimas categorias, busca suporte na teoria de Theo van Leeuwen. É pertinente registrar que, para van Leeuwen, representação de atores sociais não é uma categoria; é uma teoria. Nas subseções 4.2.2 e 4.4, respectivamente, discorremos acerca da interdiscursividade e da representação de atores sociais.

O terceiro e último significado proposto por Fairclough (2003), o identificacional, é relacionado ao conceito de estilo. "Os estilos são o aspecto discursivo dos modos de ser, das identidades[57]" (Fairclough, 2003, p. 159). É importante destacar que o linguista britânico opta pelo uso do léxico identificação ao invés de identidade, uma vez que o objetivo consiste em enfatizar o processo de identificação, isto é, como as pessoas se identificam e como elas são identificadas pelos outros.

A identificação trata de um processo complexo. Por esta razão, Fairclough (2003) diferencia a identidade em dois aspectos, a saber, a identidade social e a identidade pessoal (personalidade). O autor defende que a identidade não pode ser reduzida à identidade social, já que não trata de um processo puramente textual. Ottoni (2007a, p. 45) explica que isto se deve "porque as pessoas não são apenas pré-posicionadas no modo como participam em eventos e interações sociais, elas são também agentes sociais que fazem, criam e mudam as coisas, engajam-se corporal e praticamente com o mundo ao longo de suas vidas". Sendo assim, as identidades social e pessoal, ou melhor, os estilos, são realizados por variadas características linguísticas, como as fonológicas, tais como a pronúncia, a entonação, a acentuação e o ritmo;

---

[55] Tradução nossa para *"[...] (1) Identify the main parts of the world (including areas of social life) which are represented – the main 'themes'. (2) Identify the particular perspective or angle or point of view from which they are represented"* (Fairclough, 2003, p. 129).

[56] Tradução nossa para *"[...] Discourses constitute part of the resources which people deploy in relating to one another – keeping separate from one another, cooperating, competing, dominating – and in seeking to change the ways in which they relate to one another"* (Fairclough, 2003, p. 124).

[57] Tradução nossa para *"[...] Styles are the discoursal aspect of ways of being, identities"* (Fairclough, 2003, p. 150).

o vocabulário e a metáfora; além da interação entre a linguagem verbal e não verbal (expressão facial, gestos, postura, vestimentas).

Além das características linguísticas mencionadas anteriormente, Fairclough (2003) destaca as categorias modalidade e avaliação para a compreensão do significado identificacional. A modalidade, em linhas gerais, refere-se a "questão de como as pessoas se comprometem quando fazem declarações, perguntas, pedidos ou ofertas[58]". Nosso trabalho não aborda esta categoria, mas indicamos a leitura de Galvão (2019) para a compreensão da categoria em uma análise discursiva sobre as propagandas sobre a reforma do ensino médio.

A categoria avaliação, utilizada em nossa pesquisa, refere-se ao que é "desejável ou indesejável, bom ou ruim[59]" (Fairclough, 2003, p. 164). De acordo com o autor, por meio da avaliação podemos compreender o grau de comprometimento das pessoas nos textos, analisando assim como "elas se identificam, a texturização das identidades[60]" (Fairclough, 2003, p. 164). Isso significa que as avaliações sobre o que é bom, ruim, desejável ou indesejável sobre as mulheres esportistas brasileiras feitas pelas mulheres jornalistas e mulheres estudantes de Jornalismo são parte de como elas se identificam no jornalismo esportivo. Na subseção 4.2.3, discorremos sobre a avaliação.

4.2.1 Intertextualidade: a articulação de diferentes vozes e textos

Sabe aquela sensação de quando lemos um texto, ouvimos uma canção ou vemos um filme e ficamos com a impressão de que já tínhamos lido/ouvido/visto algo parecido antes? Em alguns casos, as menções são explícitas como, por exemplo, a canção Monte Castelo, do grupo Legião Urbana, do álbum As quatro estações, de 1989, na qual há trechos do soneto de Luís Vaz de Camões Amor é fogo que arde sem se ver e de versículos da Bíblia. Em outros, a referência é sutil e para ser percebida é preciso um olhar mais atento, como, por exemplo, a canção Sampa, do cantor e compositor, Caetano Veloso, oriunda do disco Muito (Dentro da Estrela Azulada), de 1978, em que há uma alusão à mitologia grega com o mito de Narciso[61].

---

[58] Tradução nossa para *"[...] The question of modality can be seen as the question of what people commit themselves to when they make Statements, ask Questions, make Demands or Offers*" (Fairclough, 2003, p. 165).
[59] Tradução nossa para *"[...] and with respect to what is desirable or undesirable, good or bad"* (Fairclough, 2003, p. 164).
[60] Tradução nossa para *"[...] what people commit themselves to in texts is an important part of how they identify themselves, the texturing of identities"* (Fairclough, 2003, p. 164).
[61] Narciso era um belo jovem pelo qual várias mulheres se apaixonavam, mas não eram correspondidas. Um dia uma das jovens rejeitadas por ele pediu aos deuses que fizessem Narciso se apaixonar sem ser correspondido. Nêmesis, divindade punidora dos crimes e das más condutas, fez o jovem se apaixonar pela própria imagem refletida na água, o que fez Narciso ficar à beira do lugar até a sua morte (Vasconcellos, 1998, p. 17-19).

Professores de língua portuguesa, como o nosso caso, adoramos ministrar sobre este assunto, o qual se denomina intertextualidade. Fairclough aborda a intertextualidade como categoria de análise nos três arcabouços teórico-metodológicos mencionados na subseção anterior. No livro Discurso e Mudança Social (2001, p. 133), Fairclough discorre que o termo foi utilizado por Julia Kristeva em seus estudos sobre o trabalho de Mikhail Bakhtin, no final dos anos de 1960. Conforme explica Fairclough,

> para Bakhtin, todos os enunciados, tanto na forma oral quanto na escrita, do mais breve turno numa conversa a um artigo científico ou romance, são demarcados por uma mudança de falante (ou de quem escreve) e são orientados retrospectivamente para enunciados de falantes anteriores (sejam eles turnos, artigos científicos ou romances) e prospectivamente para enunciados antecipados de falantes seguintes. Desse modo, "cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação". Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos (Fairclough, 2001, p. 134).

De acordo com Bakhtin, todo texto carrega marcas de outros textos, sendo estas marcas explícitas ou implícitas. Fairclough (2001), diferente da analista de discurso francesa Jacqueline Authier-Revuz (2004), não faz uma distinção entre intertextualidade manifesta, em que outros textos estão explicitamente presentes no texto sob análise; e intertextualidade constitutiva, quando há "a configuração de convenções discursivas que entram em sua produção" (Fairclough, 2001, p. 136).

Para o pesquisador, a intertextualidade constitutiva deve ser compreendida como interdiscursividade, "em que o foco está nas convenções discursivas e não em outros textos" (Fairclough, 2001, p. 137), ou seja, quando há a presença de diferentes tipos de discurso (feminista, político, econômico, religioso, jurídico, entre outros), Fairclough (2001) não os analisa dentro da categoria intertextualidade, mas, sim, como uma análise interdiscursiva, distinção a qual seguimos nessa pesquisa (cf. subseção 4.2.2).

Para Fairclough (2001), a intertextualidade consiste em uma

> propriedade que os textos têm de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser ou não delimitados explicitamente ou mesclados e que pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante (Fairclough, 2001, p. 114).

A intertextualidade "aponta para a produtividade dos textos, para o modo como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar convenções existentes" (Fairclough, 2001,

p. 135). O jornalismo utiliza-se desta concepção, já que a prática jornalística se baseia em vozes/textos anteriores que são reestruturados em um texto jornalístico.

Fairclough (2003, p. 47) reforça que "para qualquer texto ou tipo de texto em particular, há um conjunto de outros textos e um conjunto de vozes que são potencialmente relevantes e potencialmente incorporadas ao texto[62]". Assim, quando uma voz/texto é incorporada, sempre haverá escolhas sobre como estruturá-las, como e onde incorporá-las ao texto, pois por meio da intertextualidade, o autor seleciona o que será incluído ou excluído dos eventos e dos discursos representados.

De acordo com Fairclough (2001, p. 143), "os eventos dignos de tornar notícia se originam de limitado grupo de pessoas que tem o acesso privilegiado à mídia, que são tratadas pelos jornalistas como fontes confiáveis, e cujas vozes são aquelas que são mais largamente representadas no discurso da mídia". O autor conclui que "pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta" (Fairclough, 2001, p. 144).

Acreditamos que o sítio Dibradoras seja uma resistência a esta afirmação do pesquisador, já que ele não representa as vozes do poder, que no jornalismo esportivo ainda se concentram no universo masculino, seja o atleta ou o profissional do jornalismo.

Para guiar a análise da intertextualidade, Fairclough (2003, p. 47) apresenta algumas questões. Os questionamentos, destacados no Quadro 14, partem da seguinte observação: "Quais textos e vozes são incluídos, quais são excluídos, e quais ausências são significativas?"[63].

Quadro 14 - Questões para a análise da intertextualidade

ASPECTOS DISCURSIVOS/TEXTUAIS	PERGUNTAS SOBRE O TEXTO EM ANÁLISE
Intertextualidade	✓ De outros textos/ vozes relevantes, quais são incluídos? Quais são significativamente excluídos? ✓ Como outras vozes são incluídas? São atribuídas? Se sim, especificamente ou não especificamente? ✓ As vozes atribuídas são relatadas diretamente (citação) ou indiretamente? ✓ Como outras vozes são tecidas em relação à voz do/a autor/a e em relação umas com as outras?

Fonte: Fairclough (2003, p. 192) tradução de Ramalho e Resende (2011, p. 114).

[62] Tradução nossa para *"[...] for any particular text or type of text, there is a set of other texts and a set of voices which are potentially relevant, and potentially incorporated into the text"* (Fairclough, 2003, p. 47).

[63] Tradução nossa para *"[...] Which texts and voices are included, which are excluded, and what significant absences are there?"* (Fairclough, 2003, p. 47).

Com base nas questões apresentadas no Quadro 14, nossa pesquisa analisa quais textos e/ou vozes são articulados nas representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo praticado pelo sítio Dibradoras. Para isso, pautamos na representação de discurso, que consiste "em uma forma de intertextualidade na qual partes de outros textos são incorporadas a um texto e explicitamente marcadas como tal, com recursos, como aspas e orações relatadas" (Fairclough, 2001, p. 138).

Fairclough (2001) explica que opta pelo uso do termo "representação de discurso" ao invés do tradicional termo "discurso relatado", porque

> (1) ele capta melhor a ideia de que, quando se 'relata' o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro; e (2) o que está representado não apenas a fala, mas também a escrita, e não somente seus aspectos gramaticais, mas também sua organização discursiva, assim como vários outros aspectos do evento discursivo - suas circunstâncias, o tom no qual as coisas foram ditas, etc. (Fairclough, 2001, p.153).

No jornalismo, a representação de discurso é um dos recursos utilizados para a inserção das vozes dos(as) entrevistados(as), a partir da seleção do(a) jornalista sobre o que as pessoas relataram é que se constrói o texto. No Quadro 15, a seguir, apresentamos exemplos da representação de discurso presente em nossos *corpora*.

É importante destacar que as SD são apresentadas por meio de quadros e enumeradas com algarismos arábicos na ordem crescente, sendo as enumerações reiniciadas a cada seção da pesquisa. Em algumas SD, destacamos o elemento analisado por meio do recurso gráfico sublinhado.

Quadro 15 - Representação de discurso

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
SD 01: Após [a] eliminação do Brasil para o Canadá nas quartas de final dos Jogos Olímpicos de Tóquio, a técnica Pia Sundhage começou a coletiva de imprensa pedindo desculpas pela eliminação e declarando <u>que iria fazer a *(sic)* "a lição de casa"</u>. **(Texto 06)**
SD 02: "<u>Eu fico triste, é uma pena não ter chegado à semifinal. Preciso fazer a lição de casa pra melhorar na próxima vez. Foi uma partida muito importante, jogamos bem, poderíamos ter aumentado a velocidade e o ritmo, e o Canadá ganhou a partida nos pênaltis que sempre é difícil</u>", declarou a treinadora. **(Texto 06)**

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 01, no trecho sublinhado, temos a fala da entrevistada, a técnica Pia Sundhage, apresentada pela voz da jornalista. Para introduzir a representação de discurso, a jornalista usa uma oração relatada, "a técnica Pia Sundhage começou a coletiva de imprensa pedindo desculpas pela eliminação e declarando". Já na SD 02, a representação de discurso é a

reprodução fiel às palavras da técnica. O trecho é apresentado entre aspas e traz um verbo *dicendi*[64], "declarou", seguido da autoria da fala, que neste caso é apresentada pela função da Dizente, "treinadora".

Para Fairclough (2001), a representação de discurso "não só [é importante] como um elemento da linguagem de textos, mas também como uma dimensão da prática social". O linguista destaca quatro formas de relatar a voz/texto do outro por meio da representação de discurso, a saber, i) discurso direto, ii) discurso indireto, iii) discurso indireto livre e iv) relato de ato de fala.

O discurso direto acontece quando supostamente a voz do outro é transcrita de forma fiel como foi pronunciada ou escrita; neste caso usam-se aspas e, geralmente, há a presença de um verbo *dicendi*. No discurso direto "há um limite explícito entre a 'voz' da pessoa de é relatada e a 'voz' de quem relata e diz-se frequentemente que o discurso direto usa as palavras exatas da pessoa quando as relata" (Fairclough, 2001, p. 140). Podemos perceber este limite na SD 02, em que a voz da técnica é apresentada por meio do discurso direto. Para isso, a jornalista utiliza-se das aspas e finaliza a citação com um verbo *dicendi* para mencionar a autoria da voz, "declarou a técnica".

O discurso indireto refere-se ao conteúdo que é reproduzido sem o uso exato das palavras da voz original. Nesta situação há uma mudança de tempo verbal para a construção de orações subordinadas e a presença de verbos *dicendi* para introduzir a oração subordinada. A SD 01 exemplifica o discurso indireto, em que temos uma oração subordinada construída com o verbo no futuro do pretérito imperfeito do indicativo, "que iria fazer a *(sic)* 'a lição de casa'", introduzida pelo verbo *dicendi* "declarando". Assim, o discurso direto da SD 02 "Preciso fazer a lição de casa" foi transposto para o discurso indireto, "que iria fazer a "a lição de casa", presente na SD 01.

O discurso indireto livre[65] é mais presente nas produções literárias. Neste tipo de discurso há uma dúvida da autoria da voz. "O discurso indireto livre, que deixa de apresentar uma oração relatadora e tem 'dupla voz', mesclando as vozes do discurso representador e representado, por exemplo a manchete no exemplo 1 ('Convoquem as Forças Armadas na batalha contra as drogas!')" (Fairclough, 2001, p. 154). A representação de discurso por meio

[64] "A expressão *dicendi* vem do latim e significa "dizer", os verbos empregados com esse sentido também são conhecidos como verbos de elocução/de declaração, ou seja, verbos que apresentam a maneira pela qual alguém se expressa.

[65] Nossa pesquisa não se dedica à análise desta representação de discurso, visto que não encontramos ocorrência dela em nossos *corpora*.

do relato de ato de fala "acontece quando não se explicita o conteúdo do ato de fala (por exemplo, quando se afirma 'ele gritou')" (Ramalho; Resende, 2011. p. 134).

No Quadro 16, a seguir, exemplificamos as formas de realização linguística da intertextualidade explícita apresentadas por Fairclough (2001; 2003), extraídas dos *corpora* de nossa pesquisa.

Quadro 16 - Exemplos de representação de discurso

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	TIPO DE REPRESENTAÇÃO DE DISCURSO
SD 03: Meu pai chegou e aí eu falei no que eu estava fazendo, aí ele falou assim: "ah, porque hoje em dia, né, as mulheres são mais representadas". **(Participante 08)**	Discurso direto
SD 04: A árbitra fez questão de enfatizar que para além da marca história, seu desejo é seguir trabalhando com o que ama. **(Texto 05)**	Discurso indireto
SD 05: Ele ficou completamente vermelho e pediu desculpa. **(Entrevistada 03)**	Relato de ato de fala

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

O Quadro 16 apresenta alguns exemplos das formas de relatar a voz/texto do outro em nossos *corpora*. Na SD 03, a Participante 08, no encontro 03 do grupo focal, traz o comentário do pai dela sobre a presença da mulher no esporte, por meio do discurso direto, após ela informá-lo que estava lendo os textos do sítio Dibradoras. A SD 04 apresenta, por meio do discurso indireto, a opinião da árbitra de basquete Andreia Silva sobre o fato de ela ser a primeira mulher a conduzir uma partida entre equipes masculinas. Na SD 05, a Entrevistada 03 refere-se a um pedido de desculpa de um jogador, por meio de relato de ato de fala, após ela questioná-lo pela afirmação dele de que futebol não é lugar para mulheres.

Ao analisarmos nossos *corpora*, percebemos que as formas de representação de discurso se fizeram muito presentes nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras; fato que não aconteceu com o material gerado pelas entrevistas e pelo grupo focal. Por esta razão, a intertextualidade é verificada no *corpus* referente aos textos jornalísticos do sítio Dibradoras, pois se mostrou uma categoria proeminente para a compreensão das representações da mulher esportista no sítio Dibradoras, conforme apresentado na subseção 5.1.

Na subseção 4.2.2, a seguir, passamos à discussão da categoria interdiscursividade.

4.2.2 Interdiscursividade: a imbricação de discursos em um texto

A interdiscursividade mantém uma relação intrínseca com a intertextualidade. É [quase] impossível analisar uma categoria sem mencionar a outra; podemos até tentar, mas falharemos

na missão. Ao debruçarmo-nos sobre a intertextualidade, visamos compreender quais vozes e textos são acionados pelo(a) falante/autor(a); já na interdiscursividade dedicamo-nos a desvendar quais discursos são articulados em um texto e como eles são articulados.

A princípio, relacionamos a interdiscursividade à presença de diferentes discursos dentro de um mesmo texto. No entanto, Fairclough (2003) nos alerta que a interdiscursividade também pode ser a mescla de gêneros e estilos. Para o autor,

> a análise da interdiscursividade de um texto é a análise da mistura particular de gêneros, de discursos e de estilos sobre os quais ele se baseia, e de como diferentes gêneros, discursos ou estilos são articulados (ou 'trabalhados') juntos no texto. Esse nível de análise faz a mediação entre a análise linguística de um texto e as diversas formas de análise social de eventos e práticas sociais[66] (Fairclough, 2003, p. 218).

A articulação de diferentes tipos de gêneros, de discursos e de estilos promove a heterogeneidade de um texto. Um discurso pode se ligar a outros discursos numa relação dialógica harmônica ou polêmica. Assim, ao analisarmos a interdiscursividade, buscamos compreender os discursos, os gêneros e estilos presentes e o modo como eles são articulados ou não em um texto. Em nossa pesquisa, focamos a interdiscursividade a partir da articulação dos diferentes tipos de discursos presentes nas produções jornalísticas do sítio Dibradoras.

Para a identificação dos discursos articulados em um texto, Fairclough (2003) aponta duas etapas: identificar os temas tratados no texto e identificar como estes temas são representados. Para isso, o referido autor nos apresenta algumas questões para guiar a análise interdiscursiva, conforme apresentamos no Quadro 17, a seguir.

Quadro 17 - Questões para a análise da interdiscursividade

ASPECTOS DISCURSIVOS/TEXTUAIS	PERGUNTAS SOBRE O TEXTO EM ANÁLISE
Interdiscursividade	✓ Que discursos são articulados no texto e como são articulados? Há uma mistura significativa de discursos? ✓ Quais são os traços que caracterizam os discursos articulados (relações semânticas entre palavras, colocações, metáforas, presunções, traços gramaticais)?

Fonte: Fairclough (2003, p. 193) tradução de Ramalho e Resende (2011, p. 115).

[66] Tradução nossa para *"[...] Analysis of the interdiscursivity of a text is analysis of the particular mix of genres, of discourses, and of styles upon which it draws, and of how different genres, discourses or styles are articulated (or 'worked') together in the text. This level of analysis mediates between linguistic analysis of a text and various forms of social analysis of social events and practices"* (Fairclough, 2003, p. 218).

De acordo com o Quadro 17, podemos identificar os tipos de discursos a partir de traços linguísticos. Fairclough (2003) afirma que um dos traços mais evidentes para a compreensão dos discursos articulados é o vocabulário. Segundo o autor, diferentes discursos "lexicalizam" o mundo de maneiras diferentes (Fairclough, 2003), já que as escolhas lexicais para a construção de um texto levam em consideração como uma ideia/representação específica de mundo pode ser apresentada.

Fairclough (2003) reforça que em vez de apenas focar automaticamente em diferentes maneiras de formular os mesmos aspectos do mundo, é mais produtivo verificar como diferentes discursos estruturam o mundo de maneira diferente e, portanto, nas relações semânticas entre as palavras, ou seja, não devemos apenas destacar as palavras mais presentes, mas sim compreender a relação que elas estabelecem no texto.

A seguir, no Quadro 18, destacamos uma SD para a ilustração do discurso feminista encontrado em nossos *corpora*.

Quadro 18 - Exemplo de interdiscursividade

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	TIPO DE DISCURSO
SD 06: A gente vê aqui em Minas, por exemplo, a maioria dos veículos não tem mulheres trabalhando e quando tem mulheres, são mulheres dentro de um certo padrão, são mulheres brancas, do cabelo liso, que performam feminilidade. **(Entrevistada 03)**	Discurso feminista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em nossa sociedade, o discurso feminista aborda a luta de um grupo a quem o lugar de fala sempre foi restrito, ou seja, as mulheres. A SD 06, proferida por uma das jornalistas entrevistadas, utiliza este tipo de discurso para destacar a ausência da mulher no jornalismo esportivo nos veículos de comunicação mineiros. A jornalista aborda também as características físicas que a mídia "exige" como padrão de beleza para a mulher jornalista, "mulheres brancas, do cabelo liso, que performam feminilidade". Assim, na SD 06 podemos perceber uma articulação do discurso feminista (jornalista) ao discurso machista e patriarcal (veículos midiáticos tradicionais). As mulheres, fora deste padrão imposto pelos homens, raramente eram[67] aceitas no jornalismo esportivo.

Assim como na categoria da intertextualidade, a interdiscursividade é direcionada à análise dos textos jornalísticos do site Dibradoras, conforme apresentamos na subseção 5.1. Esta escolha se deve ao fato de que os discursos articulados nos textos jornalísticos apresentam

[67] Usamos o tempo verbal do pretérito imperfeito do indicativo, pois, atualmente, estamos presenciando uma mudança do padrão presente nos veículos de comunicação.

uma importante ferramenta para a compreensão das representações da mulher esportista brasileira construídas pelo sítio Dibradoras.

Na subseção 4.2.3, a seguir, dedicamo-nos à discussão da categoria avaliação.

4.2.3 Avaliação: as declarações avaliativas e os valores presumidos em um discurso

"Não gosto das cores amarela e verde; prefiro a vermelha!" Uma simples opinião sobre cores, mas que pode representar um posicionamento político em nosso país. Nos últimos anos vivemos uma forte bipolarização política tendo como centro os políticos Luiz Inácio Lula da Silva, associado à esquerda e à cor vermelha, e Jair Messias Bolsonaro, associado à extrema direita e às cores verde e amarela.

Utilizamos o exemplo para mostrar como o discurso é impregnado de avaliações, as quais corroboram a manutenção do poder e da ideologia. Fairclough (2003, p. 171) usa o termo avaliação[68] em um sentido mais amplo. Além de incluir as declarações avaliativas, por exemplo, "O futebol feminino é bom"; o autor destaca "outras maneiras mais ou menos explícitas ou implícitas pelas quais os autores se comprometem com valores[69]", por exemplo, "Eu acho o futebol feminino muito competitivo e atrativo".

A avaliação é uma categoria textual/discursiva que, a princípio, está relacionada aos estilos particulares. "As avaliações são pessoais, ligadas a maneiras de ser. No entanto, o uso de avaliações específicas pode ser associado a discursos e a gêneros particulares [...]" (Ramalho; Resende, 2011, p. 119). Para a investigação da categoria avaliação, Fairclough (2003) nos apresenta duas questões norteadoras, destacadas, no Quadro 19, a seguir.

Quadro 19 - Questões para a análise da avaliação

ASPECTOS DISCURSIVOS/TEXTUAIS	PERGUNTAS SOBRE O TEXTO EM ANÁLISE
Avaliação	✓ Com que valores (em termos do que é desejável ou indesejável) o/a autor/a se compromete? ✓ Como valores são realizados – como declarações avaliativas, declarações avaliativas com modalidade deôntica, declarações com processo mental afetivo, valores presumidos?

Fonte: Fairclough (2003, p. 194) tradução, com adaptações, de Ramalho e Resende (2011, p. 116).

[68] Há vários pesquisadores que recorrem ao estudo de Martin e White (Martin, J. R. & White, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave MacMillan, 2005) para a abordagem dessa categoria. Contudo, em nosso estudo, recorremos apenas ao proposto apresentado por Fairclough (2003).

[69] Tradução nossa para *"[...] but also other more or less explicit or implicit ways in which authors commit themselves to values"* (Fairclough, 2003, p. 171).

Fairclough (2003, p. 171) nos apresenta quatro subcategorias para a análise da avaliação, a saber, i) as declarações avaliativas; ii) as declarações avaliativas com modalidade deôntica; iii) as declarações avaliativas com processo mental afetivo e iv) os valores presumidos[70].

As declarações avaliativas tratam de uma avaliação explícita. Estas afirmações revelam sobre o que se deseja ou não, o que é bom e o que é ruim. Fairclough (2003, p. 172) destaca algumas marcas linguísticas pelas quais é possível identificá-las. As declarações avaliativas podem ser construídas por meio de Atributos, "Bom", ou uma frase nominal, "Um livro ruim"; por um processo em que o elemento avaliativo é o próprio processo "Ele acovardou-se"; por processo com advérbios avaliativos (O autor resumiu os argumentos maravilhosamente) ou por sinal de exclamação "Que livro maravilhoso!".

O autor destaca ainda que declarações avaliativas construídas com palavras como "bom", "ruim", "maravilhoso", "terrível", há uma transparência sobre o valor desejável ou indesejável. No entanto, quando nos afastamos desta transparência, "as declarações avaliativas rapidamente se tornam relativas ao discurso – por exemplo, 'ela é comunista' pode ser uma afirmação avaliativa, mas apenas relativa a um discurso particular[71]" (Fairclough, 2003, p. 172).

A segunda subcategoria da avaliação, as declarações avaliativas com modalidade deôntica, utiliza "estratégias retóricas com base em valores morais para promover uma obrigatoriedade/necessidade em sociedade. Abrange, portanto, sentidos como permissão, obrigação, proibição, obediência etc." (Nascimento; Pereira e Viana, 2022, p. 357).

A modalidade "é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 114). A modalidade deôntica "ocorre em propostas (ofertas e comandos). Em comandos, há graus de obrigação: permitido, aceitável, necessário, obrigatório" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 114). Para a construção das declarações avaliativas com modalidade deôntica, podemos encontrar traços linguísticos como "verbo modalizador (deve, deveria), adjuntos modais (necessariamente, obrigatoriamente, voluntariamente, alegremente), expressões como é necessário, é preciso, é esperado, está inclinado a, está disposto a" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 115).

---

[70] Tradução nossa para *"[...] Evaluative statements [...]; Statements with deontic modalities; Statements with affective mental process verbs; Value assumptions"* (Fairclough, 2003, p. 171).

[71] Tradução nossa para *"[...] evaluative statements quickly become discourse-relative – for instance, 'she's a communist' may be an evaluative statement, but only relative to a particular discourse"* (Fairclough, 2003, p.172).

A terceira subcategoria tratam das avaliações explícitas por meio de processos mentais afetivos[72]. De acordo com Fairclough (2003), este tipo de avaliação geralmente é subjetivamente marcado pelo(a) autor(a), por exemplo, "Eu gosto deste livro", mas também pode aparecer como processos relacionais onde o Atributo é afetivo, por exemplo, "Este livro é fascinante".

Por fim, a quarta e última subcategoria de avaliação, os valores presumidos, corresponde ao tipo de avaliação mais implícito, em que não há marcadores transparentes, ou seja, a avaliação é construída a partir de um pressuposto. Fairclough (2003, p.173) nos apresenta a seguinte explicação "se eu escrever 'este livro ajuda a ...', o que se segue a 'ajuda a' provavelmente será avaliado positivamente[73]". Em nossa pesquisa, a avaliação se faz muito presente nos três *corpora e* se mostrou uma importante categoria para a compreensão das representações da mulher esportista no jornalismo esportivo. Por esta razão, a categoria está presente nas análises dos três materiais que compõem a nossa pesquisa.

No Quadro 20, a seguir, exemplificamos as quatro subcategorias da avaliação.

Quadro 20 - Exemplos de avaliação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	TIPO DE AVALIAÇÃO
SD 07: O futebol feminino estreou nos Jogos Olímpicos de Atlanta, e a seleção brasileira fez bonito lá, conquistando o quarto lugar. **(Texto 01)**	Declaração avaliativa
SD 08: Ali, eu entendi que não basta falar, é preciso que sua voz chegue a quem precisa ouvir. **(Texto 10)**	Declaração avaliativa com modalidade deôntica
SD 09: Enfim, eu gostei muito das matérias. **(Participante 08)**	Declaração avaliativa com processo mental afetivo
SD 10: Apesar de o boxe ser um esporte muito popular há anos entre os homens, ainda há um estigma muito grande com mulheres que lutam. **(Texto 03)**	Valores presumidos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 20 percebemos que a avaliação surge como uma importante ferramenta para a construção das representações da mulher esportista brasileira. A SD 07 traz a declaração avaliativa da jornalista, "a seleção brasileira fez bonito", para enaltecer o resultado alcançado nos Jogos Olímpicos de 1996. A SD 08 apresenta uma declaração avaliativa com modalidade deôntica, "é preciso que sua voz chegue a quem precisa ouvir", em que a jornalista destaca a necessidade de as vozes das mulheres serem levadas a sério e que as reivindicações delas

[72] Na subseção 4.3.1.2 apresentamos a definição dos processos mentais afetivos.
[73] Tradução nossa para *"[...] for instance if I write 'this book helps to . . .', whatever follows 'helps to' is likely to be positively evaluated"* (Fairclough, 2003, p.173).

precisam ser compreendidas e postas em prática. A SD 09 nos revela uma declaração avaliativa com processo mental afetivo, “gostei muito das matérias”, de uma participante do grupo focal, após ser convidada a opinar sobre as matérias produzidas pelo sítio Dibradoras. A SD 10 apresenta, nas entrelinhas, o senso comum da sociedade de que o boxe não é um esporte para a prática feminina, transmitindo, assim, um valor presumido.

A intertextualidade, a interdiscursividade e a avaliação, destacadas e exemplificadas ao longo desta seção, são as categorias da abordagem faircloughiana selecionadas para a nossa pesquisa. Conforme mencionado ao longo desta subseção, a análise dos textos jornalísticos aborda as três categorias, enquanto as análises das entrevistas e do grupo focal pautam-se na avaliação.

Na subseção 4.3, a seguir, nos dedicamos à apresentação de conceitos da LSF que são importantes para a realização de nosso estudo.

4.3 Linguística Sistêmico-Funcional: considerações e conceitos

O drible ou o dibre? Questionamento que ganhou as redes sociais do sítio Dibradoras, conforme destacamos na subseção 3.1, é um exemplo da vivacidade de nossa língua, a qual está em constante mudança, e de que, para a analisarmos é importante levarmos em consideração o contexto na qual ela está inserida. Enquanto o vocábulo drible figura nos dicionários de língua portuguesa, o dibre está presente na modalidade oral, principalmente, sendo utilizado por falantes com menor grau de escolaridade.

O vocábulo dibre ganhou destaque nacional por meio das entrevistas do ex-jogador de futebol, Ronaldo de Assis Moreira, o Ronaldinho Gaúcho[74]. Assim, o contexto social em que os vocábulos estão inseridos é de suma importância para compreendermos a forma empregada e o porquê da escolha dentre as várias opções. E foi, ao voltar-se para os diversos usos da língua, que o linguista britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday juntamente com colegas das Universidades de Sydney e de Macquarie, na Austrália, desenvolveu a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), que resultaria na abordagem da LSF (Gouveia, 2009).

Na LSF a língua deixa de ser um conjunto de regras e uma representação do pensamento e passa a ser vista como um sistema de construção de significados, que está em consonância com os usos sociais que são feitos da linguagem. A teoria sistêmico-funcional hallidayana adota

[74] É um ex-futebolista brasileiro que atuou como meio-campista ou ponta-esquerda, encerrou a carreira oficialmente em 2018. Atualmente é embaixador da cidade de Miami para a Copa do Mundo de 2026. Extremamente habilidoso, ficou conhecido como o “Rei do Dibre” (Ronaldinho Gaúcho, 2025, s.p.).

o eixo paradigmático como ponto de partida, ou seja, a língua é interpretada como "redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 19).

Para Halliday (1978), a compreensão da língua se dá a partir das escolhas do falante.

> Como podemos tentar compreender a língua em uso? Olhando para o que o falante diz na relação com o que poderia ter dito, mas não disse, como uma atualização na envolvência de um potencial. Daí a envolvência ser definida paradigmaticamente: usar a língua significa fazer escolhas na envolvência de outras escolhas[75] (Halliday, 1978, p. 52).

A LSF consiste em uma abordagem funcionalista, que tem como princípio básico a concepção do sistema linguístico como um potencial de significação que se instancia em unidades semânticas que, contextualizadas em uma situação concreta, constituem textos. Desse modo, os estudos em LSF fazem uso do texto como unidade de análise. O "termo 'texto' refere-se a qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua[76]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 4). Na LSF, o texto pode ser tanto escrito (notícia), oral (entrevista), imagético (placa de trânsito) ou gestual (Língua Brasileira de Sinais), além de expressões faciais.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 24), a língua "é um sistema semiótico complexo, com vários níveis ou estratos"[77]. Meurer (2011, p. 177) destaca que a estratificação "é um dos parâmetros essenciais da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), cuja função é interrelacionar o texto, as significações e o contexto".

A seguir, na Figura 23, reproduzimos os níveis de estratos apresentados por Halliday e Matthiessen (2004).

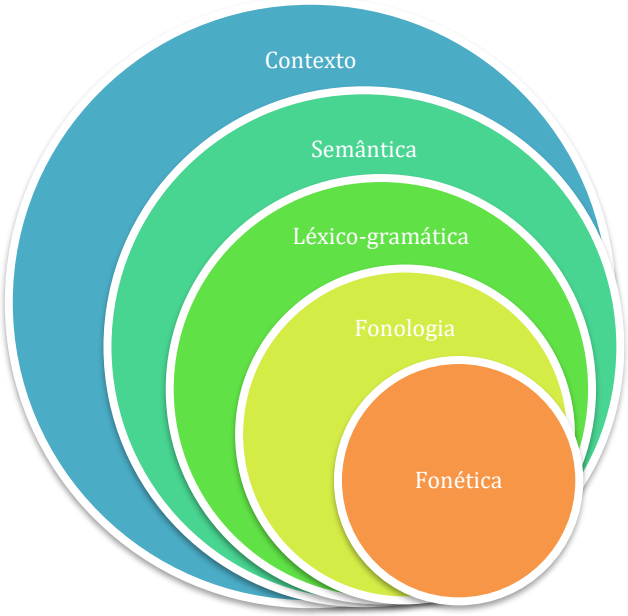
---

[75] Tradução de Gouveia (2009, p. 22) para *"How do we try to understand language in use? By Looking at what the speaker says against the background of what he might have said but did not, as an actual in the environment of a potential. Hence theenvironment is defined paradigmatically: using language means making choices in the environment of other choices"* (Halliday, 1978, p. 52).

[76] Tradução nossa para *"The term 'text' refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 4).

[77] Tradução nossa para *"This acknowledged the fact that a language is a complex semiotic system, having various levels, or strata"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 24).

Figura 23 - Estratificação na LSF



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 24)

É importante destacar que todos os estratos se fazem presentes na construção de um texto (Figura 23), mesmo que não seja possível descrevê-los ao mesmo tempo (Meurer, 2011). Conforme ilustra a figura acima, "o sistema linguístico estratificado está 'embutido' no contexto[78]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 26). Na LSF, a noção de contexto apresenta duas vertentes: situacional e cultural.

O contexto de situação refere-se ao "ambiente imediato em que um texto está realmente funcionando. Usamos esta noção para explicar por que certas coisas foram ditas ou escritas nesta ocasião específica, e o que mais poderia ter sido dito ou escrito e não foi[79]" (Halliday, 1989, p. 46). Já o contexto de cultura é mais amplo e consiste nos valores e significados de como um texto pode ser interpretado (Halliday, 1989). Nas palavras de Fuzer e Cabral (2014, p. 28), o contexto de cultura "refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família, a igreja, a justiça, etc".

Sobre a relação da língua com estes contextos, Gouveia (2009) enfatiza que

[78] Tradução nossa para *"[...] the stratified linguistic system is 'embedded' in context."* (Halliday; Matthiessen. 2004, p. 26).
[79]Tradução nossa para *"The context of situation, as defined in these terms, is the immediate environment in which a text is actually functioning. We use this notion to explain why certain things have been said or written on this particular occasion, and what elsc might have been said or written that was not"* (Halliday, 1989, p. 46).

> a relação entre a língua e os seus contextos de uso, ou dito de outra forma, a relação entre um texto e o seu contexto, é de tal forma motivada que, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão activados e as características linguísticas potenciais mais previsíveis para as codificar em texto. Da mesma forma, dado um texto, será possível deduzir o contexto em que o mesmo foi produzido, porquanto as características linguísticas seleccionadas num texto codificarão dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional – quem diz o quê a quem, por exemplo –, como do contexto mais geral, cultural – que tarefa está o texto a desempenhar na cultura (Gouveia, 2009, p. 25-26).

O contexto de situação apresenta três variáveis: campo, relações e modo. Meurer (2011, p.179) explica que "o campo tem a ver com acontecimento em curso ou a atividade que está sendo realizada; as relações, com os papéis e interação entre os participantes envolvidos; e o modo, com o canal (fônico/gráfico), a modalidade (escrito/falado) e o meio (eletrônico ou não) de veiculação do texto".

Halliday (1978, 1989) afirma que a identificação das variáveis do contexto de situação é possível a partir de determinados elementos linguísticos, pois cada uma destas variáveis corresponde a uma metafunção, conforme ilustra o Quadro 21, a seguir. Para Gouveia (2009, p.12), "a partir da consideração da existência de Metafunções, é possível verificar, por meio de descrição, como as línguas naturais se estruturam, se organizam com base em tais princípios funcionais de caracterização da linguagem humana".

Quadro 21 - As Metafunções da linguagem e as variáveis do contexto situacional

METAFUNÇÃO	DEFINIÇÃO	VARIÁVEL DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO	TIPO DE ORAÇÃO CORRESPONDENTE
Ideacional	Construção do mundo e da experiência	Campo	Oração como representação
Interpessoal	Estabelecimento de relações entre as pessoas	Relações	Oração como interação
Textual	Organização da linguagem de forma coerente	Modo	Oração como mensagem

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p.61).

Como mencionado na subseção 4.2, Fairclough (2003) estabelece um diálogo com a LSF a partir das três Metafunções elencadas por Halliday: a metafunção ideacional (a função de falar sobre o mundo), a interpessoal (a função de estabelecer relações entre as pessoas) e a textual (a função de organizar a linguagem de forma linear e coerente).

A metafunção ideacional refere-se à possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo físico ou mental, representá-los, transmitir e expressar ideias (Halliday;

Matthiessen, 2004). Esta metafunção apresenta dois componentes, o experiencial - "responsável pela construção de um modelo de representação de mundo" - e o lógico - "responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 33).

Na função experiencial a unidade de análise é a oração, por meio do sistema da transitividade, no qual temos os participantes, os processos e as circunstâncias, conforme ilustra o Quadro 22, a seguir. Na função lógica a unidade de análise é o complexo oracional (Halliday; Matthiessen, 2004).

Quadro 22 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção ideacional

SD 11 (Texto 04) / **Metafunção**	Rebeca Andrade	conquista	1º ouro olímpico das mulheres brasileiras	em Tóquio.
Ideacional (Sistema de transitividade)	**Participante**	**Processo**	**Participante**	**Circunstância**

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Fuzer e Cabral (2014, p. 35).

A metafunção interpessoal caracteriza-se pela troca de informações entre os participantes de uma interação. Esta metafunção constrói-se a partir de "uma proposição, ou uma proposta, pela qual informamos ou questionamos, damos uma ordem ou fazemos uma oferta e expressamos nossa avaliação e atitude em relação a quem estamos nos dirigindo e do que estamos falando[80]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 29). Na metafunção interpessoal o foco passa a ser a interação entre os participantes de um evento comunicativo e o sistema analisado é o modo.

Nesta metafunção, os recursos léxico-gramaticais são o sujeito, o finito e o resíduo (complemento, predicador ou adjunto), conforme exemplifica o Quadro 23. Nas análises com base nesta metafunção "explicitam-se informações relativas ao tempo (presente, passado, futuro) em que ocorre o evento, à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação) e à polaridade (positiva ou negativa)" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 33).

Quadro 23 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção interpessoal

SD 11 (Texto 04) / **metafunção**	Rebeca Andrade	conquista		1º ouro olímpico das mulheres brasileiras	em Tóquio.
Interpessoal (Sistema de modo, modalidade e polaridade)	**Sujeito**	**Finito**	**Predicador**	**Complemento**	**Adjunto**
	Modo		**Resíduo**		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Fuzer e Cabral (2014, p. 35).

[80] Tradução nossa para *"[...] it is also a proposition, or a proposal, whereby we inform or question, give an order or make an offer, and express our appraisal of and attitude towards whoever we are addressing and what we are talking about"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 29).

A metafunção textual caracteriza-se pela possibilidade que a linguagem oferece de organizar a mensagem de forma que seja reconhecível ao ouvinte/leitor. A metafunção textual também pode ser vista como uma função que estrutura as outras duas (ideacional e interpessoal) simbolicamente; "uma vez que ambas as outras - ao construir a experiência [ideacional] e encenar relações interpessoais [interpessoal] - dependem da capacidade de construir sequências de discurso, organizar o fluxo discursivo e criar coesão e continuidade à medida que avança[81]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 30).

Na metafunção textual, a oração é constituída por dois elementos: o tema, "que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo que localiza e orienta a oração dentro de seu contexto[82]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 64), e o rema, "o restante da mensagem, a parte em que o Tema é desenvolvido[83] [...]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 65), como exemplificado no Quadro 24.

Nesta metafunção, "a variável contextual modo tende a determinar as formas de coesão (elipse, referência, substituição), os padrões de voz e tema (voz ativa e passiva), as formas dêiticas (exofóricas, referenciais) e a continuidade léxico-lógica (repetição)" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 33).

Quadro 24 - Os elementos léxico-gramaticais da metafunção textual

SD 11 (Texto 04) / **metafunção**	Rebeca Andrade	conquista 1º ouro olímpico das mulheres brasileiras em Tóquio.
Textual (Estrutura temática)	**Tema**	**Rema**

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Fuzer e Cabral (2014, p. 35).

Na metafunção ideacional a oração é vista como representação; na interpessoal como como troca de informações ou bens e serviços e na textual, a oração é vista como mensagem (Fuzer; Cabral, 2014). A partir da metafunção analisada uma mesma oração apresenta diferentes funções léxico-gramaticais, conforme destaca o Quadro 25, a seguir, ao agruparmos os elementos léxico-gramaticais das três metafunções.

[81] Tradução nossa para *"But the grammar also shows up a third component, another mode of meaning which relates to the construction of text.In a sense this can be regarded as an enabling or facilitating function, since both the others - construing experience and enacting interpersonal relations - depend on being able to build up sequences of discourse,organizing the discursive flow and creating cohesion and continuity as it moves along"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 30).

[82] Tradução nossa para *"The Theme is the element which serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its contexto"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 64).

[83] Tradução nossa para *"The remainder of the message, the part in which the Theme is developed [...]"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 65).

Quadro 25 - Integração multifuncional da oração

SD 11 / **metafunção**	Rebeca Andrade	conquista		1º ouro olímpico das mulheres brasileiras	em Tóquio.
Ideacional (Transitividade)	**Participante**	**Processo**		**Participante**	**Circunstância**
Interpessoal (Modo)	**Sujeito**	**Finito**	**Predicador**	**Complemento**	**Adjunto**
	Modo		**Resíduo**		
Textual (Estrutura temática)	**Tema**	**Rema**			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Fuzer e Cabral (2014, p. 35).

É válido reforçar que as metafunções ideacional, interpessoal e textual se inter-relacionam, já que na LSF todo enunciado é visto por sua multifuncionalidade. No entanto, cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical, tendo a oração como uma unidade gramatical plurifuncional (Halliday; Matthiessen, 2004).

Nesta pesquisa pautamo-nos na análise da oração como representação, com foco na função experiencial. Esta escolha baseia-se pelo fato de que a teoria de representação de atores sociais tem como suporte o sistema de transitividade; além de que para a análise das categorias intertextualidade e avaliação[84] o referido sistema contribui para a compreensão das formas de representação das mulheres esportistas brasileiras presentes em nossos *corpora*.

Na subseção 4.3.1, a seguir, discorremos sobre o sistema de transitividade, tendo como suporte teórico as obras *An Introduction to Functional Grammar,* de Halliday e Matthiessen (2004), e Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa, de Fuzer e Cabral (2014), importante publicação brasileira acerca da aplicação do estudo da funcionalidade na língua portuguesa.

4.3.1 Sistema de transitividade: a oração como representação

Inicialmente faz-se necessário frisarmos que na LSF o conceito de transitividade se difere do abordado na Gramática Tradicional (GT), em que se foca a relação entre verbo e seus complementos. Na LSF, "o sistema de transitividade interpreta o mundo da experiência em um conjunto gerenciável de tipos de processo. Cada tipo de processo fornece seu próprio modelo

[84] É pertinente mencionar que a avaliação é um tipo de expressão que faz parte da metafunção interpessoal.

ou esquema para interpretar um domínio particular da experiência como uma figura de um tipo particular[85] [...]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 170).

Para a interpretação do mundo da experiência, a análise parte dos elementos semânticos que compõem o sistema de transitividade, sendo eles: processo(s), participante(s) e circunstância(s), sobre os quais apresentamos a definição no Quadro 26, a seguir.

Quadro 26 - Definições dos elementos do sistema de transitividade

ELEMENTO	DEFINIÇÃO	CATEGORIA GRAMATICAL
Processo	É o elemento central da configuração, indicando a experiência, se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais
Participantes	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados – as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais
Circunstâncias	Indicam, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais Grupos preposicionais

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 41) com base em Halliday e Matthiessen (2004).

Na Figura 24, a seguir, destacamos, em uma SD do *corpus* de textos jornalísticos, os elementos do sistema de transitividade apresentados no Quadro 26.

Figura 24 - Exemplificação dos elementos do sistema de transitividade

SD 12 (Texto 02)	Os dois atletas **Participante**	foram anunciados **Processo**	pelo Comitê Olímpico do Brasil **Participante**	neste sábado, **Circunstância**	em Tóquio. **Circunstância**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na LSF, os processos, que na GT são conhecidos como verbos ou locuções verbais, "representam eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41). Eles se concretizam textualmente por meio do grupo verbal. Os participantes, que na GT assemelham-se às noções sintáticas desempenhadas pelo sujeito, objetos e predicativos, são, gramaticalmente, realizados pelos grupos nominais e estão envolvidos no processo, sejam realizando ou sendo afetados por ele. As circunstâncias, que na GT assemelham-se aos adjuntos adverbiais, são responsáveis por adicionar significados aos processos. Elas, que são opcionais, realizam-se textualmente por meio de grupos adverbiais ou preposicionais. Assim, é importante

[85] Tradução nossa para *"The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of PROCESS TYPES. Each process type provides its own model or schema for construing a particular domain of experience as a figure of a particular kind"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 170).

destacar que a perspectiva da GT é formal e prescritiva, enquanto a da GSF é semântica e funcional.

No Quadro 27, a seguir, apresentamos um quadro-resumo com base em Halliday e Matthiessen (2004) acerca dos tipos de circunstâncias. É importante ressaltar que sublinhamos o trecho em que a circunstância nomeada se concretiza, já que uma mesma SD pode apresentar variados tipos de circunstâncias.

Quadro 27 - Tipos de circunstâncias

CIRCUNSTÂNCIAS		**EXEMPLOS**
1. Extensão	Distância (A que distância?)	SD 13: Ana Marcela nadou 10 km em mar aberto[86].
	Duração (Há quanto tempo?)	SD 14: [...] nem parecia que Ana Marcela havia nadado por duas horas. **(Texto 14)**
	Frequência (Quantas vezes?)	SD 15: [...] a irlandesa conseguiu tocar mais vezes o rosto da adversária. **(Texto 15)**
2. Localização	Lugar (Onde?)	SD 16: Dentro de campo, não houve nenhuma brincadeira. **(Texto 01)**
	Tempo (Quando?)	SD 17: A dupla brasileira, Luisa Stefani e Laura Pigossi, conquistaram uma medalha inédita para o tênis brasileiro nesta madrugada de sábado (31). **(Texto 07)**
3. Modo	Meio (Como? Com o quê?)	SD 18: Tipo assim, ele amarra ela com cordas, amarrada numa cadeira com um negócio na boca. **(Entrevistada 01)**
	Qualidade (Como?)	SD 19: Com muita segurança, elas concluíram a regata decisiva. **(Texto 09)**
	Comparação (Como é? Com que parece?)	SD 20: Lute como uma garota. Lute como Bia Ferreira. **(Texto 15)**
	Grau (Quanto?)	SD 21: Eu gosto dos boxeadores baianos, especificamente, eu torço muito por eles. **(Entrevistada 02)**
4. Causa	Razão (Por quê?)	SD 22: Por seu talento em todos os aparelhos, Rebeca Andrade sempre foi considerada uma ginasta completa e muito promissora. **(Texto 04)**
	Finalidade (Para quê?)	SD 23: Vou me abrir para, enfim, outras oportunidades. **(Participante 03)**
	Benefício/representação (Por quem?)	SD 24: Contra as norueguesas, conseguimos o improvável: um empate por 2 a 2 com Pretinha marcando duas vezes. **(Texto 01)**
5. Contingência	Condição (por quê?)	SD 25: Interromper o jogo em caso de atos racistas[87].
	Falta/Omissão	SD 26: O Museu do Futebol nasceu sem uma menção ao futebol feminino. **(Entrevistada 01)**
	Concessão	SD 27: A gente troca ideia, apesar da correria. **(Entrevistada 03)**
6. Acompanhamento	Companhia (Com quem? Com o quê?)	SD 28: A resposta veio pouco depois, quando junto de Fran, Andreia Rosa, Maurine e Rosana, Cristiane anunciou a aposentadoria. **(Texto 10)**
	Adição (Quem mais? O que mais?)	SD 29: [...] Além das marcas e conquistas, leva consigo o apelido de "Fênix". **(Texto 18)**
	Estilo (Ser como o quê?)	SD 30: Ela trabalha mais como freela. **(Entrevistada 03)**

[86] Exemplo produzido pela autora, já que em nossos *corpora* não encontramos registros de tal circunstância.
[87] Idem nota 86.

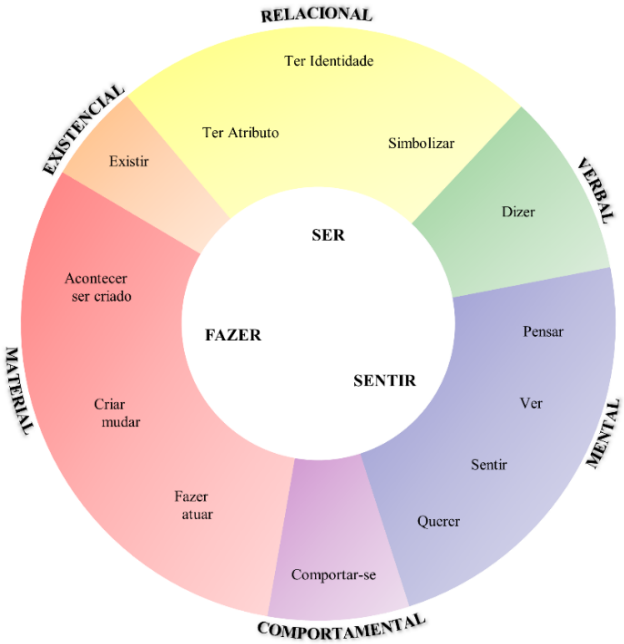
7. Papel	Produto (o quê/em quê?)	SD 31: Esse mestrado em jornalismo esportivo é para pessoas que querem trabalhar como jornalistas esportivos aqui na Inglaterra. **(Entrevistada 03)**
8. Assunto	(Sobre o quê?)	SD 32: E Gabi falou sobre essa constante cobrança. **(Texto 17)**
9. Ângulo	Fonte	SD 33: O segredo, segundo ele [Fernando Possenti], é não seguir sempre o mesmo tipo de treino. **(Texto 11)**
	Ponto de vista	SD 34: Na minha opinião, ela não deveria estar, ela não deveria estar em campo, no caso. **(Entrevistada 03)**

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 262-263) inspirado em Fuzer e Cabral (2014, p. 53-54).

Halliday e Matthiessen (2004, p. 176) explicam que a relação entre estes elementos (processo, participante e circunstância) forma uma figura. As figuras são os significados produzidos pela associação entre os elementos, sendo a configuração processo + participante denominada de "centro experiencial da oração"; já que que os elementos circunstanciais "ao contrário dos participantes, não estão diretamente envolvidos no processo[88]".

Assim, uma análise pautada na LSF com foco no sistema de transitividade gira em torno do processo. Halliday e Matthiessen (2004) dividem os processos em três grupos principais: material, mental e relacional e, das relações entre eles, surgem mais três processos: verbal, comportamental e existencial, conforme ilustramos na Figura 25, a seguir.

Figura 25 - Tipos de processos nas orações



Fonte: Adaptado de Halliday (1994), Halliday; Matthiessen (2004), tradução de Fuzer; Cabral (2014).

[88] Tradução nossa para *"[...] we can say that the configuration of process + participants constitutes the experiential centre of the clause. Circumstantial elements augment this centre in some way — temporally, spatially, causally and so on; but their status in the configuration is more peripheral and unlike participants they are not directly involved in the process"* (Halliday; Matthiessen 2004, p. 176).

Os processos materiais referem-se às ações da ordem do "fazer e acontecer", destacando a representação da experiência externa; os processos mentais são caracterizados pela representação da experiência interna, ou seja, as ações ocorrem no interior da mente; os processos relacionais obedecem à ordem do ser, sendo a representação das relações; os processos verbais consistem em verbalizações ocorridas em situações de fala durante a interação, caracterizando a representação de dizeres; os processos comportamentais sugerem ações relativas ao comportamento humano, isto é, a representação de comportamentos; e, por fim, os processos existenciais referem-se à ordem do existir, ou seja, a representação da existência de um participante (Halliday; Matthiessen, 2004).

Nas subseções 4.3.1.1 a 4.3.1.6, a seguir, abordamos os tipos de cada oração a partir do processo presente (material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial).

4.3.1.1 Orações materiais

As orações materiais são definidas como as orações de "fazer e acontecer", pois representam uma mudança no fluxo de eventos. Neste tipo de oração o participante, que é o responsável pela "fonte de energia que provoca a mudança[89]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 179), é denominado de Ator; enquanto o participante - não necessariamente um ser humano - que "tem alguma de suas características criada ou alterada" é nomeado de Meta.

Halliday e Matthiessen (2004) explicam que quando a oração material envolve apenas o Ator, ou seja, tem-se apenas um participante estamos diante de uma oração material intransitiva (SD 35); já quando há dois participantes, por exemplo, Ator e Meta, a oração é denominada de transitiva (SD 11), conforme indica a Figura 26.

Figura 26 - Orações materiais intransitivas e transitivas

Intransitiva	SD 35 **(Texto 01)**	O futebol feminino **Ator**	estreou **Processo material**		nos Jogos Olímpicos de Atlanta. **Circunstância (localização)**
Transitiva	SD 11 **(Texto 08)**	Rebeca Andrade **Ator**	conquista **Processo material**	1º ouro olímpico das mulheres brasileiras **Meta**	em Tóquio. **Circunstância (localização)**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

[89] Tradução nossa para *"[...] the source of the energy bringing about the change is typically a participant — the Actor"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 179).

As SD 11 e 35 ilustram os modos mais recorrentes nos textos jornalísticos analisados com as participantes na função de Ator. Na função de Ator, percebemos, principalmente, dois tipos de construção: quando a modalidade é praticada em grupo, a opção mais usada para a função de Ator é o nome do esporte (SD 35); já quando a modalidade é individual percebemos o predomínio do nome da atleta (SD 11) ou um termo que remeta à identificação da atleta, como, por exemplo, a identificação de origem (SD 15, Quadro 27).

As SD presentes na Figura 26 também são exemplos de orações ativas. As orações ativas acontecem quando o Ator apresenta os três sentidos de um sujeito, a saber, "(i) Sujeito psicológico significa 'aquele que é a preocupação da mensagem' [...]. (ii) Sujeito gramatical significa 'aquele de que algo é predicado' [...]. (iii) Sujeito lógico significa o 'executor da ação[90]'" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 56). No entanto, quando o Ator, que deve exercer a função de sujeito lógico, não estiver na posição de sujeito gramatical, estamos diante de uma oração na estrutura passiva, conforme indicado na Figura 27.

Figura 27 - Oração material com estrutura passiva

SD 36 **(Texto 03)**	O Brasil também **Meta**	foi defendido **Processo material**	por Roseli Feitosa **Ator**	em 2012, entre os pesos-médios [...]. **Circunstância**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na SD 36, a lutadora Roseli Feitosa representa o Ator, já que é quem executa o processo; enquanto Brasil é o participante afetado, sendo assim classificado como Meta. Em nossos *corpora*, em especial, nos textos jornalísticos, esta construção se fez pouco presente, sendo a construção mais recorrente para abordar a mulher esportista brasileira a oração material direta, como demonstrado na SD 11.

Na oração material, o participante também pode exercer outras funções. Além da de Ator e de Meta, ele pode ser Escopo (Escopo-entidade ou Escopo-processo), Beneficiário (recebedor ou cliente) ou Atributo.

O Escopo é quando o participante "não é de forma alguma afetado pelo desempenho do processo[91]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 192). Ele apresenta dois tipos: Escopo-entidade e Escopo-processo; o primeiro é quando se "constrói o domínio em que o processo se desenrola";

[90] Tradução nossa para *"(i) Psychological Subject meant 'that which is the concern of the message'. [...] (ii) Grammatical Subject meant 'that of which something is predicated'. [...] (iii) Logical Subject meant 'doer of the action'"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 56).

[91] Tradução nossa para *"[...] the Scope of a 'material' clause is not in any way affected by the performance of the process"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 192).

enquanto no segundo “constrói o próprio processo” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 50). O Escopo é restrito às orações intransitivas, com exceção do processo “dar”, conforme ilustra a Figura 28.

Figura 28 - Orações materiais com Escopo

Escopo-entidade **(Entrevistada 01)**	SD 37	Depois, **Circunstância (localização)**	eu **Ator**	comecei a treinar **Processo material**	vôlei **Escopo-entidade**	sério. **Circunstância (modo)**
Escopo-processo	SD 38[92]	Ana Marcela **Ator**		deu **Processo material**	um forte abraço em seu técnico. **Escopo-processo**	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na SD 37 temos a modalidade esportiva vôlei como Escopo-entidade, já que a modalidade não é afetada pela performance do processo material “treinar”. Na SD 38, temos o processo material “dar”, o qual, de acordo com Fuzer e Cabral (2014), com base em Moura Neves (2000), trata de um “verbo-suporte” - verbos que precisam de um completo para ter um significado global e que, geralmente, esta junção corresponde a um verbo. Nesta oração “deu um forte abraço” corresponderia ao processo material “abraçar”.

O participante de uma oração material também pode ser classificado como Beneficiário, ou seja, é quando ele se beneficia, positivo ou negativamente, do desempenho do processo. Há dois tipos de Beneficiário: o Recebedor, quando se recebe bens materiais (SD 39); e o Cliente, quando se recebe serviços prestados pelo Ator (SD 40), ambos são ilustrados na Figura 29, a seguir.

Figura 29 - Orações materiais com Beneficiário

Beneficiário Recebedor	SD 39 **(Texto 01)**	A Sport Promotion **Ator**	ofereceu **Processo material**	contrato **Meta**	para todas as jogadoras da seleção. **Beneficiário Recebedor**	
Beneficiário Cliente	SD 40 **(Entrevistada 03)**	Eu **Ator**	não **Elemento interpessoal**	te **Beneficiário Cliente**	dei **Processo material**	essa liberdade. **Meta**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A SD 39 destaca uma das conquistas da Seleção Feminina de Futebol, após o surpreendente quarto lugar nos Jogos Olímpicos de 1996. As jogadoras tiveram ofertas de contratos profissionais, feito raro à época, já que grande parte das mulheres, que se dedicavam ao futebol, precisavam ter outras fontes de renda. A SD 40 retrata um dos principais desafios

[92] A oração material com Escopo-processo é um exemplo de nossa autoria, uma vez que não encontramos exemplos desse tipo de oração em nossos *corpora*.

enfrentados pelas mulheres jornalistas ao cobrirem modalidades esportivas masculinas, o assédio moral e sexual. A jornalista revive uma situação em que sofreu assédio por parte de um colega de trabalho e precisou alertá-lo que a situação passava do limite de respeito profissional. Neste caso temos um Beneficiário ciente associado a um recebimento negativo.

E, os participantes no processo material também podem exercer a função de Atributo. Halliday e Matthiessen (2004) esclarecem que, apesar do atributo ser uma das características das orações relacionais[93], ele pode aparecer nas orações materiais de duas maneiras: Resultativo ou Descritivo. O Atributo Resultativo especifica um estado resultante, "embora sejam circunstâncias diferentes no sentido de que não são marcados por preposições, eles também são diferentes dos verdadeiros participantes no sentido de que não podem servir como sujeito[94]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 195). O Atributo Descritivo "serve para especificar o estado em que o Ator ou Meta se encontra quando torna parte no processo[95]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 196).

A seguir, na Figura 30, ilustramos as orações materiais com a presença de Atributos.

Figura 30 - Orações materiais com Atributo

Atributo Descritivo	SD 41 **(Texto 01)**	Tafarel **Ator**			caiu **Processo material**		no gramado **Circunstância (localização)**		*e (sic)* emocionada. **Atributo Descritivo**		
Atributo Resultativo	SD 42[96]	Sissi **Ator**	saiu **Processo material**		lesionada **Atributo Resultativo**		aos 35 do segundo tempo. **Circunstância (modo)**				

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Na SD 41, o Atributo descritivo "emocionada" refere-se ao estado em que o Ator, Marcia Tafarel, se encontrou após a classificação da Seleção Brasileira de Futebol. Esta construção está presente nos textos jornalísticos, especialmente, quando temos a descrição de como as mulheres ficavam após as partidas. Na SD 42 temos o Atributo Resultativo "lesionada" para explicar a substituição da jogadora na semifinal, ou seja, Sissi só deixou a partida porque estava machucada.

Na subseção 4.3.1.2, a seguir, abordamos as orações construídas com processos mentais, que se referem à percepção que temos da experiência de mundo.

[93] Na subseção 4.3.1.3 conceituamos as orações relacionais.
[94] Tradução nossa para *"While they are unlike circumstances in that they are not marked by prepositions, they are also unlike true participants in that they cannot serve as Subject"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 195).
[95] Tradução nossa para *"This is the depictive Attribute serving to specify the state in which the Actor or Goal is when it takes part in the process"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 196).
[96] A oração material com atributo resultativo é um exemplo de nossa autoria, uma vez que não encontramos exemplos desse tipo de oração em nossos *corpora.*

4.3.1.2 Orações mentais

As orações mentais são construídas em torno de processos mentais, os quais indicam a forma como interpretamos a mudança no fluxo de eventos que ocorrem em nossa própria consciência. "Enquanto as orações materiais se preocupam com nossa experiência do mundo material, as orações materiais estão preocupadas com a nossa experiência do mundo de nossa própria consciência[97]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 197).

Na oração mental o participante é denominado de Experienciador, geralmente, é um ser humano, o qual sente, pensa, percebe ou deseja algo. "Essa função, entretanto, pode ser exercida também por entidades inanimadas ou desprovidas de consciência, desde que criadas pela mente humana: um objeto, uma instituição, uma substância" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 54). Já o que é sentido, pensado, percebido ou desejado, ou seja, o complemento do processo mental, é denominado de Fenômeno. O Fenômeno pode ser realizado por um grupo nominal (pessoas ou coisas) ou pode ser projetado por uma outra oração, ou seja, o Fenômeno pode ser uma oração projetada.

Na Figura 31, a seguir, ilustramos o uso da oração mental em nossos *corpora*.

Figura 31 - Orações mentais

SD 43 **(Texto 13)**	A equipe **Experenciador**	sofreu **Processo mental**	com um erro **Fenômeno**	na primeira rotação. **Circunstância (localização)**
SD 44 **(Entrevistada 03)**	Eu **Experenciador**	acreditava **Processo mental**	que seria o último grande evento delas dentro da seleção. **Oração projetada (Fenômeno)**	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As SD 43 e 44 exemplificam as duas formas de Experenciador que a participante é encontrada em nossos *corpora*. Na SD 44 temos a jornalista do sítio Dibradoras, figura humana, como o ser que realiza a experiência cognitiva; já na SD 43 deixamos de ter uma figura humana para termos um nome que indica um coletivo de humanos, "a equipe". Este recurso é muito recorrente no material analisado, já que no jornalismo esportivo é usual a presença de itens lexicais para se referir ao grupo.

[97] Tradução nossa para *"While 'material' clauses are concerned with our experience of the material world, 'mental' clauses are concerned with our experience of the world of our own consciousness"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 197).

Em relação ao Fenômeno, na SD 43 é formado por um grupo nominal; enquanto na SD 44 temos o Fenômeno por meio de uma oração projetada, fato que se fez muito presente em nossa análise, em especial, no material coletado durante a realização do grupo focal, conforme abordamos mais adiante na seção 5.

Para analisar as orações mentais, Halliday e Matthiessen (2004) as classificam em quatro tipos: perceptivas, cognitivas, afetivas e desiderativas, exemplificadas na Figura 32, a seguir.

Figura 32 - Tipos de orações mentais

<table>
<tr><td>Oração mental perceptiva</td><td>SD 45 (Entrevistada 02)</td><td>As pessoas Experenciador</td><td>realmente Circunstância (modo)</td><td>ouvirem Processo mental perceptivo</td><td colspan="2">a sua opinião, o seu projeto, a sua proposta. Fenômeno</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Oração mental cognitiva</td><td>SD 46 (Texto 01)</td><td>Ninguém Experenciador</td><td>acreditava Processo mental cognitivo</td><td colspan="3">naquelas mulheres. Fenômeno</td></tr>
<tr><td>SD 47 (Participante 01)</td><td>Eu Experenciador</td><td>acho Processo mental cognitivo</td><td colspan="3">que essa questão de atrelar um esporte a feminilidade ou masculinidade também vem muito do quanto ele exige do esforço físico. Oração projetada (Fenômeno)</td></tr>
<tr><td>Oração mental emotiva</td><td>SD 48 (Participante 05)</td><td>Eu, Experenciador</td><td>particularmente, no geral, assim, Elementos textuais</td><td>gostei Processo mental afetivo</td><td>bastante Circunstância (modo)</td><td>das matérias. Fenômeno</td></tr>
<tr><td>Oração mental desiderativa</td><td>SD 49 (Texto 17)</td><td>[Eu] (elipse) Experenciador</td><td>quero ser Processo mental desiderativa</td><td colspan="3">campeã olímpica. Fenômeno</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As orações mentais perceptivas apresentam processos relacionados aos cinco sentidos humanos: audição, olfato, paladar, tato e visão (SD 45). As orações mentais cognitivas destacam o que se passa na consciência de uma pessoa, ou seja, o que o sujeito pensa (SD 46 e 47). As orações mentais afetivas, também chamadas de emotivas, trabalham com a expressão de sentimentos ou afeições (SD 48). E, por fim, as orações mentais desiderativas indicam o desejo, a vontade, o interesse do sujeito em relação a algo (SD 49).

A SD 47 é o tipo de oração mental mais recorrente em nosso estudo. Durante a realização do grupo focal, as estudantes de jornalismo usaram este tipo de oração para explanar sobre as matérias analisadas, sendo o processo mental "achar", o mais utilizado; discorremos mais sobre o assunto na seção dedicada à análise dos dados, seção 5.

Prosseguindo a nossa revisão do sistema de transitividade, na subseção 4.3.1.3, a seguir, apresentamos as orações relacionais, em que encontramos a identificação e a caracterização do participante.

4.3.1.3 Orações relacionais

As orações relacionais são construídas por processos relacionais, que são aqueles que expressam noção de ser e estar em relação a alguma coisa. “As orações relacionais são comumente usadas para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. Ajudam na criação e descrição de personagens e cenários em textos narrativos; contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 65). Assim, neste tipo de oração, obrigatoriamente, há a presença de dois participantes.

Halliday e Matthiessen (2004) classificam as orações relacionais em três tipos: intensivas, circunstanciais e possessivas. Estes tipos de orações podem se apresentar de dois modos distintos: atributivas, que é quando há atribuição de característica, positiva ou negativa, a um participante; e identificativas, que é quando um participante serve para identificar o outro. As orações relacionais identificativas possuem a propriedade de reversibilidade, ou seja, os participantes podem mudar de posição, sem alteração de sentido. Como, por exemplo, a SD 51 presente na Figura 33**,** a seguir, pode também ter a seguinte estrutura: “A primeira mulher a treinar homens na modalidade, no Brasil, foi Yoko Fuji, técnica da seleção brasileira de judô”.

Nas orações relacionais atributivas os participantes são denominados de Portador, “a entidade à qual é atribuída uma característica”, e de Atributo, “a característica que é atribuída ao Portador”. Já nas orações relacionais identificativas, os participantes são denominados de Identificado, “a entidade que recebe a identificação”, e Identificador, “a identidade atribuída ao Identificado” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 68-70).

As orações relacionais intensivas, indicadas na Figura 33, a seguir, acontecem quando um dos participantes caracteriza o outro. Este tipo de oração, geralmente, é construído com os processos “ser” e “estar”, e ocasionalmente com os processos “parecer”, “permanecer”, “ficar”, “andar”, “tornar-se” e “representar”.

Figura 33 - Orações relacionais intensivas

Oração relacional intensiva atributiva	SD 50 **(Texto 09)**	Martine e Kahena **Portador**	são **Processo relacional intensivo**	bicampeãs. **Atributo**
Oração relacional intensiva identificativa	SD 51 **(Texto 16)**	Yoko Fuji, técnica da seleção brasileira de judô, **Identificado**	foi **Processo relacional intensivo**	a primeira mulher a treinar homens na modalidade no Brasil. **Identificador**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As orações relacionais intensivas são importantes para a construção das representações das mulheres esportistas brasileiras feitas pelo sítio Dibradoras. Com as orações relacionais intensivas atributivas (SD 50) percebemos como as mulheres são caracterizadas nas produções do veículo de comunicação. Já as orações relacionais intensivas identificativas (SD 51) são usadas para destacar feitos importantes das mulheres dentro do esporte.

As orações relacionais circunstanciais, ilustradas na Figura 34, a seguir, acontecem quando entre os participantes da oração há uma relação de tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, ângulo ou assunto, ou seja, temos traços da circunstância (Halliday; Matthiessen, 2004).

Figura 34 - Orações relacionais circunstanciais

Oração relacional circunstancial atributiva	SD 52 **(Entrevistada 03)**	[O assunto] (elipse) **Portador**	era **Processo relacional**		sempre **Circunstância (modo)**	sobre o meu corpo. **Atributo circunstancial (assunto)**
Oração relacional circunstancial identificativa	SD 53 **(Texto 02)**	A estreia de Ketleyn **Identificado**	no judô **Circunstância (localização)**	será **Processo relacional**		no lendário Nippon Budokan, dia 26 de julho, a partir das 23h (horário de Brasília). **Atributo circunstancial (lugar e tempo)**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As SD 52 e 53 exemplificam o uso das orações relacionais circunstanciais. Na primeira (SD 52), temos uma declaração de uma das entrevistadas. Ao relatar que um colega de trabalho só lhe enviava mensagens que tinham como assunto o corpo dela. A sentença evidencia o assédio sofrido pelas mulheres no esporte, em que o corpo feminino é posto em ênfase. Na segunda (SD 53), temos uma estrutura muito recorrente nos textos noticiosos para a apresentação de informações sobre local, data e horário de uma competição esportiva.

O terceiro tipo de oração relacional é a oração relacional possessiva, conforme ilustramos na Figura 35, a seguir. Neste tipo de oração temos a ideia de propriedade ou posse entre os participantes. "Além da posse no sentido estrito de 'possuir', as orações possessivas também incluem a posse em um sentido mais amplo e generalizado - posse de partes do corpo e outras relações parte-todo, conteúdo, envolvimento e abstrações[98]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 244).

[98] Tradução nossa para *"In addition to possession in the narrow sense of 'owning', the category of 'possessive' clauses also includes possession in a broader, more generalized sense — possession of body parts and other part-whole relations, containment, involvement and the like"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 244).

Figura 35 - Orações relacionais possessivas

Oração relacional possessiva atributiva	SD 54 **(Texto 04)**	Ela **Possuidor**	tem **Processo relacional possessivo**	nove ouros **Possuído**	em etapas de Copa do Mundo. **Circunstância (localização)**
Oração relacional possessiva identificativa	SD 55[99]	Em Tóquio, **Circunstância (localização)**	a primeira medalha brasileira de ouro **Identificado**	é **Processo relacional possessivo**	de Rebeca Andrade. **Identificador**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Conforme percebemos na Figura 35, na oração relacional possessiva atributiva os participantes passam a ser denominados de Possuidor, aquele que possui algo, e Possuído, entidade que pertence ao Possuidor. Em nossos *corpora*, as orações relacionais possessivas são usadas para indicar as conquistas das mulheres atletas, em especial, os textos que têm como intuito abordar a carreira das esportistas, destacando assim os prêmios alcançados.

Nas fronteiras entre os processos mentais e relacionais (cf. Figura 25), estão os processos verbais, que são apresentados na subseção 4.3.1.4, a seguir.

4.3.1.4 Orações verbais

As orações verbais são construídas por meio de processos do dizer e do comunicar. Este tipo de oração é muito presente em textos jornalísticos, pois é por meio das orações verbais que os(as) jornalistas reproduzem as informações coletadas com as fontes. Os processos verbais são divididos em dois tipos: de atividade e de semiose (Halliday; Matthiessen, 2004).

Segundo Guimarães (2018, p. 97), "o tipo de ordem de dizer está relacionado ao que a oração verbal expressa: atividade (*activity*) - o ato de falar - ou semiose - quando há a indicação do nome do que se fala ou de projeção". Os processos verbais de atividade são divididos em alvo e fala; enquanto os de semiose apresentam três subtipos: neutro, indicação e comando (Halliday; Matthiessen, 2004).

No Quadro 28, a seguir, reproduzimos alguns exemplos de processos verbais apresentados por Halliday e Matthiessen (2004) com a tradução e adaptação de Fuzer e Cabral (2014).

[99] A oração relacional possessiva identificativa é um exemplo de nossa autoria, uma vez que não encontramos exemplos desse tipo de oração em nossos *corpora*.

Quadro 28 - Exemplos de verbos que realizam processos verbais

TIPOS		EXEMPLOS
Atividade	Alvo	acusar, caluniar, criticar, culpar, difamar, denunciar, elogiar, injuriar, insultar, lisonjear, repreender, xingar.
	Fala	conversar, falar.
Semiose	Neutro	contar, dizer.
	Indicação	anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), explicar, informar, provar, relatar, persuadir (alguém de algo), prometer (algo a alguém).
		perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(-se).
	Comando	ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou fazer algo), dizer (para alguém fazer algo), exigir, implorar, mandar, pedir (para alguém fazer algo), ordenar, persuadir (alguém a fazer algo), prometer (algo a alguém), rogar, solicitar, suplicar.

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 255) com a tradução e adaptação de Fuzer e Cabral (2014, p. 72).

Na oração verbal os participantes são denominados de Dizente, o próprio locutor, que pode ser um humano ou uma fonte simbólica; e de Verbiagem, o que é dito e pode ser representado por um nome do conteúdo, por um nome do dizer ou por um nome de uma língua. Além disto, as orações verbais podem apresentar um Receptor, que é o participante a quem se dirige à mensagem verbal; ou um Alvo, a entidade atingida pelo processo de dizer, sendo que o Dizente age verbalmente sobre o outro participante (Halliday; Matthiessen, 2004).

A seguir, na Figura 36, exemplificamos os elementos constituintes de uma oração verbal.

Figura 36 - Participantes das orações verbais

SD 56 **(Texto 06)**	Após eliminação, **Circunstância (localização)**		Pia **Dizente**		pediu **Processo verbal**		desculpas [...]. **Verbiagem**					
SD 05 **(Entrevistada 03)**	Ele ficou completamente vermelho e ... **(Oração relacional intensiva atributiva)**				[ele] **Dizente (elipse)**		me **Receptor**		pediu **Processo verbal**		desculpa. **Verbiagem**	
SD 57 **(Entrevistada 04)**	Às vezes, **Elemento textual**		a pessoa **Dizente**		está criticando **Processo verbal**		a gente **Alvo**		por criticar. **Circunstância (causa)**			

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A presença do Receptor e Alvo é pouco frequente em nossos *corpora*. As jornalistas, em suas produções textuais, raramente recorrem a processos verbais que indicam alvo, pois preferem utilizar processos verbais do tipo de fala ou neutro. A presença do Receptor e Alvo é mais presente nas entrevistas com as jornalistas, em que a prática jornalística delas é alvo de questionamentos, críticas e até de preconceitos.

Halliday e Matthiessen (2004) explicam que, assim como acontece com as orações mentais e relacionais, a oração verbal pode apresentar uma oração projetada, ou seja, o papel da Verbiagem pode ser realizado por uma outra oração. Os autores destacam dois tipos para esta projeção: Citação e Relato. A Citação consiste quando a fala do outro é introduzida no texto exatamente como foi reproduzida pelas vozes externas, ou seja, há uma transcrição do que foi dito. No texto jornalístico, a Citação é marcada, principalmente, pelo uso das aspas. Já o Rlato é quando há uma reprodução do que foi dito, mas com alterações nas palavras ou estruturas proferidas pelas vozes externas. Neste caso, a oração projetada é "introduzida por conjunções que ou se, ou por uma oração não finita" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 75).

Na Figura 37, a seguir, exemplificamos a presença da Citação e do Relato nas orações verbais.

Figura 37 - Orações verbais com citação e relato

SD 58 **(Texto 05)**	"Com o tempo ela me pediu R$ 150,00 para o aluguel, mas eu ganhava 10 reais pelos jogos universitários que eu apitava. Ela me expulsou e eu voltei para Bauru", **Citação**		recordou **Processo verbal**	a árbitra **Dizente**	em entrevista **Circunstância (localização)**	às Dibradoras. **Receptor**
SD 59 **(Texto 17)**	Gabi **Dizente**	confirmou **Processo verbal**	que o time não conseguiu desempenhar seu melhor voleibol em quadra. **Relato**			

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Citação e o Relato correspondem ao que Fairclough (2003) denomina de representação de discurso, em que a citação equivale ao discurso direito, e o relato se divide-se em discurso indireto e relato de ato de fala (cf. subseção 4.2.2). Neste trabalho, seguimos as nomenclaturas apresentadas por Fairclough (2003) para a análise da articulação do discurso do outro nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras. Por esta razão, nesta tese utilizamos as nomenclaturas discurso direto, discurso indireto e relato de ato de fala.

Nas fronteiras entre os processos mentais e material (cf. Figura 25), estão os processos comportamentais, que são a temática da subseção 4.3.1.5, a seguir.

4.3.1.5 Orações comportamentais

As orações comportamentais são construídas por "processos de comportamento fisiológico e psicológico (tipicamente humano), como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar[100]" (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 248). Diferentemente dos processos já apresentados, os processos comportamentais não possuem características tão evidentes, já que eles podem apresentar traços em parte com os processos materiais; com os processos mentais e com processos verbais, conforme demonstrado no Quadro 29**,** a seguir.

Quadro 29 - Exemplos de verbos que realizam processos em orações comportamentais

Próximo ao processo ...	**Definição**	**Exemplos**
Mental	Processos de consciência representados como formas de comportamento	olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se, sonhar.
Verbal	Processos verbais como formas de comportamento	tagarelar, murmurar, rosnar, falar, fofocar, argumentar, discutir.
-	Processos fisiológicos manifestando estados de consciência	gritar, chorar, rir, gargalhar, sorrir, suspirar, assobiar, choramingar, acenar (com a cabeça).
-	Outros processos fisiológicos	respirar, tossir, soluçar, arrotar, desmaiar, evacuar, defecar, urinar, bocejar, dormir.
Material	Posturas corporais e entretenimentos	cantar, dançar, levantar, sentar-se.

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p.251) com a tradução de Fuzer e Cabral (2014, p. 77).

Nas orações comportamentais o participante é denominado de Comportante, o qual normalmente é um ser consciente, que realiza processos com características materiais (fazer), mentais (sentir/perceber) ou verbais (dizer).

A Figura 38, a seguir, ilustra os elementos de uma oração comportamental.

Figura 38 - Oração comportamental

SD 60 **(Texto 01)**	Eu **Comportante**	chorava **Processo comportamental**	copiosamente. **Circunstância (modo)**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A SD 60 foi extraída de um trecho de discurso direto proferido pela então jogadora da seleção brasileira, Márcia Tafarel. Após a classificação inédita para a semifinal dos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996, a atleta relembrou a sua emoção, a qual foi extravasada por meio do choro, um comportamento fisiologicamente humano.

[100] Tradução nossa para *"These are processes of (typically human) physiological and psychological behaviour, like breathing, coughing, smiling, dreaming and staring"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 248).

Caminhando para o encerramento da revisão conceitual do sistema de transitividade da LSF, nas fronteiras entre os processos material e relacional (cf. Figura 25), encontramos os processos existenciais, assunto da subseção 4.3.1.6, a seguir.

4.3.1.6 Orações existenciais

As orações existenciais são construídas por processos que representam algo que existe ou acontece. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 257), as "orações existenciais não são, em geral, muito comuns no discurso - da ordem de 3 a 4 por cento de todas as orações são existenciais, mas elas exercem uma importante contribuição na construção de vários tipos de texto[101]".

A oração existencial não apresenta sujeito e é constituída por apenas um participante que é denominado de Existente. O Existente pode ser uma pessoa, um objeto, uma instituição, uma abstração, uma ação ou um evento. O processo típico da oração existencial é "haver", no sentido de existir. No entanto, outros verbos podem exercer processos existências, tais como, "existir", "perdurar", "restar", "sobreviver" (no sentido de existir); "surgir", "acontecer", "ocorrer", "ter" (lugar), "suceder" (no sentido de acontecer); "suceder", "resultar", "seguir-se" (indicando tempo); "situar-se", "localizar-se", "encontrar-se", "estar" (suspenso), "surgir", "emergir", "crescer" (indicando lugar) e interromper, florescer e vigorar (Fuzer; Cabral, 2014, p. 80).

A Figura 39, a seguir, ilustra uma das orações existenciais encontradas no material analisado.

Figura 39 - Oração existencial

SD 61 **(Texto 06)**	"[...] há **Processo existencial**	espaço **Existente**	para melhorar na parte física e na parte mental, para lidar com qualquer tipo de dificuldades." **Oração intensificadora**

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

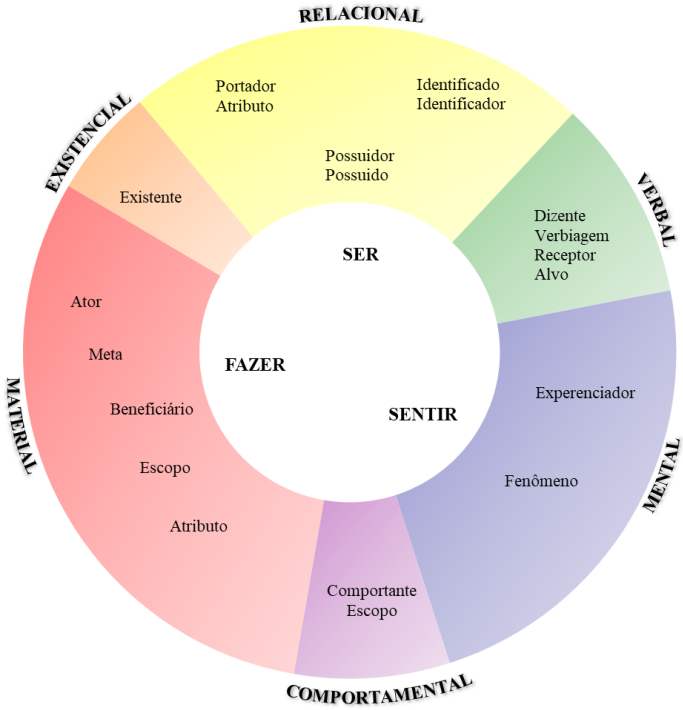
A SD 61 foi extraída de uma fala da então treinadora da seleção brasileira de futebol, Pia Sundhage. Ao explicar a eliminação dos Jogos Olímpicos de Tóquio, a profissional destaca o que poderia ser melhorado no grupo para as futuras competições. Assim como enfatizado por

[101] Tradução nossa para *"'existential' clauses are not, overall, very common in discourse — of the order of 3–4 per cent of all clauses are 'existential', they make an important, specialized contribution to various kinds of text"* (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 257)

Halliday e Matthiessen (2004) em relação às orações existenciais, os nossos *corpora* apresentaram uma baixa ocorrência deste tipo de oração.

E, para encerrarmos esta subseção, reproduzimos a Figura 40, a seguir, adaptada de Fuzer e Cabral (2014), que nos possibilita um resumo dos tipos de processos e, respectivamente, seus participantes, de acordo com o sistema de transitividade apresentado por Halliday e Matthiessen (2004, p. 257).

Figura 40 - Tipos de participantes presentes nas orações



Fonte: Fuzer; Cabral (2014) a partir do apresentado em Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004).

Na próxima subseção percorremos os princípios da teoria de representação de atores sociais de van Leeuwen, a qual utiliza conceitos da LSF. A teoria de representação de atores é base para a análise dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

4.4 A abordagem da representação de atores sociais: concepções e reflexões

Nosso estudo, inicialmente, debruçar-se-ia apenas sobre a abordagem dialético-relacional, porém com a construção dos *corpora*, a abordagem da ADC de van Leeuwen,

especificamente, a representação de atores sociais[102] mostrou-se uma promissora categoria para a compreensão discursiva das representações da mulher esportista brasileira no jornalismo do sítio Dibradoras. Como Fairclough (2003) aborda a representação de atores sociais a partir dos estudos de van Leeuwen, nossa pesquisa também realizou o mesmo movimento.

A abordagem da representação de atores sociais tem como principal expoente o linguista neerlandês-australiano Theo van Leeuwen. Para o autor, "os textos devem ser estudados como representações e interações (estratégicas ou não) [103]" (van Leeuwen, 2008, p. 4). Assim como Fairclough, van Leeuwen associa o discurso com as práticas sociais. O estudioso apresenta duas relações: na primeira o discurso é uma forma de ação e na segunda, o discurso é um modo de representação das práticas sociais. "Nesse sentido, o autor aponta que à ACD[104] concernem esses dois aspectos: discurso como instrumento de poder e controle e discurso como instrumento de construção social da realidade" (Novodvorski, 2008, p. 42). Desse modo, a LSF e a teoria da representação de atores sociais estão conectadas, pois ambas examinam a relação entre a linguagem e o contexto social.

Para a compreensão da abordagem representação de atores sociais, é importante destacar a diferença entre práticas sociais e representações (recontextualização) de práticas sociais realizada pelo pesquisador. As práticas sociais "são modos socialmente regulados de fazer as coisas[105]" (van Leeuwen, 2008, p. 6), ou seja, envolve o fazer algo; enquanto as representações de práticas sociais tratam do discurso "como recurso para representar as práticas sociais em texto[106]" (van Leeuwen, 2008, p. 6), isto é, refere-se ao falar sobre algo.

Para definir as representações das práticas sociais, van Leeuwen utiliza o conceito de recontextualização proposto por Bernstein (1990). Para o referido autor, a reprodução ou disseminação de um conhecimento sofre processo de mudança semântica, pois "regidos por princípios recontextualizadores que, de forma seletiva, se apropriam, reorganizam, alteram o

---

[102] É importante destacar que optamos por não alterar a nomenclatura da teoria ao longo da revisão bibliográfica. Assim, nesta seção, usamos o termo Ator(es) social(is), como apresenta van Leeuwen (2008). No entanto, para a apresentação dos resultados da análise, substituímos a nomenclatura "Atores sociais" por "participantes sociais". Esta alteração deve-se ao fato de as mulheres serem as principais personagens de nossa pesquisa e de acreditarmos na importância de desassociarmos a mulher a nomenclaturas com o gênero masculino.

[103] Tradução nossa para *"[...] texts should be studied as representations as well as interactions (strategic or otherwise)"* (van Leeuwen, 2008, p. 4).

[104] No Brasil, um grupo de pesquisadores(as) opta pela nomenclatura Análise Crítica do Discurso (ACD) para se referir à ADC. Ao longo deste trabalho, respeitamos as nomenclaturas usadas pelos(as) pesquisadores(as) em seus estudos, já que elas não implicam em conceitos distintos, mas em traduções diferentes.

[105] Tradução nossa para *"[...] Social practices are socially regulated ways of doing things"* (van Leeuwen, 2008, p. 6).

[106] Tradução nossa para *"[...] used as resources for representing social practices in text"* (van Leeuwen, 2008, p. 6).

foco e se relacionam com outros discursos para constituir sua própria ordem e ordenamentos” **(**Bernstein 1990, p. 184 *apud* van Leeuwen, 2008, p. vii)

Assim, van Leeuwen (2008) compreende que o discurso é uma recontextualização das práticas sociais. É válido ressaltar que as “recontextualizações, como processos de ressignificação, não são imparciais; ao contrário, na medida em que representam escolhas relativas a como significar uma prática social, elas ecoam e reproduzem discursos e interesses específicos” (Figueiredo; Bonini, 2017, p. 765).

Van Leeuwen (2008) destaca 10 elementos constituintes das práticas sociais. Ao recontextualizarmos as práticas sociais, estes elementos podem ser excluídos e/ou transformados; além de que a recontextualização também pode agregar elementos como propósitos e legitimações para as ações.

No Quadro 30, a seguir, exemplificamos os elementos da prática social futebol feminino, a partir de uma partida da modalidade.

Quadro 30 - Elementos de uma prática social

ELEMENTOS DA PRÁTICA SOCIAL	DEFINIÇÃO DA PROPOSTA POR VAN LEEUWEN (2008)	EXEMPLIFICAÇÃO
Participantes	Os(as) envolvidos (as) na ação realizando determinados papeis (principalmente os de instigador, agente, afetado ou benfeitor).	- Jogadoras das seleções brasileira e canadense. - Os membros das comissões técnicas. - A equipe de arbitragem. - Os(as) delegados(as) da partida. - Os(as) dirigentes das seleções. - Os(as) profissionais da imprensa. - O público presente no estádio e o que acompanhou pela transmissão.
Ação	A atividade praticada pelos(as) participantes.	- Uma partida de futebol feminino, sendo, em campo, onze jogadoras para cada equipe.
Modos de desempenho	A direção das ações para a realização da prática social.	- Marcar e/ou defender um gol. - Proibido tocar a bola com os membros superiores (braços), exceto à posição de goleiro.
Condições de Elegibilidade (Participantes)	São as “qualificações” que os (as) participantes devem ter para serem elegíveis para desempenhar um papel específico numa determinada prática social.	As jogadoras devem: - ser inscritas na competição; - possuir registro profissional; - ter a nacionalidade do país que representa; - ser do sexo feminino (cis ou transgênero) e - não há restrição de idade.
Estilos de Apresentação	O tipo de vestimenta adequado para a prática social.	As jogadoras devem, obrigatoriamente, usar o uniforme da equipe: - camisa de manga curta ou comprida; - calção; - meiões; - caneleiras e - chuteiras. As goleiras devem usar cores diferentes das demais jogadoras, assim como a equipe de arbitragem.

Tempo	O momento podendo mais ou menos definido em que a prática social se concretiza.	Com duração de 90 minutos mais os acréscimos, sendo dividido em duas etapas de 45 minutos cada.
Espaço	O local específico em que a prática social se concretiza.	Um campo de futebol com as seguintes marcações ou estruturas: Círculo central, Pequena área, Grande área, Marca do pênalti, Ângulo do escanteio, Meia lua e Gol.
Condições de Elegibilidade (Locais)	O local deve apresentar os elementos necessários para a realização da prática social.	De acordo com a Fifa, o tamanho oficial de um campo de futebol é de no máximo 120m e no mínimo 90m de comprimento, enquanto a largura deve ser de no mínimo, 45m e máximo de 90m. Para jogos internacionais, a regra é ainda mais específica: o comprimento deve ter de 100m a 110m, e a largura de 64m a 75m[107].
Recursos Ferramentas e Materiais	As ferramentas e os materiais necessários para a prática social.	- Apito. - Bola. - Campo - Cartões nas cores amarela e vermelha. - Gol. - O regulamento dos Jogos Olímpicos para a modalidade do futebol feminino. - Uniformes
Condições de Elegibilidade (Recursos)	Tal como os participantes e os locais, as ferramentas e os materiais estão sujeitos a condições de elegibilidade.	- As ferramentas e os materiais devem estar de acordo com o regulamento dos Jogos Olímpicos para a modalidade do futebol feminino.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em van Leeuwen (2008, p. 7-12).

A prática social do futebol feminino, apresentada no Quadro 30, destaca o evento social de uma partida válida pelas quartas-de-final dos Jogos Olímpicos de Tóquio entre as seleções femininas brasileira e canadense. O confronto aconteceu na manhã do dia 30 de julho de 2021, no Estádio de Miyagi, no Japão, e terminou empatado em 0 a 0. Nos pênaltis, a seleção brasileira foi superada pelo placar de 4 a 3, despedindo-se assim da competição olímpica, enquanto a seleção canadense sagrou-se campeã da competição.

Conforme explica van Leeuwen (2008, p. 12), uma prática social recontextualizada pode ser (1) uma sequência de ações não linguísticas, por exemplo, a vibração da torcida diante da marcação de um gol da equipe; (2) uma sequência na qual ações linguísticas e não linguísticas se alternam, a narração da partida de futebol; ou (3) uma sequência de ações linguísticas (e/ou outras semióticas), por exemplo, uma reportagem jornalística sobre uma partida de futebol.

Os textos jornalísticos do sítio Dibradoras analisados nesta tese encaixam-se na definição de prática social recontextualizadora, já que temos a prática social jornalística como uma prática recontextualizadora das atividades esportivas praticadas pelas mulheres. Van Leeuwen (2008, p. 12) afirma que "a prática social recontextualizadora, no entanto, deve ser

[107] (Qual, 2023, s.p.).

composta sempre como uma sequência de atividades linguísticas (e/ou outras atividades semióticas), um 'gênero'[108] ", ou seja, "trata-se sempre de um ou mais gêneros, muitas vezes parte de uma cadeia ou sistema de gêneros, onde as práticas sociais são recontextualizadas, ressignificadas e postas em circulação social" (Figueiredo; Bonini, 2017, p. 766).

O evento da prática social do futebol feminino, destacado no Quadro 30, tem como exemplo de prática social recontextualizadora o texto jornalístico intitulado "Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time", de autoria de Roberta Nina, publicado em 30 de julho de 2021, no sítio Dibradoras. O evento social da partida de futebol entre as seleções brasileira e canadense foi recontextualizada por meio do discurso jornalístico, com destaque para as vozes da então treinadora da seleção feminina brasileira, a sueca Pia Sundhage, e da lateral-esquerda, Tamires, coletadas durante a coletiva de imprensa após a derrota, ou seja, dentro dos 10 elementos constituintes da prática, a jornalista destacou as participantes.

Van Leeuwen (2008) destaca que, na recontextualização de uma prática social, os elementos constituintes podem sofrer transformações, tornando-se assim um dos mecanismos de formação de discursos hegemônicos ou dominantes (Fairclough, 2003). As transformações podem ocorrer por substituição, apagamento, rearranjo, adição, repetição, reação, propósito, legitimação e/ou avaliação. Assim, ao recontextualizarmos uma prática social, podemos dar mais ou menos visibilidade a um dos elementos de sua constituição. Segundo van Leeuwen (2008), um destes elementos trata-se dos(as) participantes que em sua teoria são nomeados de atores sociais.

A forma como o ator social é representado podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a ele e a suas atividades, pois "as representações incluem ou excluem atores sociais para atender a seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se destinam[109]" (van Leeuwen, 2008, p. 28).

Para a análise da representação de atores sociais, van Leeuwen (1997, 2008) apresenta uma descrição sociossemântica minuciosa dos modos pelos quais eles podem ser representados. Na subseção 4.4.1, a seguir, discorremos sobre esta rede de sistemas de atores sociais elencada pelo pesquisador.

---

[108] Tradução nossa para *"The recontextualizing social practice, however, must always be a sequence of linguistic (and/or other semiotic) activities, a 'genre'"* (van Leeuwen, 2008, p. 12).
[109] Tradução nossa para *"[...] Representations include or exclude social actors to suit their interests and purposes in relation to the readers for whom they are intended"* (van Leeuwen, 2008, p. 28).

4.4.1 A Rede de sistemas da representação de atores sociais proposta por van Leeuwen

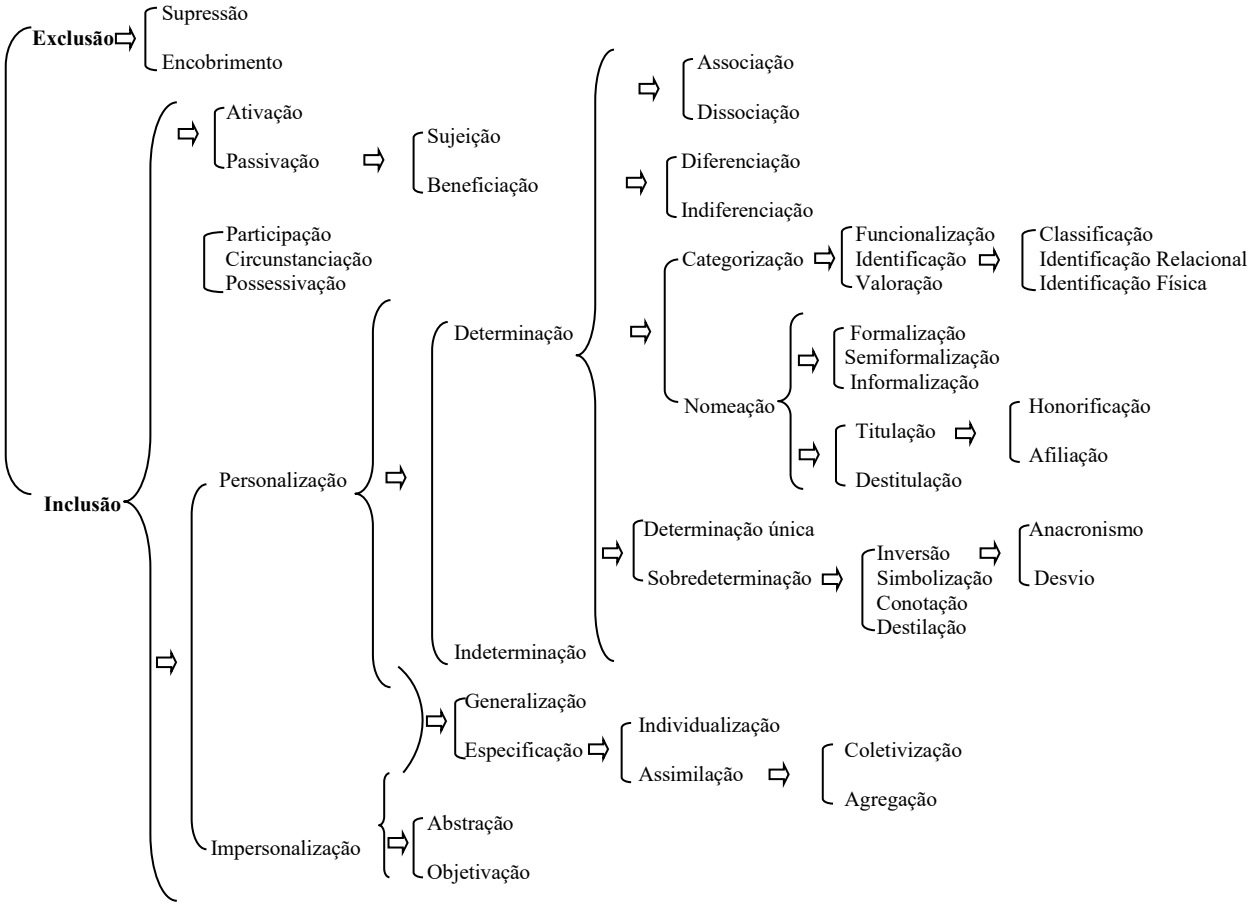
Van Leeuwen iniciou o estudo da representação de atores sociais, no campo da ADC, com o desenvolvimento de sua tese intitulada *Language and representation - the recontextualisation of participants activities and reactions*, defendida em 1993 (Novodvorski, 2008). A presente pesquisa baseia-se no capítulo *Representing Social Actors*, da coletânea intitulada *Discourse and Practice - New Tools for Critical Discourse Analysis*, publicada em 2008[110].

Para a análise da representação de atores sociais, van Leeuwen (2008, p. 23) propõe um inventário sociossemântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados, estabelecendo uma relevância sociológica e crítica das categorias antes de voltar-se somente à questão de como elas são realizadas linguisticamente.

A seguir, na Figura 41, reproduzimos a rede de sistemas, proposta por van Leeuwen (2008) para a representação de atores sociais.

[110] Neste trabalho também usamos a versão em português: van LEEUWEN, T. A Representação dos Actores Sociais. In: PEDRO, E. R. (org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, SA, 1997. p. 169-222.

Figura 41 - Rede de sistema[111] para a análise da representação de atores sociais no discurso



Fonte: Van Leeuwen (2008, p. 52).

Como destacado na Figura 41, para a análise da representação de atores sociais van Leeuwen parte da ideia de exclusão e inclusão. A exclusão refere-se a não representação do ator social no texto, podendo ocorrer por meio da supressão, quando não há nenhuma referência ao Ator social no texto, ou por encobrimento, em que a representação do ator social é pouco visível.

A exclusão, apesar de presente[112] em nossa pesquisa, não será analisada. De acordo com van Leeuwen (1997, 2008), um dos caminhos para compreendermos a exclusão consiste na comparação crítica de diferentes representações de uma mesma prática social. Como os nossos *corpora* não englobam publicações de diferentes meios de comunicação, optamos por não nos

[111] "Os parênteses rectos no diagrama significam escolhas alternativas do tipo ou/ou (por ex. os actores sociais têm de ser ou <activados> ou <passivados>), os parênteses curvos são para escolhas simultâneas (por ex. os actores sociais podem ser < activados e <personalizados>, ou então <passivados> e personalizados, etc.)" (van Leeuwen, 1997, p. 216).

[112] As exclusões encontradas não foram direcionadas à representação da mulher como Ator social, por esta razão, não nos dedicamos a esta categoria.

debruçarmos sobre a referida categoria. Além de que, nos textos jornalísticos analisados, o intuito é identificar as formas de inclusão da mulher esportista brasileira, ou seja, a mulher é o ponto central das práticas sociais recontextualizadas pelo jornalismo esportivo do sítio Dibradoras.

A inclusão consiste em analisar a maneira como atores sociais são inseridos nas representações. Conforme ilustrado na Figura 41, a inclusão apresenta-se por meio da ativação ou passivação; da personalização ou impersonalização.

A primeira divisão trata da distribuição dos "papéis que são dados aos atores sociais para serem desempenhados em representações" (van Leeuwen, 1997, p.185). Deste modo, a representação de atores sociais se concretiza por meio da ativação ou da passivação. A ativação acontece quando o ator social é o agente de uma atividade; já na passivação o ator social se submete à atividade, exercendo o papel de paciente (van Leeuwen, 1997, 2008).

A ativação acontece "quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa atividade" (van Leeuwen, 1997, p.187). Essa ativação pode acontecer por meio de estruturas de transitividade nas quais os atores sociais ativados são codificados como participantes do processo, sendo Ator (processos materiais); Portador ou Identificado (processos relacionais); Comportante (processos comportamentais); Experienciador (processos mentais) e Dizente (processos verbais) (van Leeuwen, 1997).

Van Leeuwen (1997, 2008) acrescenta que além da "participação", em que o papel ativo do ator social é mais fácil de ser notado por causa dos papeis gramaticais dos participantes; a ativação pode acontecer por "circunstanciação", ou seja, por meio de circunstâncias preposicionais introduzidas pelas preposições "por" ou "de", e por "possessivação", normalmente sob forma de um sintagma preposicional modificando uma nominalização ou substantivo processual (van Leeuwen, 1997).

A seguir, no Quadro 31, ilustramos a categoria da inclusão por meio da ativação.

Quadro 31 - Exemplo de inclusão por meio da ativação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 62: Elas venceram a dupla Elena Vesnina e Veronika Kudermetova por 2 sets a 1 (4/6, 6/4, 11/9) com uma virada histórica no Ariake Tennis Park. **(Texto 07)**	Ativação por participação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 62 refere-se ao modo de ativação mais recorrente em nossos *corpora*, ou seja, a ativação por participação. No referido exemplo, as mulheres esportistas, Luisa Stefani e Laura Pigossi, denominadas pelo léxico "elas", são os atores sociais ativados

do processo material "vencer". Todas as SD apresentadas na subseção 4.3 encaixam-se na construção de ativação por ativação, com exceção das SD 12 (Figura 24), 22 (Quadro 22), 36 (Figura 27), as quais apresentam o participante por meio da passivação.

No tocante à passivação, os atores sociais são "representados como 'submetendo-se' à atividade, ou como 'sendo receptores dela'" (van Leeuwen, 1997, p. 187). Van Leeuwen (1997, 2008) distingue dois tipos de passivação: o primeiro trata da sujeição, que consiste quando o ator social é sujeitado, isto é, "os atores sujeitados são tratados como objetivos na representação" (van Leeuwen, 1997, p. 188); já o segundo consiste na beneficiação, em que o ator social é beneficiado com a ação, positiva ou negativamente.

A passivação por sujeição pode se realizar por: "participação" quando o ator social passivado é Meta (processo material), Fenômeno (processo mental) ou Portador (processo relacional); por "circunstanciação" por meio de um sintagma preposicional; por "possessivação", normalmente sob a forma de um sintagma preposicional, como o "de" pós-modificando uma nominalização ou substantivo processual, como em 'de cerca de 54.000 imigrantes qualificados'; e por pré-modificação adjetival (van Leeuwen, 1997, p. 188-189).

A passivação por beneficiação "pode ser realizada pela 'participação', caso em que o Beneficiário é destinatário ou paciente em relação a um processo material, ou receptor em relação a um processo verbal[113]" (van Leeuwen, 2008, p. 34).

No Quadro 32, a seguir, exemplificamos a categoria da inclusão por meio da passivação.

Quadro 32 - Exemplos de inclusão por meio da passivação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 36: O Brasil foi defendido por Roseli Feitosa em 2012, entre os pesos-médios [...]. **(Texto 03)**	Passivação por sujeição
SD 63[114]: Em Tóquio, uma premiação será ofertada no valor de R$ 250 mil para os atletas campeões olímpicos.	Passivação por beneficiação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A passivação por sujeição (SD 36) apresenta o ator social, "Roseli", como a responsável por defender o Brasil durantes os Jogos Olímpicos de 2012. A passivação por beneficiação (SD 63) destaca o ator social, "os atletas campeões olímpicos", como Beneficiário receptor do processo material "ofertar'. Na oração, o COB é o responsável por oferecer a premiação, mas

[113] Tradução nossa para *"[...] Beneficialization may be realized by participation, in which case the beneficialized participant is recipient or client in relation to a material process, or receiver in relation to a verbal process"* (van Leeuwen, 2008, p. 34).

[114] A SD de passivação por beneficiação é um exemplo de nossa autoria, uma vez que não encontramos exemplos desse tipo de processo em nossos *corpora*.

encontra-se implícito. A construção de passivação por beneficiação das mulheres esportistas brasileiras não apresentou ocorrência nos textos jornalísticos.

Na rede de sistemas de atores sociais, encontramos também a dicotomia personalização e impersonalização. A personalização acontece quando os atores sociais são representados por meio de características humanas, com o uso de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios ou substantivos. Porém, ao representar os atores sociais por meio de substantivos abstratos ou por substantivos concretos cujo significado não inclui a característica semântica humana, estamos diante de uma impersonalização.

A personalização acontece por meio das categorias da indeterminação e da determinação. A indeterminação acontece quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não-especificados, anônimos. Esta categoria realiza-se tipicamente por meio de pronomes indefinidos como, por exemplo, “alguém”, “ninguém”, “todos”.

A seguir, no Quadro 33, exemplificamos a categoria da personalização por meio da indeterminação.

Quadro 33 - Exemplos de inclusão por meio da indeterminação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 46: Ninguém acreditava naquelas mulheres. **(Texto 01)**	Indeterminação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A indeterminação (SD 46) refere-se às pessoas, incluindo homens e mulheres, que não acreditavam que a Seleção Brasileira de Futebol pudesse conquistar um resultado positivo nos Jogos Olímpicos de 1996. A indeterminação é usada para enfatizar o descrédito que as jogadoras sofriam pela sociedade no geral.

Em um discurso, quando os atores sociais são Identificados, estamos diante de uma determinação. Esta categoria “ocorre quando a identidade dos atores sociais é, de alguma forma, especificada” (van Leeuwen, 1997, p. 198). A determinação ramifica-se em associação/dissociação; diferenciação/indiferenciação; categorização/nomeação; determinação única/sobredeterminação. Em nossa pesquisa, para compreendermos as representações da mulher esportiva brasileira focamos nas categorias categorização e nomeação.

A personalização por categorização consiste nos atores sociais serem apresentados em termos de suas identidades e funções partilhadas perante os outros; enquanto na nomeação os atores sociais são nomeados em função de uma identidade única. Para van Leeuwen (2008), é

sempre interessante investigar quais atores sociais são, em um dado discurso, categorizados e quais, nomeados; apresentando assim o posicionamento ideológico assumido no texto.

A categorização pode acontecer por meio de três modos, a saber, i) funcionalização; ii) identificação e iii) valoração. A funcionalização acontece quando os atores sociais são apresentados pelas suas atividades, por exemplo, uma ocupação ou função. A funcionalização pode acontecer por meio de: um substantivo formado a partir de um verbo; um substantivo formado a partir de um outro substantivo que denota um local ou instrumento diretamente associado a uma atividade; ou a composição de substantivos denotando locais ou instrumentos diretamente associados a uma atividade e categorizações altamente generalizadas, por exemplo, homem, mulher, pessoa.

A identificação acontece quando os atores sociais são definidos, não em termos do que fazem, mas em termos do que são, mais ou menos permanentemente, ou inevitavelmente. Van Leeuwen (1997, 2008) apresenta três tipos de identificação, a saber, i) classificação (idade, sexo, origem, raça, religião, classe social, etc.); ii) identificação relacional (relações pessoais, de parentesco ou trabalho) e iii) identificação física (características físicas tais como loira, morena, alta, etc).

Por fim, van Leeuwen (1997, 2008) usa o termo valoração para quando os atores sociais são categorizados pela avaliação. Esta categoria é percebida pelo conjunto de substantivos e expressões idiomáticas que denotam tal avaliação, por exemplo, “bons” ou “ruins”, “amados” ou “odiados”, “admirados” ou “lamentados”.

A seguir, no Quadro 34, exemplificamos a categoria da inclusão por meio da categorização.

Quadro 34 - Exemplos de inclusão por meio da categorização

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 64: Central do Minas, bicampeã da Superliga feminina, ela finalmente realizou em 2021 o sonho de disputar, pela primeira vez na carreira, os Jogos Olímpicos. **(Texto 12)**	Categorização por funcionalização
SD 65: A meio-de-rede Carol Gattaz joga em alto nível a pelo menos 20 anos e, por incrível que pareça, hoje, aos 40 anos, vive seu auge no esporte. **(Texto 12)**	Categorização por classificação
SD 66: Mas aí Carol já tinha altura para saber que poderia ter um grande futuro no vôlei. **(Texto 12)**	Categorização por identificação física
SD 68: [...] a filha mais velha quis morar com o pai e se dedicar ao que mais amava. **(Texto 14)**	Categorização por identificação relacional
SD 68: O importante é que Carol seguiu. Firme, forte e, principalmente, jogando muita bola. **(Texto 12)**	Categorização por valoração

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A categorização por meio da identificação praticada pelo sítio Dibradoras se distancia da tradicional associação à beleza feminina muito presente na mídia tradicional. Na SD 64 a mulher esportista, a jogadora de vôlei Carol Gattaz, além de outras categorizações, é representada por sua função no voleibol, "central do Minas". As SD 65 e 66 caracterizam a jogadora com informações sobre a idade, "40 anos", e a altura, "já tinha altura para saber que poderia ter um grande futuro no vôlei", que são importantes para o(a) leitor(a) compreender a trajetória profissional da atleta. Assim, percebemos que os recursos de identificação usados pelo sítio Dibradoras se distanciam da tradicional associação das mulheres como objeto de desejo por causa da beleza, já que eles são usados para explicarem a presença da mulher na atividade esportiva.

Na SD 67, a identificação relacional, "filha mais velha", é usada para se referir à lutadora Bia Ferreira. Como o texto retrata a trajetória do pai da atleta, Sergipe, a jornalista traz a relação de parentesco entre os participantes.

O exemplo de categorização por meio da valoração (SD 68) refere-se à avaliação da jornalista frente a postura da atleta, que depois de vários obstáculos não desistiu de conquistar um lugar na seleção de vôlei. É válido destacar que os Atributos usados para a valoração, "firme*"* e "forte*"*, são raros para o universo feminino, já que a nossa sociedade associa a mulher a Atributos como "inconstante" e "fraca", fato que reforça os estereótipos impostos à figura feminina.

A nomeação é tipicamente realizada por substantivos próprios, que podem ser formais (sobrenome apenas, com ou sem honoríficos), semiformais (nome próprio e sobrenome), ou informais (nome próprio apenas). Além disso, a nomeação pode acontecer por titulações, seja sob a forma de honorificação (adição de títulos) ou afiliação (termos de relação pessoal ou de parentesco) e por destitulação, quando não há menção a nenhuma titulação.

No Quadro 35, a seguir, exemplificamos a categoria da inclusão por meio da nomeação.

Quadro 35 - Exemplos de inclusão por meio da nomeação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 69: O torneio de Londres contou também com a primeira medalha brasileira no boxe feminino, o bronze conquistado por [1] Adriana Araújo na categoria até 60 kg. [2] Adriana voltou a competir nos Jogos do Rio de Janeiro em 2016, mas não conseguiu passar da primeira fase. **(Texto 03)**	Nomeação por [1] Semiformalização [2] Informalização

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 69 percebemos um dos recursos de nomeação muito presente no jornalismo. Ao citarmos uma personagem pela primeira vez, usamos o nome e o sobrenome, "Adriana Araújo",

e depois, ao longo do texto, utilizamos o nome, “Adriana”. A categoria nomeação é muito importante para a construção das representações da mulher esportista brasileira, pois percebemos que as jornalistas têm a preocupação em nomear as mulheres para que assim elas possam ser conhecidas e lembradas pela sociedade.

Conforme mencionamos anteriormente, além da categorização e nomeação, a determinação pode ocorrer pela associação e dissociação; diferenciação e indiferenciação e determinação única e sobredeterminação. No entanto, em nossa pesquisa, não analisamos estas categorias, por esta razão não as abordamos em nossa revisão bibliográfica.

Seguindo nos princípios da teoria de representação de atores sociais, quando os atores sociais são incluídos por características semânticas não relacionadas a características humanas, estamos diante da impersonalização. A impersonalização divide-se em duas subcategorias, abstração e objetivação. A abstração ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma qualidade atribuída a eles pela representação. Na objetivação, os atores sociais são representados por meio de referência a um local ou informação associada a eles. A objetivação pode acontecer pela espacialização; autonomização do enunciado; instrumentalização, somatização ou referência à instituição.

Na espacialização, “os atores sociais são representados por meio de uma referência a um local ao qual estão, num dado contexto, diretamente associados” (van Leeuwen, 1997, p. 209); na autonomização do enunciado, “os atores sociais são representados por meio de uma referência aos seus enunciados” (van Leeuwen, 1997, p. 209); na instrumentalização, “os atores sociais são representados por meio de uma referência ao instrumento com o qual eles empreendem a atividade a que estão ligados” (van Leeuwen, 1997, p. 209); na somatização, “os atores sociais são representados por meio de uma referência a uma parte do seu corpo” (van Leeuwen, 1997, p. 210) e na referência à instituição, os atores sociais são representados metonímica pelas instituições que representam (Fuzer, 2008).

No Quadro 36, a seguir, exemplificamos a categoria da inclusão por meio da impersonalização.

Quadro 36 - Exemplos de inclusão por meio da impersonalização

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 70: Considerando que o Brasil daquela época (e de até pouco tempo atrás) não investia absolutamente nada no futebol feminino. **(Texto 01)**	Impersonalização objetivação por espacialização
SD 71: A modalidade foi uma das proibidas pelo decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que impedia mulheres de praticarem esportes incompatíveis com a “natureza feminina”, como futebol, rúgbi, halterofilismo e lutas. **(Texto 03)**	Impersonalização objetivação por autonomização do enunciado

SD 72: "[...] A gente conseguiu manter o ritmo e ir pra cima e elas a todo momento bem fechado, querendo levar o jogo pros pênaltis e conseguiram", afirmou a camisa 6. **(Texto 06)**	Impersonalização objetivação por instrumentalização
SD 73: Desistir passou pela cabeça. **(Texto 04)**	Impersonalização objetivação por somatização
SD 74: No entanto, para a Olimpíada de 1996, a Sport Promotion, empresa parceira da confederação, decidiu financiar os custos da equipe feminina, com um planejamento mais elaborado para a competição. **(Texto 01)**	Impersonalização referência à instituição

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 36 percebemos que, em nossos *corpora*, a impersonalização ocorre por meio da objetivação. A SD 70 traz a impersonalização por meio da espacialização, em que ao invés de falar quem eram os responsáveis, a jornalista utiliza a expressão "Brasil", ou seja, refere-se ao responsável com relação ao país. Já na SD 71, encontramos a autonomização do enunciado, em que os atores sociais (parlamentares) são representados por meio de uma referência à lei que foi criada por eles, "decreto-lei nº 3.199*"*. Na SD 72, a representação da jogadora de futebol Tamires é feita pelo seu instrumento de trabalho, "camisa 6", representando assim uma objetivação por instrumentalização. A SD 73 apresenta uma objetivação por somatização, em que "cabeça" se refere à ginasta Rebeca Andrade, ou seja, a atleta é representada por uma parte do corpo. Já na SD 74, encontramos a referência à instituição, em que os atores sociais (empresários/investidores) são representados por meio de uma referência à empresa que é por eles representada, "*Sport Promotion*".

Van Leeuwen (2008, p. 47) defende que a impersonalização "pode encobrir a identidade e/ou o papel dos atores sociais; pode emprestar autoridade ou força impessoal a uma ação ou qualidade de um ator social; e pode acrescentar conotações positivas ou negativas a uma ação ou enunciado de um ator social[115]".

Seguindo a rede de representação dos atores sociais, quando eles são representados como classes ou como indivíduos específicos e identificáveis, estamos diante da representação por generalização e especificação. A generalização caracteriza-se quando os atores sociais são representados como classes (referência genérica) que constituem o real. Ela pode acontecer com o uso do plural sem artigo definido, o singular com artigo definido e o singular com artigo indefinido.

[115] Tradução nossa para *"[...]More generally, impersonalization can have one or more of the following effects: it can background the identity and/or role of social actors; it can lend impersonal authority or force to an action or quality of a social actor; and it can add positive or negative connotations to an action or utterance of a social actor"* (van Leeuwen, 2008, p. 47).

A seguir, no Quadro 37, exemplificamos a categoria da inclusão por meio da generalização.

Quadro 37 - Exemplo de inclusão por meio da generalização

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 71: A modalidade foi uma das proibidas pelo decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que impedia mulheres de praticarem esportes incompatíveis com a "natureza feminina", como futebol, rúgbi, halterofilismo e lutas. **(Texto 03)**	Generalização

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 71 apresenta uma generalização, "mulheres", para se referir a classe que foi proibida de praticar determinadas modalidades no Brasil. Assim, a jornalista generaliza e demonstra que o decreto-lei era direcionado a todas as mulheres da sociedade brasileira, sem exceção.

Por outro lado, quando os atores sociais são especificados, estamos diante da especificação. A categoria especificação ramifica-se em individualização, a representação dos atores sociais como indivíduos; e em assimilação, quando o ator social é representado por meio de um grupo, que se desdobra em agregação e coletivização. A individualização realiza-se por meio da singularidade; enquanto a assimilação, pela pluralidade ou por um substantivo que denote um grupo de pessoas. A agregação quantifica os grupos de participantes tratando-os como dados estatísticos, fato que não acontece com a coletivização (Van Leeuwen, 2008).

No Quadro 38, a seguir, ilustramos o uso da categoria inclusão por meio da especificação nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

Quadro 38 - Exemplos de inclusão por meio da especificação

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE INCLUSÃO
SD 75: A boxeadora Beatriz Ferreira está entre as maiores chances de medalha do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. **(Texto 03)**	Especificação por individualização
SD 76: As brasileiras acabaram deixando o aparelho cair e terminaram a apresentação sem ele – com isso, acabaram sofrendo uma penalização na nota. **(Texto 13)**	Especificação por assimilação (coletivização)
SD 77: Somente 4% dos 48 cargos de treinador ou assistente disponíveis são preenchidos por mulheres. **(Texto 17)**	Especificação por assimilação (agregação)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 75 encontramos a representação do ator social pela individualização. A atleta, Beatriz Ferreira, é individualizada frente ao grupo que possuía chances de medalhas na competição. A assimilação por meio da coletivização, SD 76, foi usada para se referir às integrantes do quinteto da ginástica rítmica. É importante destacar que a expressão sublinhada

também pode ser analisada na categorização, já que caracteriza as atletas pela nacionalidade. Por fim, temos um dos raros exemplos de especificação por assimilação com agregação. Apesar de o uso de dados estatísticos ser frequente em textos jornalísticos, em nosso *corpus* apenas o Texto 17 apresentou tal recurso.

Com o suporte teórico apresentado, passamos à análise dos nossos *corpora.*

5 A PRESENÇA DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO: a mulher esportista, a mulher jornalista e a mulher leitora

Nesta seção dedicamo-nos à apresentação da análise discursiva dos dados de nossa pesquisa que tem como foco as representações da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo. Construímos e organizamos a seção seguindo a sequência das etapas do processo de coleta e de geração de dados. Iniciamos com a análise dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras, depois discorremos sobre a análise das entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio, na sequência, apresentamos a análise dos encontros do grupo focal com as discentes do curso de jornalismo da UFU, e, por fim, realizamos a triangulação das análises.

Desta maneira, a seção divide-se em quatro subseções, a saber, 5.1) A mulher esportista e suas representações nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras; 5.2) A mulher jornalista e suas avaliações como produtora de conteúdo esportivo do sítio Dibradoras e sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo; 5.3) A mulher leitora e suas avaliações sobre as representações da mulher esportista brasileira construídas nas produções jornalísticas do sítio Dibradoras e 5.4) Triangulação: a presença da mulher como tema, autoria e leitora no jornalismo esportivo.

5.1 A mulher esportista e suas representações nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

Para investigarmos as representações da mulher esportista brasileira no sítio Dibradoras, tomamos como material de análise 18 textos jornalísticos publicados pelo veículo no ano de 2021, conforme exposto na seção referente à metodologia. As produções selecionadas são apresentadas no Quadro 39, a seguir. O intuito é destacar de forma sucinta os assuntos abordados em cada produção para termos uma ideia geral do conteúdo publicado no sítio.

O quadro organiza-se em três colunas: Texto, Título e Síntese. Em texto, exibimos a numeração do texto em nosso *corpus*; em título, reproduzimos os títulos dos textos jornalísticos com a inserção de *hiperlinks* que direcionam para a publicação no sítio; e, em síntese, apresentamos um resumo do assunto abordado em cada produção.

Quadro 39 - Os textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras para a construção do *corpus*

TEXTO	TÍTULO	SÍNTESE
01	Contra tudo e contra todos: como foi a 1ª Olimpíada do futebol feminino	A reportagem tem como tema a história do futebol feminino nos Jogos Olímpicos. A autora conta que a seleção brasileira participou de sua primeira Olimpíada no ano de 1996, mesma data em que as mulheres puderam,

		pela primeira vez, participar da competição. A jornalista também enfatiza a falta de apoio e o descrédito da modalidade perante à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e à sociedade brasileira.
02	Ketleyn Quadros será 3ª mulher porta-bandeira na história Brasileira dos Jogos	A notícia tem como destaque o fato de que pela primeira vez nos Jogos Olímpicos uma dupla (uma mulher e um homem) carregaria a bandeira na cerimônia de abertura. O texto também apresenta a trajetória da judoca Ketleyn Quadros e a expectativa da atleta em conduzir a bandeira brasileira.
03	Boxe feminino no Brasil: de proibido por lei a esperança de ouro em Tóquio	A notícia aborda a história do boxe feminino, desde a proibição nos anos 40 até a primeira participação feminina nos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres. O texto também apresenta as três brasileiras que disputariam a modalidade na competição no Japão.
04	Quem é Rebeca Andrade, a ginasta campeã olímpica que brilhou em Tóquio	A reportagem apresenta a trajetória da ginasta artística Rebeca Andrade, desde o início, aos quatro anos, passando pelas três cirurgias no joelho, até chegar à conquista das duas medalhas olímpicas (prata no individual geral e ouro no salto sobre a mesa) em Tóquio.
05	Andreia Silva faz história em Tóquio e se torna a 1ª árbitra a atuar no basquete masculino	A reportagem apresenta a trajetória da árbitra de basquete Andreia Silva, desde o início da carreira até o momento em que ela se tornou a primeira mulher a arbitrar uma partida de basquete olímpico masculina.
06	Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time	A notícia traz trechos da coletiva de imprensa da então técnica da seleção feminina de futebol, Pia Sundhage, e da jogadora Tamires, após a eliminação do time brasileiro nas quartas-de-final da competição.
07	Dupla do tênis ficou com vaga olímpica de última hora e conquistou bronze histórico	A reportagem aborda a conquista da medalha de bronze no tênis feminino, além de destacar como a dupla foi formada e enfatizar a falta de credibilidade em relação à dupla por parte da imprensa brasileira que não comprou direito de transmissão para nenhuma das partidas da dupla na competição.
08	Rebeca Andrade conquista 1º ouro olímpico das mulheres brasileiras em Tóquio	A notícia aborda a conquista da medalha de ouro pela ginasta Rebeca Andrade no salto sobre a mesa.
09	Mulheres de ouro! Martine e Kahena são bicampeãs em Tóquio e constroem tradição feminina na vela	A reportagem discorre sobre como foi a competição da regata da medalha (*medal race*) que garantiu à dupla brasileira o bicampeonato olímpico.
10	Carta para Cristiane, Marta e Formiga	A carta do editor traz a relação da jornalista com o futebol feminino e a opinião da profissional sobre as atitudes de algumas jogadoras da seleção brasileira de futebol.
11	Pronta para 'quebrar paradigmas', Ana Marcela planejou cada braçada para o ouro	A reportagem destaca a preparação da maratonista aquática Ana Marcela Cunha até a conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.
12	Sonhos não envelhecem: aos 40, Carol Gattaz vive ápice da carreira em Tóquio	A reportagem apresenta a trajetória da meio-de-rede Carol Gattaz. Com idade "avançada" para o esporte e depois de dois ciclos olímpicos sem fazer parte da delegação brasileira, a jogadora tornou-se uma das protagonistas do time de vôlei na competição.
13	Resultados das mulheres em Tóquio: Brasil fica em 12º na ginástica rítmica	A notícia destaca a performance da equipe feminina de ginástica rítmica. Nesta data, esta modalidade foi a única participação de uma equipe feminina nos jogos olímpicos.
14	Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio	A reportagem aborda a trajetória do pai da boxeadora Beatriz Ferreira, principal influência da atleta na modalidade.

15	Bia Ferreira faz história e conquista prata olímpica em Tóquio	A reportagem destaca a luta da primeira boxeadora mulher em uma final olímpica. Bia Ferreira conquistou a inédita medalha de prata na modalidade.
16	Jogos olímpicos de Tóquio: por que não temos mais mulheres treinadoras?	A reportagem faz uma análise da presença ou, melhor, da ausência das mulheres nos cargos de comando das modalidades esportivas.
17	Gabi valoriza medalha de prata, mas sonha com ouro: "quero ser campeã olímpica"	A reportagem apresenta a avaliação da ponteira da seleção brasileira de vôlei, Gabi, após a conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos em Tóquio.
18	Uma vida pelo esporte: conheça a história de Beth Gomes, paratleta do lançamento de disco	A reportagem apresenta a trajetória da paratleta Beth Gomes que estava prestes a ser publicada em um livro. A biografia da paratleta foi desenvolvida pela jornalista Luciana Tonon.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos textos as práticas sociais relacionadas ao universo esportivo são recontextualizadas por meio do discurso jornalístico. Em todas as produções percebemos que o foco se direciona às participantes da prática social esportiva e às atividades por elas praticadas. Nas produções analisadas, a mulher é a participante social principal da prática social recontextualizada.

É relevante destacar que dos 18 textos selecionados, apenas um, Texto 18, destaca o esporte praticado pela pessoa com deficiência. As demais produções têm como tema os esportes convencionais, seja individual ou por equipe. A escassa presença do paradesporto reforça uma prática ainda muito comum no jornalismo esportivo brasileiro: a não inclusão da(o) paratleta.

Nosso *corpus* corrobora tal observação, já que apenas um dos 18 textos selecionados destacou uma paratleta. Se levarmos em consideração todos os textos publicados durante o nosso recorte temporal, de 109 publicações, apenas duas destinaram-se ao paradesporto. Assim, percebemos que a prática esportiva recontextualizada pelo Dibradoras tem como foco as atividades esportivas praticadas pelas mulheres esportistas sem deficiência.

Para compreendermos as representações da mulher esportista brasileira, realizamos a codificação do material no *software* NVivo (cf. subseção 2.8). Iniciamos o processo de análise por meio de uma consulta de frequência de palavras. Para o mapeamento das palavras mais frequentes, usamos o recurso do NVivo denominado de lista de palavras impedidas, no qual excluímos as palavras gramaticais, tais como as preposições, conjunções, artigos definidos e indefinidos. A exclusão das palavras gramaticais deve-se ao fato de elas serem consideradas como "[...] peças da organização oracional" (Neves, 2017?, p. 18) e que nesta primeira análise não acrescentariam informações para a compreensão das palavras mais recorrentes em nosso *corpus*.

No entanto, é válido ressaltar que para a análise discursiva das categorias selecionadas para o nosso estudo, não excluímos as palavras gramaticais, pois, por exemplo, ao analisarmos

as formas de representação de atores sociais de van Leeuwen (2008), algumas categorias se utilizam de circunstanciação, bem como de artigos definidos e indefinidos para a sua concretização.

A seguir, na Figura 42, reproduzimos a nuvem de palavras gerada a partir dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras.

Figura 42 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelos textos jornalísticos



Fonte: Gerada pelo NVivo.

A Figura 42 ilustra as 100 palavras[116] mais frequentes nos dados analisados. No Top 10 temos: não (165), é (140), foi (126), eu (104), muito (103), gente (81), jogos (69), tem (63), Brasil (55) e Tóquio (55). Ao analisarmos a frequência das palavras, percebemos que as palavras "mulher" (24) e "mulheres" (50) não aparecem entre as 10 mais frequentes, mas configuram na lista das 100 palavras, nas posições 46 e 11, respectivamente. Se agruparmos as formas singular e plural, temos 74 ocorrências. As palavras "feminino" (32[117]) e "feminina" (24[118]) também não aparecem entre as 10 mais frequentes, porém são bastantes recorrentes e

[116] O Apêndice E apresenta uma tabela com as 100 palavras e suas respectivas posições.
[117] Uma destas ocorrências encontra-se no plural.
[118] Idem nota 117.

estão na lista das 100 palavras, nas posições 26 e 44 respectivamente, totalizando 70 ocorrências.

Desse modo, a marcante presença dos itens lexicais mulher, mulheres, feminina(s) e feminino(s) justifica a descrição do sítio em ser "um canal de mídia e uma produtora de conteúdo que desde 2015 apresenta e representa o protagonismo feminino no esporte" (Dibradoras, 2024), já que os termos relacionados ao universo feminino são predominantes nas produções jornalísticas.

Outro fato que confirma que as produções do Dibradoras são sobre o universo feminino deve-se ao baixo número de palavras relacionadas ao contexto masculino. Na Figura 42, apenas a palavra Sergipe refere-se diretamente a um homem. O destaque aconteceu por Sergipe ser o pai da boxeadora Beatriz Ferreira e um dos responsáveis pela inserção da atleta na modalidade. A vida profissional da esportista foi amplamente abordada pelo sítio, com destaque para a influência do pai na formação dela.

No entanto, pautarmos apenas no número de frequência das palavras não nos permitiria o alcance de nosso objetivo em relação às produções textuais. Assim, para analisarmos as representações discursivas da mulher esportista brasileira presentes no jornalismo esportivo produzido pelo sítio Dibradoras, recorremos à ADC por meio da teoria faircloghiana e aos estudos de van Leeuwen sobre a representação de atores sociais. Nas subseções a seguir, abordamos as categorias intertextualidade; interdiscursividade; avaliação e representação de atores sociais.

5.1.1 A presença da intertextualidade nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

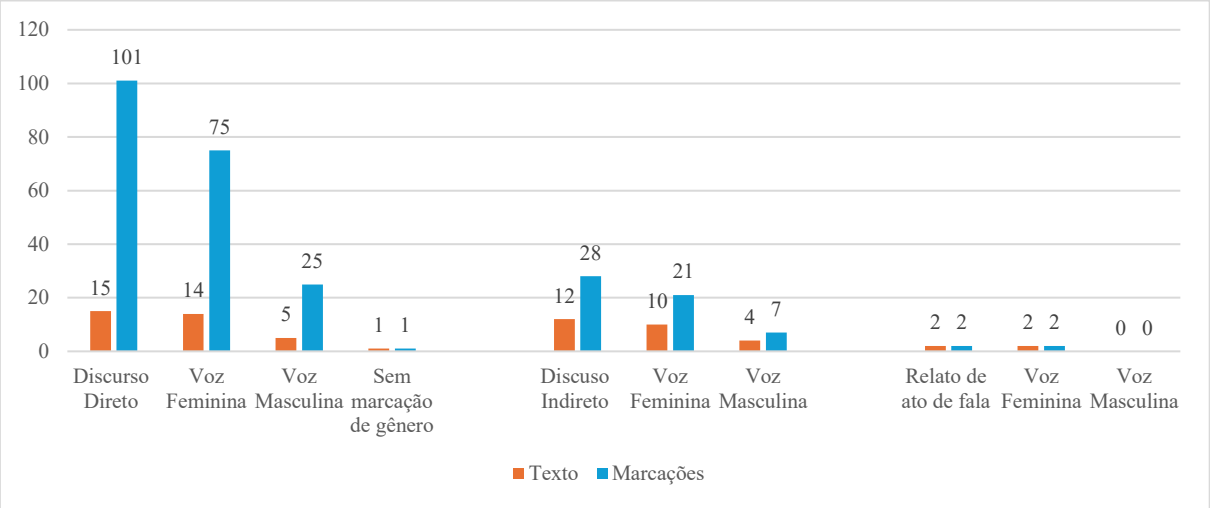
Fairclough (2003) defende que todo texto é constituído por diferentes vozes e/ou textos; enquanto algumas são incluídas, outras são excluídas na construção do discurso. Ao discorrer sobre a intertextualidade (c.f subseção 4.2.1), Fairclough (2003), com base nos conceitos de Bakhtin, apresenta a representação de discurso por meio do discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e o relato de ato de fala como formas de ocorrências da categoria.

No jornalismo, área em que são produzidos os textos de nosso *corpus*, os mecanismos mais usados para a reprodução da fala do outro são as citações na forma de discurso direto e discurso indireto. De acordo com Lage (2005, p. 15), os "outros mecanismos de estruturação, como o discurso indireto livre (em que o narrador assume a subjetividade do indivíduo citado e simula sua reflexão silenciosa), não são considerados legítimos fora do campo da ficção". Por

esta razão, ao codificarmos a representação de discurso nos textos jornalísticos, não investigamos o discurso indireto livre como recurso para a reprodução das vozes.

No Gráfico 8, a seguir, apresentamos um resumo das codificações encontradas em nosso *corpus*, em relação às representações de discurso. Para a construção do gráfico, além das formas de representação de discurso, destacamos o número de textos que apresentam tais representações e as vozes responsáveis pela produção do discurso. As barras na cor laranja referem-se à quantidade de textos que apresenta a representação de discurso; enquanto as barras na cor azul destacam a quantidade de marcação da categoria.

Gráfico 8 - As representações de discurso presentes nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

A partir do Gráfico 8, notamos que a representação de discurso que mais prevalece nos textos jornalísticos é o discurso direto, 100 codificações em 15 textos, sendo a voz feminina, 75 codificações em 14 textos, a principal participante social desta representação. A voz masculina aparece em 5 textos com 25 marcações. O discurso direto no jornalismo aproxima o(a) leitor(a) do(a) personagem do texto jornalístico. Ao reproduzir exatamente o discurso proferido, o(a) jornalista proporciona credibilidade e se isenta da responsabilidade pelo que foi dito, já que os responsáveis passam a ser as vozes citadas de forma direta.

Ao analisarmos o discurso direto, uma sequência discursiva chamou-nos a atenção pelo fato de não ser possível a identificação do gênero. No Texto 16, a jornalista, ao discutir a presença da mulher em cargos de comando, usa uma afirmação recorrente em nossa sociedade para abordar o assunto: "Mas o debate não pode parar em 'faltam mulheres interessadas em assumirem essas funções'" (Texto 16). A jornalista recorre à citação direta para demonstrar que não devemos nos deixar levar pelo discurso do senso comum de que a falta de interesse das

mulheres em exercerem tais funções é a única explicação para a ausência delas nos cargos de comando. A citação destacada pode ser proferida por qualquer pessoa de nossa sociedade, seja um homem ou uma mulher, que não tenha conhecimento dos reais fatores que impedem a inclusão da mulher no universo esportivo. Por esta razão, em nosso *corpus*, não a associamos a nenhum gênero, pois é uma citação que destaca, seja por parte de uma mulher ou de homem, um pensamento supérfluo sobre a temática.

O discurso indireto é a segunda forma mais recorrente nos textos selecionados, 29 codificações em 12 textos. A voz feminina é novamente a mais presente, tendo 21 ocorrências contra 8 da voz masculina. Em relação às representações do discurso por meio do relato de ato de fala, verificamos apenas 2 ocorrências, sendo todas direcionadas à voz feminina.

Em nossa análise, percebemos que todas as vozes incluídas por meio de discurso indireto e relato de ato de fala também apresentam trechos em discurso direto. Desse modo, percebemos que as jornalistas do sítio Dibradoras reproduzem as vozes das mulheres esportistas por meio de diferentes discursos, com o predomínio do discurso direto, promovendo assim um espaço para que os discursos das mulheres esportistas possam ser propagados em sua fidelidade.

A análise da representação de discurso inicia-se pela forma mais recorrente em nosso *corpus*, o discurso direto por meio da voz feminina. No Quadro 40, a seguir, elencamos quem são as vozes femininas incluídas neste tipo de discurso.

Os quadros 40, 46, 48, 49 e 51 organizam-se em quatro colunas: Texto, Voz, Função e Quantidade. Em voz, destacamos quem são os(as) autores(as) das citações; em função, apresentamos a profissão[119] destes(as) autores(as) dentro do esporte; e, em quantidade, destacamos o número de falas presente nos textos jornalísticos em relação à representação de discurso analisada.

Quadro 40 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso direto

TEXTO	VOZ	FUNÇÃO	QUANTIDADE
01	Márcia Tafarel	ex-jogadora da seleção feminina de futebol (meia-campista)	02
	Sissi	ex-jogadora da seleção feminina de futebol (atacante)	04
02	Ketleyn Quadros	judoca e porta-bandeira do Brasil nos Jogos Olímpicos de 2020	02
04	Rebeca Andrade	ginasta	07
	Flávia Saraiva	ginasta	01
05	Andreia Silva	árbitra de basquete	05

[119] É importante destacar que as funções seguem as formas apresentadas nos textos jornalísticos, ou seja, trabalhamos com a categorização presente na produção analisada, mesmo que a mulher exerça uma outra profissão atualmente, usamos a função presente no material selecionado.

06	Pia Sundhage[120]	técnica da seleção feminina de futebol	03
	Tamires	jogadora da seleção feminina de futebol (lateral-esquerda)	04
08	Rebeca Andrade	ginasta	01
07	Laura Pigossi	tenista	03
09	Martine Grael	velejadora da classe 49er FX	02
	Kahena Kunze	velejadora da classe 49er FX	01
11	Ana Marcela Cunha	maratonista aquática	06
12	Carol Gattaz	jogadora da seleção brasileira de vôlei (meio-de-rede)	03
13	Duda Arakaki	ginasta[121]	02
15	Bia Ferreira	boxeadora	03
16	Fabi	ex-líbero da seleção brasileira de vôlei e comentarista do Grupo Globo	05
	Júlia Silva	gerente de seleções da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV)	01
	Katia Rubio	professora da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora de Estudos Olímpicos	01
	Billie Jean King[122]	ex-tenista	01
17	Gabi	jogadora da seleção de vôlei (ponteira)	09
18	Luciana Tonon	jornalista do sítio Guia do Deficiente e a autora da biografia da paratleta	05
	Beth Gomes	Paratleta do atletismo (lançamento de disco)	04
		TOTAL	75

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o Quadro 40, 22 mulheres têm as vozes reproduzidas por meio do discurso direto. Ao observamos a atividade funcional, percebemos que a mulher atleta é a voz mais ecoada, com 12 representantes; seguida da mulher ex-atleta com 3, e a mulher árbitra, a mulher técnica, a mulher comentarista, a mulher gerente, a mulher pesquisadora e a mulher jornalista com uma representante cada.

Com este levantamento, percebemos que a mulher esportista se faz mais presente na função de atleta. Assim, a representação da mulher em cargos para além de competidoras ainda é escassa, inclusive em um veículo voltado para as ações delas. Outro fato que corrobora o predomínio das vozes das mulheres atletas consiste que os textos jornalísticos do sítio são, principalmente, notícias sobre as participações das mulheres atletas na competição olímpica de Tóquio.

[120] A treinadora Pia Sundhage não possui nacionalidade brasileira, porém não excluímos as falas da profissional pelo fato dela comandar a equipe brasileira de futebol, ou seja, há uma relação direta com as atletas brasileiras.
[121] No texto não há referência da função de Duda Arakaki, mas pelas citações referidas a ela, podemos inferir que se trata de uma ginasta da seleção brasileira de ginástica rítmica.
[122]A ex-tenista Billie Jean King não possui nacionalidade brasileira, porém não excluímos a fala dela pelo fato de ser uma citação para abordar a ausência de mulheres nos cargos de comando independente da nacionalidade.

Para melhor organização de nossa análise, apresentamos as SD extraídas dos *corpora* em quadros. A seleção das sequências tem como objetivo exemplificar as categorias observadas, para na sequência desenvolvermos análises acerca das representações discursivas da mulher esportista brasileira presentes em nosso *corpus*. Em alguns quadros as SD apresentam trechos sublinhados, recurso utilizado para destacarmos os elementos léxico-gramaticais analisados.

Os quadros 41 a 45, 47, 50 e 52 organizam-se em três colunas: Sequência Discursiva[123], Voz e Fonte. Em voz, indicamos a autoria da SD exposta; e, em fonte, destacamos o meio de coleta da voz, ou seja, se foi realizada a partir de uma entrevista feita pelas jornalistas do sítio Dibradoras ou se a voz foi retirada de um outro veículo de comunicação.

Cabe explicar que incluímos a última coluna nos referidos quadros, porque, ao longo de nossa análise, percebemos um elevado número de citações diretas capturadas a partir de outros meios de comunicação. É importante frisar que as jornalistas deixam explícito para o(a) leitor(a) como a voz foi capturada, pois no próprio texto os outros veículos são mencionados. Na análise das entrevistas (cf. subseção 5.2), apresentamos as explicações das jornalistas do sítio para o uso de citações oriundas de outros veículos de comunicação. A prática é comum nos veículos alternativos, já que uma cobertura *in loco* requer altos investimentos financeiros.

Para a análise das vozes femininas inseridas por discurso direto, optamos por agrupá-las a partir da função da mulher apresentada no texto. Desse modo, realizamos cinco agrupamentos: i) a mulher atleta; ii) a mulher ex-atleta; iii) a mulher árbitra, iv) a mulher que não participa da competição[124] (mulher gerente, a mulher comentarista e a mulher pesquisadora) e a v) a mulher treinadora.

A análise inicia-se pelas mulheres atletas, que foram as vozes mais articuladas em nosso *corpus*. No Quadro 41, a seguir, destacamos como algumas destas vozes são articuladas.

Quadro 41 - As vozes das mulheres atletas articuladas por meio de discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 01: "[...] O esporte paralímpico trouxe a minha vida de volta, me mostrou que eu poderia querer a vida e não a morte, elevou a minha autoestima". (**Texto 18)**	Beth Gomes	Portal da Prefeitura de Santos
SD 02: "Quando eu era mais nova, não tinha tanto essa preocupação com corpo, saúde, descanso e alimentação. Eu brinco dizendo que antes eu era jogadora de vôlei, hoje eu sou atleta. Muda tudo. Minha rotina e meus cuidados mudaram". (**Texto 12)**	Carol Gattaz	Entrevista a Dibradoras

[123]Conforme mencionado na seção 4, as enumerações das sequências discursivas são reiniciadas a cada seção.
[124] Em nosso *corpus*, também temos a presença da mulher jornalista, mas não a inserimos nesta parte da análise, visto que a mulher jornalista será discutida na subseção 5.2.

SD 03: "[...] Hoje eu chego aqui como uma pessoa que ama as redes sociais e deixou isso de lado, sou uma pessoa que gosta de falar, dar entrevista e também deixei de lado por um sonho". (**Texto 11)**	Ana Marcela Cunha	Entrevista coletiva na base do Time Brasil, em Tóquio.
SD 04: "Se perdemos, perdemos juntas. Se ganhamos, ganhamos jutas *(sic)*. Agora é erguer a cabeça, seguir trabalhando e fazendo o nosso melhor." (**Texto 17)**	Tamires	Entrevista coletiva, após a eliminação da seleção brasileira
SD 05: "Saí do Brasil com a Meta de conseguir estar no pódio. Vou continuar trabalhando para que ela mude de cor. To [*sic*] muito feliz de representar meu país. É muito trabalho, eu sou medalhista olímpica, isso é para poucos". (**Texto: 15)**	Beatriz Ferreira	Canal de TV a cabo Sportv

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As mulheres atletas, cujas vozes foram incluídas por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados, abordam três temáticas: i) a relação delas com o esporte; ii) a preparação para os jogos olímpicos e/ou iii) a avaliação do desempenho durante a competição.

A SD 01 representa a única voz de uma atleta com deficiência em nosso *corpus*. Pela voz de Beth Gomes percebemos que o esporte para ela é associado à vida, promovendo assim a construção da representação de uma mulher lutadora, guerreira. No entanto, é importante destacar que todas as falas da paratleta, 4, no total, foram retiradas de publicações de outros veículos de comunicação. Assim, para a construção da representação da paratleta Beth Gomes, a jornalista realizou recortes de publicações de outros veículos, ou seja, a paratleta não foi entrevistada pela jornalista. Este fato pode passar despercebido por muitos(as) leitores(as), mas, ao fazermos a reprodução da fala a partir de um outro meio de comunicação, perdemos parte do processo de produção de um texto jornalístico, que consiste no contato direto com a fonte.

A SD 02 apresenta a representação de uma mulher sem deficiência. Assim como foi para a paratleta Beth Gomes, o esporte trouxe mudanças na vida da jogadora de vôlei Carol Gattaz, mas a mudança é mais voltada para a profissionalização no esporte.

A relação do esporte com uma pessoa sem deficiência direciona-se para a questão do profissionalismo, ou seja, o esporte é visto como uma atividade profissional. Já a pessoa com deficiência que pratica esporte geralmente nos é representada como um indivíduo que "superou" a ideia de morte provocada pela deficiência por causa da atividade esportiva, ou seja, o esporte é apresentado como um meio de salvação e muitas vezes associado à ideia de lazer.

Além da relação com o esporte, as falas das atletas inseridas nos textos analisados são usadas para exemplificar a preparação delas para os jogos olímpicos, reforçando assim a representação da mulher esportista como profissional de alto rendimento. Na SD 03, a voz da atleta constrói a representação de uma mulher determinada que renunciou a vontades pessoais para focar na preparação e poder realizar um sonho.

A citação direta de Ana Marcela também aborda a opinião de uma atleta sobre a mídia. Pela SD 03, percebemos a força da cobrança midiática sob uma esportista, já que a profissional optou pelo afastamento, após os resultados inexpressivos nas edições anteriores dos jogos olímpicos, o que gerou cobrança da mídia por melhores resultados.

A SD 04 apresenta a opinião da lateral-esquerda Tamires sobre um outro fato recorrente em nossa sociedade, em especial na mídia. Em esportes coletivos, geralmente, os veículos de comunicação elegem uma vilã ou uma heroína para justificar o resultado de uma equipe. A SD é uma resposta da atleta para esta provável cobrança, pois Tamires destaca a união do grupo após a eliminação da equipe na competição. Além disso, a voz da jogadora contribui para a representação da mulher como uma atleta que não se deixa abalar por um resultado negativo.

A SD 05 destaca a avaliação de uma atleta acerca do resultado alcançado nos jogos olímpicos, promovendo assim a representação da mulher esportiva, por meio da autocrítica. A boxeadora Beatriz Ferreira demonstra felicidade pelo momento vivido, mas enfatiza a busca pela medalha de ouro nos próximos jogos olímpicos. Percebemos uma cobrança da própria atleta em melhorar o resultado alcançado em Tóquio. Este fato é um reflexo do contexto cultural de nossa sociedade sobre o segundo lugar, o qual não deve ser comemorado. No entanto, a jornalista não reforça esta cobrança feita por Bia. Ao longo do texto, percebemos uma construção para enaltecer a conquista da atleta em um esporte que fez parte do decreto-lei que proibiu, por mais de 40 anos, a prática de algumas modalidades pelas mulheres.

Para auxiliar na representação das mulheres como vencedoras, independente se a conquista se refere ao primeiro lugar, os textos jornalísticos do Dibradoras apresentam fatos históricos que impediam ou dificultavam a presença delas no esporte. Assim, o(a) leitor(a) pode compreender como se deu a presença das mulheres no esporte e a importância de cada conquista, mesmo que ela venha de uma derrota. Resultados, que a princípio poderiam ser vistos como negativos, como a medalha de prata de Beatriz Ferreira, ganham novos contornos a partir da apresentação do contexto histórico da luta da mulher por espaços em esportes ainda associados ao universo masculino.

O segundo tipo de voz mais recorrente em nosso *corpus* consiste nas falas de ex-atletas. As jornalistas articulam as vozes destas mulheres para enfatizar as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira profissional. As ex-atletas fazem críticas às entidades responsáveis pelo gerenciamento das equipes, construindo a representação da mulher esportista que luta por seus direitos e por melhores condições de tratamento no ambiente esportivo.

No Quadro 42, a seguir, destacamos uma destas críticas em relação à falta de apoio à mulher no esporte.

Quadro 42 - A voz da mulher ex-atleta articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 06: "Cada coisa que a gente escutava. Eles não estavam nem aí, não acreditavam na gente. Tanto que já tinham passagem comprada de volta depois da primeira fase. Não esperavam que a gente pudesse classificar". (**Texto 01)**	Sissi	Entrevista às Dibradoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 06, proferida pela ex-jogadora Sissi, destaca como a seleção feminina de futebol, em sua primeira participação nos Jogos Olímpicos, no ano de 1996, foi tratada pela CBF. A seleção era vista com desprezo pelos responsáveis da modalidade, devido ao descrédito na capacidade profissional das atletas. Desse modo, percebemos que as mulheres eram vistas como incapazes de conquistarem resultados satisfatórios em uma modalidade tão vitoriosa para os homens. A voz da ex-atleta destaca a representação de inferioridade da mulher em relação ao homem feita pelos dirigentes esportivos.

Em nossa análise, notamos que os esportes tradicionalmente associados aos homens apresentam uma maior resistência à presença da mulher; além de uma comparação com os resultados conquistados pelos homens. De acordo com os textos analisados, o boxe e o futebol consistem nas duas modalidades mais desafiadoras para a presença delas como atleta, conforme percebemos nas SD 05 e 06.

Não é somente nas modalidades associadas ao universo masculino que encontramos resistência à presença das mulheres. No meio esportivo ainda é rara a presença delas nas modalidades praticadas por eles. Nos jogos olímpicos de Tóquio, a árbitra de basquete[125], Andreia Silva, tornou-se a primeira mulher da história a conduzir uma partida entre seleções masculinas (Estados Unidos e do Irã).

No Quadro 43, a seguir, destacamos uma SD da árbitra, a única mulher de nosso *corpus* que exerceu uma atividade em uma modalidade masculina, ao analisar a sua escala para a partida masculina.

[125] O basquete masculino é disputado nos Jogos Olímpicos modernos desde Berlim, Alemanha, 1936; já as mulheres estrearam em Montreal, Canadá, 1976 (International Olympic Committee, 2024, p. 3-4).

Quadro 43 - A voz da mulher árbitra articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 07: "Não é sobre ultrapassar barreiras ou quebrar recordes. Essas coisas acontecem naturalmente, não é o meu foco. Meu foco é trabalhar de forma profissional, séria e fazendo aquilo que eu amo." **(Texto 05)**	Andreia Silva	Entrevista às Dibradoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Apesar da escalação da primeira mulher a arbitrar em uma partida masculina acontecer apenas na 32ª edição da competição olímpica, a profissional analisa o feito como algo natural, com o uso de uma circunstância de modo, "naturalmente". A árbitra opta por não abordar diretamente as barreiras encontradas pelas mulheres ao se "aventurarem" nas modalidades masculinas e se limita à própria avaliação profissional. No entanto, na construção do texto, a jornalista destaca que a árbitra conviveu com as situações de machismo, "Superando até o machismo vindo da arquibancada, hoje com 41 anos Andreia se sente realizada" (Texto 05). Desse modo, compreendemos que a esportista sofreu com o machismo, não pela fala dela, mas pela inserção da jornalista. Assim, percebemos que a mulher árbitra constrói uma representação da mulher pautada somente na competência profissional, sem destaque os desafios vivenciados por causa do preconceito de gênero.

E, não é somente dentro da competição ou na arbitragem que a presença das mulheres encontra desafios. As vozes das mulheres incluídas por discurso direto nos textos jornalísticos também abordam a ausência delas em cargos de comando nas delegações. Em nosso *corpus*, este tema não se faz presente nas vozes das atletas em exercícios ou das mulheres que atuam em modalidades masculinas, estando representado nas falas das mulheres que exercem a função de comentarista, dirigente e pesquisadora.

No Quadro 44, destacamos SD sobre a presença, ou melhor a ausência, das mulheres em cargo de comando no ambiente esportivo.

Quadro 44 - As vozes da mulher dirigente e da mulher pesquisadora articuladas por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 08: "Nascemos e crescemos em uma estrutura que lidamos com naturalidade com situações que teríamos que lutar para mudar. A questão da maternidade, por exemplo, é muito clara. A escolha entre ser mãe ou treinadora. Nenhum homem precisa fazer essa escolha. As mulheres também não deveriam ter que escolher. Mas é imposto, como se a mulher não pudesse se ausentar". **(Texto 16)**	Júlia Silva	Na 45ª edição da Academia do Voleibol em outubro de 2020
SD 09: "Falta visibilidade para o trabalho dessas mulheres para que elas sejam inspiração para que outras busquem essas posições [...]". **(Texto 16)**	Katia Rubio	Entrevista às Dibradoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 44, notamos dois fatores que contribuem para a ausência das mulheres em cargos de comando: a maternidade e a falta de visibilidade que acaba gerando a falta de representatividade. Durante a carreira de atleta raramente as mulheres tornam-se mães, já que a gestação as afastaria dos treinos e competições. Então, geralmente, após a aposentadoria, as mulheres esportistas, que desejam a maternidade e ainda não a realizaram, encontram dificuldades para a profissionalização em cargos de comando, já que a nossa sociedade "impõe" uma escolha entre ser mãe ou continuar no esporte.

Assim, compreendemos que a mulher ao optar por ser mãe, prioriza a maternidade em relação à continuação da carreira no esporte. Este fato pode ser comprovado com o nosso *corpus*, visto que as mulheres mencionadas nos textos jornalísticos, em especial, as atletas, não abordaram a maternidade em suas falas. Além de que, em nenhum dos textos[126] selecionados a maternidade foi assunto, passando assim a ideia de que esporte de alto rendimento e maternidade não se entrelaçam, deixando a impressão de que a representação da mulher esportista como mãe não se faz presente no esporte profissional.

De acordo com a SD 09, proferida pela pesquisadora da USP, Kátia Rubio, a ausência das mulheres em cargos de comando compromete a representatividade. A pesquisadora explica que com a ausência delas em cargos de gerência, passamos a mensagem de que aquele lugar de comando não pertence a elas. Nosso *corpus* comprova a escassa presença de mulheres no comando. Nos textos selecionados, há apenas duas representações da mulher em cargos de comando: a de Julia Silva, destacada na SD 08, e da então treinadora da seleção feminina de futebol, a sueca Pia Sundhage, apresentada no Quadro 45, a seguir.

Quadro 45 - A voz da mulher treinadora articulada por discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 10: "Se o Brasil quer estar no mais alto nível internacional, e nós queremos, há duas coisas, melhorar um pouco: o condicionamento físico e a parte mental [...]". **(Texto 06)**	Pia Sundhage	Entrevista coletiva, após a eliminação da seleção brasileira

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A fala de Pia (SD 10) é articulada para analisar a eliminação da seleção feminina de futebol. Este recorte deve-se ao fato de o texto jornalístico ter como destaque a coletiva da

[126] É importante destacar que das 109 produções coletadas durante o nosso recorte temporal, uma matéria abordou a relação mulher atleta e maternidade. No entanto, a personagem central foi a corredora norte-americana Allyson Felix. Assim, pelo fato de a matéria não ter uma atleta brasileira como personagem, o material não foi selecionado para compor o nosso *corpus* de análise.

treinadora junto a jogadora Tamires após o resultado negativo. A SD 10 reforça uma premissa verificada pelas vozes das mulheres atletas, a de se restringirem a observações acerca do desempenho apresentado na competição, sem a abordagem a questões culturais que dificultam a presença delas no ambiente esportivo.

Pela SD 10 percebemos que a treinadora se limita à avaliação na capacidade do grupo. De acordo com a fala da então treinadora, para o Brasil figurar entre as melhores seleções é preciso que as jogadoras melhorem a parte física e mental, ou seja, não há, pela fala da treinadora, elementos externos que dificultem a evolução do futebol feminino brasileiro.

Deste modo, tanto pelas vozes das mulheres atletas, da árbitra e da mulher treinadora não encontramos inserções com reflexões críticas sobre as barreiras impostas pela sociedade para a presença da mulher no esporte. As falas destas mulheres são usadas para exemplificar a relação delas com o esporte, a preparação para os jogos e a avaliação dos resultados. A crítica à diferença de tratamento entre as modalidades feminina e masculina é percebida pelas falas das ex-jogadoras e das mulheres que estão fora das competições.

Até o presente momento, apresentamos as inclusões das vozes femininas nos textos jornalísticos, mas Fairclough (2003) nos alerta para a importância de atentarmos às ausências. Em nosso *corpus*, os Textos 03, 08, 10 e 14 não apresentam a voz feminina por meio do discurso direto. Desta relação, nos Textos 03, 08 e 10, encontramos apenas as vozes das jornalistas; já o Texto 14 chama-nos a atenção, visto que ele possui oito inserções de discurso direto e nenhuma é de autoria de uma mulher. Apesar de o título sugerir que o destaque seria a boxeadora Beatriz Ferreira, "Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio", ao longo da reportagem o foco recai sobre a história do pai da pugilista, Raimundo Oliveira Ferreira, conhecido como Sergipe.

A jornalista Roberta Nina, em entrevista concedida à nossa pesquisa, em 2023, explicou a produção do Texto 14.

> A gente "requentou" uma entrevista que eu fiz com o Sergipe, que é o pai da Bia. Eu fiz uma entrevista com ele por telefone, eu entrevistei ele falando da trajetória dele, porque ele foi lutador de boxe e ela se inspirou no pai. Então, foi bem uma matéria biográfica assim, contando um pouquinho da trajetória da Bia pra essa final" (Nina [entrevista concedida à] pesquisadora, 2023[127])

Conforme afirma Fairclough (2001), a produção de um texto ocorre de formas particulares e em contextos sociais específicos. Desse modo, a ausência da voz de Bia aconteceu

[127] Idem nota 32.

pelo fato de o texto ter sido baseado em um material produzido, em 2020, para a comemoração do dia dos pais. Ao reaproveitar o material que tinha como foco o pai da atleta, a representação de Bia Ferreira ficou atrelada à imagem dele.

A associação da mulher a um homem ainda é muito presente no jornalismo esportivo, em especial, nos esportes em que as modalidades masculinas sobressaem. No entanto, em nosso *corpus*, apenas o Texto 14 utilizou-se deste recurso, o que reforça a preocupação do sítio em promover a mulher esportista como protagonista, retirando-a à sombra do homem.

Além de Sergipe, encontramos outras quatro vozes masculinas inseridas por meio do discurso direto para a construção das representações da mulher esportista. No Quadro 46, elencamos quem são estas vozes presentes em 5 textos jornalísticos do nosso *corpus*.

Quadro 46 - As vozes masculinas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso direto

TEXTO	VOZ	FUNÇÃO	QUANTIDADE
01	Romeu Castro	ex-coordenador da seleção	01
02	Thomas Bach	coordenador do COI	01
09	Torben Grael	chefe da equipe de vela brasileira no Japão	02
11	Fernando Possenti	Treinador	11
14	Sergipe	ex-atleta e treinador de boxe	10
		TOTAL	25

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Das vozes destacadas no quadro acima, 4 têm em comum o fato de avaliarem a performance das atletas e/ou destacarem as contribuições deles para o crescimento das mulheres na competição. Apenas a voz do coordenador do COI, Thomas Bach, destoa desta observação, já que o objetivo dela consiste em explicar a busca pela equidade entre mulheres e homens nos Jogos Olímpicos com a mudança de uma regra do comitê[128].

A seguir, no Quadro 47, reproduzimos algumas SD provenientes das vozes masculinas presentes nos textos jornalísticos analisados.

Quadro 47 - As vozes masculinas articuladas por meio de discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 11: "Isso foi faltando umas 3h ou 4h para o jogo, a Sissi não conseguia fazer o pé entrar na chuteira. Ela tinha levado muita porrada, o tornozelo estava inchado e eu tive que sair para comprar uma chuteira com um número maior pra ela". **(Texto 01)**	Romeu Castro	Entrevista às Dibradoras

[128] Não reproduzimos o discurso direto de Thomas Bach, por ele não contribuir com a construção das representações da mulher esportista brasileira.

SD 12: “Foi tudo muito difícil, a vinda pra cá, não teve condições de treinar antes do evento, só já perto da competição. O campeonato foi uma competição em que elas tiveram alguns obstáculos que nunca tinham acontecido. Na primeira regata, elas estavam super bem e a escuta do balão ficou presa entre a asa e o barco e elas acabaram caindo pra 15º. Depois uma penalidade, junto com a norueguesa na largada, um outro resultado difícil que elas salvaram recuperam muito. Esse segundo ouro foi um desafio grande para elas”. (**Texto 09)**	Torben Grael	Não há menção onde o discurso foi proferido
SD 13: “Antes mesmo da pandemia, já estávamos buscando locais onde tivesse uma água quente para simular a do Japão. A gente sabia que iria estar muito quente e a preparação foi expor ela a situações mais parecidas possíveis (com a do Japão). Tivemos até uma convenção no COB onde eles trouxeram especialistas para falar de competição no calor e vários cientistas discutiram maneiras para se adaptar. E assim, foi preciso se expor ao extremo para se adaptar ao extremo, não havia outra maneira”. (**Texto 11)**	Fernando Possenti	Entrevista coletiva na base do Time Brasil, em Tóquio
SD 14: “Quando entra no ringue ela se transforma. Muitas pessoas acham que somos muito parecidos e eu também. Quem vê a Bia lutando, fala que sou eu. Bia é uma atleta que tem mão, que pega, briga bem, uma atleta completa. E tem muita disposição como eu tinha, com garra, determinação e vontade de vencer”. (**Texto 14)**	Sergipe	Entrevista às Dibradoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 11 destaca por meio da voz masculina o sacrifício da jogadora Sissi para a disputa da medalha de bronze. A fala do então coordenador da seleção feminina, Romeu Castro, contribui para a representação da mulher esportista como um ser persistente, que apesar das dificuldades não desiste de representar o Brasil.

A resiliência feminina também é destaque nas SD 12 e 13. Ao analisar a conquista de Martine Grael e Kahena Kunze, Torben Grael, chefe da equipe de vela brasileira no Japão e pai de Martine, descreve os obstáculos superados pelas atletas para a conquista do bicampeonato olímpico durante a competição. Ao exemplificar os obstáculos, mesmo que o grande público não compreenda do que se trata uma escuta do balão presa entre a asa e o barco e sabia qual foi a penalidade, o discurso de Torben Grael constrói a representação de uma dupla que durante a competição precisou superar diversos desafios para alcançar o lugar mais alto do pódio.

Fernando Possenti, treinador da maratonista Ana Marcela Cunha, também destaca a resiliência feminina. A SD 13 apresenta a preparação da atleta para os jogos. Possenti enfatiza a complexidade desta preparação, deixando explícito que foi um período difícil para a atleta.

As vozes masculinas apresentadas nas SD 11, 12 e 13 destacam a superação e a dedicação das atletas, construído assim a representação da mulher esportista com um ser resiliente, fato que também acontece na SD 14.

No entanto, a SD 14 apresenta uma situação que é recorrente na mídia tradicional, mas que em nosso *corpus* foi verificado apenas nas inserções dessa voz masculina presente no Texto 14, ou seja, quando a ação da mulher é associada a um homem. Sergipe destaca as características

da filha, comparando-as com as dele. Conforme destacamos, esta comparação deve-se ao fato que as falas de Sergipe foram usadas para a produção de um especial para o dia dos pais, sendo o conteúdo adaptado para noticiar a classificação da atleta para a disputa da final olímpica.

Como percebemos pelas SD apresentadas até o presente momento, o discurso direto reproduz as vozes em sua essência. No entanto, é importante enfatizar que "quem cita escolhe o que cita e, às vezes, de maneira mais ou menos sutil, assume posições em face da citação" (Lage, 2005, p. 15). As vozes escolhidas pelas jornalistas em nosso *corpus* buscam enaltecer a presença da mulher no universo esportivo, contribuindo para a representação da mulher esportista brasileira pautada na dedicação, superação, resiliência e perseverança ao buscar a consolidação no universo esportivo.

As vozes citadas nos textos jornalísticos estão em consonância com o apresentado pelas jornalistas, já que não percebemos nenhuma divergência de informações. Os processos verbais escolhidos para a inserção das falas são do tipo de semiose, variando entre os subtipos neutro e indicação (Halliday; Matthiessen, 2004).

Na Tabela 3, a seguir, elencamos os processos verbais usados para a inserção do discurso direto. Para a construção das Tabelas 3 e 4, usamos seis colunas, as colunas 1 e 4, Processo verbal, apresentam os processos verbais em ordem alfabética, as colunas, 2 e 5, Quantidade, destacam o número de ocorrências do processo verbal; enquanto as colunas 3 e 6 nomeiam o tipo de processo utilizado.

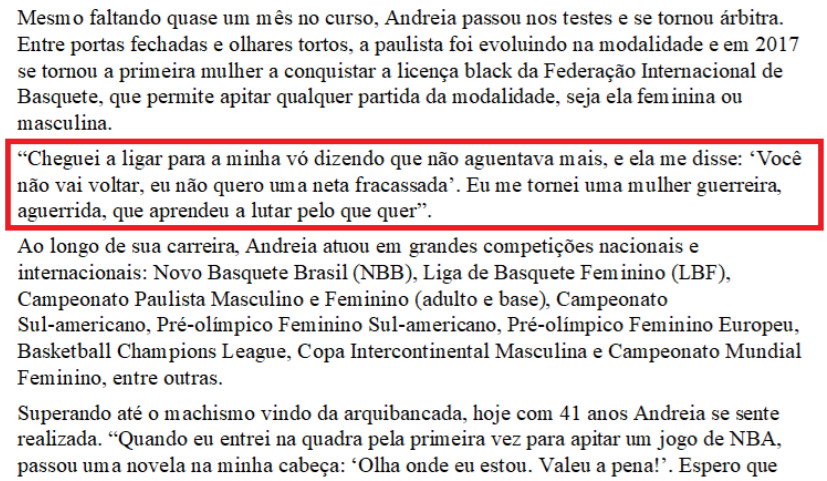
Tabela 3 - Processos verbais utilizados na articulação das vozes por meio do discurso direto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

PROCESSO VERBAL	QUANTIDADE	TIPO DE PROCESSO	PROCESSO VERBAL	QUANTIDADE	TIPO DE PROCESSO
Afirmar	10	Indicação	Finalizar*	1	Indicação
Analisar*	1	Indicação	Garantir*	1	Indicação
Avaliar*	2	Indicação	Mencionar	1	Indicação
Brincar*	2	Indicação	Opinar	1	Indicação
Completar*	1	Indicação	Recordar*	1	Indicação
Concluir*	5	Indicação	Reforçar	1	Indicação
Contar	10	Neutro	Reiterar	1	Indicação
Declarar	16	Indicação	Relatar	1	Indicação
Dizer	13	Neutro	Relembrar*	1	Indicação
Explicar	1	Indicação	Revelar	4	Indicação

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.
*Os referidos processos não são associados diretamente ao processo verbal. No entanto, em nosso *corpus*, estes processos foram usados para a introdução ou fechamento do discurso direto, passando assim a exercer também a função de um processo verbal.

Das 100 marcações de discurso direto, 74 estão relacionadas a algum processo verbal, as demais são introduzidas por trechos com discurso indireto (abordamos esta construção na análise referente ao discurso indireto) ou não apresentam marcação verbal para a inserção. A Figura 43, a seguir ilustra como o discurso direto é inserido sem a presença de um processo verbal.

Figura 43[129] - Exemplo da inserção do discurso direto sem a presença de um processo verbal



Mesmo faltando quase um mês no curso, Andreia passou nos testes e se tornou árbitra. Entre portas fechadas e olhares tortos, a paulista foi evoluindo na modalidade e em 2017 se tornou a primeira mulher a conquistar a licença black da Federação Internacional de Basquete, que permite apitar qualquer partida da modalidade, seja ela feminina ou masculina.

"Cheguei a ligar para a minha vó dizendo que não aguentava mais, e ela me disse: 'Você não vai voltar, eu não quero uma neta fracassada'. Eu me tornei uma mulher guerreira, aguerrida, que aprendeu a lutar pelo que quer".

Ao longo de sua carreira, Andreia atuou em grandes competições nacionais e internacionais: Novo Basquete Brasil (NBB), Liga de Basquete Feminino (LBF), Campeonato Paulista Masculino e Feminino (adulto e base), Campeonato Sul-americano, Pré-olímpico Feminino Sul-americano, Pré-olímpico Feminino Europeu, Basketball Champions League, Copa Intercontinental Masculina e Campeonato Mundial Feminino, entre outras.

Superando até o machismo vindo da arquibancada, hoje com 41 anos Andreia se sente realizada. "Quando eu entrei na quadra pela primeira vez para apitar um jogo de NBA, passou uma novela na minha cabeça: 'Olha onde eu estou. Valeu a pena!'. Espero que

Fonte: Texto 02.

Conforme destaca a figura acima, em alguns textos jornalísticos, o discurso direto não é relacionado a um processo verbal, pois a inserção do discurso é realizada sem a presença de nenhum processo verbal. No entanto, a construção mais recorrente para a inserção do discurso direto é a presença de um processo verbal, sendo "declarar", com 16 aparições, "dizer", com 13, e "afirmar" e "contar", com 10 aparições cada, os processos verbais mais frequentes.

Os processos estão conjugados na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (declarou, disse, afirmou e contou). Este recurso é muito recorrente na linguagem jornalística, e de acordo com Cabral e Barbara (2012, p. 600), deve-se pelo texto jornalístico, em especial, a notícia "preocupa-se em narrar fatos já acontecidos"; movimento verificado em nossa análise.

Para a construção das representações da mulher esportista brasileira nos textos jornalísticos selecionados, as jornalistas também articulam vozes por meio do discurso indireto. De acordo com Lage (2005, p.15), no discurso indireto as "opiniões, interpretações ou versões

[129] É importante ressaltar que o discurso direto destacado no quadro vermelho apresenta um outro discurso direto o qual é introduzido pelo processo verbal dizer.

são citadas, não assumidas". Conforme ilustramos no Gráfico 8, temos 28 marcações de discurso indireto em 12 textos, sendo 22 vinculadas à voz feminina e 7 à voz masculina.

Nos quadros 48 e 49, a seguir, elencamos as vozes femininas e masculinas que são mencionadas por meio do discurso indireto nos textos analisados.

Quadro 48 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso indireto

TEXTO	VOZ	FUNÇÃO	QUANTIDADE
02	Ketleyn Quadros	judoca e porta-bandeira do Brasil nos Jogos Olímpicos de 2020	02
04	Rebeca Andrade	ginasta	01
05	Andreia Silva	árbitra de basquete	02
06	Pia Sundhage	técnica da seleção feminina de futebol	04
	Tamires	jogadora da seleção feminina de futebol (lateral-esquerda)	03
08	Rebeca Andrade	ginasta	01
11	Ana Marcela Cunha	maratonista aquática	02
15	Bia Ferreira	boxeadora	01
16	Fabi	ex-líbero da seleção brasileira de vôlei e comentarista do Grupo Globo	01
17	Gabi	jogadora da seleção de vôlei (ponteira)	02
18	LucianaTonon	jornalista do sítio Guia do Deficiente e a autora da biografia da paratleta	01
	Beth Gomes	paratleta (Atletismo, lançamento de disco)	01
		TOTAL	21

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 49 - As vozes masculinas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do discurso indireto

TEXTO	VOZ	FUNÇÃO	QUANTIDADE
02	Thomas Bach	coordenador do Comitê Olímpico	01
11	Fernando Possenti	Treinador	04
14	Sergipe	ex-atleta e treinador de boxe	02
		TOTAL	07

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir dos quadros 40, 46, 48 e 49 percebemos que foram incluídas, por discurso direto e por discurso indireto, vozes dos mesmos atores sociais. Em nossa análise, percebemos que a maior parte do discurso indireto foi usada como recurso para a inserção do discurso direto, ou seja, as jornalistas fazem um resumo do que foi dito pelo(a) entrevistado(a), discurso indireto, e na sequência apresentam a voz do(a) próprio(a) entrevistado(a), discurso direto, como uma forma de comprovação do que foi relato por meio do discurso direto.

No Quadro 50, a seguir, destacamos algumas SD com a presença do discurso indireto tanto articulado pela voz feminina quanto pela masculina.

Quadro 50 - As vozes femininas e masculinas articuladas por meio de discurso indireto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 15: A lateral-esquerda Tamires afirmou que a postura das canadenses no jogo foi mais retraída, tentando chegar ao gol usando os contra-ataques e, quem sabe, levando a decisão para as cobranças de pênaltis. **(Texto 06)**	Tamires	Entrevista coletiva, após a eliminação da seleção brasileira
SD 16: Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time. **(Texto 06)**	Pia Sundhage	
SD 17: Ainda assim, resolveu arriscar e tentou um salto difícil, tido por ela como um desafio pessoal. **(Texto 08)**	Rebeca	Não há menção onde o discurso foi proferido
SD 18: O segredo, segundo ele *(sic)* é não seguir sempre o mesmo tipo de treino. **(Texto 11)**	Fernando Possenti	Entrevista coletiva na base do Time Brasil, em Tóquio

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 15 exemplifica como o discurso indireto é usado para introduzir as citações por meio do discurso direto. Na SD 15, as ações da lateral-esquerda Tamires são relatadas a partir do que ela declarou na coletiva de imprensa. A jornalista usa a oração projetada para resumir a versão contada pela atleta, a qual é apresentada na forma de discurso direto logo na sequência:

> Achei que a gente começou (o jogo) entregando muita bola para o Canadá e depois a gente se organizou. Tivemos mais posse de bola, colocamos mais a bola no chão, encontramos espaços, tivemos chances de fazer o gol e acabamos não conseguindo. Foi um jogo muito equilibrado, o Canadá propôs o jogo no contra-ataque em cima da gente. A gente conseguiu manter o ritmo e ir pra cima e elas a todo momento bem fechado, querendo levar o jogo pros pênaltis e conseguiram', afirmou a camisa 6 (Texto 06).

A maior parte da inserção do discurso indireto é usada para a introdução do discurso direto. No entanto, a SD 16 é um exemplo do uso do discurso indireto sem ser associado ao discurso direto. No título do Texto 06, a jornalista se refere a uma fala da então técnica da equipe brasileira por meio do discurso indireto. Para isso, a jornalista usa uma oração projetada "que busca jogadora criativa para o time", a partir do processo verbal "dizer". A estrutura é tipicamente usada no contexto midiático quando se deseja destacar no título uma fala expressiva de uma das fontes entrevistadas.

Na SD 17, temos o uso do discurso indireto para enaltecer o salto realizado pela ginasta Rebeca Andrade. Para conquistar o ouro, a atleta realizou um salto considerado por ela como um desafio pessoal. Por meio do discurso indireto, temos a construção da representação da mulher esportista a qual precisou superar os próprios limites para poder subir ao lugar mais alto do pódio.

O discurso indireto também apresenta processos verbais para a introdução das falas, as quais geralmente são construídas por meio de orações projetadas. Em nosso *corpus*, encontramos 26 citações com a presença de processos verbais, sendo do tipo de atividade por meio do subtipo fala (falar) e de semiose, alternando entre neutro (dizer) e indicação (Halliday; Matthiessen, 2004).

Na Tabela 4, a seguir, elencamos os processos verbais usados para a inserção do discurso indireto.

Tabela 4 - Processos verbais utilizados na articulação das vozes por meio do discurso indireto nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

PROCESSO VERBAL	QUANTIDADE	TIPO DE PROCESSO	PROCESSO VERBAL	QUANTIDADE	TIPO DE PROCESSO
Admitir*	1	Indicação	Destacar *	1	Indicação
Afirmar	3	Indicação	Dizer	9	Neutro
Avisar	1	Indicação	Enfatizar*	1	Indicação
Classificar*	1	Indicação	Falar	2	Fala
Confirmar*	1	Indicação	Revelar	3	Indicação
Declarar	2	Indicação	Valorizar*	1	Indicação

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.
*Os referidos processos não são associados diretamente ao processo verbal. No entanto, em nosso *corpus*, estes processos foram usados para a introdução do discurso indireto, passando assim a exercer também a função de um processo verbal.

Conforme destacado na tabela acima, “dizer” é o processo mais recorrente para a inserção do discurso indireto, com 9 ocorrências; seguido dos processos “afirmar” e “revelar”, com três ocorrências cada. O uso destes processos demonstra que as jornalistas, ao relatar as falas, estão em consonância com o apresentado pelas vozes, já que elas não utilizam processos verbais que indicam oposição ao que é apresentado. Assim como verificado no discurso direto, todos os processos verbais foram conjugados na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo (disse, revelou e afirmou), característica da linguagem jornalística.

As duas únicas SD que não apresentaram processos verbais tiveram como recurso léxico-gramatical para a inserção do discurso indireto a circunstância de ângulo “segundo”, conforme ilustra a SD 18. As circunstâncias foram usadas para indicar a autoria do discurso.

Encerrando a análise das representações de discurso presentes nos textos selecionados, temos as sequências discursivas codificadas como relato de ato de fala. Como ilustrado no Gráfico 8, esta modalidade apresentou uma baixa ocorrência, 2 marcações, sendo todas direcionadas a vozes femininas.

O Quadro 51, a seguir, destaca as vozes femininas incluídas pelo relato de ato de fala.

Quadro 51 - As vozes femininas articuladas nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do relato de ato de fala

TEXTO	VOZ	FUNÇÃO	QUANTIDADE
01	Sissi	ex-jogadora da seleção feminina de futebol (atacante)	01
06	Pia Sundhage	técnica da seleção feminina de futebol	01
		TOTAL	02

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O relato de ato de fala foi usado pelas jornalistas, em sua maioria, para destacar alguma situação vivenciada pelas atletas durante a competição. A seguir, no Quadro 52, destacamos um exemplo desta ocorrência.

Quadro 52 - A voz feminina incluída por meio de relato do ato de fala nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras por meio do relato de ato de fala

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FONTE
SD 19: Já Sissi, era só palavrão. **(Texto 01)**	Sissi	Entrevista a Dibradoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 19 relata a reação de Sissi, então jogadora da seleção brasileira feminina nos Jogos Olímpicos de 1996, após a classificação da equipe para a semifinal. A jornalista não menciona as palavras que foram proferidas, mas com a construção transmite a euforia vivida por Sissi. O relato de ato de fala é usado para aguçar a curiosidade do(a) leitor(a) que, ao deparar-se com a SD, poderá imaginar quais foram os palavrões e a quem eles eram direcionados. Este recurso, além de provocar a curiosidade, contribui para a desconstrução da representação estereotipada de que apenas os homens podem pronunciar palavrões. Assim, percebemos a construção de uma representação da mulher esportista pautada na humanização, em que a mulher assim com o homem necessita de meios para extravasar a tensão da cobrança.

O outro trecho com a presença de relato de fala refere-se a SD 16 (Quadro 50). A jornalista refere-se a um relato de fala de Pia Sundhage para a composição do título da notícia. Ao destacar que a técnica pedia desculpas, a jornalista cria a representação de uma mulher que reconhece que errou, pois realiza o ato de se desculpar. No entanto, no título não temos a compreensão sobre o porquê a profissional estava se desculpando.

A seguir, passamos à análise da interdiscursividade presente nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

5.1.2 A imbricação dos discursos nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

No caminhar de nossa pesquisa, achamos pertinente a investigação da interdiscursividade nos textos jornalísticos para a construção das representações da mulher esportista brasileira. Conforme destaca Fairclough (2003), pela interdiscursividade podemos compreender os discursos e o modo como eles são articulados em um texto. Para a análise da interdiscursividade, seguimos três caminhos: em primeiro lugar, identificamos os discursos articulados por meio das diferentes vozes incluídas nos textos jornalísticos; em segundo lugar, realizamos um cruzamento entre os códigos interdiscursividade e as formas de representação de discurso; e, em terceiro lugar, debruçamo-nos sobre os discursos articulados por meio das vozes das jornalistas.

De acordo com Bessa (2014), nomear um discurso não é uma tarefa fácil. Alguns discursos são consolidados, tais como o discurso feminista, o machista, o político, o religioso, dentre tantos outros; enquanto outros são Identificados a partir de um processo reflexivo-interpretativo, exercício desenvolvido nesta pesquisa. Para o referido pesquisador,

> os discursos não estão isolados nos textos, porque não estão isolados nas práticas sociais. Construir (e também representar) aspectos do mundo por meio de materialidades linguístico-semióticas são ações discursivas – a interdiscursividade (seja de forma colaborativa ou com disputas) refere-se a essa combinação de discursos (Fairclough, trad. 2001, 2003, 2009; Chouliaraki e Fairclough, 1999). Buscar identificá-los nos textos colabora para uma percepção do tratamento do problema social em discussão (Bessa, 2014, p. 42).

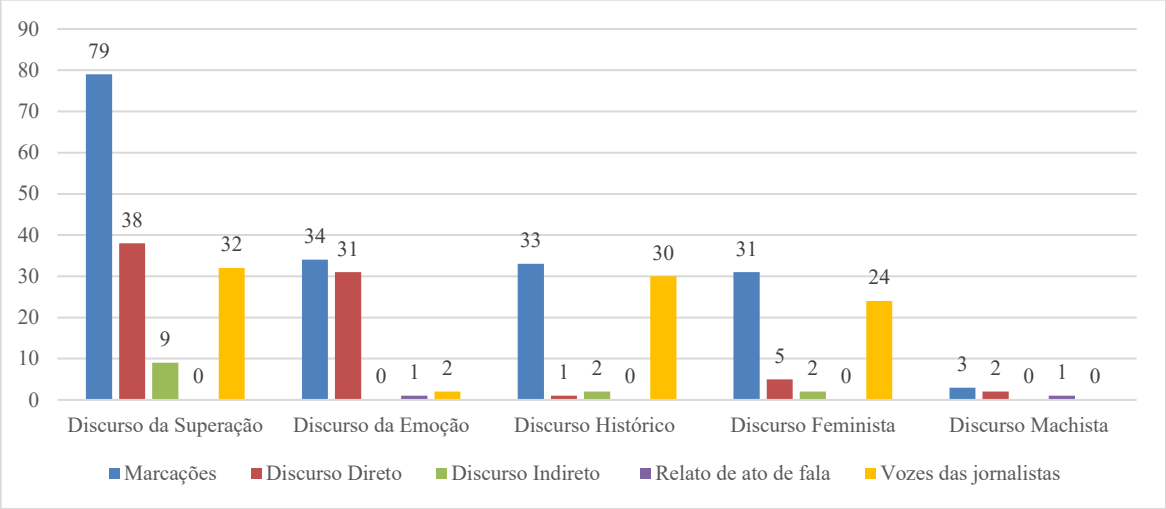
Em nosso *corpus*, cinco tipos de discursos articulados ao discurso jornalístico emergiram na análise. É importante destacar que não realizamos codificações referentes ao discurso jornalístico, visto que ele é constitutivo do texto jornalístico, como as reportagens analisadas. Por esta razão, este tipo de discurso não aparece nas tabulações a seguir.

Em nossa análise, percebemos uma imbricação dos discursos, ou seja, um trecho podia apresentar mais de um tipo de discurso. O discurso de superação, por exemplo, apresentou uma forte associação com o discurso da emoção; o discurso histórico se entrelaçou ao discurso feminista, ambos muito presentes nas vozes das jornalistas.

No Gráfico 9, a seguir, apresentamos os resultados do cruzamento entre os subcódigos do código interdiscursividade e o subcódigo representação de discurso do código intertextualidade. Para a composição do gráfico, utilizamos cinco barras. A primeira, na cor azul, refere-se ao total de marcações referentes ao tipo de discurso nomeado no eixo horizontal; a segunda, a terceira e a quarta barras, nas cores vermelha, verde e roxa, respectivamente,

referem-se à articulação de determinado discurso por meio da inclusão de diferentes vozes, por meio de discurso direto, de discurso indireto e de relato de ato de fala. A quinta barra, na cor amarela, diz respeito às marcações da articulação de cada discurso Identificado, por meio da voz das jornalistas.

Gráfico 9 - Cruzamentos de dados entre os códigos interdiscursividade e intertextualidade nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

No Gráfico 9, notamos a prevalência da articulação do discurso da superação, com 79 marcações; sendo 38 para discurso direto (34 para a voz feminina e 4 para a masculina), 9 para discurso indireto (4 para a voz feminina e 5 para a masculina) e 32 ocorrências manifestas por meio da voz das jornalistas.

Neste trabalho, classificamos como discurso da superação os trechos que abordam a superação de uma situação anterior, podendo ser uma superação de um resultado, de um problema de saúde física ou mental, de uma história de vida, dentre outras. A superação não almeja o alcance do primeiro lugar, mas refere-se aos desafios enfrentados, sejam eles relacionados à profissão ou questões pessoais, com o intuito de melhorar a situação anterior.

Para a análise da interdiscursividade, selecionamos uma SD representativa de cada barra destacada no Gráfico 9, com a separação entre vozes femininas e masculinas. O objetivo é evidenciar por meio de quais vozes cada tipo de discurso é articulado e apresentar quais representações da mulher esportista brasileira são construídas.

No Quadro 53, a seguir, apresentamos cinco SD em que o discurso da superação é articulado pelas vozes presentes nos textos jornalísticos. Os quadros 53 a 61 organizam-se em três colunas: Sequência Discursiva, Voz e Forma de Realização. Em voz, indicamos de quem é

a voz reproduzida e, em Forma de Realização, destacamos a forma de representação de discurso presente na SD.

Quadro 53 - Discurso da superação articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 20: "Eu saí com oito ou nove anos, a gente não tinha muitas condições, minha mãe não tinha como me levar sempre no ginásio. Então, quando era pequena, eu ia um dia treinar e faltava três. Eu não ia evoluir. Quando deram a oportunidade de eu morar com a coordenadora, com meus treinadores, ela me deixou ir. Isso abriu portas. Se ela tivesse impedido a filhinha, tão novinha, pequenininha, eu não estaria aqui hoje e não seria a que tantas pessoas admiram". (**Texto 04**)	Rebeca Andrade	Discurso direto
SD 21: "[...] A gente nunca repetiu um ciclo, e quando eu falo ciclo, é anual. Nunca um ano de treinamento da Ana Marcela foi igual ao outro. Nunca uma altitude foi feita na mesma época, nunca um treinamento foi igual. Ela tem que se reinventar em termos de estratégia o tempo inteiro, senão ela fica manjada. E isso não pode acontecer. E como eu monto o treino para montar a estratégia? Isso é baseado em quem serão as adversárias dela." (**Texto 11**)	Fernando Possenti	
SD 22: Rebeca se sente forte e pronta para viver os "Jogos Olímpicos da sua vida" em Tóquio. (**Texto 04**)	Rebeca Andrade	Discurso indireto
SD 23: E o técnico valoriza as principais características que fazem Ana Marcela ser uma atleta disposta a quebrar paradigmas, como ele mesmo definiu. (**Texto 11**)	Fernando Possenti	
SD 24: A final foi duríssima e, debaixo de forte calor, elas duelaram contra as russas, atuais vice-campeãs de Wimbledon, e venceram por 4/6, 6/4 e 11/9, virando o jogo e salvando quatro match points. (**Texto 07**)	Roberta Nina	Voz da jornalista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 20, temos o discurso da superação associado à superação pessoal. Aliada à superação pessoal, temos a superação profissional, a qual é ilustrada nas SD 21, 22 e 23, e que se faz muito presente nos textos analisados. As SD 22 e 23 por meio do discurso indireto destacam a superação da performance da atleta nos jogos olímpicos. Em ambos os casos, o intuito é enfatizar que as atletas chegaram preparadas para a competição, seja pela avaliação da própria atleta (SD 22) ou pela visão do(a) treinador(a) (SD 23).

Por meio do discurso da superação articulado pelas vozes inseridas nos textos jornalísticos, percebemos que a representação da mulher esportista é construída a partir de três vertentes: i) a superação pessoal, ii) a superação profissional e iii) a superação durante a competição. A representação da mulher esportista por meio do discurso de superação está associada à imagem da mulher como profissional, a qual precisa superar as adversidades, sejam pessoais ou profissionais, para conquistar os objetivos almejados.

O discurso da superação também se faz presente nas vozes das jornalistas. Este discurso é articulado, em especial, quando as profissionais descrevem as disputas das

mulheres durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, exemplificado pela SD 23. Com o uso dos processos materiais, “duelaram”, “virando” e “salvando”, a jornalista constrói o discurso da superação associando a partida a termos de uma batalha. Assim, notamos a construção de uma representação pautada no heroísmo, em que as atletas são representadas como guerreiras e que não se deixaram abater, apesar das adversidades enfrentadas durante o percurso.

Em suma, ao analisarmos o discurso da superação, percebemos que ele é articulado para se referir aos desafios vivenciados pela atleta, sejam eles relacionados a questões profissionais ou pessoais. Com a presença deste discurso, temos a construção da representação de uma mulher esportista brasileira que não se deixa abalar pelos desafios e que está em constante busca por melhores resultados. Além do mais, o discurso da superação está associado não só à mulher atleta, englobando também o seio profissional e familiar em que ela está inserida.

Seguindo a análise acerca da interdiscursividade, conforme ilustrado no Gráfico 9, em segundo lugar, temos o discurso da emoção, com 34 marcações; sendo 31 no discurso direto (26 para a voz feminina e 5 para a voz masculina), 1 no relato de ato de fala (voz feminina) e 2 nos trechos dedicados às jornalistas.

O discurso da emoção tem como base os trechos em que a prática esportiva feminina e/ou as esportistas são representadas discursivamente a partir da perspectiva da emoção. “As emoções são respostas a eventos específicos que têm significado positivo ou negativo para o indivíduo. São, geralmente, mais focadas, de curta duração e mais intensas que sentimentos e humores” (Sobral, 2010, p.27).

O discurso da emoção é articulado nos trechos em que se analisa os resultados de uma competição ou destaca-se uma lembrança da trajetória profissional. A seguir, no Quadro 54, destacamos SD para exemplificar como o discurso da emoção foi articulado nos textos.

Quadro 54 - Discurso da emoção articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 25: “Ainda não caiu a ficha, mas estou muito feliz por jogar minha primeira Olimpíada e conseguir medalha. Jogar ao lado da Lu e representar o Brasil me emociona muito. Ainda não sei o que estou sentindo”. **(Texto 07)**	Laura Pigossi	Discurso direto
SD 26: “Me veio uma emoção muito grande lá no pódio, porque era um sonho de criança fazer uma final olímpica, trazer uma medalha pro Brasil e poder representar todos os brasileiros”.	Gabi	
SD 27: “Você quando está competindo, está entretido. Não tem muito espaço pra emoção. Quando está de fora assistindo não tem nada pra fazer, só torcer. E é muito mais emocionante pra mim ver uma medalha dela do que ganhar uma medalha porque ver meus filhos bem sucedidos é muito bom.” **(Texto 09)**	Torben Grael	

SD 28: É triste olhar pro campo e saber que vocês não estarão mais lá. É triste ver que toda história tem seu fim, por mais bonita que essa história seja. Não estou preparada para esse fim, talvez eu nunca esteja. Mesmo sabendo que é o começo de uma nova história. **(Texto 10)**	Natália Andrade	Voz da jornalista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nas SD 25 e 26, o discurso da emoção é construído a partir dos resultados alcançados nos jogos olímpicos. A primeira é construída em torno da conquista do terceiro lugar; enquanto a segunda é desencadeada após a perda da medalha de ouro. As falas das mulheres esportistas valorizam os resultados e expressam a emoção delas em representar o país.

A emoção sobre uma conquista também se faz presente nas vozes masculinas. Nas SD referentes a este tipo de voz, percebemos que o discurso da emoção se deve à parceria com as mulheres. A SD 26 apresenta a visão de Torben Grael sobre a conquista da filha, Martine Grael, com Kahena Kunze. Apesar de ser multicampeão, ter participado de seis edições dos jogos e conquistado cinco medalhas[130], Grael revela ter ficado mais emocionado com o feito da filha, do que com as próprias conquistas, deixando assim o amor paterno prevalecer.

O discurso da emoção não é muito articulado pelas vozes das jornalistas, ele se faz mais presente entre as mulheres atletas e os homens que fazem parte da equipe delas. O único texto que apresentou o discurso da emoção pela voz das jornalistas foi o Texto 10. Na produção, a profissional relaciona a história dela com a do futebol feminino. Para isso, a jornalista faz uso do jornalismo opinativo.

De acordo com Medina (2001, p. 51), os gêneros do jornalismo opinativo "expressa[m] um ponto de vista a respeito de um fato". Ao trazer a opinião sobre o futebol feminino, Natália Andrade articula o discurso da emoção para expressar a sua opinião sobre a aposentadoria das jogadoras Cristiane, Formiga e Marta da seleção brasileira, deixando transparecer a emoção.

Em relação ao relato de ato de fala, a SD 19 (Quadro 52) destaca a emoção da mulher esportista, a jogadora Sissi. Ao longo do texto, a jornalista deixa explícito para o(a) leitor(a) que a seleção feminina era desacreditada e desvalorizada pela sociedade da época, ao mencionar que a atleta era "só palavrão", após a classificação, percebemos que a emoção naquele momento foi extravasada, por meio das palavras.

O discurso da emoção contribui para a representação da mulher esportista de uma forma mais humanizada. Ao escolher os trechos que demonstram as emoções, as jornalistas constroem

[130] Torben Grael tem dois ouros (Atlanta, 1996, e Atenas, 2004), uma prata Los Angeles, 1984) e dois bronzes (Seul, 1988, e Sidney, 2000) (Torben, s.d; s.p.). Até os Jogos de 2024, Paris, França, Torben junto a Robert Scheidt, ambos do iatismo, eram os maiores medalhistas brasileiros na competição, com cinco medalhas cada. Após as conquistas na última edição, a ginasta Rebeca Andrade passou a ser a atleta brasileira, entre homens e mulheres, com mais medalhas, seis no total (2 ouros, 3 pratas e 1 bronze) (Meyer, 2024, s.p.).

a imagem dessas mulheres como seres humanos carregados de sentimentos, deixando de lado a ideia de que um(a) atleta de alto rendimento deve esconder as emoções.

Em nossa análise, identificamos que, por meio das vozes das jornalistas, prevalece a articulação dos discursos histórico e feminista. O discurso histórico é o terceiro tipo de discurso mais presente nos textos analisados (cf. Gráfico 9). Há 33 marcações no *corpus*, sendo 30 relacionadas às vozes das jornalistas, 1 manifesta, por voz masculina, articulada por meio de discurso direto, e 2 realizadas por vozes femininas, por meio de discurso indireto.

A historiadora Michelle Perrot (1992, p. 170) afirma que "da História, muitas vezes a mulher é excluída", e um dos caminhos para amenizar esta exclusão consiste na criação de espaços que permitam que elas sejam vistas e representadas. Ao selecionar a mulher como foco do veículo de comunicação, o sítio Dibradoras promove um lugar para que estas tenham os feitos esportivos divulgados e registrados em nossa sociedade.

Neste trabalho, compreendemos como discurso histórico as SD que apresentam as conquistas inéditas das mulheres; além das que destacam momentos acerca da luta histórica das mulheres em busca de espaços no ambiente esportivo. Este tipo de discurso foi observado a partir item lexical "feito[131]", das circunstâncias de localização que designam tempo em que situam os fatos históricos vividos pelas mulheres e pelas orações relacionais em que as mulheres são identificadas por suas características e identidades conquistadas no esporte.

No Quadro 55, elencamos SD sobre alguns dos feitos históricos alcançados pelas mulheres brasileiras e fatos históricos presentes nos textos jornalísticos, os quais caracterizam o discurso histórico.

Quadro 55 - Discurso histórico articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 29: Ketleyn será a 3ª atleta a carregar a bandeira brasileira em uma cerimônia de abertura. Antes dela, Sandra Pires (medalhista de ouro no vôlei de praia em Atlanta-96) e Yane Marques (medalhista de bronze no pentatlo moderno em Londres-2012) conseguiram o feito em Sydney-2000 e no Rio-2016, respectivamente. **(Texto 02)**	Roberta Nina	Voz da jornalista
SD 30: Com a conquista, ela soma um ouro e uma prata e é a primeira ginasta e a quarta mulher a conseguir um ouro olímpico individual. Além dela, apenas Maurren Maggi (2008), Sarah Menezes (2012) e Rafaela Silva (2016) conseguiram o feito. **(Texto 08)**	Natália Andrade	
SD 31: Em 1996, quando a competição aconteceu nos Estados Unidos (não por acaso, o "país do futebol feminino"), as mulheres puderam, pela primeira vez, entrar em campo e disputar uma medalha. **(Texto 01)**	Renata Mendonça	

[131] De acordo com o dicionário online Michaelis, o substantivo masculino feito significa "ato importante, que exige esforço e bravura; façanha, heroísmo, proeza" (Feito, 2024, s.p.)

SD 32: A modalidade foi uma das proibidas pelo decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que impedia mulheres de praticarem esportes incompatíveis com a "natureza feminina", como futebol, rúgbi, halterofilismo e lutas. Entre os esportes que serão disputados na próxima Olimpíada, o boxe foi o último que deixou de ser exclusivamente masculino. **(Texto 02)**	Julia Belas	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em nossa análise, percebemos que, apesar de os jogos olímpicos estarem na 32ª edição da competição, algumas conquistas das mulheres brasileiras são recentes, sendo muitas delas alcançadas apenas na Olimpíada de Tóquio. As SD 29 e 30 ilustram um dos principais recursos léxico-gramaticais presentes para a construção do discurso histórico. As jornalistas constroem orações relacionais identificativas, para destacar as identidades únicas conquistadas pelas mulheres dentro do esporte. Como, por exemplo, na SD 30, a Portadora, a ginasta Rebeca Andrade, é relacionada aos Identificadores, a primeira ginasta e a quarta mulher brasileira a ganhar uma medalha de ouro em uma modalidade individual para destacar o feito conquistado.

Já nas SD 31 e 32, as jornalistas recorrem ao recurso léxico-gramatical da circunstância de localização para indicar o tempo em que os fatos históricos conquistados pelas mulheres aconteceram. A inserção do futebol, "em 1996", e do boxe, "em 2012", na categoria feminina revela-nos que a resistência sobre a presença da mulher no esporte é mais forte em modalidades associadas ao universo masculino, já que a inclusão destas atividades aconteceu tardiamente.

O discurso histórico é muito importante para a construção da representação da mulher no sítio Dibradoras. Ao longo dos textos, as jornalistas recorrem a fatos históricos para destacar a luta feminina por mais espaços dentro do esporte, demonstrando, assim, ao(à) leitor(a) as diversas barreiras impostas às mulheres esportistas brasileiras, promovendo assim a valorização de cada conquista delas. O sítio Dibradoras também contribui para a construção das histórias destas mulheres, ao optar por diversas orações relacionais identificativas, é possível identificar as mulheres dentro do esporte.

Em nossa análise, em relação ao discurso feminista, conforme destaca o Gráfico 9, ele ocupa a quarta posição, com 31 marcações, sendo 24 associadas às vozes das jornalistas; 5 articuladas por discurso direto, sendo 4 de vozes femininas e 1 masculina; 2 vozes femininas incluídas por discurso indireto.

O discurso feminista foi observado nos trechos em que a desigualdade entre as mulheres e os homens no esporte é abordada e naqueles em que têm como intuito enaltecer a mulher dentro do esporte ou promover uma reflexão sobre o porquê das ausências delas em determinadas funções no esporte.

No Quadro 56, a seguir, destacamos quatro SD referentes à presença do discurso feminista.

Quadro 56 - Discurso feminista articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 33: Até aquele momento, o futebol feminino era completamente ignorado pela CBF, que não organizava competições e pouco fazia pela seleção feminina. **(Texto 01)**	Renata Mendonça	Voz da jornalista
SD 34: Ser mulher no futebol é ser incrível. **(Texto 10)**	Natalia Andrade	
SD 35: Lute como uma garota. Lute como Bia Ferreira. **(Texto 15)**	Roberta Nina	
SD 36: Até pouco tempo atrás, a gente sequer notaria a ausência das mulheres nesses postos de comando do esporte. Mas estamos, ainda bem, evoluindo nas discussões a respeito da participação feminina no universo esportivo como um todo e é inegável que a lacuna nas comissões técnicas fica evidente – especialmente em grandes eventos, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. **(Texto 16)**	Renata Mendonça	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Texto 01, do qual foi extraída a SD 33, tem como intuito apresentar a primeira participação da seleção feminina de futebol nos jogos olímpicos. A jornalista destaca que uma das dificuldades enfrentadas pelas mulheres era a desigualdade entre homens e mulheres; enquanto para eles eram destinados os melhores tratamentos e recompensas, para elas restavam as migalhas. Na SD 33 percebemos o uso de uma circunstância de modo (grau), "completamente" para intensificar o epíteto[132], "ignorado", para exemplificar a falta de apoio do órgão responsável pelo gerenciamento da modalidade, a CBF.

Na SD 34 temos uma oração relacional intensiva para caracterizar a presença da mulher no futebol, ou seja, apesar das diversas barreiras impostas, elas não desistiram de buscar o espaço delas no esporte e a resistência delas tornou-as incríveis. Na SD 35 a jornalista usa um tom irônico para se referir ao senso comum de que mulheres não são seres aptos à luta. A SD é construída por duas orações imperativas, tendo como tema o processo "lutar". A expressão "Lute como uma garota", em inglês, *"Fight like a girl"*, originou-se no movimento feminista americano (Cavalcante, 2022), e no Brasil passou a ser símbolo das manifestações feministas que buscam por igualdade de gênero.

A expressão "Lute como uma garota" não se refere somente ao boxe. Ela destina-se à luta das mulheres em busca pela equidade no esporte e a SD 36 apresenta uma destas lutas. A partir da luta feminista, a ausência das mulheres em cargos de comando no esporte passou a ser

[132] De acordo com o dicionário online Michaelis, o substantivo masculino epíteto significa "palavra ou frase que se junta a um nome de pessoa ou coisa para qualificá-los ou realçar seus significados" (Epíteto, 2025, s.p.).

questionada e discussões sugiram para debater a importância da participação delas para além da inserção como atletas.

De acordo com a descrição do sítio, o veículo tem como objetivo "contar a história delas para que meninas possam se inspirar e aprender desde cedo que os campos, as quadras, os tatames, as piscinas, as bancadas esportivas, e resumindo, o esporte também é lugar delas" (Sobre, 2023, s.p). Assim, por meio da articulação do discurso feminista, as jornalistas enaltecem e registram as ações realizadas pelas mulheres esportistas, destacam a importância da luta pela equidade no mundo esportivo e evidenciam o abismo na forma de tratamento entre mulheres e homens, promovendo a representação da mulher que busca mudanças em relação ao contexto social na qual está inserida.

Chegamos ao último discurso articulado nos textos analisados. Em quinto lugar (cf. Gráfico 9) encontramos o discurso machista. Apesar de uma baixa ocorrência, com apenas três marcações, o discurso se fez presente em duas representações de discurso direto e uma relacionada ao relato de ato de fala, sendo todas relacionadas à voz masculina.

A seguir, no Quadro 57, registramos as três SD em que identificamos a articulação do discurso machista.

Quadro 57 - Discurso machista articulado nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 37: "Eu era doido pra ter filho homem pra seguir minha carreira. Sempre tive essa vontade, mas aí já tomei 2×0, nasceu Bia e depois nasceu Samira e aí eu pensei: pô, com a situação que tá, não dá pra eu ficar tentando. Mas graças a Deus nasceu essa menina que é a Bia, que é pior do que homem". **(Texto 14)**	Sergipe	Discurso direto
SD 38: "Eu falo pra minha filha, ela viu o meu sofrimento quando eu lutava, não tinha nem tênis pra correr e hoje ela tem tudo. Não pode reclamar de barriga cheia, não". **(Texto 14)**		
SD 39: Foram lá passear, pensavam. **(Texto 01)**	Os cartolas da CBF	Relato de ato de fala

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 37 ilustra um senso comum de nossa sociedade brasileira, em que um pai almeja um filho para seguir a profissão dele. Vivemos em uma sociedade em que fatores históricos e culturais ainda influenciam a percepção de profissões que são vistas como masculinas e outras como femininas. Pela voz de Sergipe, percebemos esta visão machista de que a mulher não podia praticar boxe, já que é um esporte voltado ao homem.

Na SD 38, Sergipe destaca que a filha "Não pode reclamar de barriga cheia, não", visto que ela tem ótimas condições de treinamento. Entretanto, Sergipe esquece de que a luta de Bia

também consiste em conquistar espaços em um esporte permeado pelo masculino. Assim, como muitos fazem em nossa sociedade, Sergipe leva em consideração apenas a experiência dele, movimento típico dos discursos machistas em que os homens avaliam as ações das mulheres a partir das próprias ações, deixando de lado as barreiras por elas enfrentadas pelo fato de serem mulheres.

As SD 37 e 38 ilustram o enraizamento do machismo em nossa sociedade. As falas de Sergipe deixam transparecer o orgulho que ele tem da filha, mas ainda é carregada de estereótipos. O professor, escritor e filósofo, Mario Sergio Cortella, em uma entrevista sobre a divisão de atividades entre mulheres e homens, destaca que "em uma sociedade patriarcal, com o poder masculino muito forte, desde a colonização, o trabalho feminino sempre foi secundarizado. Entendia-se a organização de algumas tarefas como sendo uma extensão do lar, como as do cuidado, a cargo da mulher" (Cortella, 2014, *apud* D´Elboux, 2014, s.p)

A SD 39 reforça esta visão de divisão entre mulheres e homens. A partir do contexto social, a jornalista apresenta um relato de fala destinado aos dirigentes da CBF sobre a participação das mulheres nos jogos olímpicos de 1996. Os dirigentes acreditavam que a estreia das mulheres no futebol não passaria de uma brincadeira, já que elas não eram vistas por eles como atletas profissionais capazes de jogarem futebol; modalidade por muitos anos direcionada apenas ao universo masculino.

O discurso machista, que por muitos anos se fez (e ainda se faz) presente na mídia tradicional, felizmente, não é articulado pelas vozes das jornalistas do sítio Dibradoras e nem pelas mulheres esportistas. A ausência do discurso machista é uma importante ferramenta para a construção da representação da mulher sem o julgamento de que elas não são capazes de realizar atividades esportivas.

Na subseção a seguir, passamos à análise da avaliação presente nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

5.1.3 A avaliação nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

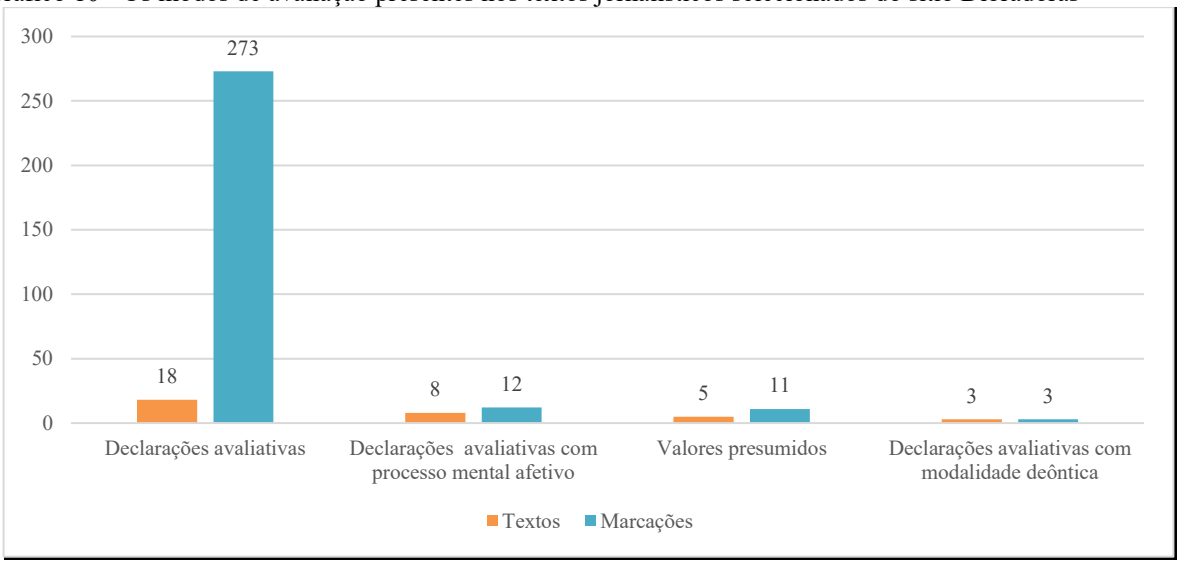
No jornalismo acreditamos que a imparcialidade seja impossível de ser alcançada. Desde a escolha do assunto, as vozes inseridas, a descrição dos atores sociais, o(a) jornalista, mesmo que de forma implícita, sugere ao(à) leitor(a) um caminho para a interpretação acerca do assunto; além de expressar a sua opinião sobre a temática abordada. Assim, a categoria

avaliação se apresentou um fértil caminho para a análise discursiva acerca das representações da mulher esportista brasileira nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

Em nossa análise, observamos a avaliação por meio das quatro subcategorias apresentadas por Fairclough, a saber, i) as declarações avaliativas, ii) as declarações com modalidade deôntica, iii) as declarações com processo mental afetivo e iv) os valores presumidos (Fairclough, 2003).

No Gráfico 10, a seguir, apresentamos um resumo das codificações encontradas em nosso *corpus*. Para a construção do gráfico, destacamos, com as barras na cor laranja, o número de textos que apresentam as avaliações, as quais são nomeadas no eixo horizontal; enquanto as barras na cor azul representam a quantidade de marcação de cada subcategoria.

Gráfico 10 - Os modos de avaliação presentes nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Como ilustrado no gráfico acima, todos os 18 textos do nosso *corpus* apresentam pelo menos um trecho discursivo com avaliação. No total foram codificados 299 trechos, sendo 273 com declarações avaliativas em geral; 12 com declarações com processo mental afetivo; 11 com valores presumidos e 3 com declarações com modalidade deôntica.

Os trechos avaliativos referem-se tanto às vozes das jornalistas quanto às vozes inseridas pelas formas de representação do discurso. Na Tabela 5, a seguir, apresentamos a presença de cada tipo de avaliação de acordo com a forma de inserção nos textos jornalísticos.

Tabela 5 - Cruzamento entre o código intertextualidade e seu subcódigo representação de discurso e o código avaliação com seus subcódigos nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

AVALIAÇÃO / VOZES	Declarações avaliativas	Declarações com modalidade deôntica	Declarações com processo mental afetivo	Valor presumido
Representação de discurso	**145**	**-**	**9**	**-**
Discurso direto	**131**	**2**	**8**	**-**
Mulher	109	2	8	-
Homem	21	-	-	-
Sem marcação de gênero	1	-	-	-
Discurso indireto	**13**	**-**	**1**	**-**
Mulher	10	-	-	-
Homem	3	-	1	-
Relato de ato de fala	**1**	**-**	**-**	**-**
Mulher	-	-	-	-
Homem	1	-	-	-
Vozes das jornalistas	**129**	**1**	**3**	**11**
Total	274	3	12	11

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Conforme ilustra a tabela acima, as quatro subcategorias avaliativas são encontradas nas vozes das jornalistas; enquanto nas vozes inseridas pelas formas de representação de discurso, seja o discurso direto, o discurso indireto ou os relatos de ato de falas não apresentaram todas as subcategorias; encontramos apenas marcações referentes a declarações avaliativas, a declarações avaliativas com processo mental afetivo e declarações com modalidade deôntica.

No Quadro 58, a seguir, apresentamos SD que exemplificam o uso das declarações avaliativas presentes no *corpus*. É pertinente destacar que usamos o recurso gráfico sublinhado para destacar os trechos avaliativos.

Quadro 58 - Exemplos de declarações avaliativas presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 40: "Infelizmente, na bola aconteceu um erro no final da série, mas estava tudo indo lindo, preciso e como a gente esperava. Aconteceu no final e conseguimos nos recuperar muito bem". **(Texto 13)**	Duda Arakaki	Discurso direto
SD 41: "A gente treina bastante para dar nosso melhor nos poucos segundos, minutos, que duram as nossas séries. Foi muito trabalho envolvido. Com essa coisa de pandemia ficou muito difícil porque ficamos muito tempo em casa. Então estar aqui é uma alegria enorme. Eu passei por isso (lesão) três vezes e me fez mais forte. A gente tem que usar como uma coisa boa, e não como algo pra nos deixar mais pra baixo. Eu to *(sic)* bem feliz porque consegui fazer boas apresentações". **(Texto 04)**	Rebeca	

SD 42: "Bia tem um boxe fora do normal. Não é porque é minha filha ou porque treinou comigo ou porque eu que fiz, mas Bia sempre foi talento [...]". **(Texto 14)**	Sergipe	
SD 43: Gabi confirmou que o time não conseguiu desempenhar seu melhor voleibol em quadra. **(Texto 17)**	Gabi	Discurso indireto
SD 44: E o técnico valoriza as principais características que fazem Ana Marcela ser uma atleta disposta a quebrar paradigmas, como ele mesmo definiu. **(Texto 11)**	Fernando Possenti	
SD 45: Sergipe afirma que a filha tem sangue no olho. **(Texto 14)**	Sergipe	
SD 46: Foram lá passear, pensavam. **(Texto 01)**	Os cartolas da CBF	Relato de ato de fala
SD 47: Mesmo sem ter conseguido voltar com a medalha, a seleção feminina mostrou seu valor nos Jogos Olímpicos de Atlanta e deu a melhor resposta a todos aqueles olhares preconceituosos e desconfiados: gols e muito talento dentro de campo. **(Texto 01)**	Renata Mendonça	Voz da jornalista
SD 48: Ela foi a terceira atleta a se apresentar e cometeu um leve erro no primeiro salto, que teve nota 15.166. **(Texto 08)**	Natália Andrade	
SD 49: A meio-de-rede Carol Gattaz joga em alto nível a *(sic)* pelo menos 20 anos e, por incrível que pareça, hoje, aos 40 anos, vive seu auge no esporte. **(Texto 12)**	Renata Mendonça	
SD 50: Beth sempre foi uma mulher ativa. **(Texto 18)**	Roberta Nina	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme destaca Fairclough (2003), as declarações avaliativas são um tipo de avaliação explícita, positiva ou negativa. Em nossa análise, percebemos que as vozes das atletas articuladas tanto por discurso direto e discurso indireto têm como intuito avaliar a performance durante os Jogos Olímpicos de Tóquio; além de destacar a preparação para a competição.

As SD 40 e 41(Quadro 58); SD 01, 02, 04 e 05 (Quadro 41); SD 07, (Quadro 43); as SD 08[133] e 09 (Quadro 44); SD 10 (Quadro 45); SD 20 (Quadro 53) e SD 25[134] e 26 (Quadro 54) ilustram as declarações avaliativas feitas por mulheres atletas, cujas vozes foram recontextualizadas no texto jornalístico por meio do discurso direto; enquanto as SD 43 (Quadro 58), SD 15 (Quadro 50) e SD 22 (Quadro 53) retratam a presença de declarações avaliativas das vozes de mulheres atletas, por meio do discurso indireto.

Em relação às declarações avaliativas presentes nas vozes masculinas articuladas por discurso direto (SD 42, Quadro 58; SD 12 e 14, Quadro 47; SD 21, Quadro 53; e SD 27, Quadro 54) e por discurso indireto (SD 44 e 45, Quadro 58; SD 23, Quadro 53), percebemos que elas são usadas para ressaltar as características positivas das atletas. É importante frisar que em nenhum momento a voz masculina articulada por meio do discurso direto e do discurso indireto apresentou declarações negativas acerca das mulheres esportistas brasileiras. No entanto, como percebemos, a SD 46 (Quadro 58) apresenta a voz masculina, por meio de um relato de ato de

[133] O trecho também apresenta declaração avaliativa com modalidade deôntica.
[134] O trecho também apresenta declaração avaliativa com processo mental afetivo.

fala, associada a uma declaração avaliativa negativa. Os dirigentes da CBF não acreditavam que as mulheres poderiam realmente competir nos jogos olímpicos de 1996; para eles, elas iriam apenas para passear, mostrando assim o descrédito frente a seleção feminina.

Por meio das vozes das jornalistas são manifestas declarações avaliativas que destacam a resiliência feminina (SD 48, Quadro 58; SD 33 e 36 , Quadro 56); caracterizam positivamente as mulheres, por meio de Atributos e Identificadores que enaltecem a garra feminina (SD 49 e 50, Quadro 58; SD 34, Quadro 56) e avaliam a performance da mulher durante a competição (SD 48, Quadro 58; e SD 24, Quadro 53).

É pertinente destacar que a avaliação da resiliência feminina se faz muito presente nos textos em que a modalidade praticada pela mulher é mais associada aos homens. As declarações avaliativas que têm como foco a caracterização da mulher esportista brasileira usam recursos léxico-gramaticais que reforçam as características das atletas de uma forma positiva; em nenhum dos textos analisados foi encontrada uma característica que minimizasse as mulheres.

Na SD 49 (Quadro 58), ao avaliar a trajetória da jogadora Carol Gattaz, temos uma relevante avaliação, já que no meio esportivo não é comum uma mulher ser destaque de uma competição aos 40 anos de idade; tanto que a própria jornalista apresenta essa exceção com espanto, “por incrível que pareça”, indicando ao(à) leitor(a) que o feito da jogadora é incomum no esporte. Ao avaliar positivamente a trajetória da jogadora de vôlei, o sítio Dibradoras promove um espaço para a reflexão acerca do preconceito relacionado ao etarismo, assunto ainda pouco abordado nos veículos de comunicação e demonstra ao(à) leitor(a) que é possível o prolongamento da carreira esportiva.

Outro recurso usado pelas jornalistas para caracterizar as mulheres esportistas brasileiras consiste na avaliação por meio de orações relacionais, as quais são atribuídas ou identificadas características positivas. A SD 50 (Quadro 58) exemplifica o uso deste recurso, em que temos uma oração relacional atributiva intensiva, constituída por uma Portadora, a paratleta Beth, o processo relacional “foi” e o Atributo “uma mulher ativa”.

As jornalistas também usam as declarações avaliativas para se referirem às performances das mulheres atletas brasileiras durante os jogos olímpicos. É importante destacar que, ao avaliarem as performances, as jornalistas não escondem as falhas cometidas ou os resultados negativos, mas não enfatizam tais ações. Para este tipo de avaliação, as jornalistas optam, principalmente, pelo uso de epítetos que qualificam as performances, por exemplo, “leve erro no primeiro salto” e por processos materiais que indicam a ação, por exemplo, “vive seu auge no esporte”. Este tipo de avaliação contribui para a construção de uma representação

positiva da mulher atleta que, ao invés de lamentar-se pela derrota, valoriza o resultado conquistado, demonstrando uma atitude emocional positiva, a qual geralmente não é percebida entre os que não conquistam o primeiro lugar.

Conforme destacamos no Gráfico 10, as avaliações são realizadas, majoritariamente, por declarações avaliativas, manifestando valores desejáveis e indesejáveis. Em segundo lugar, temos a realização da avaliação por declarações avaliativas com processo mental afetivo, as quais se realizam em maior número por meio das vozes das mulheres atletas

No Quadro 59, a seguir, apresentamos exemplos de declarações avaliativas com processo mental afetivo, com a identificação da voz por meio da qual a declaração é realizada e como essa voz é articulada no texto jornalístico.

Quadro 59 - Exemplos de declarações avaliativas com processo mental afetivo presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 51: "[...] Quando eu pensei no meu fim de ciclo, era uma coisa que eu pensava porque eu gosto dessa parte técnica, tática". **(Texto 16)**	Fabi	Discurso direto
SD 52: "[...] Hoje estou muito triste com a derrota, mas o meu sonho não acabou, continuarei trabalhando firma para seguir fazendo o que eu mais amo que é jogar futebol." **(Texto 06)**	Tamires	
SD 53: O pai [diz que] se orgulha demais das conquistas da filha [...]. **(Texto 14)**	Sergipe	Discurso indireto
SD 54: Eu sempre amei o futebol, sempre me fascinou o balé feito em volta da bola. **(Texto 10)**	Natália Andrade	Voz da jornalista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As declarações com processo mental afetivo fizeram-se mais presentes nas vozes das mulheres atletas articuladas por meio do discurso direto. Este tipo de avaliação enfatiza, principalmente, o amor pelo esporte, sendo "amar" o processo mental afetivo mais frequente (SD 51 e 52).

Em relação à voz masculina, encontramos apenas uma ocorrência de declaração com processo mental afetivo (SD 53). Na construção oracional, Sergipe expressa o orgulho sobre as conquistas da filha, a lutadora Beatriz Ferreira, por meio do processo "orgulha-se". É relevante a presença desta declaração, pois conforme apresenta o Texto 14, antes da filha se tornar uma boxeadora profissional, Sergipe tinha uma visão machista de que apenas homens podiam se dedicar à modalidade.

A SD 54 ilustra o uso das declarações com processo mental afetivo por meio das vozes das jornalistas. Este recurso foi pouco utilizado pelas jornalistas, já que os textos selecionados, em sua maioria, não focam a relação pessoal/emocional delas com o esporte. Apenas o Texto

10 apresentou esta subcategoria de avaliação, pois consiste em uma produção opinativa, em que a jornalista se direciona a três importantes nomes do futebol feminino: Cristiane, Marta e Formiga. Para isso, a profissional destaca a relação dela com o esporte, por meio do afeto e da emoção. As marcas afetivas da avaliação são construídas por meio dos processos mentais de afeto/emoção, "amei" e "me fascinou", indicando a afeição da jornalista pelo futebol feminino e a gratidão ao trabalho desenvolvido pelas jogadoras, a quem a carta direciona-se.

As declarações com valores presumidos estão presentes apenas nas vozes das jornalistas. Este tipo de avaliação é o terceiro mais recorrente em nosso *corpus*. E, no Quadro 60, apresentamos exemplos dessas declarações.

Quadro 60 - Exemplos de declarações com valores presumidos presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 55: Para "premiar" esse resultado tão importante, a CBF preparou uma surpresa para elas: a volta pra casa seria no voo da seleção masculina. Era sempre assim, para eles, a recompensa vinha em dinheiro e reconhecimento, para elas, as migalhas. **(Texto 01)**	Renata Mendonça	Voz da jornalista
SD 56: Apesar de o boxe ser um esporte muito popular há anos entre os homens, ainda há um estigma muito grande com mulheres que lutam. **(Texto 02)**	Julia Belas	
SD 57: Pela TV, ela acompanhou e comentou o primeiro ouro olímpico do vôlei feminino do Brasil sabendo que poderia estar lá. Não deve ter sido fácil. **(Texto 12)**	Renata Mendonça	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As declarações com valor presumido consistem em uma avaliação implícita. Em nosso *corpus*, identificamos apenas 10 ocorrências deste tipo de avaliação. Um dos valores presumidos destaca um posicionamento machista muito presente em nossa sociedade, de que os homens são mais importantes do que as mulheres. Na SD 55, podemos perceber que para os dirigentes da CBF, a premiação para a equipe feminina seria estar ao lado dos jogadores da seleção masculina, fato que é ironizado pela jornalista. Por meio do uso de aspas em "premiar", a jornalista sinaliza a ironia da situação; com a oração relacional circunstancial "era sempre assim" (indicando a frequência com que ocorria o tratamento diferenciado dado a homens e mulheres) e, principalmente, a Meta "as migalhas" na oração "para elas, [a recompensa era] as migalhas", das quais as mulheres são Beneficiário, em contraste com os homens, que são Beneficiário da "recompensa em dinheiro" percebemos a diferença de tratamento advinda da confederação. Já na SD 56 percebemos que em determinadas modalidades a presença do homem é enaltecida; enquanto a da mulher é julgada.

Outro valor presumido presente no texto, mas sem um viés machista, refere-se à crença de que todo(a) atleta profissional almeja participar de uma olimpíada (SD 57, Quadro 60). A SD 49 (Quadro 58) também apresenta um valor presumido, ao usar a expressão, "por incrível que pareça", a jornalista traz uma avaliação muito presente no meio esportivo, de que há um limite etário para os(as) atletas competirem em alto rendimento.

E, por fim, temos as declarações avaliativas com modalidade deôntica. Este tipo de avaliação fez-se presente em três SD: uma direcionada a voz da mulher dirigente (SD 08, Quadro 44), uma referente a voz masculina inserida por meio de discurso direto e uma para a voz da jornalista, as quais são reproduzidas no Quadro 61, a seguir.

Quadro 61 - Exemplos de declarações com modalidade deôntica presentes no *corpus* dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	VOZ	FORMA DE REALIZAÇÃO
SD 58: "O COI decidiu que deve haver, pela primeira vez na história, pelo menos uma mulher e um homem em todas as 206 delegações e no time olímpico de refugiados participando dos Jogos", declarou Bach.	Thomas Bach	Discurso indireto
SD 59: Ali, eu entendi que não basta falar, é preciso que sua voz chegue a quem precisa ouvir. **(Texto 10)**	Natália Andrade	Voz da jornalista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Por meio desse tipo de declaração avaliativa, podemos perceber, pelas vozes femininas (SD 08, Quadro 44; SD 59, Quadro 61), os desafios que as mulheres esportistas brasileiras presenciam na busca por espaços e reconhecimento, em uma área da sociedade ainda calcada pelo patriarcalismo e machismo. De acordo com a jornalista Natália Andrade (SD 59), é preciso que as vozes das mulheres sejam escutadas pelas pessoas que possuem o poder de mudança, que, em sua maioria, ainda são os homens. Para ela, somente assim haverá mudanças no contexto cultural. A SD 58 (Quadro 61) ilustra uma destas mudanças para a promoção da igualdade de gêneros, a qual foi percebida pela COI diante da necessidade de mudar uma das regras da competição.

Na subseção a seguir, passamos a última categoria referente aos textos jornalísticos, isto é, a representação de atores sociais.

5.1.4 A representação de atores sociais nos textos jornalísticos

Van Leeuwen (2008) destaca que ao recontextualizarmos uma prática social, movimento que acontece no jornalismo, podemos excluir e/ou transformar os elementos presentes na prática social. Ao recontextualizar as práticas esportivas femininas, as jornalistas

do sítio Dibradoras escolhem quais os atores sociais e ações serão destacadas ou apagadas. Assim, analisamos, a seguir, com base na teoria da representação de atores sociais, como a mulher esportista brasileira é representada nos textos jornalísticos selecionados.

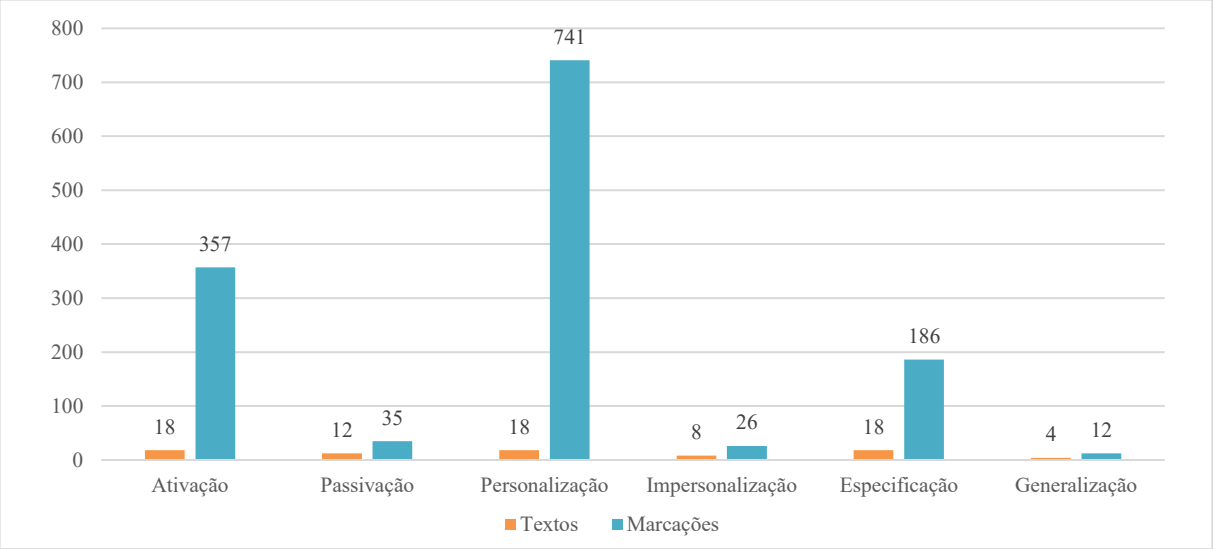
É importante ressaltar que investigamos como a mulher esportista brasileira é representada apenas por meio das vozes das jornalistas. Os trechos Identificados como representação de discurso por meio do discurso direto, discurso indireto e relato de ato de fala não foram selecionados para a codificação nesta etapa. Apesar de ser um fértil caminho, neste estudo não tivemos tempo hábil para olharmos para estes trechos. Em um trabalho futuro com os mesmos textos jornalísticos, intentamos nos concentrar na codificação dos modos como a mulher esportista brasileira é representada pelas vozes articuladas às mulheres atletas.

Conforme discorremos na subseção 4.4.1, no entendimento de van Leeuwen (1997, 2008) a representação de atores sociais parte da ideia de exclusão e inclusão na recontextualização da prática social. Nossa análise concentra-se na categoria inclusão, por meio das subcategorias ativação e passivação; personalização e impersonalização e especificação e generalização[135]. O recorte da rede de sistemas, proposta por van Leeuwen (2008) para a representação de atores sociais, justifica-se pelo fato de que, após as nossas releituras, estas foram as subcategorias que mais observamos em nosso *corpus*.

No Gráfico 11, a seguir, apresentamos as ocorrências destas categorias nos textos jornalísticos selecionados. O gráfico é construído em duas barras, a primeira, na cor laranja, refere-se ao número de textos que apresentam a categoria analisada, a qual é nomeada no eixo horizontal; enquanto a segunda barra, na cor azul, destaca o número de codificações.

[135] As categorias especificação e generalização estão associadas tanto à personalização quanto à impersonalização. Neste trabalho elas serão apresentadas de forma separada.

Gráfico 11 - Os modos de representação da participante social mulher esportista brasileira, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

O Gráfico 11 nos indica que as mulheres esportistas brasileiras pelas vozes das jornalistas do sítio Dibradoras são representadas como forças ativas (357 marcações para a categoria ativação contra 35 para a passivação); são personalizadas (741 marcações para a categoria personalização contra 26 para a impersonalização) e são individualizadas (186 marcações para a categoria especificação contra 12 para a generalização).

No jornalismo, um dos elementos de maior destaque consiste no título do texto. De acordo com Guimarães (1990, p. 51), o título "expressa a macroestrutura, pois, lido em primeiro plano, orienta a compreensão para a estrutura de relevância na apresentação das notícias''. No sítio Dibradoras um dos recursos para representar as mulheres consiste em construir títulos em que elas são representadas como forças ativas e dinâmicas das ações (van Leeuwen, 1997, 2008).

No Quadro 62, a seguir, reproduzimos alguns dos títulos em que as mulheres são representadas como força ativa. Escolhemos os títulos para exemplificar a ativação, por ele representar um resumo do que é abordado nas produções, mas também por se tratar do primeiro contato do(a) leitor(a) com o assunto. Os quadros 62 a 74[136] organizam-se em duas colunas: Sequência Discursiva e Participante Social Representada, em que relacionamos quem é a participante social da prática social recontextualizada representada na SD selecionada.

[136] Os quadros 63, 65, 66, 69, 70, 72 e 73 apresentam uma terceira coluna, a qual é detalhada na inserção de cada quadro.

Quadro 62 - A representação da participante social mulher esportista brasileira de modo ativo, pelas jornalistas, nos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA
SD 60: Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time **(Texto 06)**	Pia Sundhage
SD 61: Rebeca Andrade conquista 1º ouro olímpico das mulheres brasileiras em Tóquio **(Texto 08)**	Rebeca Andrade
SD 62: Mulheres de ouro! Martine e Kahena são bicampeãs em Tóquio e constroem tradição feminina na vela **(Texto 09)**	Martine Grael Kahena Kunze
SD 63: Pronta para 'quebrar paradigmas', Ana Marcela planejou cada braçada para o ouro **(Texto 11)**	Ana Marcela Cunha
SD 64: Bia Ferreira faz história e conquista prata olímpica em Tóquio **(Texto 15)**	Bia Ferreira
SD 65: Gabi valoriza medalha de prata, mas sonha com ouro: "quero ser campeã olímpica" **(Texto 17)**	Gabi

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dos 18 títulos dos textos selecionados, 13 têm a mulher esportista brasileira como a participante ativa das ações. A ativação da mulher acontece principalmente por meio da participação, em que ela exerce a função de Ator (SD 61, 62, 63 e 64); Portador ou Identificado (SD 62); Experienciador (SD 65) e Dizente (SD 60), conforme discorremos a seguir.

Nas SD 61 e 64, temos Rebeca Andrade e Beatriz Ferreira como Ator do processo material "conquistar", ou seja, a mulher é representada com a responsável pelo feito olímpico. Já nas SD 62 e 63, "Martine e Kahena" e "Ana Marcela", são, respectivamente, o Ator dos processos materiais "construir" e "planejar". A escolha destes processos transmite a ideia de que a conquista de uma medalha olímpica passa por um processo de luta diária e que tem a mulher como o sujeito da ação; além de destacar a mudança de posição destas mulheres ao entrarem para o seleto grupo de medalhistas olímpicos.

A SD 62 ilustra a ativação da mulher brasileira esportiva por meio de uma oração relacional. "Martine e Kahena" são o Portador do processo relacional "são" e ligadas ao Atributo "campeãs". Novamente, as mulheres são alçadas ao destaque devido ao resultado alcançado durante os jogos olímpicos.

As orações verbais também se fazem presentes nos textos jornalísticos para ativação da mulher esportista, em especial para a inserção dos discursos direto e indireto e dos relatos de atos de fala. A SD 60 é construída por duas orações verbais. Para se referir a uma fala de Pia Sundhage, a jornalista usa os processos verbais "pedir" e "dizer", os quais indicam a ativação da mulher com o Dizente do processo, transferindo assim à mulher esportista o direito de fala.

A ativação por meio do processo mental é exemplificada pela SD 65. A jogadora de vôlei Gabi é Experenciador dos processos mentais "valorizar" e "sonhar". A construção

apresenta a mulher esportista a partir do seu sentimento em relação à conquista e ao desejo de novas medalhas.

Ao apresentar as mulheres esportistas como as participantes inerentes aos processos, as jornalistas divulgam o protagonismo das mulheres dentro do esporte, em especial, para os jogos olímpicos. Deste modo, as mulheres são representadas como as principais participantes das práticas recontextualizadas nos textos jornalísticos, demonstrando que elas são as responsáveis pelos resultados, os quais vieram a partir de muito trabalho e esforço.

O predomínio da representação da mulher esportista brasileira por meio da ativação, 91%, condiz com a descrição do sítio que nasceu com a missão de dar visibilidade ao protagonismo feminino no esporte. Ao representar a mulher ativamente, as jornalistas colocam-nas no centro da informação, mostrando assim que elas podem e devem ser as protagonistas quando o assunto é a divulgação da prática esportiva praticada por elas.

A mulher esportista brasileira também é representada por meio da passivação, em que elas são "submetidas" a uma atividade. Esta construção apresenta uma frequência bem inferior a ativação, encontramos 35 ocorrências em 12 textos (cf. Gráfico 11).

No Quadro 63, a seguir, destacamos uma situação em que verificamos a passivação da mulher esportista brasileira em nosso *corpus*. A construção do quadro segue os critérios destacados na apresentação do Quadro 62, com a inclusão de uma terceira coluna, Modo de Passivação, em que indicamos o modo como a passivação se concretiza.

Quadro 63 - A representação da participante social mulher esportista brasileira de modo passivo, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	MODO DE PASSIVAÇÃO
SD 66: Bia foi convidada pela Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe) para ajudar nos treinamentos de Adriana Araújo durante a Rio-2016. (Texto 14)	Beatriz Ferreira	Sujeição

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Quadro 63 exemplifica o modo de passivação encontrado nos textos jornalísticos, ou seja, a passivação por sujeição. A sequência apresenta o ator social, "Bia", como Receptor do processo verbal "convidar", tendo como Dizente, "Confederação Brasileira de Boxe". A construção da sequência pela passivação ressalta a atleta (Receptor) em relação a quem a convidou (Dizente), enfatizando assim a atleta. É importante destacar que na passivação por sujeição "os atores sociais são o alvo da ação, tratados como objetos intercambiáveis na representação" (Novodvorski, 2008, p. 52).

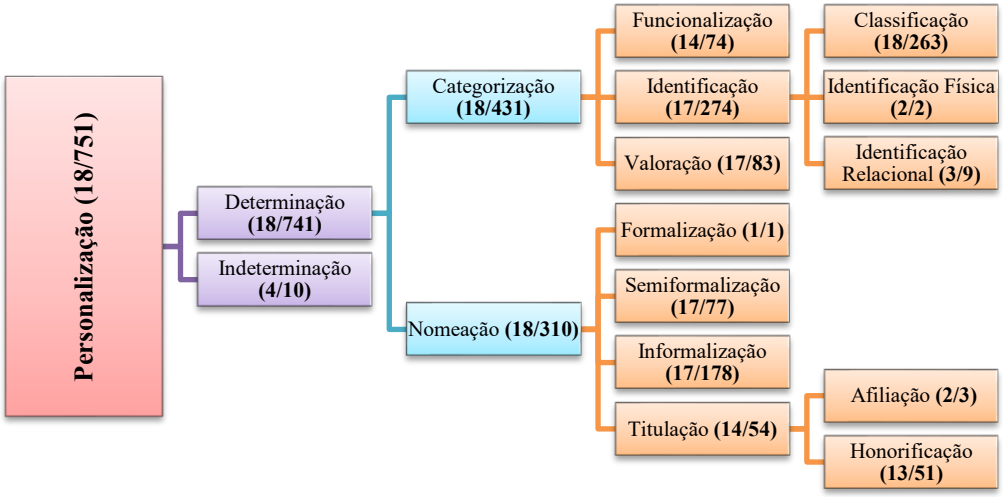
Em nossa análise, a passivação foi verificada principalmente em duas situações. A primeira refere-se a ações as quais as mulheres não são as responsáveis, mas que influenciam a caminhada delas no ambiente esportivo; e a segunda leva em consideração os momentos em que as ações das mulheres, em especial, as conquistas, são o foco da informação.

Dando sequência à análise, a segunda dupla de categoria ilustrada no Gráfico 11 consiste na personalização e impersonalização. Como apresentado na subseção 4.4.1, a personalização ocorre quando os atores sociais são representados por meio de características humanas; enquanto a impersonalização não inclui tais características.

A personalização da mulher esportista brasileira é muito recorrente em nosso *corpus*. Em nossa análise, investigamo-la a partir das subcategorias determinação e indeterminação. Na categoria determinação focamos nas subcategorias categorização e nomeação, por serem as que mais apresentaram ocorrências em nossa codificação.

No Gráfico 12, a seguir, apresentamos as marcações referentes à personalização da mulher esportista brasileira realizadas pelas vozes das jornalistas nos textos selecionados. A ilustração consiste em um gráfico hierárquico[137], em que destacamos a personalização e as suas subcategorias mais recorrentes em nosso *corpus*. Os números entre parênteses referem-se ao número de textos que apresentam as marcações e à quantidade de codificações etiquetadas no *corpus*, respectivamente, os quais são separados por uma barra.

Gráfico 12 - A categoria personalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

[137] Os Gráficos 14 e 15 foram construídos seguindo os mesmos critérios apresentados na elaboração do Gráfico 12.

O Gráfico 12 mostra-nos que a mulher esportista brasileira, pelas vozes das jornalistas, é representada por determinação, em que a identidade do ator social é, de alguma forma, especificada (van Leeuwen, 1997, 2008). As duas formas mais recorrentes para a determinação da mulher esportista brasileira consistem na categorização e na nomeação. A categorização pode acontecer por funcionalização, por identificação e por valoração. A identificação ainda se subdivide em classificação, identificação relacional e identificação física, conforme apresentado na Figura 41 da seção 4.

No Quadro 64, a seguir, exemplificamos a categorização por meio da funcionalização; é importante ressaltar que destacamos com sublinhado as formas de categorização analisadas.

Quadro 64 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da funcionalização, pelas jornalistas, nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA
SD 67: A treinadora, que tem como hábito elogiar o sistema defensivo do plantel, respondeu quando questionada sobre os outros setores (defesa e ataque) [...] **(Texto 06)**	Pia Sundhage
SD 68: Aos 17 anos, a central se mudou para São Caetano do Sul para iniciar sua trajetória nas quadras. **(Texto 12)**	Carol Gattaz
SD 69: [...] a atleta ouviu o treinador dizer que seu desempenho havia sido perfeito. **(Texto 11)**	Ana Marcela Cunha
SD 70: Mas a ginasta que já conquistou duas medalhas olímpicas (prata no individual geral e ouro no salto sobre a mesa) nem precisava conquistar uma medalha por lá para se sentir vitoriosa. **(Texto 04)**	Rebeca Andrade
SD 71: Pioneira no basquete, árbitra superou 'portas fechadas' rumo a Tóquio. **(Texto 05)**	Andreia Silva
SD 72: E foram muitas as modalidades praticadas pela paratleta durante sua vida. **(Texto 18)**	Beth Gomes
SD 73: A jogadora revelou que seu desejo em atuar na modalidade despertou quando ela assistiu pela TV a conquista da primeira medalha de ouro das mulheres em Pequim-2008. **(Texto 16)**	Gabi
SD 74: [...] a nadadora deixou claro que, na hora certa, o coração apareceu e também foi importante **(Texto 11)**	Ana Marcela Cunha
SD 75: "[...] Quanto mais criticavam, mais a gente se uniu. E o resultado dessa prata vem muito disso", reiterou a ponteira. **(Texto 16)**	Gabi
SD 76: A lutadora, que vive grande fase na carreira, pode trazer uma medalha inédita para o país. **(Texto 03)**	Beatriz Ferreira
SD 77: A lateral-esquerda, que serve a seleção há quase uma década, classificou o trabalho da atual comissão como incrível **(Texto 06)**	Tamires
SD 78: Em Pequim, a judoca tinha apenas 20 anos de idade [...] **(Texto 02)**	Ketleyn Quadros
SD 79: "[...] Estava muito mais madura e consciente do que precisava fazer", revelou a maratonista campeã. **(Texto 11)**	Ana Marcela Cunha
SD 80: Na ocasião, ela integrava a classe F54, mas foi realocada na classe F55, ao lado de lançadoras com menor comprometimento. **(Texto 18)**	Não há nomeação de quem são as lançadoras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O jornalismo utiliza mecanismos para que os atores sociais de uma prática sejam representados de diferentes maneiras, evitando, assim, a repetição da mesma estrutura léxico-gramatical; além de destacar algumas características dos participantes da prática social

recontextualizada. A categorização por meio da funcionalização, ou seja, representar o ator social por meio da função a qual ele exerce, é um destes recursos mais presentes no jornalismo.

Em nossa análise, percebemos duas formas de uso da funcionalização. A primeira consiste em associar a mulher esportista à função específica da modalidade (SD 68, 70, 71, 74, 75, 77 e 78) e a segunda forma usa termos mais gerais de funcionalização podendo fazer parte de diferentes modalidades (SD 67, 69, 72, 73, 76, 79 e 80). A categorização da mulher esportista por funcionalização, que em nossa análise consiste na modalidade esportiva, é muito representativa, pois coloca as mulheres como participantes atuantes das atividades esportivas.

As codificações sobre a funcionalização também corroboram a discussão de que ainda faltam mulheres nos cargos de comando. Em nosso *corpus*, a maior parte das nomenclaturas por funcionalização direciona-se às mulheres atletas (SD 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79 e 80). O predomínio de termos associados às funções das mulheres como atletas revela que as principais participantes sociais das práticas recontextualizadas pelo sítio são as mulheres praticantes das modalidades.

As representações da mulher esportista brasileira também se realizam por meio da identificação. Conforme discorremos, van Leeuwen (1997, 2008) destaca três realizações desta subcategoria: a classificação; a identificação física e a identificação relacional. A identificação é uma relevante categoria para analisarmos a representação feminina, visto que ao longo da história da imprensa esportiva, principalmente na mídia tradicional, a mulher foi identificada, majoritariamente, por suas características físicas e associada ao desejo masculino, como exemplificamos com a capa da Revista Placar apresentada na seção 3.

A análise da identificação começa pela subcategoria da classificação, conforme destacamos no Quadro 65, a seguir. A construção dos quadros 65 e 66 segue os critérios destacados na apresentação do Quadro 62, com a inclusão de uma terceira coluna, Tipo de Identificação, em que indicamos o subtipo de classificação presente na SD.

Quadro 65 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (classificação), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	TIPO DE IDENTIFICAÇÃO
SD 81: Esse foi o quarto ciclo olímpico vivido pela [1] nadadora Ana Marcela Cunha. [2] Aos 16 anos, [1] ela estreou na maratona aquática competindo em Pequim-2008 e ficando na 5ª colocação. **(Texto 18)**	Ana Marcela Cunha	Classificação por: [1] - gênero [2] - faixa etária
SD 82: Com apenas 14 anos, foi na escola que Beth descobriu o voleibol e começou sua trajetória esportiva. **(Texto 17)**	Beth Gomes	Classificação por: Faixa etária

SD 83: Foi no duelo entre Estados Unidos x Irã que a [1] paulista [2] de Bauru quebrou barreiras ao fazer parte da equipe de arbitragem da partida. **(Texto 05)**	Andreia Silva	Classificação por: [1] - gênero e origem [2] - origem
SD 84: [1] Mulher, [2] pobre e [3] preta no Brasil nasce chorando porque sabe que não vai ter um segundo em que a trajetória não seja resumida a luta e resistência. **(Texto 10)**	Mulheres pobres e negras	Classificação por: [1] - gênero [2] - classe social [3] - raça

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com relação à subcategoria classificação, as participantes sociais são classificadas por: gênero (SD 81, 83 e 84); faixa etária (SD 81 e 82); origem (SD 83); raça (SD 84) e classe social (SD 84). É pertinente explicar que levamos em consideração para a marcação de gênero as ocorrências que apresentassem alguma referência ao feminino. Por esta razão, itens lexicais que foram codificados por funcionalização também poderiam ser codificados por identificação (classificação), como, por exemplo, o item lexical "nadadora", o qual representa uma função e também classifica o gênero. Além de que, dentro da própria subcategoria, um mesmo item poderia apresentar dois tipos de classificação, como, por exemplo, "a baiana", item que codificamos como classificação de gênero e de origem.

A identificação por gênero é a mais presente em nosso *corpus*, apresentando 210 marcações. Este tipo de identificação ocorre, principalmente, por meio do item lexical "ela" e sua variação no plural. Em nossa análise, os outros termos mais recorrentes para a representação da mulher em relação ao gênero são: menina, garota e mulher; os dois primeiros relacionados à infância e adolescência; enquanto o terceiro refere-se à fase adulta.

Nos textos jornalísticos analisados a idade é abordada para identificar as etapas etárias da atleta no esporte; este é o segundo tipo de classificação mais presente em nosso *corpus*, com 28 codificações. Ao identificar as mulheres por idade (SD 81 e 82), as jornalistas têm o objetivo de enfatizar as etapas vividas pelas atletas, sem julgar se elas estão ou não na idade adequada para a prática esportiva. Além de ser um recurso utilizado para apresentar em que momento da vida da atleta determinada ação aconteceu.

A terceira forma de classificação mais presente em nosso *corpus* consiste na origem, 21 marcações, em que se associa a mulher à naturalidade (local de nascimento de uma pessoa) e/ou à nacionalidade (país de cidadania de uma pessoa). Em nosso *corpus*, notamos que este tipo de identificação consiste em informar a origem da atleta, mas sem enfatizar questões sociais relacionadas ao local. Assim, percebemos que esta identificação não promove discussões sobre a desigualdade no esporte em relação às diferentes regiões do país.

Por sinal, as classificações relacionadas ao social e à etnia racial são raras nos textos jornalísticos analisados, apenas duas ocorrências. A SD 84[138] é o único exemplo, em que encontramos termos relacionados à questão social, "pobre", e à questão racial "preta". As jornalistas não abordam estas temáticas em relação à representação das mulheres esportistas brasileiras, uma ausência relevante por se tratar de um veículo que objetiva promover as minorias; ao nosso ver seria importante e empoderador a abordagem de tais temáticas.

A identificação da mulher esportista brasileira também passa pela identificação física. Este tipo de representação apresenta uma baixa ocorrência no *corpus*, apenas 2 em 2 textos, conforme ilustrado no Quadro 66, a seguir.

Quadro 66 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (identificação física), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	TIPO DE IDENTIFICAÇÃO
SD 85: Mas aí Carol já tinha altura para saber que poderia ter um grande futuro no vôlei. **(Texto 12)**	Carol Gattaz	Altura
SD 86: No ringue, Bia fez uma luta muito equilibrada com a irlandesa. Mesmo sendo bem mais baixa do que ela, a brasileira apostou na sua estratégia de manter a guarda baixa e ir contra-atacando. **(Texto 15)**	Beatriz Ferreira	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme observamos no quadro acima, as jornalistas não usam a identificação física para a objetificação do corpo feminino, ou seja, as mulheres não são transformadas em objeto de desejo. A identificação física realizada pelo Dibradoras está associada ao esporte e não a questões de beleza. As SD 85 e 86 demonstram esta associação, já que a altura das atletas só é mencionada para ilustrar momentos específicos do esporte.

O teórico Stuart Hall (2016) explica que representar significa, justamente, "utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo para outras pessoas" (Hall, 2016, p.31). Desse modo, ao desassociar a identificação física das mulheres com as questões da beleza, as jornalistas provam que é possível representá-las sem os estereótipos acerca dos Atributos físicos femininos.

A identificação física ainda é muito presente nos veículos de comunicação e "os ensinamentos produzidos e reproduzidos pelas instâncias midiáticas conformam determinados tipos de corpos como 'ideais'" (Andrade, 2013, p. 120). No jornalismo esportivo, a

[138] As duas marcações referem-se à mesma SD, visto que a jornalista a usa em dois momentos para a composição do Texto 10. É importante destacar que no Texto 04 a ginasta Rebeca Andrade aborda a condição financeira da família. No entanto, como a informação foi articulada por meio do discurso direto, tipo de representação que não foi selecionada para esta parte da análise.

identificação do corpo ideal feminino, por muito tempo, foi construída com base no conceito do belo, em que termos como “musa(s)” e “bela(s)” se fizeram presentes, como apresentado na subseção 3.2. A identificação física era usada para ressaltar um traço de beleza da atleta, sem que esta representação tivesse uma relação com a atividade praticada pela mulher esportiva.

Por fim, de acordo com van Leeuwen (1997, 2008), temos a identificação relacional para a representação de atores sociais. Este tipo de identificação foi verificado em 3 textos do nosso *corpus*, conforme ilustra o Quadro 67, a seguir.

Quadro 67 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da identificação (identificação relacional), pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA
SD 87: A Martine é filha de Torben Grael (que já conquistou cinco medalhas olímpicas) e sobrinha de Lars (com duas medalhas). Kahena é filha de Cláudio Kunze, campeão mundial juvenil nos anos 80. **(Texto 09)**	Martine Grael e Kahena Kunze
SD 88: Ele e a mãe de Bia se separaram e a filha mais velha quis morar com o pai e se dedicar ao que mais amava. **(Texto 15)**	Beatriz Ferreira
SD 89: A esposa dela, Júlia Silva, que é gerente de seleções da CBV, chegou a comentar sobre isso na 45ª edição da Academia do Voleibol em outubro de 2020. **(Texto 16)**	Júlia Silva

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o quadro acima, percebemos que a associação parental acontece quando a mulher atleta possui um(a) parente que pratica ou praticou algum esporte. Nas SD 87 e 88 a relação é com pai e tio; enquanto a SD 89 destaca a relação entre companheiras. Este tipo de identificação presente no *corpus* tem o intuito de destacar as relações parentais sem o intuito de fazer comparações entre os envolvidos.

Finalizando a representação de atores sociais por meio da categorização, deparamo-nos com a valoração, em que as jornalistas usam termos para avaliar positiva ou negativamente as participantes sociais. Além disso, a categorização por valoração pode ser associada à categoria avaliação, uma vez que ambas dizem respeito a formas de avaliações.

No Quadro 68, a seguir, elencamos SD com a presença da valoração.

Quadro 68 - A categorização da participante social mulher esportista brasileira por meio da valoração, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA
SD 90: A sorte é que essas mulheres sempre foram muito resilientes. **(Texto 01)**	Jogadoras brasileiras de futebol que participaram dos Jogos Olímpicos de 1996
SD 91: Dedicada aos treinos, ela teve sua primeira conquista expressiva: foi campeã do Troféu Brasil de Ginástica Artística aos 13 anos em 2012. **(Texto 04)**	Rebeca Andrade

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nas 83 marcações para a valoração para a mulher esportista nenhuma foi negativa. Ao representarem as mulheres esportistas brasileiras por valoração, as jornalistas enaltecem as mulheres por meio de atributos que promovem uma representação positiva.

Além de ser representada por categorização, a mulher esportista no sítio Dibradoras é também representada por nomeação. O nome está ligado à nossa identidade, por ele somos Identificados e percebidos na sociedade. Ao serem nomeadas, as mulheres são representadas como seres individuais e ganham destaques nas ações esportivas.

Conforme ilustrado na Figura 41 da seção 4, a nomeação pode acontecer por: formalização, semiformalização, informalização; titulação por honorificação ou por afiliação; e destitulação. De acordo com o Gráfico 12, nosso *corpus* apresenta uma ocorrência de nomeação por formalização; 77 por semiformalização; 178 por informalização e 54 por titulação, sendo 3 para afiliação e 51 para honorificação.

A seguir, no Quadro 69, destacamos alguns exemplos de representação por nomeação presentes no *corpus*. A construção do quadro segue os critérios destacados na apresentação do Quadro 62, com a inclusão de uma terceira coluna, Modo de Nomeação, em que indicamos o modo de nomeação observado, já que uma mesma SD pode apresentar vários modos de nomeações.

Quadro 69 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da nomeação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	MODO DE NOMEAÇÃO
SD 92: Ketleyn Quadros entrou para a história como a primeira mulher do país a conquistar uma medalha em provas individuais em uma edição dos Jogos, em 2008. **(Texto 02)**	Ketleyn Quadros	Semiformalização
SD 93: "[...] Não é fácil, mas vale muito a pena fazer o que a gente ama", declarou Ketleyn, que possui 33 medalhas em eventos do Circuito Mundial da Federação Internacional de Judô. **(Texto 02)**		Informalização
SD 94: "[...] Ele trabalhava, além disso, a parte mental e colocava na nossa cabeça que nós podíamos, que nós éramos competentes, tínhamos capacidade de fazer", contou às Dibradoras a ex-jogadora Márcia Tafarel. **(Texto 01)**	Márcia Tafarel	Semiformalização
SD 95: "Eu chorava copiosamente. Você segura a emoção até onde dá, depois daquele jogo, eu extravasei", disse Tafa. **(Texto 01)**		Informalização
SD 96: Tafarel [1] caiu no gramado e emocionada. Já Sissi [2], era só palavrão. **(Texto 01)**		[1] Formalização [2] Informalização
SD 97: Medalhista de ouro hidratada. **(Texto 11)**	Ana Marcela Cunha	Titulação - honorificação
SD 98: Antes dela, [1] Sandra Pires ([2] medalhista de ouro no vôlei de praia em Atlanta-96) e [1] Yane Marques ([2] medalhista de bronze no pentatlo moderno em Londres-2012) conseguiram o feito em Sydney-2000 e no Rio-2016, respectivamente. **(Texto 02)**	Sandra Pires Yane Marques	[1] Semiformalização [2] Titulação - honorificação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em nosso *corpus*, a primeira vez em que uma participante social é incluída, as jornalistas, em sua maioria, representam-na pelo nome e sobrenome, o que para van Leeuwen (1997, 2008) caracteriza como nomeação por semiformalização, as SD 92, 94 e 98 apresentam tal construção. Ao mencioná-la em um segundo momento, a semiformalização dá espaço à informalização, em que as mulheres passam a ser nomeadas pelo primeiro nome ou apelido, como notamos pelas SD 93, 95 e 96.

O uso do apelido no jornalismo esportivo é muito recorrente, muitos(as) atletas são conhecidos(as) apenas por este tipo de nomeação. Ao categorizarmos a nomeação nos textos do sítio Dibradoras, enquadramos o apelido na categoria da informalização, equivalente ao nome próprio. A SD 96 é um exemplo de quando a atleta é só nomeada pelo apelido. Em nenhum momento da produção jornalística, temos menção à Sisleide do Amor Lima, há somente o apelido Sissi.

A mulher esportista é representada por formalização apenas uma vez nos textos selecionados. Na SD 96 temos este tipo de representação; na SD 96 a jogadora Marcia Tafarel é retomada somente pelo sobrenome. Em nosso *corpus*, esta estrutura é mais recorrente (apesar de também ser pequena) em referência aos homens. Nossa análise não engloba as marcações referentes a eles, mas dos cinco nomes masculinos citados, dois são retomados pela formalização, a saber, Thomas Bach (Texto 02) e Fernando Possenti (Texto 11).

O predomínio da informalização (178) em relação à semiformalização (77) e à formalização (1) para representar as mulheres esportistas brasileiras nos textos analisados reflete como a nomeação é usada em nosso contexto cultural. A informalização, apenas o primeiro nome ou o apelido, é a forma mais predominante em nosso dia a dia, especial, na oralidade. Ao explorar este recurso, as jornalistas aproximam o(a) leitor(a) às histórias destas mulheres esportistas, já que a formalização promoveria um distanciamento por não ser uma estrutura muito recorrente em nossa sociedade.

No corpus, a mulher esportista brasileira também é representada por titulação. Na SD 89 (Quadro 67), ao se referir à gerente esportiva, Julia Silva, a jornalista também usa a titulação por afiliação “esposa dela” (é relevante destacar que a titulação por afiliação também pode ser uma identificação relacional); enquanto nas SD 97 e 98 (Quadro 69) temos a titulação por honorificação.

É pertinente destacar que muitas das atletas abordadas nos textos são representadas por algum tipo de honorificação, em especial, pelo item lexical “campeã”, ou seja, os resultados

conquistados são um dos critérios de noticiabilidade utilizados pelo sítio para a seleção das mulheres esportistas que serão as personagens das produções jornalísticas.

Van Leeuwen (1997, 2008) sugere que a escolha entre quais atores sociais serão categorizados e quais serão nomeados indica o posicionamento ideológico assumido no texto. Em nossa análise, ambas subcategorias se fizeram presentes para a representação da mulher. E, em determinadas SD, percebemos a junção das duas categorias para a construção da representação da mulher esportista, conforme destacamos no Quadro 70, a seguir. A construção do quadro segue os critérios destacados na apresentação do Quadro 62, com a inclusão de uma terceira coluna, Tipo de Representação, na qual destacamos a categoria observada.

Quadro 70 - A junção da categorização e da nomeação da participante social mulher esportista brasileira, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	TIPO DE REPRESENTAÇÃO
SD 99: [1] A técnica [2] Pia Sundhage começou a coletiva de imprensa pedindo desculpas pela eliminação e declarando que iria fazer a "a lição de casa". **(Texto 06)**	Pia Sundhage	[1] Categorização [2] Nomeação
SD 100: **[**1] A boxeadora [2] Beatriz Ferreira está entre as maiores chances de medalha do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. **(Texto 02)**	Beatriz Ferreira	[1] Categorização [2] Nomeação
SD 101: [...] Acho que tudo isso é uma consequência", afirmou a [1] ex-líbero [2] Fabi, que hoje é [1] comentarista de vôlei do Grupo Globo **(Texto 16)**	Fabi	[1] Categorização [2] Nomeação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao longo de nossa análise, percebemos que as duas categorias são importantes ferramentas para a representação da mulher esportista brasileira como participante social da prática recontextualizada. Por meio da categorização e da nomeação, as jornalistas registram os nomes das mulheres esportistas e as identificam por suas características, promovendo assim uma representação positiva da mulher esportista brasileiras no jornalismo esportivo

Até o presente momento, abordamos a categoria personalização por meio da determinação. No entanto, quando o ator social não é determinado em um discurso, estamos diante da subcategoria indeterminação. Em nosso *corpus*, a indeterminação não se refere exclusivamente às mulheres como participantes sociais, mas, sim, como as práticas esportivas das quais elas participam são interpretadas pela sociedade.

No Quadro 71, a seguir, destacamos exemplos da subcategoria indeterminação encontrados nos textos selecionados.

Quadro 71 - A representação dos participantes sociais por meio da indeterminação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

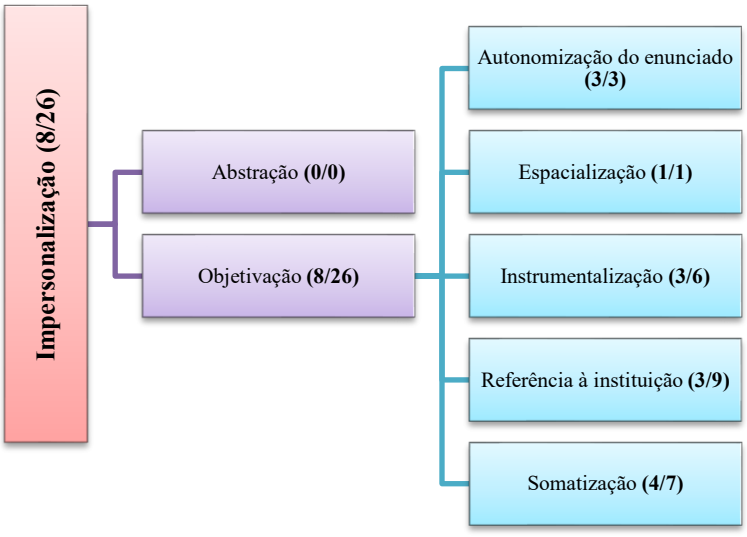
SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADO
SD 102: Ninguém acreditava naquelas mulheres. **(Texto 01)**	Pessoas da sociedade
SD 103: É impossível que alguém irá se atrever a duvidar de uma Atena. **(Texto 18)**	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os pronomes indefinidos "ninguém" (SD 102, Quadro 71; e 59, Quadro 65), e "alguém" (SD 103, Quadro 71) são usados para indeterminar quem são os atores sociais das ações. A identificação deles, as pessoas da sociedade, não é o foco da informação. Ao indeterminar o participante da prática social, as jornalistas apresentam que o preconceito contra as mulheres no esporte faz parte da nossa sociedade.

Assim como a indeterminação não se refere-se à mulher como a participante social, a categoria impersonalização também é usada pelas jornalistas para se referir aos atores sociais que avaliam, decidem ou opinam sobre a prática esportiva praticadas por elas. No Gráfico 13, a seguir, ilustramos as marcações referentes à impersonalização presentes nos textos do sítio Dibradoras, por meio das vozes das jornalistas.

Gráfico 13 - A categoria impersonalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

O Gráfico 13 destaca as formas de impersonalização encontradas nos textos jornalísticos; foram 26 codificações em 8 produções. No Quadro 72, a seguir, destacamos exemplos da impersonalização pelas vozes das jornalistas. A construção do quadro segue os critérios destacados na apresentação do Quadro 62, com a inclusão de uma terceira coluna,

Modo de Impersonalização, em que indicamos o modo como a impersonalização se concretiza na SD.

Quadro 72 - A representação dos participantes sociais por meio da impersonalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADO	MODO DE IMPERSONALIZAÇÃO
SD 104: A modalidade foi uma das proibidas pelo decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **(Texto 03)**	Autores do decreto-lei nº 3.199	Referência ao enunciado
SD 105: Considerando que o Brasil daquela época (e de até pouco tempo atrás) não investia absolutamente nada no futebol feminino. **(Texto 01)**	As pessoas responsáveis (governantes e/ou dirigentes das instituições de gerenciamento do futebol)	Espacialização
SD 106: [...] com a certeza dos cartolas da CBF de que, logo após a primeira fase, elas estariam de volta. **(Texto 01)**	Os dirigentes homens da CBF[139]	Instrumentalização
SD 107: a *Sport Promotion* (empresa que "bancou" a seleção feminina nos Jogos) decidiu ampliar o investimento e ofereceu contrato para todas as jogadoras da seleção (menos as que já tinham vínculo com o Vasco). **(Texto 01)**	Os membros da empresa de marketing esportivo *Sport Promotion*	Referência à instituição
SD 108: Entre portas fechadas e olhares tortos, a paulista foi evoluindo na modalidade. **(Texto 05)**	As pessoas com atitudes preconceituosas	Somatização

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em nossa análise, a maior parte das marcações da categoria impersonalização foram verificadas nos textos que têm como prática social o futebol, 16 marcações (SD 105, 106 e 107); o basquete, 4 marcações (SD 108); e o boxe, 3 marcações (SD 104).

A impersonalização por meio da referência ao enunciado (SD 104) destaca o decreto-lei que proibia as mulheres de praticarem determinadas modalidades esportivas. A SD 106 ilustra um recurso muito utilizado pelo Dibradoras ao chamar a atenção para a falta de interesse e, principalmente, investimento no futebol feminino. Este tipo de impersonalização acontece por meio de uma referência ao instrumento da atividade, ou seja, ao invés de nomear o indivíduo, ele é associado a um instrumento de sua atividade profissional. Ao não nomearem os responsáveis, as jornalistas evitam a exposição individual, o que poderia gerar processos judiciais por difamação de imagem; além de usarem um termo, "cartola", que popularmente se refere a pessoas que se aproveitam da posição política para obter privilégios a interesses próprios.

[139] Apenas no ano de 2022, uma mulher ocupou um cargo de direção dentro da CBF. A arquiteta Luísa Rosa assumiu a diretoria de patrimônio da entidade, depois de mais de 100 anos de fundação da entidade, criada em 1914. (Rangel, 2022, s.p.)

Na SD 107, verificamos a impersonalização dos atores sociais por meio da referência à instituição. Os atores sociais (membros) são representados por meio de uma referência à associação por eles representada "*Sport Promotion*". Desse modo, por objetivação, tornam-se impessoais os atores sociais que investiram no futebol feminino, após a conquista do quarto lugar nos jogos olímpicos de 1996.

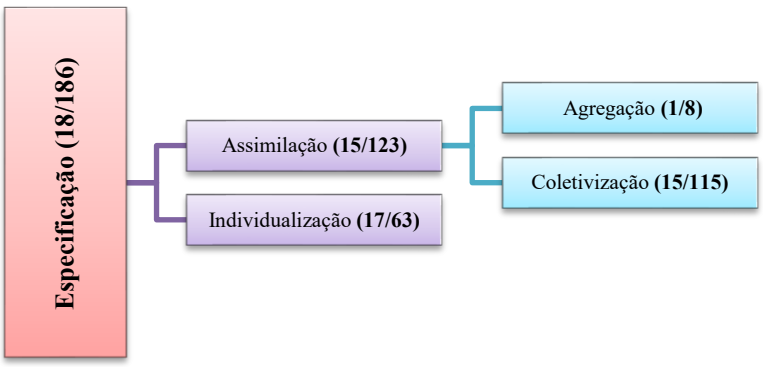
A SD 108 apresenta a impersonalização por meio de uma referência a uma parte do corpo, "olhares". A somatização é usada para se referir à desconfiança de algumas pessoas acerca da presença de Andreia Silva como árbitra nas competições de basquete masculino.

A impersonalização, em sua maioria, refere-se a atitudes baseadas no patriarcalismo e machismo que menosprezam a participação das mulheres em determinadas áreas de nossa sociedade. Assim, a impersonalização é um recurso usado pelas jornalistas, principalmente, para se referir aos indivíduos que ainda defendem a ideia ou contribuem para que o ambiente esportivo não seja ocupado pelas mulheres.

Finalizando as representações da mulher esportista brasileira como participante social, a terceira dupla de categoria ilustrada no Gráfico 11 refere-se à especificação e generalização. De acordo com Fuzer (2008), ao tratarmos os atores sociais com efeito de aproximação, estamos diante da especificação; mas se utilizamos o efeito de distanciamento, realizamos uma generalização.

No Gráfico 14, a seguir, ilustramos as marcações referentes à especificação da mulher esportista brasileira pela voz das jornalistas nos textos do sítio Dibradoras.

Gráfico 14 - A categoria especificação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Para a especificação das mulheres esportistas brasileiras, as jornalistas do Dibradoras utilizam tanto a individualização, 63 marcações, em que as participantes sociais são

apresentadas como indivíduos; quanto a assimilação, 123 marcações, em que a representação acontece pelo uso do coletivo. A assimilação ramifica-se em agregação, 8 marcações, e coletivização, 115 marcações. A agregação apresenta dados estatísticos, fato que em nosso *corpus* ocorreu apenas no Texto 16, em que a jornalista recorre a dados para comprovar a ausência de mulheres em cargos de comando.

No Quadro 73, a seguir, apresentamos exemplos da especificação acerca da mulher esportista encontrados em nosso *corpus*. As duas primeiras colunas seguem os critérios exemplificados na construção do Quadro 62, enquanto a terceira coluna, Modo de Especificação, destaca o modo de especificação observado na SD apresentada.

Quadro 73 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da especificação, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA	MODO DE ESPECIFICAÇÃO
SD 109: Rebeca também foi a primeira mulher brasileira a conquistar um ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio. **(Texto 08)**	Rebeca Andrade	Individualização
SD 110: Marta, a maior do mundo. **(Texto 10)**	Marta	
SD 111: Se a seleção feminina hoje pode dizer que participou de todas as edições olímpicas da história, nesta primeira ela deve isso à Inglaterra. **(Texto 01)**	Jogadoras da seleção feminina de 1996	Assimilação por coletivização
SD 112: Se em 2019, havia apenas duas mulheres em 11 membros da comissão técnica, hoje elas são seis em 13. **(Texto 16)**	Mulheres ocupantes de cargos de comando na seleção feminina brasileira	Assimilação por agregação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD 109 e 110 ilustram a especificação da representação da mulher por meio da individualização, em que o ator social é representado como indivíduo (van Leeuwen, 1997, 2008). Na SD 109, Rebeca é destacada dentro de um grupo de 141 mulheres como a primeira a conquistar uma medalha de ouro. Já a SD 110 individualiza, na opinião da jornalista, a jogadora de futebol Marta.

As SD 111 e 112 apresentam um recurso muito utilizado nos textos jornalísticos ao cobrir esportes coletivos, em que, ao invés de individualizarmos o ator social, o apresentamos por meio do grupo ao qual ele pertence, ou seja, fazemos uso da assimilação. Na SD 111, as 21 jogadoras[140] são representadas como a "seleção brasileira". Na referida SD, a assimilação é realizada por meio da coletivização, ou seja, o ator social é representado por meio do grupo a qual pertence, sem referência a dados estatísticos. Já a SD 112 também temos uma assimilação,

[140] Em 1996, a seleção brasileira feminina era formada pelas jogadoras "Meg, Sissi, Kátia Cilene, Simone Jatobá, Marisa, Fanta, Roseli, Pretinha, Maicon, Elsi, Maravilha, Juliana, Tânia Maranhão, Formiga, Melissa, Elaine, Grazi, Karem, Michael Jackson, Carol e Emily" (Seleção, 2024, s.p.).

“mulheres”, mas ela é associada a um dado estatístico, por esta razão temos uma assimilação por agregação.

Os termos mais usados para a assimilação foram “mulheres”, 25 marcações, “elas”, 24 marcações, e “seleção”, 16 marcações. Os léxicos “mulher” e “elas” serem os mais recorrentes para a especificação por meio da coletivização reforçam o foco do sítio em abordar as práticas esportivas delas e em apresentá-las como as principais participantes da ação.

A coletivização é muito recorrente no jornalismo, já que dependendo da modalidade é praticamente impossível nomear todas as integrantes ao longo do texto. Geralmente, o(a) jornalista apresenta a escalação da equipe no início ou final do texto, e, ao longo da produção textual, usa-se a coletivização para se referir ao conjunto e a individualização para destacar alguns participantes.

A assimilação por meio da agregação foi verificada apenas um texto, Texto 16, em que o foco foi discutir a presença ou melhor a ausência de mulheres em cargos de comando. Para comprovar a afirmação sobre a escassa presença feminina, a jornalista usa dados estatísticos para validar o seu posicionamento. O uso de dados no jornalismo é uma forma de comprovar a afirmação apresentada.

A categoria generalização foi encontrada nos textos jornalísticos em uma quantidade bem inferior à especificação, tivemos apenas 12 marcações em 4 textos. No Quadro 74, a seguir, apresentamos uma generalização acerca da mulher esportista brasileira presente no *corpus* analisado.

Quadro 74 - A representação da participante social mulher esportista brasileira por meio da generalização, pelas jornalistas, nos textos selecionados do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	PARTICIPANTE SOCIAL REPRESENTADA
SD 113: Abrir mão da maior glória de uma atleta para que outras fossem ouvidas e pudessem ter um caminho melhor, fez de vocês heroínas. **(Texto 10)**	As mulheres jogadoras de futebol

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 113 apresenta duas generalizações referentes à mulher esportista brasileira. A jornalista usa os termos “uma atleta” e “outras” para se referir às jogadoras de futebol como uma classe e não a uma jogadora em específico, já que o intuito da construção é destacar as mulheres atletas no geral.

A generalização foi um recurso pouco utilizado pelas jornalistas, já que ao longo das produções, percebemos que o intuito das produções é representar as mulheres esportistas como seres individuais. E, para isto, as jornalistas recorrem aos recursos léxico-gramaticais que

promovem a individualização, seja por meio da ativação, categorização, nomeação ou especificação, conforme apresentamos no decorrer desta subseção.

Na sequência nos dedicamos à análise discursiva da mulher como produtora de conteúdo. Nosso *corpus* consiste nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras autoras dos textos jornalísticos selecionados para esta pesquisa.

5.2 A mulher jornalista e suas avaliações como produtora de conteúdo esportivo do sítio Dibradoras e sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo

A produção jornalística do sítio Dibradoras é desenvolvida somente por mulheres. Por se tratar de uma mídia alternativa, a equipe apresenta um reduzido número de participantes para as coberturas esportivas. Durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, seis profissionais se dedicaram às produções do sítio, duas profissionais (uma jornalista e uma publicitária) se deslocaram até o país-sede; enquanto as demais (todas jornalistas) fizeram a cobertura diretamente do Brasil.

Conforme detalhado na subseção 2.5, entramos em contato com todas as profissionais envolvidas na cobertura, das quais cinco nos concederam entrevistas. No entanto, para esta subseção de análise discursiva, utilizamos apenas quatro entrevistas, já que uma das entrevistadas não publicou nenhum texto no sítio e deste modo não se enquadrou em um dos nossos critérios de seleção (cf. Quadro 8). A entrevista excluída nesta análise foi utilizada para a construção da história do sítio Dibradoras, abordada na seção 3.

Para a análise discursiva das entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras, utilizamos o *software* NVivo, metodologia apresentada na subseção 2.8. O processo iniciou-se com a separação das falas das entrevistadas das falas da pesquisadora, para que, assim, pudéssemos gerar uma nuvem de palavras para a compreensão dos termos mais abordados pelas jornalistas. É relevante reforçar que todas as ações de análise desenvolvidas dentro do *software* focaram apenas os trechos proferidos pelas entrevistadas.

Como realizado na análise dos textos jornalísticos, usamos o recurso do NVivo denominado de lista de palavras impedidas. Além dos critérios destacados na subseção 5.1, impedimos também as palavras típicas da oralidade, tais como, “né”, “aí”, “ah” e “então”, por exemplo. A restrição destes termos, na geração das nuvens de palavras, justifica-se pelo fato de que eles não apresentam relevância para o propósito deste estudo.

Iniciamos com a geração de uma nuvem para cada entrevista (cf. Apêndices F, G, H e I) e posteriormente geramos uma nuvem referente a todas as entrevistas, a qual reproduzimos na Figura 44, a seguir. A geração das quatro nuvens nos mostrou que as entrevistas apresentaram uma grande semelhança em relação aos termos usados pelas jornalistas. Assim, optamos por analisar a nuvem construída com o agrupamento de todas as entrevistas, ao invés de apresentá-las isoladamente.

Figura 44 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras



Fonte: Gerada pelo NVivo.

A Figura 44 ilustra as 100 palavras[141] mais frequentes nas entrevistas. No Top 10 temos: eu (1210), é (939), não (858), gente (620), você (481), muito (364), tem (301), futebol (237), foi (225) e mulheres (220). O item lexical mais usado pelas jornalistas, "eu", deve-se ao fato de que, ao longo das entrevistas, as jornalistas analisaram e opinaram sobre a prática jornalística desenvolvida por elas no sítio Dibradoras e no jornalismo tradicional. No entanto, ao enfatizar a prática jornalística esportiva, as entrevistadas também se referiram ao grupo, usando com grande frequência os termos "gente", "mulheres" e "mulher" (o termo possui 123 ocorrências e encontra-se na 20ª posição).

[141] O Apêndice J apresenta uma tabela com as 100 palavras e suas respectivas posições.

No Quadro 75, a seguir, destacamos uma SD para exemplificar o uso dos termos “eu”, “gente” e “mulher(es)” pelas produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras. Nesta subseção, as SD também serão apresentadas em quadros. É importante destacar que não relacionamos a qual entrevista as SD pertencem. Esta escolha justifica-se porque algumas SD podem trazer explicitamente referências aos textos jornalísticos analisados. Deste modo, ao apresentarmos a enumeração da entrevista estaríamos possibilitando a identificação da jornalista entrevistada, já que em uma busca rápida no sítio Dibradoras seria possível a identificação da autoria dos textos. Assim, estaríamos corrompendo o anonimato das jornalistas e infringindo os critérios aprovados pelo CEP. Por esta razão, não identificamos a qual entrevista cada SD pertence, apresentamos as SD como pertencentes a uma entrevista unificada com as quatro jornalistas, sem associá-las à entrevista 01, 02, 03 ou 04, conforme descrevemos na subseção 2.5.

Quadro 75 - O uso dos termos “eu”, “gente” e “mulher(es)” nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
SD 114: [...] Quando eu encontrei o Dibradoras, a gente reverberou junto e a gente percebeu que era um incômodo muito comum às mulheres que gostavam de esporte, que não eram poucas, que elas apenas não tinham se encontrado, talvez, estava cada uma gostando de esporte no seu canto.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 114, a jornalista deixa explícito que o que ela vivencia não se refere a situações individuais, mas, sim, a conjunturas pelas quais outras mulheres, que também gostam de esporte, passam. Para a entrevistada, o Dibradoras representa um local de encontro/acolhimento dessas mulheres, as quais estão espalhadas em diversos cantos de nossa sociedade. Assim, pela SD destacada no quadro acima, percebemos o deslocamento da individualização, “eu encontrei o Dibradoras”, para a construção do coletivo, “a gente reverberou junto”, “a gente percebeu”, ou seja, trata-se de uma luta coletiva das mulheres por espaços no ambiente esportivo.

A nuvem de palavras nos mostra que o futebol é a modalidade mais abordada pelas jornalistas. Das quatro mulheres entrevistadas, apenas uma não se dedica, prioritariamente, à modalidade. O fato de o futebol ser a modalidade mais destacada pelas jornalistas está em consonância com o que é descrito no perfil do Dibradoras na rede social profissional LinkedIn, “Somos referência quando o assunto é futebol feminino [...]” (Dibradoras, 2024), ou seja, o foco das coberturas do veículo recai sobre o futebol feminino.

Com a análise dos textos jornalísticos, identificamos que a modalidade mais abordada durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio realmente foi o futebol. O esporte esteve presente em 42% dos textos publicados durante o nosso recorte temporal, conforme destacamos na subseção 2.4. O predomínio do futebol justifica-se também pelo fato de que as integrantes

do sítio Dibradoras que estavam no Japão tinham apenas a credencial (documento que permite aos(às) jornalistas acessarem os espaços destinados à imprensa para terem contato com os(as) atletas apenas para essa modalidade.

A seguir, no Quadro 76, apresentamos a explicação das entrevistadas sobre o foco da cobertura dos jogos olímpicos ser o futebol.

Quadro 76 - O futebol feminino como a modalidade mais abordada no sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
SD 115: É, então, a gente foi para Tóquio com a credencial do futebol. Então, a gente foi, conseguiu ir aos eventos do futebol só, feminino. Então, e mesmo que a gente tivesse a credencial para outras modalidades, a gente, eram duas pessoas só lá. Então, é muito difícil, uma Olimpíada tem um zilhão de eventos para conseguir cobrir.
SD 116: A nossa credencial era só de futebol, mas na final do vôlei a gente conseguiu entrar para assistir à final do Brasil no vôlei. Então, foi a minha primeira cobertura de vôlei, assim, eu também nunca tinha ido cobrir vôlei, ainda mais numa Olimpíada.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD 115 e 116 apresentam a justificativa para o fato de a maior parte dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras terem como foco o futebol, pois o veículo de comunicação possuía apenas a credencial para esta modalidade. Além disto, pela SD 115, percebemos que a jornalista justifica que mesmo se elas tivessem mais credenciais, seria impossível a cobertura de outras modalidades, já que a equipe consistia em apenas duas pessoas *in loco*.

A avaliação da jornalista aborda um dos desafios das mídias alternativas, que consiste na falta de recursos materiais e humanos. Apesar das dificuldades, "as mídias alternativas representam a voz da margem que visam o empoderamento da população desfavorecida pelo capitalismo, ao tentar prever resoluções mais fluídas com a realidade popular, mais simples" (Garcia, 2018, s.p.).

Mesmo com o reduzido número de profissionais no Japão e apenas com a credencial para o futebol, as integrantes do sítio realizaram a cobertura *in loco* da final do vôlei feminino, conforme revela a SD 116. A entrevistada não explica como elas conseguiram a liberação, apenas destaca que foi a primeira cobertura dela na modalidade, deixando explícito que não possuía familiaridade com a temática, reforçando novamente que o foco do sítio consiste no futebol.

A nuvem de palavras também apresenta um destaque para o adjunto negativo "não". Ao investigarmos os termos que acompanham esse adjunto percebemos que a construção das representações discursivas da prática social jornalística praticada pelas mulheres pauta-se,

principalmente, na discussão acerca da negação da presença delas no ambiente esportivo e da negação sobre a competência feminina para a cobertura de eventos esportivos.

É importante destacar que em nosso *corpus* há uma série de SD relacionadas ao uso do adjunto "não" e, por uma questão de análise, selecionamos algumas para exemplificar os principais contextos de uso deste adjunto negativo nas entrevistas, conforme apresentado no Quadro 77.

Quadro 77 - A presença do adjunto negativo "não" nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
SD 117: É, eu acho que dentro do trabalho do jornalismo esportivo tradicional, a mulher, ela encontra uma resistência muito grande porque sempre estão duvidando da sua capacidade de estar ali, independentemente do quanto você já tenha mostrado o seu talento, as suas habilidades e etc. As pessoas sempre partem do pressuposto de que você não deveria estar ali. Então, em qualquer situação, você tem sempre que provar para as pessoas que estão ao seu redor, que sim, você merece está ali. E isso é muito exaustivo, porque também é uma cobrança muito forte, porque se você erra, é como se as mulheres não fossem capazes de estar ali, entendeu? Qualquer erro seu, ele é colocado no grupo todo, nas mulheres, enquanto um erro de um homem, ele é o erro do fulano, ele tem nome, o erro da mulher não é o erro da Maria[142], assim, "Tá vendo, são as mulheres que não sabem falar sobre isso", isso é um peso muito grande que você carrega, porque você simplesmente não pode errar.
SD 118: Quando eu trabalhava no Terra e eu falo do Terra porque foi o lugar que eu mais fiz, enfim, coisas sobre futebol feminino. Eu trabalhei lá por um ano e meio, e eu cobria música, porque mulher não cobre esporte, mas eu fazia várias matérias sobre o futebol feminino.
SD 119: Eu levantei a mão e perguntei para ele: "Aqui, tem três mulheres aqui na sua frente, você acabou de falar que futebol, não é, não é lugar, futebol masculino não é lugar de mulheres". Você está jogando no país da maior jogadora do mundo, a Marta tinha sido bola de ouro no ano, se não me engano. E o que você acha que a gente tá fazendo aqui, se futebol não é o lugar de mulher, o que que a gente está fazendo aqui?".

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD acima destacam, pela visão das entrevistadas, como a mulher jornalista é tratada na mídia tradicional, sendo este ambiente muito resistente à presença delas. Como percebemos, quando as mulheres rompem esta resistência, elas passam a conviver com a desconfiança, a qual leva a uma cobrança pela perfeição. A pressão vivida pelas mulheres no ambiente esportivo é maior que a de um homem, já que quando a mulher comete algum erro, este é associado à toda classe, colocando assim em xeque as conquistas femininas, conforme ilustra a SD 117.

Outro fato levantado pelas jornalistas refere-se à questão de que ao longo da história as mulheres eram impedidas de realizar a cobertura de determinadas modalidades. Conforme apresentamos, Coelho (2003) destacou que o futebol e o automobilismo, por exemplo, eram territórios sagrados destinados ao homem jornalista.

As ações das jornalistas, em não se acomodarem com a ideia de que elas não poderiam cobrir esporte, contribuem para uma mudança social, pois apesar das "restrições" e dos diversos

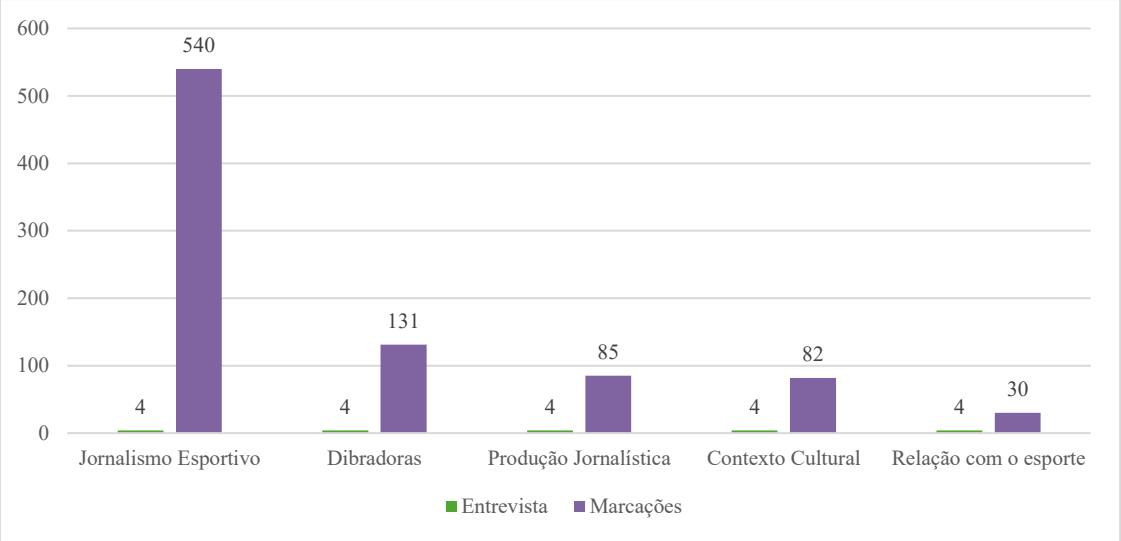
[142] Substituímos o nome original, pois a jornalista se referiu ao próprio nome. Assim, em todas as substituições utilizamos o nome Maria, já que pesquisas do IBGE demonstram que é o nome feminino mais registrado no Brasil (Nomes, 2016, s.p.).

nãos ouvidos, as mulheres não desistiram de destacar o esporte feminino (SD 118); além de se fazerem presentes na cobertura das modalidades praticadas pelos homens (SD 119).

No entanto, é pertinente destacar que esta luta vem de uma longa data. Desde Maria Helena Rangel, a primeira jornalista profissional esportiva nos meados dos anos 1950, a mulher jornalista vem lutando por espaços no ambiente esportivo e o sítio Dibradoras é um símbolo da resistência aos diversos "nãos" impostos, em especial, pelos homens, para a presença da mulher no esporte.

Depois da geração da nuvem de palavras, passamos para a codificação das entrevistas no *software* NVivo. Os trechos foram agrupados de acordo com as temáticas abordadas pelas jornalistas. Após uma leitura minuciosa, verificamos cinco macrotemáticas, conforme ilustra o Gráfico 15, a seguir. Para a composição do gráfico, utilizamos duas barras. A primeira, na cor verde, refere-se ao número de entrevistas que abordaram a temática, a qual é nomeada no eixo horizontal; enquanto a segunda barra, na cor roxa, destaca o número de marcações referentes à temática.

Gráfico 15 - Temáticas verificadas nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

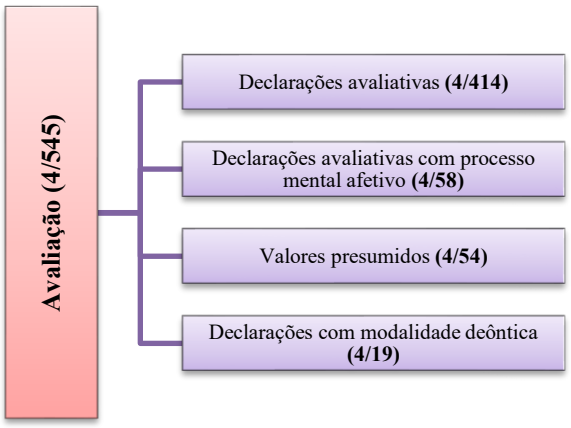
A partir dos dados apresentados no Gráfico 15, percebemos que o jornalismo esportivo apresentou o maior número de ocorrências, 540; seguido das temáticas acerca do sítio Dibradoras, 131; produção jornalística, 85; contexto cultural, 82; e relação com o esporte, 30. É importante destacar que uma SD pode apresentar mais de uma macrotemática, por exemplo, em uma SD a entrevistada pode descrever a prática jornalística desenvolvida no veículo de

comunicação Dibradoras, deste modo a SD é inserida tanto na temática Dibradoras quanto em produção jornalística.

Após o levantamento das macrotemáticas abordadas nas entrevistas, percebemos uma forte presença de trechos avaliativos. Por esta razão, analisamos as macrotemáticas a partir da categoria avaliação. Assim como realizado na análise dos textos jornalísticos, a avaliação foi ancorada nas quatro subcategorias apresentadas por Fairclough (2003).

No Gráfico 16, a seguir, destacamos as marcações em nosso *corpus* referentes aos modos de avaliação presentes nas entrevistas. Na construção do gráfico hierárquico, os números entre parênteses referem-se ao número de entrevistas que apresentam as marcações e à quantidade de codificações etiquetadas no *corpus*, respectivamente, sendo separados por uma barra.

Gráfico 16 - Os modos de avaliação presentes nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Conforme destacado no Gráfico 16, em todas as entrevistas foram encontradas a categoria avaliação; sendo a subcategoria mais recorrente as declarações avaliativas, 414 marcações. As declarações com processo mental afetivo e os valores presumidos apresentaram 58 e 54 ocorrências, respectivamente, já as declarações com modalidade deôntica fizeram-se presentes em 19 trechos.

Para a análise da categoria avaliação nas entrevistas, realizamos um cruzamento com as cinco macrotemáticas observadas no *corpus*, conforme ilustra a Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 - Cruzamento entre o código macrotemáticas e o código avaliação com seus subcódigos nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras

AVALIAÇÃO / MACROTEMÁTICA	Declarações Avaliativas	Declarações com processo mental afetivo	Valores Presumidos	Declarações com modalidade deôntica	Total de marcações
Jornalismo Esportivo	234	29	30	10	303
Dibradoras	108	9	-	4	121
Contexto Cultural	84	2	19	7	112
Produção Jornalística	74	9	6	4	93
Relação com o esporte	10	24	-	-	34

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

A Tabela 6[143] ilustra a relação da categoria avaliação com as macrotemáticas abordadas nas entrevistas. A partir dos dados expostos, percebemos que o jornalismo esportivo, 301 avaliações, foi a macrotemática que apresentou o maior número de avaliações, com destaque para as declarações avaliativas. A segunda macrotemática com o maior número de avaliações consiste no sítio Dibradoras, 116 avaliações, em que as entrevistadas destacam, em especial, a luta de resistência do veículo dentro da estrutura do jornalismo esportivo brasileiro, o qual ainda é enraizado por ideais machistas. Em terceiro lugar, temos a macrotemática do contexto cultural, 108 avaliações, em que as jornalistas abordam as ações/hábitos acerca da presença da figura feminina dentro do esporte. A quarta macrotemática com a presença da categoria avaliação refere-se à produção jornalística, 92 avaliações. Nesta abordagem as jornalistas direcionam o olhar para uma avaliação acerca da prática jornalística desenvolvida por elas, em um sistema que a todo instante questiona a legitimidade da presença delas. E, por fim, temos, em quinto lugar, a avaliação nos trechos que destacam a relação das entrevistadas com o esporte, 34 avaliações. Diferente das demais macrotemáticas, o tipo de avaliação predominante nesta última macrotemática foi as declarações avaliativas com processo mental afetivo.

Nossa análise discursiva inicia-se com as avaliações que as jornalistas constroem sobre a temática jornalismo esportivo, conforme destaca o Quadro 78, a seguir. Ao longo das entrevistas, as jornalistas avaliaram a discrepância de tratamento em relação ao gênero, destacaram a luta pela desconstrução da objetificação da mulher, além de levantarem a bandeira por mais veículos que desenvolvam um jornalismo esportivo feminista, em que os esportes

[143] É importante destacar que na Tabela 6, o número de avaliações que envolvem as macrotemáticas é superior ao número total de avaliações expostas no Gráfico 16. Esta divergência deve-se em função de que uma mesma sequência discursiva avaliativa pode abordar mais de uma macrotemática. Além disto, é pertinente destacar que as macrotemáticas foram classificadas por trechos; enquanto a categoria avaliação refere-se às SD, por exemplo, um trecho codificado como um trecho do jornalismo esportivo pode apresentar diversas SD com a presença da categoria avaliação.

praticados pelas mulheres possam ser tratados/abordados com o mesmo respeito e espaço que as atividades praticadas pelos homens.

Para exemplificar a avaliação acerca do jornalismo esportivo e das demais macrotemáticas, selecionamos SD das entrevistas que ilustram as principais abordagens articuladas pelas vozes das jornalistas. As SD são apresentadas por meio de quadros, os quais são construídos em duas colunas: Sequência Discursiva e Modo de Avaliação (espaço em que nomeamos a subcategoria da avaliação observada na SD destacada). É pertinente destacar que os trechos avaliativos são realçados por meio do recurso de sublinhado.

Quadro 78 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática jornalismo esportivo presentes nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 120: [..] coloca sempre o [1] esporte feminino nesse lugar de um projeto social, de uma caridade, o que não é verdade, rende muito dinheiro, rende muito dinheiro. Você tem [1] atletas incríveis, você tem [1] performances esportivas incríveis, recordes sendo quebrados e se você reduz só a sempre "Ah, porque [2] a mulher sofre no jornalismo esportivo, no esporte, como é difícil ser mulher no esporte", isso acaba limitando muito e colocando mesmo as mulheres atletas nesse lugar de eternamente sofrendo ali sem conseguir realizar nada de bom, quando elas realizam [1] coisas incríveis.	[1] Declarações avaliativas [2] Declaração com processo mental afetivo
SD 121: Lembro que um dos primeiros vídeos que a gente gravou no Dibradoras foi justamente sobre essa questão da objetificação das mulheres no esporte, porque a mulher no esporte ela nunca é avaliada pela performance, ela é sempre exaltada, ela era sempre exaltada pela beleza.	Declarações avaliativas
SD 122: Então, assim, você não registrar uma história é uma tentativa de apagá-la. Por que que eles não registraram a história da Marta? Porque não era interessante contar a história da Marta e isso é um pacto que existia como sociedade, porque a CBF não registrava, os jornalistas não iam atrás, não se cobria.	
SD 123: Quando você tá no futebol feminino ou você é sapatão, você é maria-homem, futebol não é lugar de mulher.	
SD 124: Então, eu acho que quando a gente tem, por exemplo, veículos de comunicação que são dedicados a mulheres, são feitos por mulheres, a maior parte do tempo, mas nem sempre, mas que tentam retratar a mulher no esporte como a atleta e o que se faz com o futebol masculino, porque isso não é nenhuma uma novidade, futebol masculino é tratado como um esporte, esporte masculino é tratado como um esporte, isso muda muito o cenário, porque, de repente, aquelas atletas têm como mostrar que elas são boas [...].	
SD 125: O esporte no geral, a cobertura esportiva não dá espaços para pessoas negras, isso é um fato, isso é uma coisa que eu, inclusive, já briguei, já briguei não, né, a gente não chegou a brigar, já questionei muito, no Dibradoras mesmo, que eram mulheres brancas falando de esporte, que faltava diversidade	
SD 126: Então, trabalhar só com mulheres é muito bom, porque de vez em quando eu trabalhei no Deus me Dibre que também é mídia alternativa só tinha homens. Então, é bem nítido a diferença do quanto, da importância que é dado pelo esporte feminino vindo de mulheres, trabalhar nichada com o esporte feminino foi muito legal.	
SD 127: Eu acho que uma das coisas mais legais que se tem que eu encontrei no futebol feminino não foi necessariamente eu escrever sobre as atletas, sabe? Ou eu falar sobre o jogo ou até mesmo que eu faço, enfim, de contexto, de história, de tudo mais. Eu acho que foi o fato de eu ter encontrado uma comunidade que acredita nas mesmas coisas que eu e que torce pelas mesmas coisas que eu e que nem sempre a gente vai concordar, a gente vai discordar pra caramba ao longo do caminho, mas querendo ou não, é uma comunidade.	
SD 128: Enfim, eu estava insatisfeita, estava por um fio de um burnout. Na época, eu odiava todo o meu trabalho, muita terapia, muito dinheiro na terapia. Eu apenas pedi férias e eu tirei férias, Metade, a maior parte da Copa Feminina e a maior parte da Copa América Masculina	Declaração com processo mental afetivo

que estava acontecendo no Brasil, que teoricamente eu iria cobrir. [...] Eu estava odiando minha vida, odiando o jornalismo, odiava morar em São Paulo, doida para ir embora.	
SD 129: Então, tem esse exercício que eu acho que o jornalismo precisa fazer. É preciso tirar essa venda dos olhos e realmente começar a enxergar o protagonismo das mulheres no esporte.	Declaração com modalidade deôntica

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A avaliação feita pelas jornalistas do sítio Dibradoras, principalmente, por meio de declarações avaliativas, foca no jornalismo esportivo praticado na mídia tradicional. De acordo com as jornalistas, na mídia tradicional a representação da mulher esportista caracteriza-se, principalmente, pela associação do esporte como um projeto social (SD 120), pela objetificação do corpo feminino (SD 121) e/ou pela invisibilidade feminina (SD 122). Além disso, as entrevistadas destacam os desafios vivenciados por elas, em um ambiente que ainda prevalece diversas formas de preconceito (SD 123, preconceito de gênero; SD 125, preconceito racial) pautadas nos ideais machistas.

Ao associar a prática esportiva feminina a um projeto social, a mídia tradicional distancia as atividades das mulheres esportistas do conceito de esporte profissional. As produções divulgadas pelo sítio Dibradoras preocupam-se em não reproduzir tal associação. Na análise discursiva dos textos jornalísticos, uma das categorias da representação de atores sociais (van Leeuwen, 2008) que comprova esta afirmação consiste no uso da categorização da mulher esportista, por meio da funcionalização. As jornalistas recorrem às funções das atletas dentro do esporte, tais como, “lutadora”, “jogadora”, “ginasta”, dentre outras, para afirmar a presença delas como atletas profissionais, construindo assim a representação da mulher esportista brasileira pautada no profissionalismo.

Ao longo das entrevistas percebemos também uma preocupação das jornalistas com a desconstrução de um hábito ainda presente na mídia tradicional, a representação da mulher esportista por meio da objetificação do corpo feminino. Conforme analisado na subseção 5.1, a categoria identificação da representação de atores sociais (van Leeuwen, 2008), em especial, a subcategoria identificação física, presente nas produções do sítio Dibradoras, não enfatiza os Atributos físicos das mulheres com o intuito de enaltecer a beleza; a identificação física é destacada apenas quando esta influencia alguma ação da prática esportiva.

Deste modo, percebemos que as jornalistas colocam em prática o combatido por elas, pois ao abordarem a presença das mulheres no ambiente esportivo, elas não contribuem para a perpetuação da objetivação, mostrando assim que “as meninas precisam ser valorizadas pelo que são e não pela sua aparência” (Goellner, 2010, p.78).

A objetificação no esporte tem raízes nos ideais pautados no machismo. “O machismo é, essencialmente, uma expressão do patriarcado que se materializa nas relações interpessoais, para perpetuar relações de dominação e poder via inferiorização, submissão e apropriação das mulheres” (Tenorio, 2019, p.9). Na avaliação das entrevistadas, o machismo ainda se faz muito presente no jornalismo esportivo.

Os desafios enfrentados pelas jornalistas, em especial, nas modalidades mais relacionadas ao universo masculino, como o futebol, boxe ou automobilismo, ainda são constantes. De acordo com uma das entrevistadas, a mulher que “ousa” inserir-se no futebol, por exemplo, ainda é caracterizada por dois atributos machistas: “sapatão”, termo usado para se referir a mulheres lésbicas, e “maria-homem”, termo semelhante ao “maria-chuteira”, o qual é usado para identificar as mulheres que sempre mantêm relacionamentos amorosos com jogadores de futebol por interesses, principalmente, financeiros. Assim, a mulher é representada por duas vertentes, na primeira a mulher deseja ser igual ao homem, por isto é masculinizada; enquanto na segunda ela almeja se beneficiar a partir de um relacionamento com o homem.

A luta contra o machismo está presente nos textos jornalísticos no sítio Dibradoras. Conforme destacamos em nossa análise, o discurso machista não se fez presente nas vozes das jornalistas e nem das mulheres esportistas; sendo este discurso verificado apenas nas falas de uma das representações de discurso inserida por meio do discurso direto e articulado por uma voz masculina.

Quando a presença da mulher não é questionada, associada ao universo masculino ou menosprezada, ou seja, ela é simplesmente ignorada, estamos diante de uma invisibilidade midiática da representação da mulher esportista. Ao longo dos anos, a mídia tradicional não dava muito destaque às atividades femininas e, por muito tempo, este esquecimento foi sequer questionado pela sociedade.

Ao não registrar as histórias das mulheres há uma tentativa de apagamento das ações delas, pois se não há registro, não há história. É importante ressaltar que a falta de registro não significa que as mulheres não praticavam esportes; apenas demonstra que os desafios delas vão para além da prática esportiva, pois esbarram na cultura de que não se pode destacar a presença delas no universo esportivo, como se o mundo pudesse ser dividido em dois lados, de um lado estão os homens, praticantes de esportes, e do outro as mulheres, as quais não se podem relacionar com o esporte.

A divisão entre o masculino e o feminino ainda é muito presente em nossa sociedade. A SD 124 ilustra a discrepância de tratamento entre as modalidades na mídia tradicional em

relação ao gênero dos praticantes. Enquanto as modalidades masculinas são tratadas como atividades profissionais; as femininas lutam por este recolhimento.

A abordagem do esporte feminino como uma atividade profissional começou a ganhar força com o surgimento de veículos de comunicação pautados nas atividades esportivas femininas e, em especial, tendo a mulher como a jornalista responsável pela produção jornalística. O sítio Dibradoras é um exemplo desta desconstrução cunhada na mídia tradicional. Os textos jornalísticos analisados apresentam a mulher como protagonista das ações. Este fato é verificado, por exemplo, pelo expressivo número referente à categoria ativação da representação de atores sociais (van Leeuwen, 2008), em que a mulher esportista brasileira é representada de modo ativo e pela personalização positiva destas mulheres.

Apesar do sítio Dibradoras desenvolver um trabalho diferente da mídia tradicional, em uma das entrevistas, foi mencionada uma semelhança do veículo analisado com a mídia tradicional: a falta de representação da diversidade racial. Na SD 125, a entrevistada destacou a ausência da presença de pessoas pretas nas coberturas esportivas e a direcionou ao sítio Dibradoras, afirmando que se trata de "mulheres brancas falando de esporte". Em nossa análise, realmente, percebemos que as produções do sítio analisadas não promovem discussões acerca da escassa representação da mulher preta no jornalismo. No entanto, é importante destacar que também não percebemos o reforço de estereótipos a pessoas pretas e nem um destaque à supremacia branca.

Ao longo das entrevistas e pela análise dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras, percebemos a luta por um jornalismo em que a mulher seja o foco da produção, ou seja, um jornalismo esportivo feminista. De acordo com Firmino (2021, p. 23), "o jornalismo esportivo feminista possibilita protagonismo àquelas que tiveram suas conquistas minimizadas, compreensão das desigualdades e respeito às diferenças [...]". A SD 126 apresenta a avaliação de uma das entrevistadas sobre como é o trabalho em um veículo que busca desenvolver o jornalismo esportivo feminista. A jornalista destaca positivamente tanto o trabalho com as mulheres jornalistas, quanto o fato de o conteúdo ser as atividades praticadas por elas.

A prática do jornalismo esportivo feminista também permite a junção de pessoas que projetam a divulgação do trabalho da mulher esportista, buscando assim uma desconstrução de hábitos que perpetuam há anos em nossa sociedade. Assim, para que as atividades praticadas pelas mulheres possam ter mais espaço na mídia, de acordo com uma das jornalistas, por meio de uma declaração com modalidade deôntica (SD 129), é necessário que as pessoas passem a

enxergar o protagonismo das mulheres, retirando as vendas que lhe foram impostas a partir da ideia de que o esporte é algo voltado somente aos homens.

No entanto, este movimento ainda enfrenta muitas barreiras. A SD 129, por meio de uma declaração com processo afetivo, descreve uma situação desconfortável vivenciada por uma das entrevistadas no ano de 2019. A jornalista, que trabalhava no portal Terra, tentou por diversas vezes produzir especiais sobre o futebol feminino para destacar a Copa do Mundo de Futebol Feminino que aconteceria naquele ano. A jornalista não conseguiu autorização para a cobertura, pois o foco daquele ano seria a divulgação da Copa América de Futebol Masculino. Além disso, a jornalista relatou (SD 118, Quadro 78) que aquele veículo de comunicação tinha o hábito de não escalar mulheres para coberturas esportivas, fato que a fez odiar o ambiente de trabalho e o jornalismo esportivo, o qual não a permitia abordar o que ela mais desejava, ou seja, o futebol feminino.

A história mostra-nos a mulher à sombra do homem e por esta razão o contexto cultural esteve presente nas falas das entrevistadas, que avaliaram a forma de tratamento dedicada à mulher ao longo dos anos, conforme ilustrado no Quadro 79, a seguir.

Quadro 79 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática contexto cultural presentes nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 130: Se a gente parar pra pensar assim, “Pô, cita aí cinco dos atletas maiores de todos os tempos, assim, da tua cabeça”, dificilmente vai vir uma mulher, porque você não vai pensar numa mulher, não vai vir uma mulher na sua cabeça.	Declarações avaliativas
SD 131: Sim, com certeza, porque se fossem homens fazendo um trabalho que as dibras fazem ia ser outra história [...]. O trabalho que foi realizado nas Olimpíadas, fosse realizado por homens, não tinha ninguém mais na mídia alternativa, estava todo mundo empregado na mídia tradicional, por muito menos as pessoas, por muito menos, muito, muito, muito menos mesmo, homens conseguiam espaços muito maiores.	Valores presumidos
SD 132: Então, precisa mudar quem dá as cartas na redação, quem manda, para poder mudar a forma como essa cobertura vai acontecer, isso serve para o futebol, serve para o vôlei, serve para o basquete, serve pro judô, serve para tudo.	Declaração com modalidade deôntica

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Quadro 79 destaca as avaliações das mulheres jornalistas sobre o contexto cultural em relação à presença delas no ambiente esportivo. A SD 130 destaca o apagamento das mulheres, a SD 131 aborda a falta de reconhecimento e a SD 132 apresenta uma sugestão de mudança do cenário cultural esportivo.

Na SD 130, a entrevistada usa uma circunstância de modo (grau), “dificilmente”, para avaliar o fato de uma mulher esportista não figurar na lembrança das pessoas quando se pergunta quem são os maiores nomes do esporte brasileiro. A ausência da representação de um nome feminino é um retrato do contexto cultural em que estamos inseridos. As histórias das

mulheres esportistas são pouco registradas; assim, é compreensível que nomes masculinos se sobressaiam, já que a mídia promove um maior destaque às atividades praticadas por eles.

Para verificar as declarações avaliativas articuladas na SD 130, durante a realização do grupo focal, perguntamos às participantes quem era o maior nome do esporte brasileiro. Assim como levantado pela entrevistada, todos os nomes lembrados se referiam a homens, sendo os mais lembrados Pelé e Ayrton Senna; nenhuma estudante de Jornalismo apresentou um nome feminino. Sobre este fato, uma das participantes do grupo focal trouxe uma reflexão, a qual é ilustrada na SD 158 (Quadro 85), na parte em que apresentamos a discussão acerca do assunto abordado pelas integrantes do grupo focal.

A ausência da representação da mulher esportista também é enfatizada na SD 122 (Quadro 78). De acordo com a entrevistada, por anos a CBF não se preocupou em registrar a história da Marta, a maior jogadora brasileira de todos os tempos. Assim, o apagamento da representação da mulher esportista e de suas ações é um dos mecanismos de formação de discursos hegemônicos e dominantes (Fairclough, 2003). A ausência da lembrança de um nome feminino pelas participantes do grupo focal é um retrato do discurso dominante presente no jornalismo esportivo, mas também fora dele, em que o destaque principal ainda são os homens e as atividades desempenhadas por eles.

Além da ausência de representação da mulher, o contexto social brasileiro apresenta uma diferenciação acerca do reconhecimento do trabalho delas (SD 131). A entrevistada, de forma implícita, avalia que a mídia esportiva tradicional dá mais valor e espaço ao trabalho de um homem, mesmo que a ação desempenhada por ele tenha uma qualidade inferior ao apresentado pelas mulheres. Assim, percebemos que uma mulher pode apresentar um excepcional desempenho, mas não terá o mesmo reconhecimento que um homem tem.

Como apresentado na seção 3 com a pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Barsotti e Da Cruz Carvalho (2024) também destacam a desigualdade de gênero no ambiente esportivo. Após a análise da editoria esportiva dos tradicionais jornais impressos, O Globo, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, elas verificaram que 86,7% dos textos foram assinados por homens e somente 13,3% por mulheres. As pesquisadoras mencionam que “quantificar o abismo da divisão sexual do trabalho no cotidiano jornalístico esportivo é uma forma de atestar que as crescentes discussões de gênero na sociedade estão longe de representar uma efetiva igualdade entre gêneros no jornalismo (Barsotti; Da Cruz Carvalho, 2024, p. 137).

Para conseguirmos a efetiva igualdade entre os gêneros, uma das entrevistadas destaca a necessidade de uma mudança no contexto cultural, o qual estamos inseridos. Na SD 132, por meio de uma declaração com modalidade deôntica, com o uso da expressão "precisa mudar", a entrevistada avalia que a mudança só acontecerá se os responsáveis pelas decisões saírem destes cargos e darem espaço a pessoas que acreditem na competência das mulheres.

Deste modo, percebemos que a mudança não acontecerá se as atividades esportivas praticadas pelas mulheres continuarem a serem "esquecidas" no cenário midiático. "Até 2015, quando o Dibradoras iniciou seu percurso, não havia na cobertura esportiva do país conteúdos que dialogassem com pautas feministas e se posicionassem dessa maneira." (Firmino, 2021, p. 72). Por esta razão, os veículos que se dedicam à cobertura das atividades esportistas femininas exercem um importante papel na desconstrução da estrutura midiática que ainda é pautada no masculino.

No Quadro 80, a seguir, apresentamos algumas avaliações das entrevistadas acerca da presença do Dibradoras no ambiente esportivo.

Quadro 80 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática Dibradoras presentes nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 133: Então, a gente tem, inclusive, esse cuidado também, a gente não quer ser classificada como um veículo só para mulheres, [1] um veículo feminino. [1] A gente é feminista, só que [2] a gente precisa, se a gente não falar para os outros que não são, a gente não consegue mudar a realidade.	[1] Declarações avaliativas [2] Declaração com modalidade deôntica
SD 134: Eu acho que o nosso papel é, acima de tudo, dar visibilidade, contar histórias que não são contadas das mulheres no esporte e mostrar para a sociedade como um todo, que o espaço do esporte é feminino também, que o espaço do esporte, ele também pertence às mulheres.	Declarações avaliativas
SD 135: Eu acho engraçado, porque, assim, o público das Dibradoras é um público muito apaixonado, quando você escolhe, por exemplo, acessar aquele site e mais do que só acessar, às vezes, você escolhe assinar, você escolhe contribuir financeiramente até, você escolhe ir para os eventos que elas organizam, é outra vibe, o público das Dibradoras é um público que já começa, já entra tendo uma noção de que existe uma disparidade de gênero que precisa ser, no mínimo, debatida, no mínimo, no mínimo, debatida.	
SD 136: No Dibradoras são 70% mulheres, é um público muito diferente, a gente realmente fala com mulheres, o que é muito importante, porque ninguém está falando com elas.	
SD 137: Como é que se pode premiar um negócio desse? [1] Aí, a gente tinha que escrever um texto para repudiar isso, falar assim: [2] "Gente, isso aqui é um absurdo!", vocês estão conseguindo enxergar o absurdo que é isso? Aí toda semana era uma situação assim, sabe, tipo, era, um, algum cara de algum clube que falava tal [2] coisa extremamente preconceituosa. [1] Então a gente tinha que se manifestar, a galera, o tempo inteiro, se manifestando contra absurdos, acho que hoje diminui um pouco, apesar de ainda ter bastantes [2] casos muito tristes.	[1] Declaração com modalidade deôntica [2] Declarações avaliativas
SD 138: Então, Dibradoras foi uma puta de uma oportunidade, desculpa o palavrão, foi uma super oportunidade, porque eu sei que aqui [Minas Gerais] eu não teria, como eu não tive, dentro da mídia tradicional.	Declarações avaliativas

SD 139: Então, eu sempre [1] admirei muito o trabalho das Dibradoras. Assim, [2] a divulgação de esporte feminino delas é sensacional.	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Quadro 80 elenca as avaliações das entrevistadas sobre o sítio Dibradoras em relação ao objetivo, a importância, o público, os desafios e as parcerias/oportunidades. A SD 133 traz a informação de que muitas pessoas confundem o sítio como um veículo destinado somente a mulheres. Apesar de o público ser, majoritariamente, composto por elas, como demonstra a SD 136, o sítio tem o objetivo de alcançar os mais variados segmentos, pois, somente assim poderá ser percebida a discrepância de tratamento entre homens e mulheres no jornalismo esportivo.

Ao apresentar o objetivo do sítio, uma das jornalistas enfatiza a distinção entre os léxicos "feminino" e "feminista". Para ela, um veículo feminino foca apenas a mulher, não promovendo assim uma reflexão sobre a desigualdade entre os sexos; já um veículo conduzido por ideais feministas, "a gente é feminista", o objetivo passa a ser a discussão sobre as desigualdades entre homens e mulheres; além da divulgação das atividades praticadas pelas mulheres.

O Dibradoras, ao apresentar as histórias das mulheres no esporte, promove a divulgação das atividades femininas e mostra que o esporte também é o lugar delas (SD 134). Na análise das produções jornalísticas, percebemos que os Textos 01, 02, 03, 05, 10, 14, 15 e 16 abordam explicitamente a desigualdade entre homens e mulheres no jornalismo esportivo. As produções apresentam as ações das mulheres e promovem uma reflexão acerca da discrepância de tratamento ao esporte feminino.

A SD 135 também ilustra que esta reflexão já se faz presente entre o público do sítio. A jornalista descreve o público como diferente, "é outra vibe". Para ela, o público que busca o conteúdo do sítio já tem noção do assunto, "o público das Dibradoras é um público que já começa, já entra tendo uma noção de que existe uma disparidade de gênero que precisa ser, no mínimo, debatida, no mínimo, no mínimo, debatida". A avaliação da entrevistada nos permite compreender que o objetivo idealizado na SD 133, "se a gente não falar para os outros que não são, a gente não consegue mudar a realidade", ainda não se concretizou em sua totalidade, pois o sítio ainda não furou a bolha do jornalismo esportivo tradicional. No entanto, ao longo dos anos de existência, o Dibradoras vem rompendo as barreiras, proporcionando reflexões pautadas no conceito de jornalismo esportivo feminista e promovendo representações das mulheres de formas mais positivas e pautadas no profissionalismo.

A SD 137 apresenta uma destas reflexões provocadas pelo sítio Dibradoras quando as jornalistas promoveram uma discussão acerca de um concurso cultural realizado pela agência esportiva OTB Sports, em 2015 (abordamos o referido concurso na seção 3, em que apresentamos a história do sítio Dibradoras). Para a entrevistada, situações iguais às da foto (cf. Figura 17) que evidenciava a violência com a mulher e perpetuava a ideia de que o futebol não é espaço para elas, são menos frequentes no jornalismo esportivo atual, mas ainda há "bastantes casos muito tristes", os quais as dibras buscam denunciar e combater com o objetivo de mudar o contexto cultural que perpetua o distanciamento da mulher do esporte.

Além de promover esta reflexão, o sítio Dibradoras permitiu que jornalistas que não encontraram espaço na mídia tradicional, pudessem escrever sobre esporte. Na SD 138, a entrevistada avalia positivamente a sua participação na cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio; além de elogiar o trabalho desenvolvido pelo grupo (SD 139).

Como percebemos, o sítio Dibradoras possibilita um espaço para o desenvolvimento da prática jornalística. No Quadro 81, a seguir, apresentamos SD em que as jornalistas avaliam a prática jornalística por elas desenvolvidas na mídia tradicional e no sítio Dibradoras.

Quadro 81 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática prática jornalística presentes nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 140: Então, assim, é uma cobertura centrada na mulher como protagonista, acho que essa é a grande diferença de quando eu penso numa pauta para o Dibradoras e quando eu penso numa cobertura tradicional, Globo ou qualquer grande veículo.	Declarações avaliativas
SD 141: [1] Eu gostava muito da ideia da internet, porque ela possibilitava várias coisas, você trabalhando com site, você faz vídeos, você faz texto, você faz matéria mais visual e escrita. Então, assim, [2] ela te dá muitas possibilidades, faz podcasts, você faz tudo.	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa
SD 142: [1] É totalmente diferente, é totalmente diferente. Assim, a primeira comparação, porque geralmente no feminino só tem eu na beira de campo [...].[2] E assim, as jogadoras respeitam, respeitam tanto o meu trabalho quanto enquanto mulher.	[1] Declarações avaliativas [2] Valor presumido
SD 143: Eu acho que [1] elas se sentem muito mais à vontade de falar coisas com a gente, por ser uma equipe totalmente feminina, né, do que ela teria de falar pra certas pessoas, é, principalmente homens que às vezes as entrevistam assim. Muitas já passaram por situações de fazerem editoriais para revistas e serem só retratadas como um corpo bonito e tal. E geralmente [1] elas gostam muito do nosso texto, assim, da maneira como a gente conta a história delas, da maneira como a gente conduz a entrevista. Então, geralmente, [1] elas agradecem muito, assim, a maneira como a gente conduz esse texto, sabe?	[1] Declarações com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa
SD 144: A gente acredita que a melhor forma de fazer isso é a comunicação, ou seja, é você contar as histórias, é você dar visibilidade, conforme você vai mostrando que as mulheres estão nesse espaço, que elas são protagonistas, que elas têm conquistas importantes, mas você vai mostrar para as pessoas que "Olha só, é legal, a mulher está nesse espaço mesmo". Então, acho que a missão é essa, é transformar a sociedade para que realmente, daqui para frente, as pessoas consigam enxergar dessa maneira, que lugar de mulher é no esporte.	Declarações avaliativas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 140 traz a avaliação da entrevistada sobre a diferença da produção de uma pauta para o Dibradoras em comparação com uma para a mídia tradicional. A jornalista avalia que "a grande diferença" consiste que a cobertura do Dibradoras é focada na "mulher como protagonista". Na análise dos textos jornalísticos verificamos que realmente todas as produções tinham como protagonistas pelo menos uma mulher, apenas o Texto 14 apresentou a mulher em um segundo plano. Apesar de o título sugerir a mulher como protagonista, "Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio", o destaque foi direcionado ao pai da atleta. Conforme explicado na subseção 5.1, este fato aconteceu devido a matéria ter sido baseada em um material publicado anteriormente no sítio para a comemoração ao dia dos pais.

A SD 141 apresenta uma avaliação sobre a internet, meio de comunicação usado pelo sítio Dibradoras para a propagação do conteúdo. A declaração com processo mental afetivo, "gosto", destaca a avaliação da jornalista sobre a multimodalidade advinda desta tecnologia digital, a qual é bastante utilizada nas produções do sítio. Apesar de não ser o foco deste trabalho, pois não nos debruçamos sobre as diversas formas de reprodução do discurso nas produções do sítio Dibradoras, nesta tese restringimo-nos ao texto verbal escrito, as produções jornalísticas do sítio são compostas por diversos modos de significação, tais como imagens, vídeos, *hiperlinks*, áudios, e, claro, o texto verbal.

Outra temática abordada pelas entrevistadas sobre o sítio Dibradoras refere-se à relação delas com as mulheres esportistas. A SD 142 traz uma comparação do tratamento das mulheres atletas e dos homens atletas. A jornalista, ao repetir a expressão "é totalmente diferente", enfatiza a diferenciação de tratamento em duas situações. A primeira deve-se ao fato que no futebol feminino a presença da imprensa é pequena, já que, de acordo com a entrevistada, ela é uma das poucas profissionais que acompanha o dia a dia da modalidade. Já na segunda situação, percebemos uma avaliação implícita, ao afirmar que as jogadoras respeitam o trabalho dela e o fato dela ser mulher. Assim, a jornalista deixa subentendido, por meio de um valor presumido, de que no esporte masculino estas ações não se fazem presentes, conforme ilustram as SD 118 e 119 (Quadro 77).

A relação com as atletas também é avaliada a partir da recepção das produções textuais. De acordo com a SD 143, percebemos que as jornalistas recebem um retorno positivo das atletas. A entrevistada afirma que as mulheres atletas aprovam o trabalho delas, "elas gostam muito do nosso texto" e que recebem muitos agradecimentos, "elas agradecem muito, assim, a maneira como a gente conduz esse texto". A recepção positiva é influenciada pelo fato das

produções do sítio Dibradoras saírem do estereótipo de representar a mulher atleta apenas como um corpo bonito, "muitas já passaram por situações de fazerem editoriais para revistas e serem só retratadas como um corpo bonito e tal", e construírem a representação da mulher como uma atleta profissional.

Esta abordagem feita pelo sítio Dibradoras assemelha-se ao que as jornalistas entendem como deveria ser uma cobertura ideal. A SD 144 resume o desejo das produtoras de conteúdo do sítio, que é representar a mulher como protagonista, "elas são protagonistas". Este protagonismo parte do apresentando dentro da atividade esportiva, visto que "elas têm conquistas importantes". Com esta forma de tratamento, a jornalista acredita que as pessoas passariam a enxergar o esporte como um espaço também pertencente à mulher, colocando assim em prática o *slogan* do sítio, "Lugar de mulher é no esporte".

Encerrando a análise discursiva em relação ao cruzamento de dados entre os códigos avaliação e macrotemáticas; encontramos as SD em que as jornalistas destacam a relação delas com o esporte. As declarações avaliativas com processos mentais afetivos foram as mais utilizadas. As entrevistadas têm em comum o fato de terem o amor/paixão despertado pelo esporte por causa de uma modalidade masculina, em especial, o futebol. No Quadro 82, a seguir, destacamos SD acerca da temática.

Quadro 82 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática relação com o esporte presentes nas entrevistas

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 145: Assim, [1] eu gostava de futebol feminino nas Olimpíadas, mas [2] minha paixão era muito futebol masculino. Eu sou torcedora do Vitória, então meu sonho era cobrir o Vitória e trabalhar com futebol masculino. Só que aí, quando e, [1] eu sempre fui apaixonada por futebol, desde muito criança, só que aí quando eu fui trabalhando, eu comecei a trabalhar, eu comecei a perceber outras relações que me interessavam, talvez até muito mais do que o que acontece dentro de campo.	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa
SD 146: [1] Eu sempre gostei muito de futebol, né, independente do gênero, mas assim depois que eu comecei a trabalhar no Dibradoras, [2] eu me distanciei muito do futebol masculino, porque é uma parada que eu não consigo mais, é, acompanhar com afinco, porque [2] o jeito que eles tratam o esporte, muitos deles, é totalmente diferente de como as mulheres tratam.	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa
SD 147: Eu gostava de jogar, eu gostava de estar na rua, gostava da bola, mas eu não sonhava que era possível eu trabalhar com isso, né?	Declarações com processo mental afetivo
SD 148: Na verdade, [1] eu sempre fui uma mulher apaixonada por futebol e por esporte no geral. A minha aula preferida na escola era educação física, mas [1] eu era uma exceção, assim, por exemplo, [2] das minhas amigas pouquíssimas gostavam de futebol [...]	[1] Declarações avaliativa [2] Declaração com processo mental afetivo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD 145 e 146 apresentam um movimento muito comum no ambiente esportivo. Devido à maciça presença das modalidades masculinas na mídia tradicional, o amor/paixão pelo esporte, inicialmente, é despertado por elas. Nas referidas SD, acrescidas das SD 147 e 148, por meio de declarações com processo mental afetivo, as jornalistas destacam o amor delas pelo esporte, principalmente, com base no futebol, sendo o processo mental afetivo "gostar" o mais utilizado para descrever esta relação.

No Brasil, o futebol masculino consiste em uma das principais influências. No entanto, quando elas começaram a se inserir no meio esportivo, em especial, durante as graduações em jornalismo, as entrevistadas perceberam outras possibilidades no ambiente esportivo. Deste modo, percebemos a importância do contexto cultural na formação das jornalistas. Inicialmente, o ambiente em que elas estavam inseridas as moldaram a associar a atividade esportiva ao masculino. Com o passar do tempo, elas compreenderam outras possibilidades dentro do esporte e começaram a dissociar o esporte apenas como uma atividade voltada ao homem. A falta de representatividade feminina, tanto na prática quanto na cobertura esportiva, passava a informação de que aquele lugar não pertencia a elas. "Historicamente a educação das meninas é mais direcionada ao espaço privado do que ao público, diferentemente dos meninos, que, desde cedo, são incentivados a ir para a rua (inclusive para trabalhar)" (Goellner, 2010, p. 81).

Para finalizar a análise discursiva das entrevistas, apresentamos a reflexão das entrevistadas sobre categoria intertextualidade, a qual abordamos nos textos jornalísticos (cf. subseção 5.1). Como destacado, ao analisarmos as produções textuais, percebemos um elevado número de citações provenientes de outros veículos midiáticos.

A seguir, no Quadro 83, as jornalistas explicam os motivos que as levaram à reprodução de falas provenientes de outros meios de comunicação.

Quadro 83 - As citações diretas e indiretas articulas nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras

SEQUÊNCIA DISCURSIVA
SD 149: Então, essas aspas eram muito de TV. Então, a gente acabou de assistir a Rebecca sendo medalhista olímpica, Rebeca Andrade, beleza, vamos pegar o que ela falou, e dentro do futebol não. No futebol, a gente estava nas coletivas, a gente estava na zona mista, a gente estava. Então, no futebol a gente conseguiu acompanhar mais de perto, porque a gente estava com a credencial e a capacidade de fazer isso.
SD 150: Então, as meninas faziam a pauta e me passavam, e eu estava aqui [Brasil], a cobertura foi toda feita daqui, eu não saí da minha casa pra cobrir nada. A Maria[144] me emprestou o login dela, porque eu não tenho TV a cabo em casa, não tinha, não tenho ainda, para eu conseguir acompanhar os jogos [...].
SD 151: Ah, é, têm umas diferenças assim, né? Porque o presencial, ele te dá, você está vendo a pessoa falar com você, né? Você está mais atenta aquilo, ali e tal. Na construção dessas pautas que a gente não consegue, que a gente só reproduz as aspas e tal, você vai meio que lendo outras notícias e vendo o que que você acha relevante de destacar, né?

[144] Idem nota 142.

SD 152: Eu gosto de perguntar, porque às vezes o que eu quero perguntar, outra pessoa não perguntou [..]. Então, faz muita diferença estar presente, faz muita diferença.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD presentes no quadro acima apresentam as explicações das entrevistadas acerca do uso de citações diretas e indiretas de trechos provenientes de outros meios de comunicação e da realização de entrevistas próprias para a construção das produções jornalísticas do sítio. As SD 149 e 150 ilustram como aconteceu a cobertura do sítio e as SD 151 e 152 destacam a preferência das entrevistadas pela realização de entrevistas próprias.

Conforme já destacamos, apenas para a cobertura do futebol feminino havia uma equipe no local (SD 115 e 116, Quadro 76). As demais modalidades foram acompanhadas de forma remota pelos canais oficiais de transmissão. A SD 150 aborda uma das dificuldades na cobertura remota, pois em uma transmissão de um evento esportivo, muitas atividades são exclusivas de canais pagos, restringindo ainda mais o acesso ao conteúdo. Segundo os dados do IBGE, "de 2021 a 2022, o percentual dos domicílios com TV por assinatura variou de 27,8% para 27,7%" (Nery, 2023, s.p), ou seja, menos de 30% da população têm acesso ao serviço.

Além da restrição de transmissão a canais pagos, na Olimpíada de Tóquio algumas modalidades femininas sequer tiveram transmissões das partidas eliminatórias. A disputa do tênis feminino por Luisa Stefani e Laura Pigossi é um exemplo. A modalidade não teve nenhuma transmissão em TV aberta ou por assinatura até a disputa histórica da semifinal (Texto 07).

As SD 151 e 152 destacam as preferências das entrevistadas em relação à coleta das informações para a construção dos textos jornalísticos. O contato direto com a fonte, na opinião das jornalistas, é a melhor maneira de se coletar as informações, pois permite um olhar mais atento para o que é apresentado pelo(a) entrevistado(a). No entanto, como percebemos este não foi o caminho mais utilizado para as produções jornalísticas; já que apenas o futebol teve a cobertura *in loco*.

Na sequência, para encerrarmos a análise de nossa tríade feminina, nos dedicamos à mulher como leitora/consumidora. O *corpus* consiste no material gerado durante a realização do grupo focal com as estudantes de Jornalismo para a análise dos textos jornalísticos selecionados para esta pesquisa.

5.3 A mulher leitora e suas avaliações sobre as representações da mulher esportista brasileira construídas nas produções jornalísticas do sítio Dibradoras

Por muitos anos, a mulher não era vista como público-alvo das produções jornalísticas esportivas. Como exposto na seção 3, estas eram voltadas, principalmente, ao público masculino; parecia que as mulheres não podiam se interessar pelo assunto. Com o passar dos anos, a partir das lutas feministas, as mulheres começaram a se fazerem presentes em espaços antes negados a elas e no jornalismo esportivo não foi diferente.

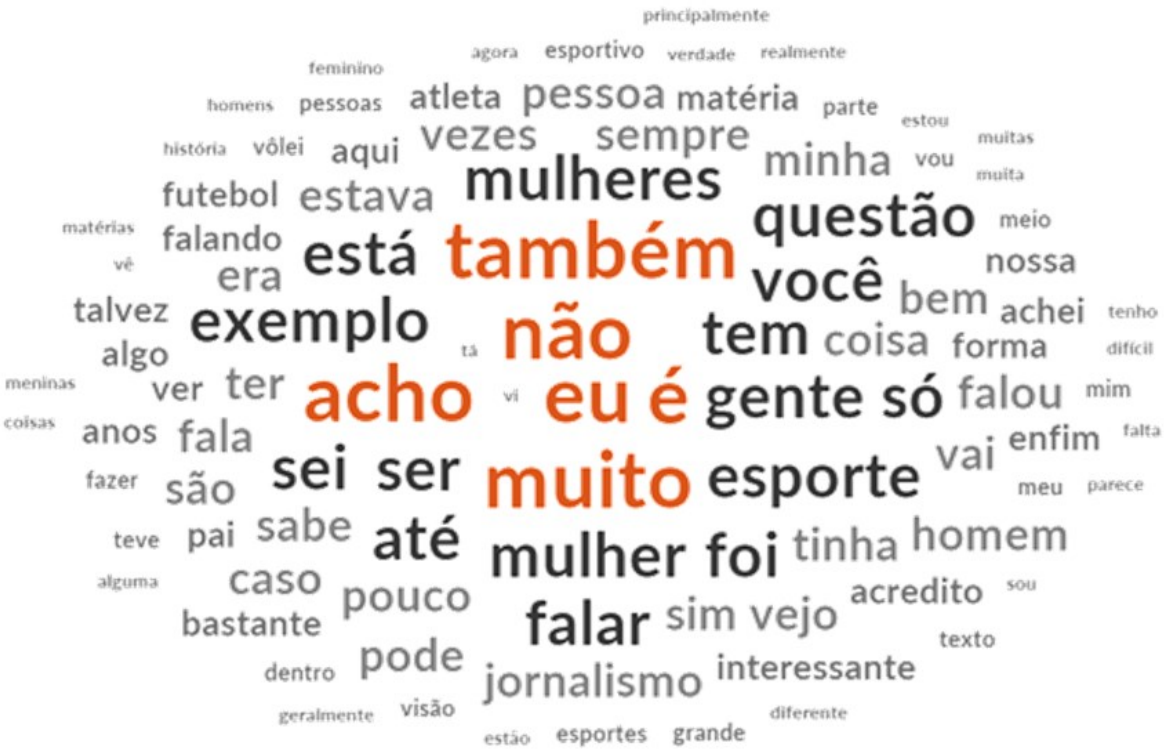
A terceira e última parte de nossa análise apresenta a mulher como leitora/consumidora das produções jornalísticas esportistas do sítio Dibradoras. Conforme destacamos na subseção 2.6, realizamos um grupo focal com nove estudantes do curso de Jornalismo da Faced/UFU. Foram realizados cinco encontros para análise de oito produções selecionadas a partir do nosso *corpus* dos textos jornalísticos do sítio Dibradoras.

Como desenvolvido nas etapas anteriores, para a análise discursiva do material recorremos ao *software* NVivo, metodologia apresentada na subseção 2.8. O processo iniciou-se com a separação das falas de cada uma das participantes em arquivos (no *software* NVivo estes arquivos são codificados como Casos), para que assim todas as ações de análise desenvolvidas dentro do *software* focassem apenas os trechos proferidos pelas estudantes de Jornalismo, sem a interferência da mediadora/pesquisadora.

Com esta separação, caso fosse necessário, também seria possível analisar separadamente o discurso de cada participante do grupo focal. No entanto, nesta tese, optamos por analisar os dizeres das participantes em conjunto, já que temos o intuito de investigar como é a recepção do jornalismo esportivo feita pelas mulheres estudantes de Jornalismo, sem focarmos nas características individuais de cada uma, tais como idade, etnia e raça, classe social, dentre outras.

Assim como nas etapas anteriores, iniciamos a análise com a geração de uma nuvem de palavras, destacada na Figura 45, a seguir. Novamente usamos o recurso do NVivo da lista de palavras impedidas e repetimos os critérios descritos nas subseções 5.1 e 5.2. A nuvem de palavras foi gerada a partir da junção dos trechos de todas as participantes; diferentemente da ação realizada com o material das entrevistas, não geramos uma nuvem para cada participante, já que o nosso intuito consiste em verificar a análise do grupo focal como um todo.

Figura 45 - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* formado pelo grupo focal



Fonte: Gerada pelo NVivo.

A Figura 45 ilustra as 100 palavras[145] mais frequentes nos encontros do grupo focal. No Top 10 temos: eu (688), é (357), não (329), muito (225), acho (222), também (141), gente (135), tem (135), mulher (101) e esporte (85). Ao comparamos a nuvem acima com a nuvem de palavras gerada a partir das entrevistas (cf. Figura 44), percebemos que as três primeiras posições são idênticas, variando apenas a quantidade de ocorrências. A semelhança deve-se que ambos os materiais foram construídos a partir de análises das produções do sítio Dibradoras e tiveram como ponto de partida a experiência de cada participante envolvida no processo. Deste modo, o item lexical "eu" foi o mais recorrente, tanto nas entrevistas quanto no grupo focal, pois a análise parte da visão individual das envolvidas nos processos.

Em relação aos processos mais utilizados pelas estudantes de Jornalismo presentes na nuvem de palavras, destacamos o processo mental cognitivo "achar". As discentes recorreram ao referido processo com o intuito, principalmente, de ramificar gostos e preferências; além de usá-lo para opinarem sobre a presença da mulher em nossa sociedade. Ao longo dos encontros do grupo focal, este movimento foi percebido com todas as participantes da ação. Além disso,

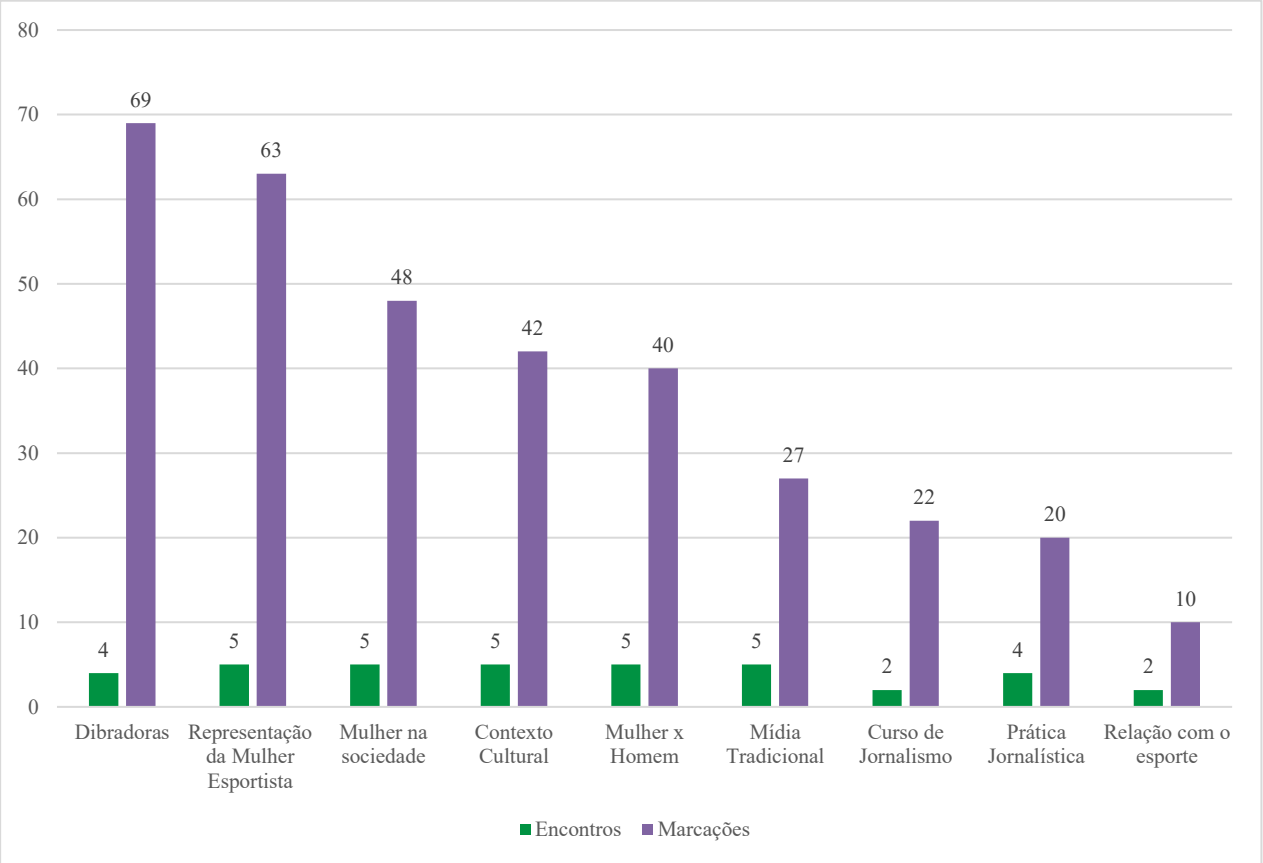
[145] O Apêndice K apresenta uma tabela com as 100 palavras e suas respectivas posições.

ao opinar sobre os textos jornalísticos, as jornalistas em formação associaram o processo mental cognitivo a um processo mental emotivo, sendo “gostar” o processo mais usado.

Assim, como realizado com as entrevistas, o material gerado nos encontros do grupo focal foi codificado no *software* NVivo. Após minuciosas e detalhadas leituras, os trechos foram agrupados de acordo com as macrotemáticas abordadas pelas integrantes do grupo focal.

O Gráfico 17, a seguir, apresenta as macrotemáticas e as suas ocorrências observadas no material coletado. A composição do gráfico segue os critérios destacados na descrição do Gráfico 15.

Gráfico 17 - Macrotemáticas verificadas nos encontros do grupo focal



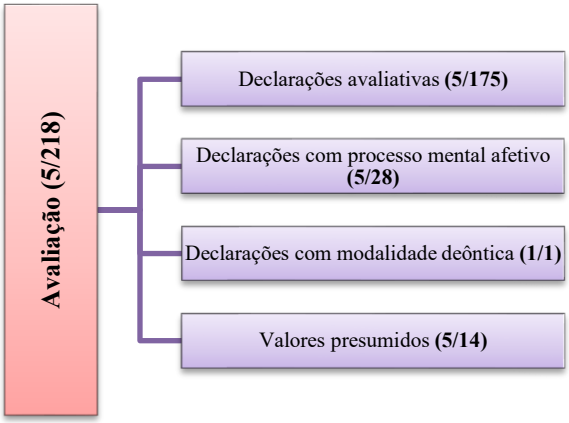
Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Os encontros tiveram como intuito investigar quais as representações que as leitoras construíam sobre a mulher esportista a partir dos textos do *corpus* e sobre o jornalismo esportivo feito por mulheres. Deste modo, as temáticas mais presentes foram Dibradoras, 69 marcações, e a representação da mulher esportista, com 63; a mulher na sociedade, 48, o contexto cultural, 42; a mulher *x* homem, 40; a mídia tradicional, 27; o curso de Jornalismo, 22; a prática jornalística, 20; e a relação com o esporte, 10; completam as principais macrotemáticas presentes nos encontros do grupo focal.

Assim como realizado na análise das entrevistas, associamos as macrotemáticas à categoria avaliação, ancorada nas quatro subcategorias apresentadas por Fairclough (2003). A escolha por esta associação justifica-se pelo fato de que a referida categoria se fez muito presente nas falas das participantes, mostrando-se em uma proeminente forma de análise para a compreensão das representações das mulheres esportivas construídas pelas jornalistas em formação sobre o jornalismo esportivo.

No Gráfico 18, a seguir, destacamos as marcações em nosso *corpus* referentes aos modos de avaliação presentes no material gerado pelo grupo focal. A construção do gráfico hierárquico segue os critérios revelados na descrição do Gráfico 16.

Gráfico 18 - Os modos de avaliação presentes nos encontros do grupo focal



Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

O Gráfico 18 destaca que as 218 avaliações presentes no material gerado pela realização do grupo focal dividem-se em 175 declarações avaliativas; 28 declarações com processo mental afetivo; 14 com valores presumidos e uma declaração com modalidade deôntica. Para a análise da categoria avaliação, realizamos um cruzamento com as macrotemáticas, conforme ilustra a Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Cruzamento entre o código macrotemáticas[146] e o código avaliação com seus subcódigos nos encontros do grupo focal

AVALIAÇÃO / MACROTEMÁTICA	Declarações avaliativas	Declarações com processo mental afetivo	Declarações com modalidade deôntica	Valores presumidos	Total de marcações
Dibradoras	53	7	-	-	60
Mulher na Sociedade	24	2	-	4	30
Mulher x Homem	28	-	1	1	30
Contexto Cultural	23	2	-	3	28
Representação da mulher esportista atrelada à/ao	25	-	-	1	26
✓ Fragilidade	2	-	-	-	2
✓ Homem/Masculinidade	7	-	-	-	7
✓ Humanização	2	-	-	-	2
✓ Luta/Superação	4	-	-	-	4
✓ Objeto/Sexualização	7	-	-	1	8
✓ Profissionalismo	4	-	-	-	4
Mídia Tradicional	16	1	-	3	20
Prática Jornalística	18	1	-	1	20
Relação com o esporte	5	9	-	-	14
Curso de Jornalismo	9	3	-	-	12

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos dados gerados pelo NVivo.

Como ilustra a Tabela 7, as declarações avaliativas predominam em todas as macrotemáticas, com exceção da relação com o esporte em que as declarações com processo mental afetivo se sobressaem, resultado idêntico ao verificado com o material referente às entrevistas. Notamos que o sítio Dibradoras, 60 avaliações, foi a que apresentou o maior número de avaliações. Na segunda posição, encontra-se a macrotemática sobre a presença da mulher na sociedade, com 30 avaliações. Na terceira, temos a dicotomia mulher *x* homem, com 30 avaliações. Na quarta posição, encontra-se a macrotemática do contexto cultural, com 28 avaliações. Em quinto lugar, com 26 marcações, estão as formas de representação da mulher esportiva na mídia esportiva. Em sexto, empatadas, com 20 avaliações, estão as macrotemáticas da mídia tradicional e da prática jornalística. Em sétimo lugar, temos a macrotemática acerca da relação das participantes com o esporte, com 14 avaliações. E, por último, figura-se o curso de Jornalismo, com 12 avaliações.

Assim como realizado na análise das entrevistas, nos próximos parágrafos destacamos SD para compreendermos como a categoria avaliação se fez presente nos encontros do grupo focal. Conforme vem sendo desenvolvido, as SD são apresentadas por meio de quadros, os quais são construídos em duas colunas: Sequência Discursiva e Modo de Avaliação, nomenclaturas já explicadas ao longo desta pesquisa. É importante destacar que as

[146] É importante destacar que na Tabela 7, o número de avaliações que envolvem as macrotemáticas é superior ao número total de avaliações expostas no Gráfico 18. Esta divergência deve-se em função de que uma mesma sequência discursiva avaliativa pode abordar mais de uma macrotemática. Além disto, é pertinente destacar que as macrotemáticas foram classificadas por trechos; enquanto a categoria avaliação refere-se às SD, por exemplo, um trecho codificado como um trecho do jornalismo esportivo pode apresentar várias declarações avaliativas.

macrotemáticas curso de Jornalismo e mídia tradicional não serão apresentadas em quadros separados. Ao longo de nossa análise percebemos que estas temáticas se relacionavam com outras macrotemáticas, assim para que a análise não ficasse repetitiva, optamos por abordá-las juntamente às demais macrotemáticas.

Nenhuma participante tinha conhecimento do veículo de comunicação Dibradoras, sendo o grupo focal o primeiro contato delas com a mídia. O sítio Dibradoras foi avaliado de forma positiva pelas integrantes do grupo focal, que também relacionaram as produções do veículo com as produções da mídia tradicional.

No Quadro 84, a seguir, destacamos SD acerca do sítio Dibradoras levantadas pelas estudantes em formação.

Quadro 84 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática Dibradoras presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 153: É, quando li, assim, eu nunca tive muita familiaridade com jornalismo esportivo, mas quando eu li a matéria, eu achei ela muito bem escrita, tipo, eu geralmente não entendo os termos e aí quando eu li, quando eu terminei de ler, tipo, eu entendi, sabe? **(Participante 08)**	Declarações avaliativas
SD 154: Eu também achei o texto muito democrático, assim, na forma como ele é escrito, como a história é contada e o que me parece é que ele não é escrito só para pessoas que consomem o esporte ou que consomem no blog ou que estão interessadas por futebol. **(Participante 09)**	
SD 155: Eu, particularmente, no geral, assim, [1] gostei bastante das matérias. Assim como as meninas falaram, [2] às vezes acontece alguma coisa que falta, como as falas e etc., mas, assim como as duas falaram, [2] comparando com vários outros veículos, vários outros sites, a gente percebe uma diferença absurda na abordagem. Assim como a Maria[147] falou na questão das fotos, do jeito que é abordado a mulher, no caso aqui, a gente tem ela *(sic)* como uma atleta mesmo, não puxa para outros ganchos [...]. **(Participante 05)**	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 153 apresenta a avaliação da Participante 08 acerca do Texto 01. A estudante destaca que não possui familiaridade com o jornalismo esportivo, pois encontra dificuldades na compreensão dos termos utilizados. No entanto, ao realizar a leitura do texto do Dibradoras, a participante afirma que entendeu o conteúdo e usa o epíteto "bem escrita" para avaliar positivamente a produção jornalística.

Também sobre o Texto 01, na SD 154, a participante 09 qualifica a produção por meio do epíteto "democrático", ou seja, uma produção acessível aos mais variados públicos. A avaliação da Participante 09 (SD 154) pode ser comprovada pela SD 153, já que a Participante 08 afirma que compreendeu o conteúdo produzido pelo sítio Dibradoras, apesar de não estar familiarizada com os termos das produções jornalísticas esportistas.

[147] Substituímos o nome original, pois ela referiu-se ao nome de umas das participantes. Conforme explicado na nota 142, em todas as substituições utilizamos o nome Maria.

As duas avaliações trazem em sua construção um recurso léxico-gramatical de intensificação. O elemento lexical “muito” é usado para intensificar os epítetos e Atributos destinados às produções jornalísticas, contribuindo assim de forma positiva para a caracterização do texto analisado.

A SD 155 inicia com uma declaração da Participante 05 sobre as produções analisadas com o processo mental afetivo “gostar” associado à circunstância de modo (grau) “bastante”, intensificando assim a afeição positiva que o sítio lhe despertou. No entanto, a estudante aborda uma ausência percebida nas produções analisadas: a intertextualidade em relação à voz feminina. Como mencionado na análise dos textos jornalísticos, os Textos 14 e 18 não apresentam as vozes das mulheres atletas; sendo as informações sobre elas apresentadas por outras pessoas e este fato foi destacado pelas participantes do grupo focal. O pai da boxeadora Beatriz, Sergipe, (Texto 14) e a jornalista autora do livro de Beth Gomes, Luciane Tonon, (Texto 18), foram os responsáveis pela articulação das informações sobre as mulheres atletas representadas no texto.

Pela SD 155, percebemos que a estudante destaca a ausência da voz da mulher esportista. No entanto, para ela, as produções do sítio, apesar desta ausência, ainda se sobressaem em relação às produções da mídia tradicional. A estudante faz uso de uma declaração avaliativa para destacar o diferencial das produções do sítio Dibradoras, visto que as matérias do veículo não representaram às mulheres esportistas brasileiras com itens lexicais ligados à sexualização do corpo feminino ou ao universo masculino, mas, sim, promovem a representação delas como atletas profissionais.

Ao analisar as reportagens do sítio Dibradoras, as participantes do grupo focal trouxeram para a discussão a presença da mulher e do homem no jornalismo esportivo. As entrevistadas observaram a dicotomia em relação à prática do esporte e às redações jornalísticas, conforme ilustra o Quadro 85, a seguir.

Quadro 85 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática mulher x homem presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 156: Porque acaba que até eu mesmo vejo mais matérias sobre esportes na modalidade masculina do que feminina. Então, ter a oportunidade de ver e analisar essas matérias, achei muito incrível. **(Participante 03)**	Declarações avaliativas
SD 157: Acho que para uma mulher ser, por exemplo, tão reconhecida quanto o Pelé, que na verdade [1] acho que é uma coisa impossível, mas, por exemplo, vamos pegar um nome muito conhecido, a Marta, [2] ela tem que se esforçar muito mais, tipo assim, ela tem que se destacar muito mais para ela ser extremamente conhecida do que outros homens que estão em outras modalidades, em outros esportes. **(Participante 01)**	[1] Declaração avaliativa [2] Declaração como modalidade deôntica

SD 158: Visibilidade mesmo, por exemplo, desde que eu me entendo por gente, eu sei quem é o Pelé, eu sei quem é o Guga, eu sei quem é o Senna e grandes representantes masculinos de seus devidos esportes. Mas, sei lá, a grande figura, por exemplo, da Marta, eu acho que eu fui conhecer quem era a Marta quando o Brasil sediou a Copa. Então, assim, não sei, eu acho que é realmente a visibilidade, né? É o Pelé, é o Senna que você tem estampado em muros escolares, você tem personagens infantis referentes a eles, como o Senninha, como até o Ronaldinho tem o seu personagem na Turma da Mônica. Então, desde criança você tem contato com eles na própria mídia, na grande mídia cultural. **(Participante 04)**	Declarações avaliativas
SD 159: E essa é minha maior visão mesmo, por mais que a gente esteja ganhando muito espaço, ainda é pouco para o que as mulheres merecem ganhar, porque a gente tem qualidade e, às vezes, ainda é muito melhor do que muito homem que tem oportunidade melhor. **(Participante 07)**	Declarações avaliativas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A SD 156 destaca o predomínio das modalidades masculinas nos veículos de comunicação; a Participante 03 admite que acompanha mais as atividades masculinas do que as femininas. No entanto, após ter contato com as produções do sítio Dibradoras, a estudante avalia positivamente a experiência. A participante utiliza o epíteto "incrível" com o acréscimo do elemento lexical "muito" para destacar positivamente a experiência de acompanhar as produções voltadas ao universo feminino. Assim, o predomínio das modalidades masculinas nas mídias tradicionais faz com que as atividades praticadas pelos homens apresentem maior destaque e, por consequência, um maior consumo em nossa sociedade. Esta observação também foi apresentada pelas entrevistadas conforme ilustrado no Quadro 78.

As participantes também destacaram que, em nossa sociedade, a mulher mesmo apresentando um desempenho superior ao do homem, não possui o mesmo reconhecimento do que ele. Para exemplificar a afirmação, a Participante 01 faz uma comparação entre os jogadores Pelé[148] e Marta (SD 157). A estudante utiliza o Atributo "impossível" para ilustrar que a equidade entre as mulheres e os homens não deve se concretizar, perpetuando assim a supremacia masculina no universo esportivo.

A questão da equidade de gêneros é ilustrada na SD 158 que foi proferida após o pedido de que as participantes dissessem quem elas destacavam como o maior nome do esporte brasileiro. Após todas as integrantes do grupo focal lembrarem de nomes de atletas masculinos, a Participante 04 avalia que a visibilidade é uma das responsáveis por esta discrepância entre as mulheres e os homens.

A diferença de tratamento entre mulheres e homens vai para além das práticas esportistas. As participantes destacaram as diferenças nas redações jornalísticas; tema também

[148] Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, foi um futebolista brasileiro que atuou como atacante, é chamado de "Rei do Futebol". Considerado o maior atleta de todos os tempos, Pelé faleceu em 29 de dezembro de 2023, aos 82 anos de idade (Pelé, 2024, s.p.).

abordado pelas jornalistas entrevistadas (SD 117, 118 e 119 no Quadro 77 e SD 131 no Quadro 79). A Participante 06 (SD 159) acredita que as mulheres conquistaram espaços importantes, mas que ainda há uma maior valorização do trabalho masculino, posicionamento semelhante a uma das entrevistadas (SD 131, Quadro 79)

Ao discutirem as questões de gênero, as integrantes do grupo focal refletiram sobre a presença da mulher no universo esportivo. Para as estudantes, o que acontece com a mulher no esporte é um reflexo de nossa sociedade, conforme ilustram as SD do Quadro 86.

Quadro 86 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática mulher na sociedade presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 160: E que é muito difícil a gente encontrar espaço para a mulher dentro da história também, principalmente quando a gente fala de esporte. **(Participante 05)**	Declarações avaliativas
SD 161: E, em relação ao papel da mulher, eu acredito que ainda é muito desfalcado, principalmente quando a gente para para pensar, quando a gente pensa em atletas, a gente, vai vir nomes masculinos vindo à cabeça e, assim como jornalistas, comentaristas também, é o que a gente remete primeiro, que mostra que papel da mulher dentro desses dois lugares, ainda, é muito pequeno, é desfalcado [...]. **(Participante 09)**	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para a Participante 05, o universo esportivo intensifica esta ausência da mulher (SD 160), a qual é caracterizada na SD 161, pela Participante 09. Ao usar as orações relacionais atributivas, "é desfalcado", "é pequeno", a estudante apresenta a necessidade de uma maior presença feminina nas atividades esportivas.

O papel da mulher em nossa sociedade é o reflexo do contexto cultural no qual estamos inseridos. A restrição ao esporte deve-se ao fato de associarmos determinadas modalidades aos homens. O Quadro 87, a seguir, ilustra esta divisão entre esportes femininos e masculinos por causa do contexto cultural.

Quadro 87 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática contexto cultural presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 162: Bom, eu ia falar que assim, eu acho que é muito o esporte, ele vem muito de criação. Por exemplo, o futebol geralmente o pai colocou, sempre quis ser um jogador, aí não deu certo, geralmente o filho nasce e fala "Nossa, eu vou colocar meu filho para jogar futebol". Enfim, isso é uma coisa, eu acho que muito de criação, que é um machismo, que, enfim, tem na sociedade. Mas uma coisa que eu percebo é que, por exemplo, o vôlei, como a Maria[149] falou, ele é um esporte visto mais como feminino e é difícil você ver, por exemplo, um pai e uma mãe, quando uma criança, quando tá criando, a criança tá se desenvolvendo, por exemplo, o filho é alto, falar: "Ah, vou colocar ele num vôlei", geralmente eles vão para o basquete, que é um esporte mais masculino. **(Participante 03)**	Declarações avaliativas
SD 163: [1] Têm alguns esportes que são vistos como mais masculinos, às vezes, esportes que, às vezes, tem mais contato físico mesmo ou alguns esportes, as pessoas acham que vai	[1] Declaração avaliativa

[149] Idem nota 147.

até masculinizar a mulher, por exemplo, a musculação. Assim, eu vejo, falando um pouquinho como profissional e se eu estiver fugindo você pode me puxar. Por exemplo, é [2] muito mais fácil a gente conseguir trabalhar na academia, por exemplo, em uma aula de ginástica, por exemplo, dar aula de ginástica do que você ser um personal, por exemplo, na musculação. **(Participante 02)**	[2] Valor presumido

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A Participante 03 ilustra a divisão dos esportes entre modalidades femininas e masculinas; enquanto futebol e basquete são relacionados aos meninos, o vôlei é associado às meninas. De acordo com Goellner (2010, p.81), "como o esporte é Identificado como uma prática viril, quando as meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento mais agressivo para o jogo, muitas vezes, sua feminilidade é colocada em suspeição".

Como apresentado na seção 3, determinadas modalidades foram proibidas à prática feminina por meio do Decreto-Lei 3.199 de 1941. A proibição permaneceu em vigor até o ano de 1979, mas ainda podemos perceber os vestígios desta divisão de modalidades com base no gênero. A Participante 02 (SD 163) ilustra uma experiência. Formanda em Educação Física (o curso de Jornalismo é a segunda graduação), a estudante destaca que em sua profissão de educadora física é mais fácil conseguir espaço para ministrar aulas de ginástica do que acompanhar um treino de musculação, já que este está associado à força, característica culturalmente destinada aos homens.

A associação entre os gêneros também foi percebida nas análises dos textos jornalísticos e das entrevistas, visto que quando o assunto era o futebol e o boxe uma figura masculina se fazia presente. Assim, passados 45 anos da queda da proibição, ainda vivemos os vestígios de que as modalidades esportistas devem ser praticadas de acordo com o gênero, reforçando uma segregação em que "meninos vestem azul e meninas vestem rosa[150]", em pleno século XXI.

Contextualizar a presença da mulher em nossa sociedade, em especial, no âmbito esportivo, foi importante para as participantes destacarem as formas de representação da mulher esportista brasileira encontradas nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras e na mídia tradicional.

Durante a realização do grupo focal, as participantes destacaram a representação da mulher esportista brasileira atrelada a seis situações, a saber, à fragilidade (SD 164); ao homem/masculinidade (SD 165 e 166); a objeto/sexualização (SD 167); à humanização (SD

[150] Frase proferida pela então ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, do governo de Jair Bolsonaro, a advogada e pastora evangélica, Damares Alves, durante um vídeo publicado nas redes sociais em janeiro de 2019 (Em vídeo, 2019, s.p.).

168); à luta/superação (SD 169); e ao profissionalismo (SD 170 e 155 no Quadro 84); conforme ilustra o Quadro 88, a seguir.

Quadro 88 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática representação da mulher esportista brasileira presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 164: Bom, eu acompanhava bastante, não o boxe em específico, o UFC, tanto o masculino quanto feminino. E eu acho que tem um grande ponto nisso tudo, que a mulher é muito vista como fraca, geralmente como um sexo mais frágil. **(Participante 03)**	Declarações avaliativas
SD 165: Vou dar um exemplo aqui, que eu acho que eu e a Maria[151] temos mais contato, já que é um esporte que a gente acompanha, que são as próprias *wags*[152] dos pilotos de Fórmula 1, que são as esposas e as namoradas. É muito comum você achar fã clubes e pessoas que são obcecadas por elas, pela internet, mas quando você vai falar dos nomes femininos que, você, têm ali dentro do esporte, elas não são tão populares assim. **(Participante 04)**	
SD 166: [...] depois eu vi algumas pessoas comentando sobre a comparação das mulheres com os homens, tipo, por exemplo, quando vão elogiar um homem fala: "Ah, ele é muito bom", "Não sei o quê", "Ele é genial", mas quando vão elogiar as mulheres, fala, por exemplo, "A fulana, ela é igual o João", "Carol é tão boa quanto o Mateus", e assim vai, sabe? tipo, desmerecendo a própria habilidade dela e colocando um homem como parâmetro, eu diria. **(Participante 05)**	
SD 167: Por exemplo, acho que fala-se, assim, mais assim do corpo, por exemplo, das mulheres também, criticam-se mais ou então muitas vezes não se fala da prática esportiva dela, estão ali falando é do corpo. **(Participante 02)**	Valores presumidos
SD 168: Eu acho que aqui a gente observa muito ela como sujeito da ação, até porque traz a trajetória dela, o que ela tem vivido hoje em dia, as chances que ela teve. Enfim, eu acho que aqui é muito mais humanizado do que seria alguma outra reportagem que a gente poderia encontrar. **(Participante 06)**	Declarações avaliativas
SD 169: Mostra um grande esforço, fala que a intensidade dos treinos dela, que ela treina basicamente todos os dias da semana, fala de toda a preparação especial que ela também tem. Então, eu acho que é isso, mostra ela como uma pessoa muito esforçada, muito dedicada. **(Participante 09)**	
SD 170: [...] mas comparado às outras que a gente geralmente vê na mídia, eu acho que ela trouxe muito a mulher realmente como atleta, sem uma sexualização, sem colocar ela num lugar também de família, mas sim, realmente, como o esporte que ela pratica. Esta é a minha percepção. **(Participante 03)**	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As SD 164, 165 e 166 apresentam as representações da mulher esportista nos veículos tradicionais; enquanto as SD 167, 168, 169 e 170 destacam as representações percebidas nas produções do sítio Dibradoras. Na mídia tradicional, as jornalistas em formação destacam a representação associada à fragilidade, ao homem e à objetificação do corpo feminino. Estas formas de representação não foram verificadas em nenhum dos textos do sítio Dibradoras

[151] Idem nota 146.

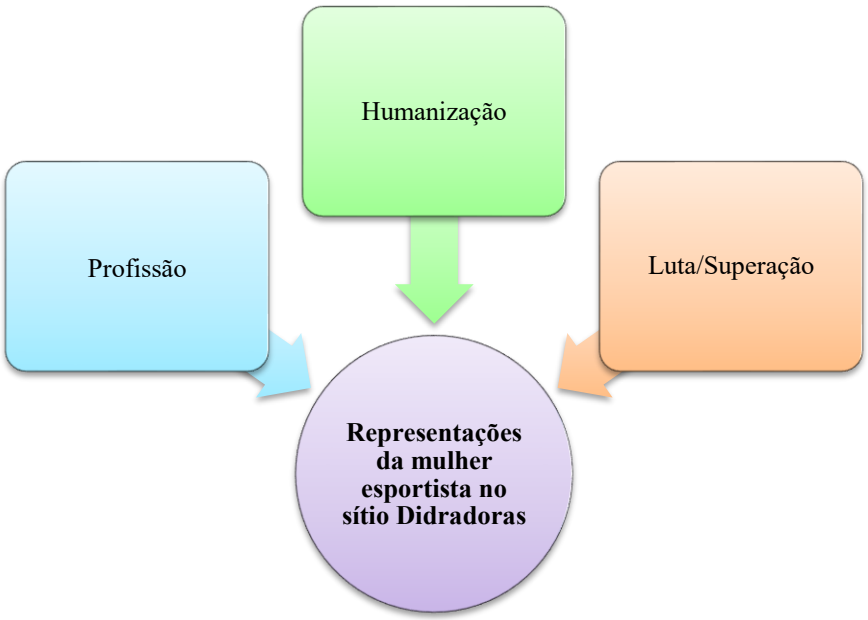
[152] Abreviação do termo em inglês "*wife or girfriend"*. A sigla WAGs (ou Wags) é usada para se referir a esposas e namoradas de esportistas de alto nível. O termo "entrou em uso comum durante a Copa do Mundo FIFA de 2006 para se referir a Victoria Beckham [esposa do jogador da seleção inglesa David Beckham] e Cheryl Cole [então esposa do também jogador inglês Ashley Cole]" (Wags, 2024, s.p.).

durante os encontros do grupo focal, mas foram mencionadas pelas participantes ao compararem os textos analisados com o que é reproduzido na mídia tradicional.

É importante destacar que em relação à associação da representação da mulher a uma figura masculina, as participantes destacaram duas formas de representações. A primeira (SD 165) aborda a representação da mulher que não é esportista, e que, na visão das participantes, possuem mais destaque que as próprias mulheres praticantes da modalidade; enfatizando assim que a mulher no esporte, no automobilismo em questão, possui mais destaque quando não é a atleta. Já a segunda forma (SD 166) acontece quando a mulher pratica uma modalidade a qual é mais associada ao homem, como, por exemplo, o boxe ou futebol. A Participante 05 destaca que nestas modalidades é comum a representação da mulher estar ligada a um homem, pois quando a mulher possui talento é comum associá-la a um homem.

Ao analisarem as produções selecionadas do sítio Dibradoras, as estudantes destacaram a representação da mulher associada à humanização, à luta/superação e ao profissionalismo, conforme ilustra a Figura 46, a seguir.

Figura 46 - As representações das mulheres esportistas brasileiras nas produções do sítio Dibradoras elencadas pelas participantes do grupo focal



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Para as participantes, uma representação associada à humanização (SD 167) aborda a mulher enquanto sujeito e destaca as ações dela dentro do esporte. Como exemplo desta forma

de representação, as participantes destacaram o Texto 12, que traz a história da jogadora de vôlei Carol Gattaz.

A representação associada à luta/superação destaca os desafios vencidos pelas mulheres para terem um espaço de destaque no ambiente esportivo. A SD 168 ilustra este tipo de representação percebido no Texto 18, com a paratleta Beth Gomes.

A representação da mulher esportista atrelada ao profissionalismo apresenta a mulher como uma profissional do esporte, sem que o foco da representação recaia sobre a vida pessoal dela ou sobre uma relação que ela tenha com algum homem.

Em suma, as participantes do grupo focal elencaram três formas de representação da mulher esportista construídas no sítio Dibradoras, sendo a representação atrelada à luta/superação a mais presente nos textos jornalísticos. Este fato justifica-se por causa da presença do discurso da emoção presentes nos textos jornalísticos, conforme mencionamos na subseção 5.1.

Ao destacarem a representação da mulher esportista brasileira, as participantes do grupo focal abordaram a prática jornalística. As discentes enfatizaram a prática desenvolvida pelo sítio Dibradoras (SD 171), a prática de um veículo de comunicação tradicional (SD 172) e a prática jornalística desenvolvida por elas no curso de Jornalismo (SD 173 e SD 174), conforme destacado no Quadro 89.

Quadro 89 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática prática jornalística presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 171: Eu acho que assim, por ser mulher, a escritora, quem fez essa matéria já, tem uma bagagem enorme de situações que aconteceram com ela, o que faz escrever de uma forma mais empática. Acredito que se um homem escrevesse esse texto, não seria assim de uma forma tão aproximada, sabe? **(Participante 06)**	Declarações avaliativas
SD 172: Que eu me lembre assim, não. Porque primeiro que dificilmente as mulheres atletas, dificilmente, têm visibilidade, e são poucas as vezes que se aprofundam mais ainda em toda a trajetória, no máximo, apenas vou falar, ganhou o ouro ali na Olimpíada e aí é isso, dificilmente ele se aprofunda. **(Participante 05)**	
SD 173: [1] Inclusive eu que não tinha interesse nenhum na área, aí quando começou o semestre, a gente teve apresentação de projeto e aí apresentaram o Arq para a gente, aí eu falei: "Ah, parece interessante, mas eu não tenho interesse em jornalismo esportivo", mas eu não estava em nenhum projeto, falei: "Ah, vou entrar", [1] parecia que era a coisa mais prática que a gente teria agora no primeiro período, que a gente teria a oportunidade de exercer alguma coisa, né? E aí eu entrei, aí [2] eu fiquei apaixonada pelo projeto, eu gosto muito. **(Participante 01)**	[1] Declaração avaliativa [2] Declaração com processo mental afetivo
SD 174: [1] Eu me sentia muito desconfortável tendo que entrevistar os atletas, porque [2] parecia que eles não se esforçavam entre aspas, tanto para me dar a entrevista quanto para os meus colegas que eram homens. **(Participante 04)**	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na SD 171 percebemos que as estudantes de Jornalismo acreditam que quando a prática jornalística é desenvolvida por uma mulher, o texto torna-se mais empático, já que as experiências vividas pelas mulheres jornalistas refletem na construção de um texto que tem como objetivo destacar a mulher esportista.

Em relação aos veículos midiáticos tradicionais (SD 172), as discentes acreditam que a prática jornalística dedicada à mulher esportista foca, principalmente, os resultados, não abordando o dia a dia da profissão. Na visão delas, as produções do sítio Dibradoras diferenciam-se da mídia tradicional neste quesito, já que os textos analisados apresentaram a mulher esportista para além dos resultados conquistados nos jogos olímpicos.

Apesar de não estarem no mercado de trabalho, as participantes do grupo focal já realizaram algumas atividades relacionadas à prática jornalística direcionada ao esporte, conforme ilustram as SD 173 e 174. Na SD 173, a Participante 01 enfatiza, que apesar de não almejar trabalhar com o jornalismo esportivo, ao ingressar no curso teve conhecimento do projeto de extensão Arquibancada UFU[153] e viu a possibilidade de exercer a prática jornalística. A estudante avalia positivamente a experiência, a qual outras cinco participantes do grupo focal também fazem parte.

No entanto, a prática jornalística com foco no esporte apresenta barreiras e que já foi presenciado pelas estudantes de Jornalismo (SD 174). A participante 04 relembra uma cobertura em que percebeu a falta de empatia do entrevistado pelo fato dela ser mulher, situação também vivida pelas jornalistas autoras dos textos do sítio Dibradoras, conforme ilustramos com as SD 117 a 119 (Quadro 77) e SD 123 (Quadro 78).

Finalizando a análise da categoria avaliação acerca das macrotemáticas presentes nos encontros do grupo focal, abordamos a relação das participantes com o esporte. Nesta temática as declarações avaliativas com processo mental afetivo foram o recurso mais abordado pelas estudantes de Jornalismo.

Quadro 90 - Os modos de avaliação acerca da macrotemática relação com o esporte presentes no grupo focal

SEQUÊNCIA DISCURSIVA	MODO DE AVALIAÇÃO
SD 175: Enquanto profissional de educação física, [1] eu percebo também que assim, as mulheres, elas enfrentam obstáculos, acho que em todas as áreas por serem mulheres. Então, [1] eu acho que na questão da educação física e no esporte não seria diferente. Eu atuo nas duas áreas, de educação física e nutrição. [2] Eu sinto uma certa diferença, assim, na	[1] Declaração avaliativa

[153] O Arquibancada UFU (ARQ UFU) é um Projeto de Extensão da UFU que realiza coberturas de eventos esportivos universitários. O projeto foi criado em 2016 por cinco discentes do curso de Jornalismo UFU, sob a orientação do professor doutor Rafael Duarte Oliveira Venâncio. O ARQ UFU tem por objetivo permitir aos estudantes um espaço de formação e prática jornalística para aqueles que se interessam pelo jornalismo esportivo (Arquibancada UFU, 2016, s.p.).

educação física, mesmo assim, em relação às mulheres, assim não só na questão é do jornalismo esportivo, que para mim é mais novo assim, mas também é na prática esportiva no geral, de profissionais de educação física também, [2] eu sinto muito mais resistência assim do que na nutrição, por exemplo, que a nutrição é um curso muito mais feminino. **(Participante 02)**	[2] Declaração com processo mental afetivo
SD 176: Eu [1] gosto muito de esporte, antes mesmo de entrar na faculdade. E aí eu [1] me apaixonei por Fórmula 1 e falava: "Nossa, não vou correr, né? [2] Porque agora é muito dinheiro, muito difícil". Então, o que é que eu vou fazer, tipo o que é que eu conseguia trabalhar na área e aí tinha o jornalismo. **(Participante 03)**	[1] Declaração com processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa
SD 177: Eu não sou dos esportes, o único que eu acompanho é a Fórmula 1, é o único que eu tenho familiaridade e sei realmente falar o que acontece. **(Participante 04)**	Declarações avaliativas
SD 178: E, eu desde criança sempre gostei de esportes assim no geral. **(Participante 05)**	Declaração com processo mental afetivo
SD 179: E aí, quando vi o seu projeto, obviamente eu fiquei bastante interessada, até porque isso é uma forma de mostrar as mulheres entrando nesse meio e aí eu resolvi participar, [1] mas não é muito a minha área. Então, [1] não tenho assim um conhecimento muito grande sobre, [2] eu só gosto de ver as pessoas falando mesmo. **(Participante 06)**	[1] Declaração avaliativa [2] Declaração com processo mental afetivo
SD 180: Ela [avó] é muito palmeirense e ela foi o motivo pelo qual eu virei palmeirense também, que esse time é a minha vida e eu amo o futebol de paixão. **(Participante 07)**	Declaração com processo mental afetivo
SD 181: [1] Eu gosto bastante, [2] assisto bastante futebol, [2] assisto muito basquete também. **(Participante 09)**	[1] Declaração processo mental afetivo [2] Declaração avaliativa

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Quadro 90 revela que a maior parte das participantes do grupo focal possui interesse pelo universo esportivo. Os processos mentais afetivos, "gostar" (SD 176, 178, 179 e 181); "amar" (SD 180); "apaixonar" (SD 176); e "sentir" (SD 175), são usados para destacar o envolvimento delas com o esporte. Já as Participantes 01 (SD 173, Quadro 89), 04 (SD 177); e 08 (SD 153, Quadro 84) não compartilham da mesma intensidade afetiva pelo esporte, mas se demonstram abertas ao universo esportivo.

O uso dos processos mentais afetivos demonstra que o esporte é atrelado ao afeto/emoção, sendo o futebol, assim como percebido na análise das entrevistas (SD 145, 146 e 148, Quadro 82), o esporte que mais se faz presente.

Para encerrarmos a nossa análise discursiva, na subseção 5.4, a seguir, dedicamos a triangulação dos dados apresentados até o presente momento.

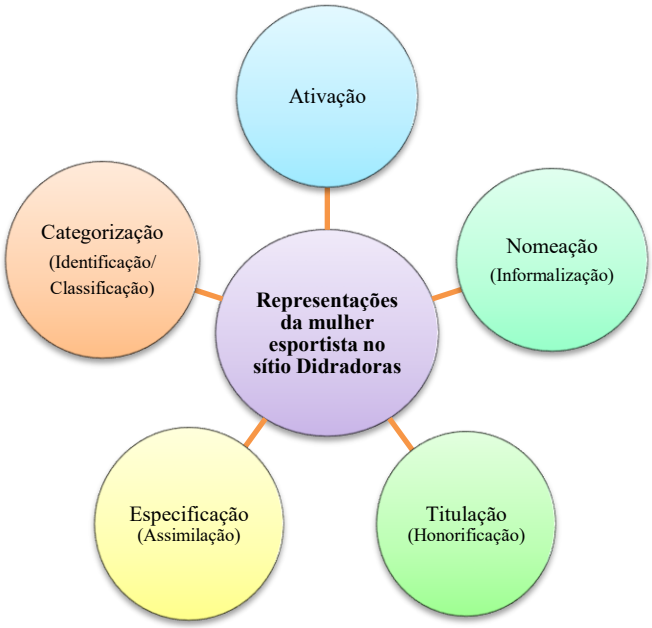
5.4 Triangulação: a presença da mulher como tema, autoria e leitora no jornalismo esportivo

Segundo Fairclough (2003), os textos possuem efeitos sociais e causais. Assim, as produções jornalísticas do sítio Dibradoras, ao recontextualizarem a prática da atividade esportiva feminina, constroem representações das mulheres esportistas brasileiras que promovem a divulgação do protagonismo feminino e induzem uma mudança social em nosso contexto cultural no que diz respeito à posição da mulher no ambiente esportivo.

A análise das categorias propostas pela teoria da representação de atores sociais de van Leeuwen (2008) indicou a presença de itens léxico-gramaticais que associam as mulheres esportistas a elementos que as apresentam como as principais participantes sociais das práticas recontextualizadas. Van Leeuwen (2008) observa que, ao recontextualizar uma prática social, é possível dar mais ou menos visibilidade aos elementos constitutivos dessa prática social. Os textos jornalísticos analisados constroem a visibilidade da mulher esportista. As entrevistas com jornalistas e as análises do grupo focal também confirmam a mulher esportista como a principal participante social nos textos analisados.

A Figura 47, a seguir, ilustra as principais categorias da representação de atores sociais presentes nos textos jornalísticos analisados que contribuem para a representação da mulher esportista brasileira com a principal participante social dos textos jornalísticos.

Figura 47 - Principais formas de representações das mulheres esportistas brasileiras como participante social nas produções do sítio Dibradoras



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos textos jornalísticos, a representação da mulher esportista de forma ativa deu-se pela representação dela como a principal participante dos processos. Nas construções das orações

com base no sistema de transitividade (Halliday; Matthiessen, 2004), a mulher assume a função de Ator (processos materiais); Portador ou Identificado (processos relacionais); Experienciador (processos mentais) e Dizente (processos verbais). A associação das mulheres esportistas, principalmente, como Portador ou Identificado, foi um dos principais recursos para a construção do discurso histórico, pois por meio da identificação e/ou caracterização temos a compreensão das conquistas das mulheres no universo esportivo.

Ao recorrer à categoria nomeação para representar as mulheres esportistas brasileiras, as produções analisadas corroboram a visibilidade da mulher no ambiente esportivo. Conforme apresenta Rajagopalan (2003, p. 82), o ato de nomear tem relação com o poder, já que os "os nomes não passam de meras 'etiquetas' Identificadoras de objetos". Ao enfatizarem a nomeação, as jornalistas identificam socialmente as mulheres atletas, colocando-as em destaque; além de promover o registro dos nomes femininos na história da imprensa esportiva brasileira.

Em nossa análise, o predomínio de termos associados às funções das mulheres como atletas revela que as principais participantes sociais das práticas recontextualizadas pelo sítio são as mulheres praticantes das modalidades. Deste modo, percebemos que a inserção da mulher em funções para além de competidora ainda é escassa, assim como a representação da mulher relacionada à maternidade. Além disso, percebemos que a maioria das atletas abordadas nos textos são representadas por algum tipo de honorificação, ou seja, os resultados são um dos critérios de noticiabilidade utilizados pelo sítio para a seleção das mulheres esportistas que são as personagens das produções jornalísticas.

Nas produções analisadas, a representação de atores sociais (van Leeuwen, 2008) por meio da subcategoria identificação direcionada para a identificação física não enfatizou os Atributos físicos das mulheres com o intuito de enaltecer a beleza; a identificação física, além de pouco presente, foi utilizada apenas quando influenciava alguma ação da prática esportiva, fato avaliado positivamente pelas participantes do grupo focal.

A partir da leitura dos textos jornalísticos selecionados, as participantes do grupo focal identificaram três formas de representação das mulheres esportistas brasileiras presentes nas produções do sítio Dibradoras, a saber, as representações construídas com foco na profissão, na luta/superação e na humanização.

A representação da luta/superação foi proporcionada, principalmente, pela articulação das vozes femininas nas produções textuais. Como apresentado por Fairclough (2003), na produção de uma notícia, o(a) jornalista tem o privilégio de decidir quais as vozes serão

representadas no discurso da mídia. Ao privilegiarem a inserção das vozes das mulheres atletas, 75 por discurso direto, 21 por discurso indireto e 2 por relato de ato de fala, as jornalistas direcionam o destaque a elas e nos mostram as histórias sendo contadas a partir da perspectiva feminina, algo ainda raro no jornalismo esportivo tradicional. As falas das mulheres atletas são usadas para exemplificar a relação delas com o esporte, a preparação para os jogos e a avaliação dos resultados. Já a crítica ao diferente modo de tratamento entre as modalidades feminina e masculina é percebida somente pelas falas das ex-jogadoras e das mulheres que estão fora das competições.

A presença da voz feminina é tão característica das produções do sítio que nos textos em que ela não se faz presente, Texto 14 e Texto 18, houve um estranhamento por parte das participantes do grupo focal durante as análises. As estudantes apontaram como ponto negativo das produções a ausência da articulação de uma voz feminina como forma de representações de discurso. A voz feminina como fio condutor para a apresentação da prática esportiva feminina é essencial para a construção das representações da mulher como participante social da prática esportiva; além de ser um meio em que os discursos das mulheres esportistas são propagados em sua fidelidade.

É importante frisar que a voz masculina articulada por meio do discurso direto e indireto, apesar de pouco presente, não apresentou declarações negativas acerca das mulheres. As vozes masculinas inseridas têm em comum o fato de avaliarem a performance das atletas de forma positiva e/ou destacarem as contribuições deles para o crescimento das mulheres na competição, contribuindo assim para a construção da representação da mulher esportista com um ser resiliente

Fairclough (2001) argumenta que combinar intertextualidade com o conceito de hegemonia é um caminho produtivo.

> Não só se pode mapear as possibilidades e as limitações para os processos intertextuais dentro de hegemonias particulares e estados de luta hegemônica, mas também conceituar processos intertextuais e processos de contestação e reestruturação de ordens de discurso como processos de luta hegemônica na esfera do discurso, que têm efeitos sobre a luta hegemônica, assim como são afetados por ela no sentido mais amplo (Fairclough, 2001, p.135)

Fairclough (2003) destaca que, muitas vezes, a escolha de qual(is) voz(es) é/são inserida(s) em um texto pauta-se, de uma forma disfarçada, na manutenção da hegemonia predominante. Partindo desta proposição, percebemos que o sítio Dibradoras tenta promover uma ruptura na hegemonia do jornalismo esportivo tradicional ao trazer a articulação das vozes

femininas e por ser um jornalismo feito por mulheres e sobre as mulheres no esporte. Como demonstramos ao longo desta pesquisa, a hegemonia no jornalismo esportivo consiste no predomínio das atividades masculinas tendo a figura do homem como o principal ator social da prática social.

Para desconstruir esta hegemonia, os textos do sítio Dibradoras têm a preocupação de desassociar a imagem da mulher a uma figura masculina ou a um objeto de desejo masculino. A luta contra a hegemonia foi um dos principais pontos abordados pelas jornalistas durante as entrevistas sobre a avaliação das práticas sociais desenvolvidas por elas. Além disso, as integrantes do grupo focal também destacaram a importância de a representação da mulher esportista brasileira não ser atrelada a estes elementos.

A representação da mulher esportista pautada na luta/superação é construída, principalmente, a partir dos discursos de superação e emoção. Por meio do discurso da superação articulado, principalmente, pela voz das mulheres atletas, foram apresentados desafios vivenciados por elas, relacionados tanto a questões profissionais quanto pessoais, sendo estas em menor frequência. Pelo discurso da superação percebemos a construção da representação da mulher esportista brasileira como um ser que não se deixa abalar pelos desafios e que está em constante busca por melhores resultados. Com isto, notamos a construção de uma representação pautada no heroísmo, em que as atletas são representadas como guerreiras e que não se deixaram abater, apesar das adversidades enfrentadas ao longo do percurso.

Além disso, como observado pelas participantes do grupo focal, ao destacar a emoção e a superação, os textos do sítio Dibradoras promovem uma representação humanizada da mulher dentro do esporte. Assim, os trechos com discurso de emoção possibilitam a construção de uma representação das mulheres esportistas de uma forma mais humanizada, deixando de lado a ideia de que um(a) atleta de alto rendimento não pode expressar as emoções.

Em relação aos demais discursos articulados nos textos, percebemos que a luta feminista, destacada pelas jornalistas nas entrevistas, é reproduzida nos textos jornalísticos. Em sua pesquisa de comparação entre as produções dos sítios Globoesporte.com e Dibradoras na cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2019, Gonçalves (2020, p. 152) afirma que a mídia alternativa apresenta a tendência de construir "narrativas mais críticas que tendem a não reforçar estereótipos femininos". Nossa pesquisa endossa a visão destacada pela pesquisadora, visto que percebemos nos textos jornalísticos a preocupação da não reprodução dos estereótipos femininos presentes na mídia tradicional. Este fato também foi destacado pelas participantes do

grupo focal que avaliaram positivamente as representações femininas construídas nas produções.

Na mídia tradicional, a invisibilidade da mulher no esporte contribui para a perpetuação da ideia de que ela não se interessa ou não pratica atividades esportivas. A presença do discurso histórico, principalmente pelas vozes das jornalistas, para destacar os fatos históricos da luta feminina por mais espaços dentro do esporte também demonstra ao(à) leitor(a) as diversas barreiras enfrentadas pelas mulheres esportistas brasileiras, promovendo assim a valorização de cada conquista feminina e possibilitando um conhecimento do contexto cultural do nosso país acerca da presença da mulher no esporte.

De acordo com as entrevistadas, os textos jornalísticos do sítio Dibradoras ao registrarem a presença das mulheres no ambiente esportivo se constituiu em uma importante ferramenta para a ruptura da invisibilidade feminina. Sobre esta questão, Firmino (2021), na construção de uma lista com 20 princípios que compõem o mapa cultural do esporte ressignificado destaque que "os esportes femininos precisam de narrativas de mais profundidade – baseadas em pesquisas, resgate histórico e entrevistas – para que as personagens ignoradas ou diminuídas ao longo da História sejam reconhecidas" (Firmino, 2021, p. 282), movimento que o sítio Dibradoras se propõem a desenvolver em suas produções jornalísticas.

A avaliação, categoria analisada nos três *corpora*, ressaltou positivamente as características das mulheres esportistas, sem associá-las ao conceito de fragilidade. Como escreveu Simone de Beauvoir no segundo volume de sua obra mais famosa, O Segundo Sexo, "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 2016, p.11). Em nossa análise, percebemos que não se nasce uma mulher esportista, a mulher torna-se uma esportista a partir de muita luta, dedicação, comprometimento e, acima de tudo, de muita resiliência para se manter em espaços que historicamente foram negados às mulheres.

Em 2020 uma pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da Organização das Nações Unidas (ONU), revelou um crescimento na avaliação negativa das mulheres em nossa sociedade. "A fatia de homens e mulheres com algum tipo de visão negativa sobre as mulheres aumentou nos últimos anos: entre elas, o percentual saltou de 57% para 60% e, entre eles, de 70% para 71%" (Ruic, 2020, s.p), fato que não se fez presente em nenhum dos nossos *corpora*, já que não percebemos avaliações negativas acerca da presença da mulher no universo esportivo.

Nos textos jornalísticos, as vozes das jornalistas, a avaliação, principalmente, por meio das declarações avaliativas, enfatizou a competitividade das mulheres, destacou a trajetória de

luta delas para se firmarem no mundo esportivo e enalteceu as performances das atletas femininas durante os Jogos Olímpicos de Tóquio. Por se tratar de textos com foco na maior competição esportiva do mundo, Jogos Olímpicos, percebemos que as avaliações buscam enaltecer os resultados alcançados pelas mulheres esportistas brasileiras, desde a presença feminina em uma determinada modalidade até a conquista de uma medalha.

A análise da categoria avaliação presente nas entrevistas com as jornalistas do sítio Dibradoras e nos encontros do grupo focal com as estudantes de jornalismo, revelou também como estas mulheres avaliam a posição da mulher em nossa sociedade. Firmino (2021, p. 286) destaca que as situações "mudam o tempo todo e se desdobram em outras cada vez que mulheres atualizam sua compreensão sobre qual espaço querem (e podem) ocupar no mundo". Apesar de estarem em momentos diferentes, por meio das declarações avaliativas, todas enfatizaram as barreiras enfrentadas pelas mulheres para conseguirem espaços em locais historicamente negados a elas. Por isso, é importante a criação de espaços que, assim como o sítio Dibradoras, possibilitem a discussão sobre a importância da divulgação das atividades práticas pelas mulheres e que permitam reflexões acerca das maneiras como a mídia tradicional representa a mulher no esporte.

A análise da categoria avaliação, por meio das declarações avaliativas com processos mentais afetivos, tanto durante as entrevistas quanto no grupo focal, mostrou-nos que as mulheres tiveram o amor despertado pelo esporte, principalmente, por causa das modalidades masculinas. Esta questão trata de um reflexo de nosso contexto cultural, já que os veículos midiáticos tradicionais se dedicam à divulgação das atividades praticadas pelos homens, sendo mais de 90% do que é veiculado na mídia tradicional destinado aos esportes masculinos e que têm os homens como protagonistas.

Para Fairclough (2001), o discurso é moldado por aspectos históricos e sociais, que são determinantes na formação das identidades e, desta maneira, um evento discursivo não se refere somente a individualidade do sujeito, seu *ethos*, mas principalmente suas crenças, costumes, culturas, que são resultados do meio social que o constituiu. Assim, o sítio Dibradoras proporciona um espaço para a discussão da importância da presença da mulher no esporte e consiste em reflexo de indivíduos que buscam desconstruir a hegemonia de que mulheres não são aptas ou não estão interessadas no universo esportivo.

6 O DESFECHO DA JORNADA

Nesta breve seção final, voltamos às três questões de pesquisa que nortearam a presente pesquisa para uma reflexão, pois "[...] a análise se torna reflexiva, questionando, por exemplo, sua eficácia como apreciação crítica, sua contribuição para a emancipação social e o ajuste, em seus posicionamentos" (Fairclough, 2012, p. 314).

Iniciamos pela questão referente aos textos jornalísticos, já que eles foram o fio condutor deste processo: Quais são as representações discursivas da mulher esportista brasileira no jornalismo esportivo produzido pelo sítio Dibradoras? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas representações são realizadas?.

Para respondê-la, construímos uma análise discursiva a partir das categorias intertextualidade, interdiscursividade, avaliação e representação de atores sociais. A análise da intertextualidade nos mostrou que a voz mais ecoada nos textos é a das mulheres atletas, por meio do discurso direto, as quais articulam, em especial, os discursos da emoção e da superação. A análise das avaliações evidenciou a prevalência de declarações avaliativas, nas quais é descrita a experiência vivida nos jogos olímpicos e são expostos os desafios enfrentados por elas ao longo da preparação para a competição.

Também percebemos que a reflexão sobre as dificuldades no ambiente esportivo por causa da desigualdade de gênero não se faz muito presente nos dizeres das mulheres atletas; ausência significativa para indivíduos que representam importante influência para a conscientização da necessidade de mudanças sociais.

As questões sobre a desigualdade de gênero no ambiente esportivo foram abordadas principalmente pelas vozes das mulheres que atuam fora da competição ou que já atuaram como atletas. Isto nos mostra que o ambiente esportivo profissional de alto rendimento ainda se distancia das discussões referentes à desigualdade de gênero e que veículos semelhantes ao sítio Dibradoras ainda são escassos em nossa sociedade.

Para a representação de atores sociais analisamos as vozes das jornalistas articuladas nos textos jornalísticos. As profissionais do sítio Dibradoras promovem a representação das mulheres esportistas brasileiras como a principal participante social da prática recontextualizada. A mulher esportista brasileira é representada predominantemente por ativação, personalização por meio da categorização (identificação/classificação) e da nomeação (informalização), e por especificação, em que a mulher esportista é especificada de forma individual ou coletiva.

Nos textos jornalísticos do sítio Dibradoras, por meio da avaliação, em especial, as declarações avaliativas, as vozes das jornalistas constroem as representações da mulher esportista como um ser forte, firme, competidor, vencedor, resiliente e que não se deixa abater pelos resultados negativos. Ao avaliar positivamente as mulheres, as jornalistas lutam contra a hegemonia do esporte, em que o foco ainda se destina ao homem e coloca as mulheres como subordinadas aos feitos deles.

Além disso, ao registrar as histórias das mulheres esportistas brasileiras, as jornalistas colocam-nas na história do esporte brasileiro, já que não registrar as histórias destas mulheres é uma tentativa de apagá-las e fingir que elas nunca estiveram lá, movimento ainda muito presente nos veículos tradicionais esportivos. Assim como conclui Firmino (2021, p. 281), acreditamos que "as compreensões das mulheres sobre o seu corpo, a sua profissão, os seus direitos, deveres e suas vontades têm sido determinantes no reconhecimento de falhas a serem reparadas" dentro do universo esportivo.

Os textos jornalísticos do Dibradoras permitem-nos conhecer figuras notáveis como Sissi, Marta Tafarel, Ketleyn Quadros, Andreia Silva e Beth Gomes, entre muitas outras mulheres. Com a documentação dessas histórias, é possível que, no futuro, ao indagarmos sobre o maior nome do esporte brasileiro, uma mulher possa surgir como referência. Até porque, eu[154] já estive do lado de quem lembraria apenas nomes de atletas masculinos, pois cresci vendo a esmagadora associação do esporte à figura masculina.

A nossa segunda questão: Quais as avaliações produzidas pelas jornalistas do sítio Dibradoras acerca da mulher jornalista no esportivo tradicional e como elas avaliam a prática de produção dos textos produzidos por elas para o Dibradoras? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas avaliações são realizadas?; foram investigadas por meio da análise dos dados gerados com as entrevistas com as produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras.

A princípio, fui resistente à inserção deste material. Tinha receio de não conseguir a participação destas profissionais, pois pensava que elas seriam inacessíveis devido ao fato de o sítio ter conquistado uma importante relevância no cenário nacional. No entanto, fui contemplada com cinco histórias de vida dedicadas ao esporte de mulheres que lutam contra a premissa de que esporte é somente para os homens; além de ter recebido apoio destas profissionais para a continuação da pesquisa, que por diversas vezes pensei em abandonar ao longo do percurso, e o agradecimento por ter escolhido o sítio Dibradoras como objeto de

[154] Em algumas partes desta seção, tomo a liberdade de fazer uso da primeira pessoa do singular, para destacar situações pessoais que vivenciei ao longo desta desafiadora pesquisa.

estudo. Conforme mencionado por Roberta Nina (2023), muitas mulheres escolhem os textos do veículo de comunicação como *corpus* para o desenvolvimento de uma pesquisa, o que para elas representam um importante caminho para propagação do veículo e, principalmente, para as discussões sobre a importância de destacar a presença das mulheres dentro do esporte.

Hoje, refletindo sobre esta etapa, penso que se o público fosse composto por homens jornalistas dificilmente teria este acolhimento, pois lembro-me dos olhares tortos e desconfiados quando trabalhei com a assessoria de imprensa do UEC. A realização desta etapa mostrou-se o significado da palavra sororidade.

As entrevistas com as jornalistas, principalmente, por meio das declarações avaliativas, mostraram-nos que as profissionais tentam combater o repudiado por elas em relação à mídia tradicional: a mitificação do corpo feminino como objeto de desejo, a representação da mulher associada ao homem e a invisibilidade delas no ambiente esportivo. O discurso feminista permeado nos textos jornalísticos é retrato de resistência ao contexto cultural imposto, visto que estas mulheres, a cada dia, lutam contra a premissa de que mulher e esporte não se associam.

A nossa última e terceira questão de estudo: Quais avaliações as mulheres leitoras - jornalistas em formação - fazem dos textos jornalísticos selecionados do sítio Dibradoras, das representações discursivas da mulher esportista neles construídas e da atuação da mulher jornalista no jornalismo esportivo? Por meio de quais recursos linguístico-discursivos essas avaliações são realizadas? foram respondidas por meio da análise dos encontros do grupo focal.

A avaliação, principalmente, por meio de declarações avaliativas das participantes do grupo focal, ressalta positivamente as produções jornalísticas do sítio Dibradoras pelas representações construídas. Na visão delas, as produções do sítio Dibradoras também se diferenciam das da mídia tradicional, pois apresentam a mulher esportista para além dos resultados conquistados nos jogos olímpicos, mostrando assim o dia a dia da mulher esportista.

De acordo com as estudantes de Jornalismo, as principais representações da mulher esportista construídas pelo sítio Dibradoras estão atreladas à humanização, à luta/superação e ao profissionalismo; enquanto na mídia tradicional as representações destacam a fragilidade feminina, a associação com o universo masculina e a objetificação/sexualização do corpo feminino.

Assim como as jornalistas produtoras de conteúdo do sítio Dibradoras, as participantes do grupo focal destacaram os desafios enfrentados pelas mulheres para a inserção e manutenção no universo esportivo, um ambiente ainda com predominância masculina. As participantes, inclusive, relataram episódios de preconceito vivenciados por elas; além de acreditarem que,

infelizmente, uma mulher por mais competência que exerça uma determinada função, ela, dificilmente, terá o mesmo reconhecimento que a sociedade destina a um homem.

O sítio Dibradoras é um veículo que contribui para a ruptura da invisibilidade feminina no esporte. No entanto, o veículo de comunicação alternativa ainda não rompeu a bolha do universo esportivo; visto que nenhuma das participantes tinham conhecimento do projeto. Firmino (2021, p. 282) defende que "a mídia esportiva deve conferir protagonismo às mulheres-atletas para que elas comecem a dividir os mesmos espaços de destaque já ocupados por homens-atletas". Compartilhamos deste princípio do mapa cultural do esporte ressignificado, e a ele acrescentamos que é preciso que os veículos que se dedicam à divulgação das atividades femininas se tornem conhecidos do público e que possam servir de fonte de consulta quando o assunto for o universo esportivo feminino.

Dibradoras acerta ao reconhecer a importância da divulgação das atividades desenvolvidas pelas mulheres esportistas. Contudo não podemos deixar de refletir sobre algumas lacunas do sítio frente às representações das mulheres esportistas, como, por exemplo, a escassa representatividade conferida às mulheres paratletas.

Em 2019, desenvolvi um trabalho acerca da representação das atletas com deficiência. Naquela época, constatei a invisibilidade delas na mídia tradicional e propus o desenvolvimento de um livro com a história de cinco paratletas uberlandenses, conforme mencionei durante a minha apresentação pessoal na seção 1. Hoje, encerrando esta pesquisa, percebo que o cenário pouco mudou, pois em nosso *corpus* há a presença de apenas uma mulher paratleta, dentro de um cenário com 96 participantes nos jogos paralímpicos (cf. Tabela 2). Assim, percebemos que a invisibilidade feminina se torna maior quando associada a uma mulher com deficiência.

Nossa tese analisou discursivamente a construção das representações da mulher esportista brasileira nos textos Dibradoras e como estas representações são avaliadas tanto pelas produtoras de conteúdo do sítio quanto por um determinado público-alvo, que em nossa pesquisa foi constituído pelas estudantes do curso de Jornalismo da Faced/UFU. Entretanto, outros caminhos poderiam ser seguidos nesta associação entre mulher e esporte, como, por exemplo, a análise das redes sociais do Dibradoras ou como a mulher esportista avalia a própria representação construída pelo sítio. Além disto, a nossa própria pesquisa fez recortes os quais poderiam ser analisados por outras categorias, já que o ato de fazer pesquisa requer escolhas, as quais constrói um caminho a ser seguido, mas tampouco é o único meio possível.

Este estudo, por seu viés exploratório, não pretende esgotar a temática, que carece e necessita de mais investigações. Todavia, destacar as representações da mulher esportista

brasileira presentes no sítio Dibradoras; compreender pelas vozes das produtoras deste conteúdo como estas representações são construídas e observar a recepção destes textos feita por um grupo de estudantes de Jornalismo, mostrou-nos a importância da divulgação das práticas esportivas femininas por meio de um jornalismo esportivo feminista, já que a mídia tradicional ainda é permeada por ideias com cunhos patriarcais e machistas.

Além disto, esta pesquisa permitiu-nos uma reflexão crítica sobre a necessidade de se pensar no papel social que o jornalista pode e deve exercer na sociedade. Muitas vezes nos deixamos levar pelo deslumbre da profissão e esquecemos que um dos objetivos da nossa profissão é abordar questões de cunho social e promover mudanças por meio do discurso, pois não há ferramenta mais poderosa e eficaz do que o poder das palavras, uma vez que os significados podem ter investimentos políticos e ideológicos e que diferentes discursos lexicalizam e/ou relexicalizam o mundo de diferentes maneiras (Fairclough, 2001).

Não podemos deixar a luta pela presença das mulheres, em qualquer espaço ou atividade, à margem de nossa sociedade. Precisamos dar visibilidade às ações delas, seja no esporte ou em qualquer área em que ela esteja presente.

Que as mulheres não sejam compreendidas pelo viés da inferioridade, que as histórias delas possam ser registradas e divulgadas, pois a mulher também é protagonista da história que é construída a cada dia.

Por mais trabalhos que ecoem as vozes das mulheres. Porque, sim, estamos aqui! “Lugar de mulher é no esporte!” ou expandido os horizontes: Lugar de mulher é onde ela quiser!”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de. Roteiro para o emprego de grupos focais Roteiro para o emprego de grupos focais. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: Bloco Qualitativo Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, São Paulo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7949365/mod_resource/content/1/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

AMATO, J.; GONÇALVES, G.; SILVA, B. Deusas, heroínas e Jogos Heranos. In: RUBIO, k. (org). **Esporte e Mito**. São Paulo, Képos, 2017. p.155-168. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/KatiaRubio/publication/323345659_Esporte_e_Mito/links/5a8f22aca6fdccecffffd87d/Esporte-e-Mito.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

ANDRADE, S. dos S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org). **Corpo, gênero c sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. cap. 8, p. 108-124.

APENAS 4% da mídia esportiva é destinada ao esporte feminino. **Terra**. 19 jul. 2021. São Paulo. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/apenas-4-da-midia-esportiva-e-destinada-ao-esportefeminino,4d33ef0b567af4577f1941d6ebaede9dt9otj3o8.html. Acesso em: 09 nov. 2023.

ARAÚJO, E. A. de. **Mulher e futebol**: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019. 2021. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Bauru, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5114413a-d4a4-4c1b-ad31-e544d0d057b9/content. Acesso em: 30 nov. 2024.

ARQUIBANCADA UFU. Sobre. **YouTube**. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/@ARQUFU/featured. Acesso em: 28 dez. 2024.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade Mostrada e heterogeneidade constitutiva – elementos para uma abordagem do outro no discurso. **Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAGATINI, O. As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo. **Jornalistas de Minas Gerais**. 18 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.sjpmg.org.br/2018/09/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/. Acesso em: 30 nov. 2024.

BARSOTTI, A.; DA CRUZ CARVALHO, J. Desigualdade de gênero no jornalismo esportivo impresso: A face oculta da assimetria nas páginas de jornais. **Revista ALCEU**, *[S. l.]*, v. 24, n. 52, p. 120–141, 2024. DOI: 10.46391/ALCEU.v24. ed52. 2024.404. Disponível em: https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/404. Acesso em: 3 nov. 2024.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Tradução Sérgio Miliet).

BESSA, D. Linguagem e Situação de Rua. In: MAGALHÃES, I.; CAETANO, C. J. M.; BESSA, D. **Pesquisas em Análise de Discurso Crítica**. Covilhã: Livros LabCom, 2014, p. 25-52.

BEZERRA, P. R. M. **O futebol midiático**: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. 2008. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/o-futebol-midiatico-uma-reflexao-critica-sobre-o-jornalismo-esportivo-nos-meios-eletronicos/. Acesso em: 12 out. 2022.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

BRASIL. **Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 19 nov. 2024.

CABRAL, S. R. S.; BARBARA, L. Processos verbais no discurso jornalístico: frequência e organização da mensagem. **DELTA.** Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. 28(spe), 2012. p. 581-603. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19372/14365. Acesso em 21 dez. 2024.

CAMARGO, V. R. T. **O pensamento de Antonio Alcoba e sua importância na trajetória dos estudos e pesquisas sobre o Jornalismo Esportivo no Brasil** - Palestra apresentada no NP18- Comunicação e Esporte no V Encontro de Núcleos e Pesquisa da Intercom, 2005. Documento eletrônico. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-1.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

CAMARGO, V. R. T. O espetáculo midiatizado. **Comciência**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Lajabor / SBPC, 2006. nº 79. Disponível em: https://comciencia.br/dossies-73-184/web/handler9d15.html?section=8&edicao=16&id=151&tipo=1. Acesso em: 28 nov. 2024.

CAVALCANTE, L. Ela viu suas camisetas virarem símbolo feminista: 'Fui atrás de saber mais'. **Universa Uol**. 30 nov. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/30/virei-a-chave-por-que-o-lute-como-uma-garota-virou-marca-do-feminismo.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em 01 jul. 2024.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CONSELHO Nacional de Desportos. **Deliberação n. 7**, de 7 ago. 1965. Disponível em: http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/. Acesso em: 21 jun. 2022.

COSTA, C. de L. O tráfico do gênero. In: **Cadernos**. FAGZ1/, 11, 1998. Disponível em https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1998(11)/Costa.pdf. Acesso em 30 dez. 2024.

DANTAS, M. A. **Mulheres no jornalismo esportivo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

DECLARAÇÃO conjunta do Comitê Olímpico Internacional e do Comitê Organizador de Tóquio 2020. **International Olympic Committee.** 2020. Disponível em: https://olympics.com/ioc/news/joint-statement-from-the-international-olympic-committee-and-the-tokyo-2020-organising-committee. Acesso em: 16 mar. 2024.

#DEIXAELATRABALHAR: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte. **Globo Esporte Futebol**. 25 de março de 2018. Disponível em: https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml. Acesso em: 24 nov. 2024.

D´ELBOUX, Y. Profissão de homem e de mulher: como surgiu essa divisão?. **Universa Uol.** 08 jan. 2019. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2014/01/08/profissao-de-homem-e-de-mulher-como-surgiu-essa-divisao.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em 23 set. 2024.

DIBRADORAS. **LinkedIn**. 2024. Disponível em: https://www.linkedin.com/company/dibradoras/. Acesso em: 01 jan. 2024.

É DRIBLE ou ~dibre? Pasquale responde. [S. l. : s. n.], 2018. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Dibradoras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YQ5Z6qujWz8. Acesso em: 13 dez. 2023.

EM VÍDEO, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**. Política. 03 jan. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml. Acesso em: 19 nov. 2024.

EPÍTETO. **Michaelis**, Dicionário Online da Língua Brasileira. Uol, 2025. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ep%C3%ADteto. Acesso em 12 jan. 2025.

EUGENIO, F. R. **As mulheres que falam do futebol de mulheres: uma análise de projetos de mídia esportiva alternativa brasileiros**. 2023. Mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

FAIRCLOUGH, N. Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis. **Journal of Pragmatics**, 9, p. 739-763, 1985. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0378216685900025?via%3Dihub. Acesso em: 01 maio 2024.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coordenação de Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Título original: *Discourse and social change*.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica**. Trad. Iran Ferreira Melo. Linha D'Água, 25(2), 2012, p. 307-329. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728. Acesso em 02 jan. 2025.

FEITO. **Michaelis**, Dicionário Online da Língua Brasileira. Uol, 2024. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/feito/. Acesso em 7 jul. 2024.

FERNANDES, F. A participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. **MultiRio** - a mídia educativa do Rio. 20 ago. 2016. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/10358-a-participa%C3%A7%C3%A3o-feminina-brasileira-nos-jogos-ol%C3%ADmpicos-e-paral%C3%ADmpicos. Acesso em: 21 fev. 2023.

FERNANDEZ, M. The Best muda de nome e passa a se chamar Fifa Awards. **Ge.Globo**. 20 set. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/09/20/the-best-muda-de-nome-e-passa-a-se-chamar-fifa-awards.ghtml. Acesso em 30 dez. 2024.

FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 33(3), 2017. p. 759 - 786. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/SCWt9bs9v7xdBbh8nKX6gZD/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 01 maio 2024.

FIRMINO, C. B.; VENTURA, M. de S. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Tríade:** Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 5, n. 10, 2017. DOI: 10.22484/2318-5694.2017v5n10p247 - 260. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3088. Acesso em: 14 nov. 2024.

FIRMINO, C. B. **Gênero e posicionamento no esporte: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras**. 2021. Doutorado em Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus Bauru, Bauru, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/6a4977c1-7f9e-4e01-8cf7-eaf2b34c37a5. Acesso em: 02 nov. 2024.

FRANÇA, F. G. R. Imagens que educam: Cultura visual e modos de endereçamento na revista Junior (2007-2015). **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – vol. 13, n. 3, p. 77 – 96 – set./dez. 2020 ISSN 1983 – 7348. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5902/1983734847435. Acesso em: 01 jan. 2025.

FUZER, C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal**: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3950. Acesso em:15 abr. 2024.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. - (Coleção as Faces da Linguística Aplicada).

GALVÃO, F. M. de P. **As representações discursivas da Reforma do Ensino Médio, Lei 13.415/2017, em diferentes gêneros do discurso.** 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25819. Acesso em: 25 maio 2024.

GARCIA, W. Pensar as Mídias Alternativas. **Observatório da Imprensa.** 17 jul. 2018. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/pensar-as-midias-alternativas/. Acesso em 22 out. 2024.

GATTI, B. A. **Grupo focal nas pesquisas em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GERHARDT, T. E.; RAMOS, I. C. A.; RIQUINHO, D. L.; SANTOS, D. L. dos. Estrutura do Projeto De Pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOELLNER, S. V. Mulher, olimpismo e desempenho. **Anais III Fórum de debates sobre mulher & esporte** - mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004. p. 42-45. Disponível em: https://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. In: **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, p. 71-83, mar., 2010. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984/556. Acesso em 01 nov. 2024.

GONÇALVES, M. C. de A.; CAMARGO, V. R. T. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura. **Anais V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM.** 2005**.** Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

GONÇALVES, E. dos P. **O futebol de mulheres na mídia:** a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras. 2020. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistémico-Funcional. **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, *[S. l.]*, v. 16, n. 24, 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27795. Acesso em: 8 jan. 2025.

GREGORY, B. H. M. Esporte e Lazer: Direitos de Meninas e Mulheres de todas as idades. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero** (Edição Especial). 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014, p. 11-14.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

GUIMARÃES, T. T. **Processos verbais na representação da fala em textos ficcionais: um estudo de romances em inglês e suas traduções e retraduções para o português brasileiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-B37NUN/1/1895m.pdf. Acesso 08 dez. 2024.

GUTIERREZ, S. **A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line**. Rio de Janeiro: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf. Acesso: 30 maio 2024.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: the social interpretation oflanguage and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. "Part A". In: HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Ox ford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 4rd edition, London: Routledge, 2014. https://doi.org/10.4324/9780203783771.

HEINEKEN Shoe Sale - Final UEFA Campions League 2014. [S. l. : s. n.], 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Blog da Propaganda. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AHfU6vaXHHk. Acesso em: 29 nov. 2024.

HINE, C. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HORKY, T.; NIELAND, J. **International Sports Press Survey 2011**. Macromedia Hochschule für Medien und Kommunikation. 2013. Disponível em: https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland_ptg_2013_1130.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Factsheet Women in the Olympic Movement**. Lausanne: Department of International Cooperation – IOC, 2024. Disponível em: https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Movement/Factsheets/Women-in-the-Olympic-Movement.pdf. Acesso em: 14 nov. 2024.

JOGOS Paralímpicos. **Internacional Paralympic Comitte**. *[s.l.], [s.d.]*. Disponível em: https://www.paralympic.org/paralympic-games. Acesso em: 22 nov. 2024.

JOGOS PARALÍMPICOS Tokyo 2020 -Delegação Brasileira. **Comitê Paralímpico do Brasil**. 2021. Disponível em: https://www.cpb.org.br/upload/link/4835d892095a459e9c92f50d61ace066.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

KOSHIYAMA, A. M. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. In: BARBOSA, M. (org.). **Estudos de jornalismo**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 33-41. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAGE, N. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005 – 7ª tiragem.

LIMA, S. P; *et al*. **Perfil do jornalista brasileiro 2021:** características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: https://perfildojornalista.ufsc.br/. Acesso em: 24 nov. 2024.

LOFFREDO, M. Mulher, olimpismo e desempenho. **Anais III Fórum de debates sobre mulher & esporte** - mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004. p. 57-62. Disponível em: https://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

MAGALHÃES, I. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. **D. E. L. T. A**. São Paulo: Educ, 2005, v. 21, n. especial, p. 1-11. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/LgkQwhZgkLdsMnvDLHh7znz/?lang=pt&format=pdf. Acesso em 07 abr. 2024.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A.R.; RESENDE, V.M. **Análise de discurso crítica:** um método de pesquisa qualitativa. [online] Brasília: Editora UnB, 2017. ISBN: 978-85-230-1337-0. https://doi.org/10.7476/9788523013370. Edição do Kindle.

MARTA fatura 'Prêmio Marta' de gol mais bonito do ano no Fifa The Best 2024. **ESPN**. 2024. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/14576836/marta-fatura-premio-gol-mais-bonito-ano-fifa-the-best-2024. Acesso 30 dez. 2024.

MARTA DA SILVA. **Olympics**. Disponível em: https://olympics.com/pt/atletas/marta. Acesso 30 dez. 2024.

MARTINS, V. Musas brasileiras! Conheça as atletas que estão arrancando suspiros na Olimpíada de Tóquio. **Caras.** 28 jul. 2021. Disponível em: https://caras.com.br/olimpiadas-2021/musas-brasileiras-confira-as-atletas-que-estao-arrancando-suspiros-nas-olimpiadas-de-toquio.phtml. Acesse em: 23 nov. 2024.

MEDINA, J. L. B. Gêneros Jornalísticos: Repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, v. 5, n. 1, janeiro-junho 2001, p. 45 - 55. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF. Acesso em 22 set. 2024.

MENDONÇA, R. O futebol feminino já foi visto assim – o que diriam dessas imagens hoje?. **Dibradoras**. 22 maio 2019. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2019/05/22/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/. Acesso em 24 nov. 2024.

MENDONÇA, R. Entrevista concedida a Cíntia Aparecida de Sousa. Uberlândia, 2023.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.) **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4a. ed. São Paulo: Parábola, 2011. Edição do Kindle.

MEYER, L. Jogos Olímpicos: quem são os maiores medalhistas do Brasil**. Olympics**. 14 ago. 2024. Disponível em: https://olympics.com/pt/noticias/jogos-olimpicos-maiores-medalhistas-brasil. Acesso em 22 set. 2024.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, E. A. do; PEREIRA, F. D. S. e VIANA, W. Avaliação. In: IRINEU, L. (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. – 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. figs.; quadros. (Coleção Adc: Teoria e Método, v. 2).

NERY, Carmen. Em 2022, streaming estava presente em 43,4% dos domicílios com TV. **Agência IBGE Notícias**. 09 nov. 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38306-em-2022-streaming-estava-presente-em-43-4-dos-domicilios-com-tv#:~:text=Destaques,%25%20para%2094%2C9%25. Acesso em 05 nov. 2024.

NEVES, M. H. M. **Como as palavras se organizam em classes**. [2017?]. Disponível em: https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-as-palavras-se-organizam-em-classes.pdf. Acesso em: 13 set. 2024.

NEYMAR. **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Fundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Neymar. Acesso em: 30 dez. 2024.

NINA, R. Entrevista concedida a Cíntia Aparecida de Sousa. Uberlândia, 2023.

NOMES do Brasil. **Censo Demográfico 2010**. 2016. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search. Acesso em: 26 nov. 2024.

NOVODVORSKI, A. **A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico**. 2008. (Dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7LTGCN. Acesso em: 18 fev. 2024.

NVIVO: Fundamentos. [S. l. : s. n.], 2023. 7 vídeos (400 min). Publicado pelo canal Metodologias Informacionais UFRGS. Disponível em:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLdn09a3qi3LgQI4DZX3FM76ZI0-RsUwIV. Acesso em: 01 abr. 2024.

OLIVEIRA, G.; CHEREM E. H.L.; TUBINO M. J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 16, p. 117-125, 2008. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/1133. Acesso em: 15 jan. 2023.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

ORLANDI, A. P. Imagem revelada. **Revista Faesp**. Edição 309, nov. 2021. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/imagem-revelada/. Acesso em: 24 nov. 2024.

OTTONI, M. A. R. **Os gêneros do humor no ensino da língua portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007a.

OTTONI, M. A. R. Nos caminhos da análise de discurso crítica: uma amostra de abordagem de um editorial jornalístico. **Letras & Letras**, *[S. l.]*, v. 23, n. 1, p. 105-122, 2007b. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25277. Acesso em: 12 set. 2022.

OTTONI, Maria A. R. Um estudo sobre o gênero oral entrevista em telejornais. Gêneros Orais. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia, vol. 19, n. 2, p. 25-65, jul./dez. 2017.

PARDO, M. L. **Teoría y metodología de la investigación lingüística**: método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos. Buenos Aires: Tersites, 2011.

PARTICIPAÇÕES. **Comitê Olímpico do Brasil**. Disponível em: https://www.cob.org.br/time-brasil/participacoes. Acesso em 01 dez. 2024.

PELADO FC: 250 meninas se organizam para jogar ao futebol. [S. l. : s. n.], 2015. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal GloboPlay. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/4510675/. Acesso em: Acesso em: 29 nov. 2024.

PELÉ. **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Fundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pel%C3%A9. Acesso em: 25 dez. 2024.

PERROT, M. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PLACAR MAGAZINE. Edição de agosto de 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=dnD_Gfc1IhoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=twopage&q&f=true. Acesse em: 30 nov. 2024.

PORTELA, P. *et al*. **Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?** *[s.l.]* GEMAA, IESP-UERJ, 2023. p. 1–21.

PRIZIBISCZK, C. M. H. R. Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início. **Portal Imprensa**. 09 de agosto de 2007. Disponível em:

https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/. Acesso em: 24 nov. 2024

"QUAL é o tamanho de um campo de futebol? Veja as medidas". **Lance**. 26 jul. 2023. Disponível em: https://www.lance.com.br/futebol-nacional/qual-e-o-tamanho-de-um-campo-de-futebol-veja-as-medidas.html. Acesso em: 23 maio 2024.

QUANTIDADE de homens e mulheres. **IBGE Educa**. 2022. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20Cont%C3%ADnu,51%2C1%25%20de%20mulheres. Acesso em 21 fev. 2023.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas-SP: Pontes, 2011.

RAJAGOPALAN, K. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: RAJAGOPALAN, K. (org.). **Por uma Linguística Crítica: linguagem, identidade, e a questão ética**. São Paulo – SP: Parábola, 2003. p. 81-88.

RANGEL, S. Luísa Rosa se torna a primeira mulher diretora da CBF na história. **Globo Esporte Futebol**. 26 abr. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/04/26/luisa-rosa-se-torna-a-primeira-mulher-diretora-da-cbf-na-historia.ghtml. 2022. Acesso em 30 set. 2024.

RELEMBRE conquistas inéditas de mulheres do Brasil na história do esporte paralímpico. **Comitê Paralímpico Brasileiro**. 08 mar. 2024. Disponível em: https://cpb.org.br/noticias/relembre-conquistas-ineditas-de-mulheres-do-brasil-na-historia-do-esporte-paralimpico/. Acesso em: 21 nov. 2024.

RESENDE, V. de M. Análise de discurso crítica como interdisciplina para a crítica social: uma introdução. In: MELO, I. F. de. (org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 2012. p. 99-112.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2017. Edição do Kindle.

RESULTADOS do Brasil. **Comitê Paralímpico Brasileiro**. Disponível em: https://cpb.org.br/competicoes/jogos-paralimpicos-de-verao/resultados-do-brasil/. Acesso em: 01 dez. 2024.

REVISTA PLACAR: história, onde comprar e mais perguntas frequentes. **Placar**. 04 de setembro de 2024. Disponível em: https://placar.com.br/placar/revista-placar-historia-onde-comprar-e-mais-perguntas-frequentes/. Acesse em 14 dez. 2024.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. Edição do Kindle.

RICHARDSON, L.; SUEYOSHI, T. H. I. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa. Urdimento - **Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis**, v. 2, n. 32, p. 542-561, 2018. DOI: 10.5965/1414573102322018542. Disponível em:

https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018542. Acesso em: 29 jan. 2023.

RITTER, R. Que fim levou? [Entrevista concedida a] ROZEMBERG, M. Terceiro tempo, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480. Acesso em: 24 nov. 2024.

ROCHA, C. R. N. da C. **O Consumo simbólico do esporte e o Jornalismo Feminista: entrecruzamentos discursivos na representação da mulher esportista na imprensa feita por e para mulheres**. 2020. Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2020.

ROMERO, E. Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas. In: SIMÕES, A. C. (org). **Mulher e Esporte**: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003. p. 69-102.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. **Anais III Fórum de debates sobre mulher & esporte** - mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004. p. 103-109. Disponível em: https://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B. As Mulheres e a Imprensa Esportiva. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero** (Edição Especial). 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014, p. 59-67.

RONALDINHO GAÚCHO. **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Fundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ronaldinho_Ga%C3%BAcho. Acesso em: 09 jan. 2025.

ROSSI, M. #DeixaElaTrabalhar: a nova investida de mulheres jornalistas contra o machismo. **El País**. 25 mar. de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html. Acesso em: 24 nov. 2024.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. **De espectadores a protagonistas**: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. Movimento, Porto Alegre, v. 5, n. 11, 1999.

RUIC, G. Pesquisa: 90% dos homens e mulheres têm visões negativas sobre as mulheres. **Exame**. Disponível em: https://exame.com/mundo/pesquisa-90-dos-homens-e-mulheres-tem-visoes-negativas-sobre-as-mulheres/. Acesso em: 21 set. 2024.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. *Futebol na TV*: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**. São Leopoldo (RS): Universidade do Vale do Rio dos Sinos Editoria de Periódicos Científicos. janeiro-abril 2011. p. 22-31. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/97. Acesso em: 28 nov. 2024.

SELEÇÃO Brasileira de Futebol Feminino. **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Fundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino. Acesso em: 05 jul. 2024.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

SOARES, E. **A Bola no ar -** O Rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

SOARES, L. C. **O funcionamento discursivo da prática social de adoção**: a voz de famílias e de profissionais da rede de apoio e de proteção. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

SOBRAL, L. C. S. **Emoções Positivas e Negativas na Atividade de Gestão**. Salvador: PPGPSI/UFBA. 2010. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/louise_sobral.pdf. Acesso em: 21 set. 2024.

SOBRE. Quem somos. **Dibradoras**. 2023. Disponível em: https://dibradoras.com.br/sobre/. Acesso em: 12 jan. 2025.

SOUSA, C. A. de; ARAÚJO, M. M. A cerveja Heineken e a Liga dos Campeões: a desconstrução da tradicional imagem da mulher no futebol. **Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1664-1.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.

SOUZA, A. Entrevista concedida a Cíntia Aparecida de Sousa. Uberlândia, 2023.

SOUZA, B. M. G. de. **Vozes hegemônicas e vozes insurgentes:** uma análise discursiva crítica sobre a representação do aborto na mídia. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35019?mode=full. Acesso em: 30 nov. 2022.

SOUZA, B. M. G. de; GALVÃO, F. M. de P.; CALDERÓN, L. A. G.; SOARES, L. C.; OTTONI, M. A. R. Análise de Discurso Crítica: origem, pressupostos básicos e abordagens. In: OTTONI, M. A. R. (org.). **Análise de Discurso Crítica**: subsídios teóricos e metodológicos para pesquisas. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022 figs.; quadros. E-book: 7 Mb; PDF.

TEIXEIRA, M. de L.; DeLUCA N. Conheça Narcisa Amália, poeta e primeira jornalista brasileira. **Folha de S. Paulo**. 02 mar. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/03/narcisa-amalia.shtml. Acesso em 24 nov. 2024.

TENORIO, E. M. Machismo. **Série Assistentes Sociais no combate ao preconceito**. Brasília: CFESS, 2019. Disponível em: https://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno06-Machismo-Site.pdf. Acesso em 31 out. 2024.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TÓQUIO 2021. **Comitê Olímpico do Brasil**. Disponível em: https://www.cob.org.br/time-brasil/participacoes/3596-toquio. Acesso em: 31 maio 2024.

TORBEN Grael. **Olympics**. Disponível em: https://olympics.com/pt/atletas/torben-grael. Acesso em 22 set. 2024.

van LEEUWEN, T. A Representação dos Actores Sociais. In: PEDRO, E. R. (org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, SA, 1997. p. 169-222.

van LEEUWEN, T. **Discourse and Practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford University Press, 2008.

VASCONCELLOS, P. S. de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo. 1998. Disponível em: https://professor.luzerna.ifc.edu.br/hernandez-eichenberger/wp-content/uploads/sites/18/2016/02/Grego-Narciso.pdf. Acesso em 27 abril 2024.

VERGUEIRO, J. Concurso cultural esportivo premia foto de mulher amordaçada e revolta internautas. **Dibradoras**. 28 jul. 2015. Disponível em: https://ecosolfeministafbes.wordpress.com/2015/07/30/concurso-cultural-esportivo-premia-foto-de-mulher-amordacada-e-revolta-internautas-dibradoras/. Acesso em: 30 nov. 2024.

VIANA, S. B. P.; HOSTINS, R. C. L.; BEUNZA, J. J. Educação Interprofissional na Graduação em Saúde no Brasil: Uma revisão qualitativa da Literatura. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 817-839, jul. 2021. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/48404. Acesso em: 24 jun. 2024.

WAGS. **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Fundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/WAGs Acesso em: 28 dez. 2024.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v.4, n. Especial, 2004. p. 223-243.

WODAK, R.; MEYER, M. **Critical Discourse Analysis**: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). Methods of critical discourse analysis. 2. ed. Londres: Sage, 2009. p. 1-33.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza** [recurso eletrônico]: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. tradução Waldéa Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

19 DE JULHO - Dia Nacional do Futebol. In: Portal: Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-do-futebol.htm. Acesso em: 26 nov. 2024.

APÊNDICE A - Levantamento inicial do *corpus* documental

	Data	Título	Autora	Modalidade[155]
1	21/04/2021	Brasil deu sorte ou azar no sorteio dos jogos olímpicos?	Renata Mendonça	Futebol
2	27/04/2021	Pioneira no basquete, árbitra superou 'portas fechadas' rumo a Tóquio	Mariana Pereira	Basquete
3	30/04/2021	Contra tudo e contra todos: como foi a 1ª Olimpíada do futebol feminino	Renata Mendonça	Futebol
4	21/05/2021	Sem Cristiane, Pia anuncia convocação para amistosos da seleção Brasileira	Roberta Nina	Futebol
5	22/05/2021	Brasil pode ficar sem trio Marta, Formiga e Cristiane pela 1ª vez desde 2004	Renata Mendonça	Futebol
6	26/05/2021	Simone Biles e Caster Semenya: as tentativas de controlar mulheres no esporte	Renata Mendonça	
7	03/06/2021	Globo vai transmitir amistosos da seleção feminina em junho	Dibradoras	Futebol
8	10/06/2021	Yaras: mulheres do rugby conquistam identidade própria e ganham força com nova CEO	Mariana Pereira	Rugby
9	14/06/2021	No último amistoso antes de Tóquio, Brasil empata com o Canadá	Roberta Nina	Futebol
10	15/06/2021	Amistosos da seleção feminina na Globo foram vistos por milhões	Dibradoras	Futebol
11	19/06/2021	Brasil dá adeus ao maior trio da história da seleção sem despedida	Renata Mendonça	Futebol
12	02/07/2021	Formiga teve duas concussões no PSG e quase ficou fora da Olimpíada	Renata Mendonça	Futebol
13	06/07/2021	'Somos a zebra, mas sempre há uma chance', diz Pia sobre Brasil na Olimpíada	Dibradoras	Futebol
14	15/07/2021	Bia Zaneratto se vê mais completa e diz que seleção teve 'evolução nítida' com Pia	Renata Mendonça	Futebol
15	16/07/2021	Conheça as jogadoras da seleção nos Jogos Olímpicos de Tóquio	Renata Mendonça	Futebol
16	16/07/2021	Por que Marta vai para a Olimpíada de Tóquio sem patrocínio esportivo?	Renata Mendonça	Futebol
17	16/07/2021	ketleyn Quadros será 3ª mulher porta-bandeira na história Brasileira dos Jogos	Roberta Nina	Judô
18	18/07/2021	Brasil teve "só" duas camisas 10 em Olimpíadas: Sissi e Marta	Roberta Nina	Futebol
19	19/07/2021	Perto da estreia, Debinha destaca união da equipe: "Estamos na mesma página"	Roberta Nina	Futebol
20	20/07/2021	Pia diz que Brasil está pronto para Olimpíada: "Nunca mudaria o 'samba-style'"	Roberta Nina	Futebol
21	20/07/2021	Quem é Pia Sundhage, a técnica que vai tentar levar o Brasil ao ouro em Tóquio	Mariana Pereira	Futebol

[155] As produções textuais que estão com coluna Modalidade em branco tratam de textos que têm como participante social atletas de outras nacionalidades.

22	20/07/2021	Por que Cristiane não foi convocada para os Jogos Olímpicos de Tóquio	Renata Mendonça	Futebol
23	21/07/2021	Com dois de Marta, Brasil goleia China na estreia em Tóquio	Roberta Nina	Futebol
24	21/07/2021	Marta está leve: "Peso da responsabilidade é de quem sempre ignorou a modalidade"	Mariana Pereira	Futebol
25	21/07/2021	Pia avalia estreia do Brasil: 'Tivemos momentos difíceis, mas conseguimos gols'	Roberta Nina	Futebol
26	22/07/2021	Boxe feminino no Brasil: de proibido por lei a esperança de ouro em Tóquio	Julia Belas	Boxe
27	22/07/2021	Tamires diz que Brasil precisa explorar velocidade contra defesa da Holanda	Mariana Pereira	Futebol
28	22/07/2021	Conheça Alice Milliat, criadora de uma 'Olimpíada paralela' para mulheres em 1920	Mariana Pereira	
29	22/07/2021	Cerimônia de abertura e muito mais: veja agenda das mulheres nos Jogos Olímpicos	Renata Mendonça	Agenda
30	23/07/2021	Formiga aposta em compactação, comunicação e contra-ataque para vencer Holanda	Roberta Nina	Futebol
31	23/07/2021	Acho que temos uma ideia de como vencê-las, diz Pia sobre Holanda	Renata Mendonça	Futebol
32	23/07/2021	Naomi Osaka acende pira olímpica de Tóquio em cena histórica na abertura	Renata Mendonça	
33	23/07/2021	"Mina de medalhas", vôlei de praia tem histórico vencedor em Olimpíadas	Mariana Pereira	Vôlei de Praia
34	23/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: futebol, surfe, handebol e muito mais	Renata Mendonça	Agenda
35	24/07/2021	Com bom segundo tempo, Brasil empata com a Holanda nos Jogos Olímpicos	Roberta Nina	Futebol
36	24/07/2021	Jogadoras avaliam empate e Ludmilla diz: "Quero jogar e ser feliz"	Mariana Pereira	Futebol
37	24/07/2021	1º dia das mulheres teve vitória no vôlei de praia, e eliminações no judô e na esgrima	Natália Andrade	Agenda
38	24/07/2021	Pia diz que vai buscar 1º lugar do grupo e elogia poder de reação do Brasil	Renata Mendonça	Futebol
39	24/07/2021	Agenda olímpica das mulheres: Simone Biles e estreia da Fadinha no skate	Renata Mendonça	Agenda
40	25/07/2021	A Rebeca é baile de favela: confira os resultados da madrugada olímpica	Natália Andrade	Ginástica Olímpica
41	25/07/2021	Renovada, seleção brasileira feminina de vôlei estreia com vitória nos Jogos	Mariana Pereira	Vôlei
42	25/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: ketleyn quadros estreia no judô, boxe e handebol	Renata Mendonça	Agenda
43	26/07/2021	Como a mentalidade campeã de Pia Sundhage tem transformado a seleção brasileira	Roberta Nina	Futebol
44	26/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: futebol, surfe, Simone Biles e final do ciclismo	Mariana Pereira	Agenda

45	27/07/2021	Com uma a mais, Brasil joga mal, vence a Zâmbia por 1 a 0 e pega o Canadá nas quartas	Roberta Nina	Futebol
46	27/07/2021	Handebol salva noite Brasileira: confira os resultados	Natália Andrade	Resultados
47	27/07/2021	Da cura de uma embolia pulmonar à seleção: Jucinara vibra com sua estreia	Mariana Pereira	Futebol
48	27/07/2021	Com emoção até o fim, Brasil vira jogo contra República Dominicana no vôlei	Mariana Pereira	Vôlei
49	27/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: vela, estreia do rúgbi, handebol e muito mais	Renata Mendonça	Agenda
50	28/07/2021	Simone Biles, Nomi Osaka e a saúde mental dos atletas nos Jogos Olímpicos	Julia Belas	
51	28/07/2021	Andreia Silva faz história em Tóquio e se torna a 1ª árbitra a atuar no basquete masculino	Roberta Nina	Basquete Masculino
52	28/07/2021	Tenistas na semifinal e polêmica no judô: os resultados das mulheres em Tóquio	Natália Andrade	Resultado
53	28/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Rebeca Andrade na final, boxe e estreia do atletismo	Mariana Pereira	Agenda
54	28/07/2021	Quem é Rebeca Andrade, a ginasta campeã olímpica que brilhou em Tóquio	Renata Mendonça	Ginástica Olímpica
55	29/07/2021	'Hoje sou uma atleta mais forte por tudo o que passei', diz medalhista Rebeca	Renata Mendonça	Ginástica Olímpica
56	29/07/2021	'Se voltarmos com uma medalha, vão nos ouvir', diz Pia Sundhage	Roberta Nina	Futebol
57	29/07/2021	Mayra se supera e traz o terceiro bronze consecutivo: veja os resultados	Natália Andrade	Resultados
58	29/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Brasil nas 4ªs do futebol, Etiene na natação e mais	Mariana Pereira	Agenda
59	30/07/2021	Nos pênaltis, Brasil perde para o Canadá e está eliminado dos jogos de Tóquio	Roberta Nina	Futebol
60	30/07/2021	Formiga se despede da 7ª Olimpíada: "Perdemos a medalha, mas a guerra continua"	Mariana Pereira	Futebol
61	30/07/2021	Após eliminação, Pia pede desculpas e diz que busca jogadora criativa para o time	Roberta Nina	Futebol
62	30/07/2021	Com Brasil eliminado, Marta pede: "Deixem as meninas continuarem evoluindo"	Mariana Pereira	Futebol
63	30/07/2021	Estados Unidos vencem Holanda nos pênaltis e vão à semi da Olimpíada	Renata Mendonça	
64	30/07/2021	Bia Ferreira vai às 4as no boxe, Maria Suelen se lesiona no judô: os resultado das Brasileiras em Tóquio	Natália Andrade	Resultado
65	30/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: disputa de bronze no tênis, vôlei e muito mais	Mariana Pereira	Agenda
66	31/07/2021	Dupla do tênis ficou com vaga olímpica de última hora e conquistou bronze histórico	Roberta Nina	Tênis
67	31/07/2021	Vôlei invicto e bronze no tênis: confira os resultados das brasileiras	Natália Andrade	Resultado

68	31/07/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Rebeca Andrade em mais uma final, handebol e mais	Mariana Pereira	Agenda
69	01/08/2021	Rebeca Andrade conquista 1º ouro olímpico das mulheres Brasileiras em Tóquio	Natália Andrade	Ginástica Olímpica
70	01/08/2021	Ouro no salto, Rebeca ainda busca medalha no solo: "Meu foco é competir feliz"	Mariana Pereira	Ginástica Olímpica
71	01/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: ginástica, atletismo e vela podem trazer medalha	Mariana Pereira	Agenda
72	02/08/2021	Suécia vence Austrália e fará final olímpica contra o Canadá	Roberta Nina	
73	02/08/2021	Brasil vence fácil o Quênia em jogo marcado por 'espírito olímpico' das adversárias	Mariana Pereira	Vôlei
74	02/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Flavinha na final da trave e estreia do skate park	Mariana Pereira	Agenda
75	03/08/2021	Mulheres de ouro! Martine e Kahena são bicampeãs em Tóquio e constroem tradição feminina na vela	Roberta Nina	Iatismo
76	03/08/2021	Rebeca Andrade, uma campeã inspirada por mulheres: 'Mostra nossa força'	Roberta Nina	Ginástica Olímpica
77	03/08/2021	Carta para Cristiane, Marta e Formiga	Natália Andrade	Futebol
78	03/08/2021	Medalha garantida no boxe: confira os resultados das mulheres em Tóquio	Natália Andrade	Resultados
79	03/08/2021	Lesionada, Flávia saraiva se supera em Tóquio: "Eu sei o quão difícil foi chegar aqui"	Mariana Pereira	Ginástica Olímpica
80	03/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio tem clássico decisivo no vôlei contra a Rússia	Mariana Pereira	Agenda
81	03/08/2021	Ana Marcela é ouro: 'Deixei escapar algumas vezes, hoje sou campeã olímpica'	Renata Mendonça	Maratona Aquática
82	04/08/2021	Joanna sobre Biles: 'Doenças de alma não se curam, você aprende a lidar com elas'	Renata Mendonça	
83	04/08/2021	Do banco, Brasil encontra força para vencer de virada a Rússia e ir às semis de Tóquio	Mariana Pereira	Vôlei
84	04/08/2021	Pronta para 'quebrar paradigmas', Ana Marcela planejou cada braçada para o ouro	Roberta Nina	Maratona Aquática
85	04/08/2021	Ouro de Ana Marcela e show de espírito olímpico no skate; veja os resultados	Natália Andrade	Resultados
86	04/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Beatriz Ferreira luta por vaga na final do boxe	Mariana Pereira	Agenda
87	05/08/2021	Com dois gols de Rapinoe e Lloyd, EUA conquistam medalha de bronze em Tóquio	Roberta Nina	
88	05/08/2021	Aos 35, técnica do Canadá tenta manter a escrita de mulheres campeãs	Renata Mendonça	
89	05/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: Brasil entra em quadra de olho na final do vôlei	Mariana Pereira	Agenda
90	05/08/2021	Bia Ferreira é finalista do boxe: confira os outros resultados	Natália Andrade	Resultados
91	06/08/2021	Nos pênaltis, Canadá vence Suécia e conquista sua primeira medalha de ouro olímpica	Roberta Nina	

92	06/08/2021	Emocionadas, atletas do vôlei garantem: “A gente vai brigar muito por esse ouro”	Mariana Pereira	Vôlei
93	06/08/2021	Brasileira quase leva medalha na marcha atlética e vôlei vai à final; veja resultados	Natália Andrade	Resultados
94	07/08/2021	Sonhos não envelhecem: aos 40, Carol Gattaz vive ápice da carreira em Tóquio	Renata Mendonça	Vôlei
95	07/08/2021	Bia Ferreira seguiu passos do pai, virou campeã mundial e pode ser ouro em Tóquio	Roberta Nina	Boxe
96	07/08/2021	Agenda das mulheres em Tóquio: finais do vôlei e do boxe em último dia olímpico	Mariana Pereira	Agenda
97	07/08/2021	Resultados das mulheres em Tóquio: Brasil fica em 12º na ginástica rítmica	Renata Mendonça	Ginástica Rítimca
98	08/08/2021	Bia Ferreira faz história e conquista prata olímpica em Tóquio	Renata Mendonça	Boxe
99	08/08/2021	Brasil não mantém bom desempenho, perde para os EUA e é prata no vôlei	Mariana Pereira	Vôlei
100	08/08/2021	Vôlei e boxe encerram edição histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos	Natália Andrade	Vôlei/Boxe
101	09/08/2021	Jogos Olímpicos de Tóquio: por que não temos mais mulheres treinadoras?	Renata Mendonça	Treinadoras
102	09/08/2021	Como as mulheres chegaram à melhor participação da história do Brasil nos jogos	Renata Mendonça	Geral
103	09/08/2021	Gabi valoriza medalha de prata, mas sonha com ouro: “Quero ser campeã olímpica”	Roberta Nina	Vôlei
104	10/08/2021	Tóquio 2020: 2 anos após parto difícil, ela virou maior medalhista olímpica da história	Renata Mendonça	
105	12/08/2021	A lição dos EUA: país tem 60% das medalhas em Tóquio conquistadas por mulheres	Renata Mendonça	
106	18/08/2021	Uma vida pelo esporte: conheça a história de Beth Gomes, paratleta do lançamento de disco	Roberta Nina	Lançamento de disco paralímpico
107	19/08/2021	Fora de Tóquio, Verônica Hipólito comentará jogos paralímpicos pelo SporTV	Mariana Pereira	Esporte paralímpico
108	31/08/2021	Pia faz autocrítica sobre Olimpíada e quer ataque com estilo mais ‘Brasileiro’	Renata Mendonça	Futebol
109	10/11/2021	“O caminho do esporte é de empoderamento”, diz Isabel Swan, hoje no COB	Mariana Pereira	Geral

APÊNDICE B - Instrumento de coleta de dados - Roteiro da entrevista com as autoras dos textos publicados no site Dibradoras

Entrevista
Qual a sua formação profissional? O que motivou você a escrever sobre mulheres no esporte? Quantos anos você faz parte da equipe Dibradoras? Como é/foi fazer parte da equipe Dibradoras? Quais as diferenças em produzir para um veículo de comunicação comandado só por mulheres? Qual o espaço da mulher esportista nos textos jornalísticos esportivos? Você acredita que há diferenças de abordagens na produção de um texto jornalístico esportivo em relação ao gênero do autor/jornalista? Ao produzir um texto sobre as atividades esportivas femininas, quais os seus critérios para a produção do conteúdo? Como jornalista, como você percebe que os leitores recebem os textos produzidos por você? Quais as dificuldades de produzir conteúdo jornalístico esportivo com foco na mulher no atual cenário do nosso país? Como ela vê a participação da mulher no esporte e no jornalismo esportivo? Há alguma diferença se comparada com a presença masculina? Você já viveu algum caso de preconceito por ser jornalista mulher e cobrir sobre esportes? Se sim, pode me contar como foi? Você acredita que as mulheres esportistas sofrem preconceito no universo esportivo? Na sua opinião, quais as maiores dificuldades que as mulheres esportistas já enfrentaram e ainda enfrentam? E quais as maiores conquistas que as mulheres esportistas já obtiveram? Qual o papel do sítio Dibradoras, em se tratando da atuação de mulheres-jornalistas e da representação da mulher esportista?

APÊNDICE C - Instrumento de coleta de dados - Roteiro para realização do Grupo Focal

Etapas do grupo focal
1º Encontro
1) Apresentação da moderadora. 2) Apresentação das participantes. 3) Apresentação dos objetivos da investigação e da escolha dos integrantes do grupo focal. 4) Divulgação das formas de registro do trabalho, bem como do anonimato dos envolvidos e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). 5) Divulgação da proposta do grupo focal e a duração aproximada de cada encontro, uma hora. 6) Conversa sobre O que é ser mulher em nossa sociedade? E Como o jornalismo esportivo representa a mulher? 7) Agradecimento pela participação e convite para o segundo encontro.
2º Encontro
1) Análise do encontro anterior. 2) Leitura em voz alta do texto selecionado para análise. 3) Análise do texto jornalístico. 4) Solicitar que as participantes exponham comentários ou observações de algo particular que se relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar. 5) Agradecimentos pela participação e convite para o terceiro encontro.
3º Encontro
1) Análise do encontro anterior. 2) Leitura em voz alta do texto selecionado para análise. 3) Análise do texto jornalístico. 4) Solicitar que as participantes exponham comentários ou observações de algo particular que se relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar. 5) Agradecimentos pela participação e convite para o quarto encontro.
4º Encontro
1) Análise do encontro anterior. 2) Leitura em voz alta do texto selecionado para análise. 3) Análise do texto jornalístico. 4) Solicitar que exponham comentários ou observações de algo particular que se relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar. 5) Agradecimentos pela participação e convite para o quarto e último encontro.
5º Encontro
1) Leitura em voz alta do texto selecionado para análise. 2) Análise do texto jornalístico. 3) Solicitar que as participantes exponham comentários ou observações de algo particular que se relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar. 4) Verificar se as participantes acreditam como que deveria ser a representação da mulher no jornalismo esportivo? 5) Verificar se as participantes se sentem contempladas pela representação midiática da mulher no jornalismo esportivo?

6) Agradecimentos pela participação e encerramento do grupo focal.
Perguntas para nortear a condução do grupo focal
1) Como a mulher é representada neste texto jornalístico? 2) Esta representação da mulher surpreendeu ou confirmou o que você esperava? 3) Quais os elementos do texto chamaram mais a sua atenção? 4) O texto analisado apresenta a mulher como protagonista da matéria? 5) Se você fosse a autora do texto, abordaria o tema de qual maneira?

APÊNDICE D - Formulário de inscrição para participação no Grupo Focal[156]

Grupo Focal de análise das reportagens do site Dibradoras: o jornalismo esportivo feito por mulheres e comentado por mulheres estudantes de jornalismo

O grupo focal será realizado com mulheres, estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que irão analisar os textos do sítio Dibradoras, um dos poucos meios de comunicação especializados em jornalismo esportivo do Brasil comandado somente por mulheres.

Período de Inscrições: Início: 08/01/2024 e Término: 10/01/2024

Período de Realização: 11, 16, 17, 18 e 22 de janeiro de 2024

Local: Formato Remoto pela plataforma Google Meet

Horário: 18h30 às 20h30

Carga Horária Total: 20h (para ter direito ao certificado é preciso ter no mínimo 75% de presença nos encontros síncronos)

Ministrante: Cíntia Aparecida de Sousa

cintiaperdizes@gmail.com Mudar de conta

Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

[156] O Formulário foi disponibilizado no endereço eletrônico: https://forms.gle/GJbhGXmMYvpN8zg4A

Nome Completo *

Sua resposta

Qual o seu e-mail? *

Sua resposta

Número do CPF ou número do passaporte *

Sua resposta

Qual a sua idade? *

Sua resposta

Qual o seu sexo? *

- ◯ Mulher
- ◯ Homem

Qual o seu gênero? *

- ◯ Cisgênero – Identidade de gênero corresponde a que foi atribuída no nascimento.
- ◯ Transgênero – Identidade de gênero oposta ao sexo biológico.
- ◯ Não binário – Identidade de gênero não estabelecida. Indivíduos que não se identificam nem com o sexo masculino, nem com o sexo feminino, ou que se identificam com ambos ao mesmo tempo e não se limitam a uma definição específica.

Você é estudante do curso de Jornalismo da UFU? *

- ◯ Sim
- ◯ Não

Qual a sua etnia racial? *

- ◯ Branca
- ◯ Amarela
- ◯ Indígena
- ◯ Parda
- ◯ Preta

Você ingressou no curso de Jornalismo/UFU por meio de qual cota? *

- ◯ Cota de Escola Pública
- ◯ Cota de Baixa Renda
- ◯ Cota para PPIs (Negros Pretos, Negros Pardos e e Indígenas)
- ◯ Cota PCD - Pessoa Com Deficiência
- ◯ Não ingressei por meio das cotas

Qual o seu período no curso de Jornalismo da UFU? *

- ◯ 1º
- ◯ 2º
- ◯ 3º
- ◯ 4º
- ◯ 5º
- ◯ 6º
- ◯ 7º
- ◯ 8º

Ano de ingresso no Jornalismo UFU? *

- ◯ 2023
- ◯ 2022
- ◯ 2021
- ◯ 2020
- ◯ 2019
- ◯ Antes de 2019

Gosta de jornalismo esportivo? *

- ◯ Sim
- ◯ Não
- ◯ Mais ou menos

Dos esportes femininos listados abaixo, qual ou quais você acompanha?

	Acompanho	Não acompanho
Automobilismo	○	○
Atletismo	○	○
Basquete	○	○
Esportes Aquáticos	○	○
Ginástica	○	○
Futebol	○	○
Vôlei	○	○

Dos esportes femininos listados abaixo, qual ou quais você gostaria de participar de uma cobertura jornalística?

	Sim	Não
Automobilismo	○	○
Atletismo	○	○
Basquete	○	○
Esportes Aquáticos	○	○
Ginástica	○	○
Futebol	○	○
Vôlei	○	○

Na sua opinião, como é a presença da mulher no jornalismo esportivo como produtora de conteúdo (jornalista) *

	1	2	3	4	5	
Pouco presente	○	○	○	○	○	Muito presente

Na sua opinião, como é a presença da mulher no jornalismo esportivo como tema/foco (mulher atleta) *

	1	2	3	4	5	
Pouco presente	○	○	○	○	○	Muito presente

Na sua opinião, como é a presença da mulher no jornalismo esportivo como consumidora (mulher com leitora) *

	1	2	3	4	5	
Pouco presente	○	○	○	○	○	Muito presente

Enviar

Limpar formulário

APÊNDICE E - Lista de 100 palavras: Textos Jornalísticos

Posição	Palavra	Contagem
1	não	165
2	é	140
3	foi	126
4	eu	104
5	muito	103
6	gente	81
7	jogos	69
8	tem	63
9	brasil	55
10	tóquio	55
11	mulheres	50
12	anos	49
13	primeira	49
14	também	45
15	seleção	43
16	bia	42
17	foto	42
18	ouro	41
19	ser	39
20	era	38
21	olímpicos	37
22	medalha	36
23	brasileira	35
24	sempre	33
25	ter	33
26	feminino	32
27	mundial	30
28	boxe	29
29	história	29
30	rebeca	29
31	tinha	29
32	até	28

33	cob	28
34	só	28
35	fazer	27
36	futebol	27
37	2021	26
38	esporte	26
39	final	26
40	hoje	26
41	jogo	26
42	campeã	25
43	vez	25
44	dia	24
45	feminina	24
46	mulher	24
47	olimpíada	24
48	olímpica	24
49	atleta	23
50	minha	23
51	duas	22
52	são	22
53	está	21
54	olímpico	21
55	bem	20
56	tempo	20
57	vai	20
58	você	20
59	beth	19
60	conseguiu	19
61	equipe	19
62	grande	19
63	melhor	19
64	modalidade	19
65	mundo	19
66	nunca	19
67	disse	18

68	há	18
69	pai	18
70	parte	18
71	teve	18
72	vôlei	18
73	2019	17
74	ana	17
75	apenas	17
76	competição	17
77	declarou	17
78	fez	17
79	fora	17
80	muita	17
81	prata	17
82	time	17
83	vocês	17
84	após	16
85	carol	16
86	carreira	16
87	lugar	16
88	sergipe	16
89	treinar	16
90	três	16
91	2008	15
92	começou	15
93	dupla	15
94	estava	15
95	ferreira	15
96	jogar	15
97	primeiro	15
98	pódio	15
99	aqui	14
100	bronze	14

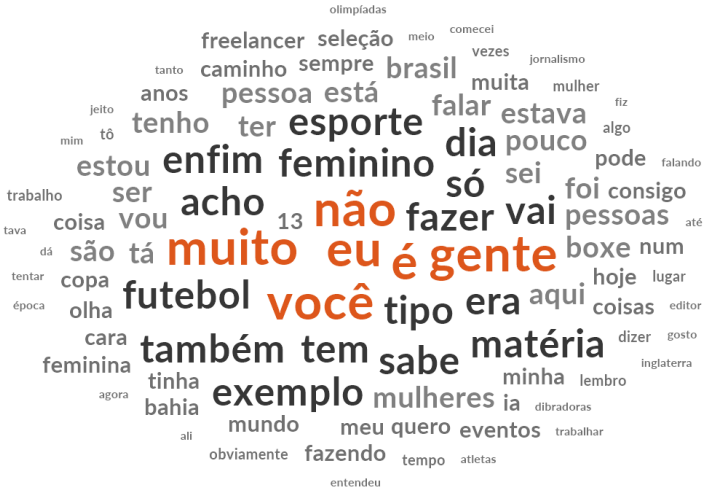
Fonte: Tabela gerada a partir do NVivo.

APÊNDICE F - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 01



Fonte: Nuvem gerada no NVivo.

APÊNDICE G - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 02



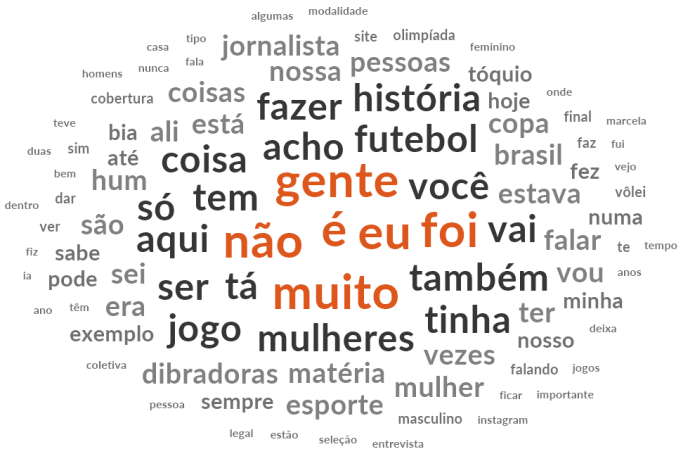
Fonte: Nuvem gerada no NVivo.

APÊNDICE H - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 03



Fonte: Nuvem gerada no NVivo.

APÊNDICE I - Nuvem de palavras com as realizações linguísticas mais frequentes no *corpus* referente à Entrevista 04



Fonte: Nuvem gerada no NVivo.

APÊNDICE J - Lista de 100 palavras: Entrevistas

Posição	Palavra	Contagem
1	eu	1210
2	é	939
3	não	858
4	gente	620
5	você	481
6	muito	364
7	tem	301
8	futebol	237
9	foi	225
10	mulheres	220
11	acho	212
12	esporte	168
13	feminino	166
14	vai	154
15	era	151
16	também	145
17	só	142
18	aqui	140
19	fazer	140
20	mulher	123
21	tá	123
22	tipo	121
23	falar	120
24	está	118
25	tinha	116
26	sabe	109
27	coisa	107
28	pessoas	107
29	ser	101
30	são	97
31	exemplo	94
32	ter	90

33	vezes	89
34	sei	86
35	estava	84
36	sempre	83
37	matéria	80
38	copa	79
39	hoje	78
40	vou	76
41	minha	74
42	dibradoras	71
43	dia	68
44	até	66
45	brasil	66
46	ali	65
47	falando	65
48	história	65
49	tenho	63
50	dentro	60
51	meu	59
52	coisas	56
53	homens	56
54	mundo	54
55	pessoa	54
56	trabalho	54
57	pode	53
58	pouco	49
59	enfim	48
60	faz	48
61	dá	47
62	jogo	47
63	jornalismo	47
64	te	46
65	agora	45
66	nossa	45
67	nunca	45

68	cobertura	44
69	estão	44
70	trabalhar	44
71	seleção	43
72	tempo	43
73	sim	42
74	anos	41
75	espaço	41
76	masculino	41
77	estou	40
78	fazendo	40
79	muita	40
80	meio	39
81	olha	39
82	dar	38
83	esportes	38
84	grande	38
85	lugar	38
86	sou	38
87	fiz	37
88	muitas	37
89	site	37
90	fala	36
91	fui	36
92	teve	36
93	tô	36
94	alguma	35
95	entendeu	35
96	olimpíada	35
97	jornalista	33
98	lembro	33
99	mim	33
100	nosso	33

Fonte: Tabela gerada a partir do NVivo.

APÊNDICE K- Lista de 100 palavras: Grupo Focal

Posição	Palavra	Contagem
1	eu	688
2	é	357
3	não	329
4	muito	225
5	acho	222
6	também	141
7	gente	135
8	tem	135
9	mulher	101
10	esporte	85
11	ser	69
12	exemplo	68
13	mulheres	64
14	você	64
15	até	63
16	foi	63
17	sei	63
18	está	59
19	falar	57
20	questão	56
21	só	48
22	tinha	46
23	pouco	45
24	ter	45
25	sabe	44
26	sim	43
27	estava	42
28	coisa	41
29	bem	40
30	fala	38
31	sempre	38
32	vejo	38

33	era	37
34	jornalismo	37
35	vai	37
36	vezes	37
37	falou	36
38	minha	36
39	pessoa	35
40	são	34
41	caso	30
42	homem	30
43	pode	30
44	falando	29
45	interessante	29
46	ver	29
47	acredito	28
48	aqui	28
49	forma	28
50	pai	28
51	enfim	27
52	matéria	27
53	achei	26
54	algo	26
55	atleta	26
56	futebol	26
57	talvez	26
58	meu	25
59	vôlei	25
60	esportes	24
61	esportivo	24
62	fazer	24
63	pessoas	24
64	vou	24
65	parte	23
66	teve	23
67	visão	23

68	dentro	22
69	grande	22
70	meio	22
71	mim	22
72	texto	22
73	verdade	21
74	vê	21
75	agora	20
76	diferente	20
77	difícil	20
78	feminino	20
79	história	20
80	meninas	20
81	muita	20
82	sou	20
83	estou	19
84	estão	19
85	geralmente	19
86	matérias	19
87	parece	19
88	realmente	19
89	vi	19
90	alguma	18
91	coisas	18
92	falta	18
93	homens	18
94	muitas	18
95	principalmente	18
96	tenho	18
97	tá	18
98	anos	17
99	bastante	17
100	nossa	17

Fonte: Tabela gerada a partir do NVivo.

ANEXO A - Parecer de aprovação do CEP/UFU

Portal do Governo Brasileiro

principal sair

CINTIA APARECIDA DE SOUSA - Pesquisador | V3.6.1

Cadastros

Sua sessão expira em: 35min 06

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O webjornalismo esportivo sobre mulheres, comentado por mulheres e produzido por mulheres sob a ótica da Análise de Discurso Crítica
Pesquisador Responsável: MARIA APARECIDA RESENDE OTTONI
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 67801123.4.0000.5152
Submetido em: 08/03/2023
Instituição Proponente: Instituto de Letras e Linguística
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

VISÃO RAIZ

Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_2098222

LISTA DE PESQUISADORES DO PROJETO

CPF/Documento	Nome	Atribuição	E-mail	Currículo	Tipo de Análise	Ação
437.128.006-49	MARIA APARECIDA RESENDE OTTONI	Pesquisador principal	cidottoni@gmail.com	Lattes CV	PROPONENTE	
082.017.296-09	CINTIA APARECIDA DE SOUSA	Assistente da Pesquisa, Contato Científico, Contato Público, Equipe do Projeto	cintiaperdizes@yahoo.com.br	Lattes CV	PROPONENTE	

LISTA DE COMITÊS DE ÉTICA DO PROJETO

Comitê de Ética	Tipo de Vínculo	Ação
5152 - Universidade Federal de Uberlândia	COPARTICIPANTE	
5152 - Universidade Federal de Uberlândia	COORDENADOR	

LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO

CNPJ da Instituição	Razão Social	Tipo de Instituição	Comitê de Ética	Ação
	Faculdade de Educação - UFU	COPARTICIPANTE	5152 - Universidade Federal de Uberlândia	
	Instituto de Letras e Linguística	PROPONENTE	5152 - Universidade Federal de Uberlândia	

LISTA DE PROJETOS RELACIONADOS

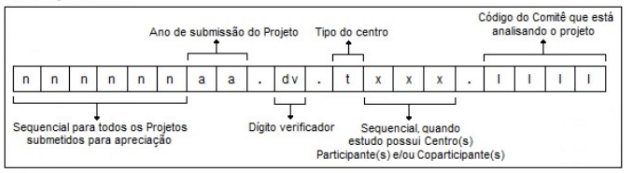
Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
P	67801123.4.0000.5152	1	MARIA APARECIDA RESENDE OTTONI	5152 - Universidade Federal de Uberlândia	Instituto de Letras e Linguística	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo

P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



(*) Origem / Última Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

Chat

Voltar

Suporte a sistemas: 136 - opção 8
e-mail: suporte.sistemas@datasus.gov.br
Fale conosco: http://datasus.saude.gov.br/fale-conosco

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Entrevista)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada "**O webjornalismo esportivo sobre mulheres, comentado por mulheres e produzido por mulheres sob a ótica da Análise de Discurso Crítica**"[157], sob a responsabilidade das pesquisadoras Maria Aparecida Resende Ottoni e Cíntia Aparecida de Sousa (doutoranda) da Universidade Federal de Uberlândia.

Nesta pesquisa nós buscamos investigar quais representações e identificações discursivas da mulher-atleta são construídas no sítio esportivo Dibradoras, quais os sentidos construídos por mulheres leitoras a partir dos textos deste sítio e como é a produção destes textos pelas mulheres jornalistas do sítio Dibradoras.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Cíntia Aparecida de Sousa. Este termo será entregue via e-mail à participante da entrevista durante o primeiro encontro virtual no qual será feito o convite para a participação na pesquisa e sanadas dúvidas sobre a pesquisa. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você participará de uma entrevista individual que será realizada de forma remota, por meio do aplicativo Google Meet. Na entrevista, conversaremos sobre a mulher-atleta, sobre a mulher jornalista e sobre a representação discursiva da mulher-atleta no jornalismo esportivo, a partir dos textos publicados no sítio Dibradoras. A entrevista será gravada por meio do recurso do aplicativo e posteriormente será transcrita, em nenhum momento o áudio e a imagem serão divulgados.

A pesquisadora responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa (gravações de áudio da entrevista em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. É compromisso da pesquisadora responsável a divulgação dos resultados da

[157] No momento da abordagem para a realização das entrevistas este era o título provisório da pesquisa.

pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem, neste estudo, na sua identificação. Para que isto não ocorra, utilizaremos pseudônimos para a apresentação dos resultados. Os arquivos com as gravações das entrevistas serão utilizados apenas para a análise e sem o repasse ou divulgação para terceiros. Comprometemo-nos a manter os vídeos (áudio e imagem) decorrentes da realização de entrevistas em total sigilo, utilizando-os somente para transcrições para a composição do *corpus*. Caso você autorize apenas a gravação do áudio, a entrevista será realizada com a câmera desativada e a orientamos para que o perfil de acesso não utilize foto para que não ocorra a sua identificação. Quanto aos benefícios, esta pesquisa contribuirá com a discussão sobre a importância de se realizar estudos sobre o atual espaço da mulher no jornalismo esportivo. Além disso, o estudo promoverá um espaço de visibilidade para as mulheres, seja como mulheres-atletas, mulheres leitoras ou mulheres jornalistas, colocando-as como centro das atenções, não por sua beleza, mas sim pela competência no universo esportivo.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelas pesquisadoras.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Maria Aparecida Resende Ottoni, na Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Letras e Linguística, Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 1U220, campus Santa Mônica, Cep: 38408100, Uberlândia, MG, telefone: (34) 3239-4162.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no *link*:
https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, _____ de _____ de 2023

_____ _____

Cíntia Aparecida de Sousa Maria Aparecida Resende Ottoni

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

_____

Assinatura da participante de pesquisa

ANEXO C - Autorização para realização da pesquisa com as discentes do curso de Jornalismo da Faced/UFU

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro estar ciente que o Projeto de Pesquisa intitulado "**O webjornalismo esportivo sobre mulheres, comentado por mulheres e produzido por mulheres sob a ótica da Análise de Discurso Crítica** será avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/12. e 510/16. Esta Instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa, e de seu compromisso na segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantir a segurança e o bem-estar.

Autorizo as pesquisadoras Maria Aparecida Resende Ottoni e Cíntia Aparecida de Sousa (doutoranda) da Universidade Federal de Uberlândia. realizarem a(s) etapa(s) do grupo focal com as estudantes do curso de Jornalismo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, no período de **17/07/2023** a **30/08/2023** utilizando-se da infraestrutura desta Instituição.

Universidade Federal de Uberlândia
Profa. Dra. Christiane Pitanga Serafim da Silva
Coordenadora do Curso de Jornalismo
PORTARIA PESSOAL Nº 4774 de 16/12/2021

Christiane Pitanga Serafim da Silva
Coordenadora do Curso de Jornalismo
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia, 06 de março de 2023

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Grupo Focal)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada "**O webjornalismo esportivo sobre mulheres, comentado por mulheres e produzido por mulheres sob a ótica da Análise de Discurso Crítica**"[158], sob a responsabilidade das pesquisadoras Maria Aparecida Resende Ottoni e Cíntia Aparecida de Sousa (doutoranda) da Universidade Federal de Uberlândia. Nesta pesquisa nós buscamos investigar quais representações e identificações discursivas da mulher-atleta são construídas no sítio esportivo Dibradoras, quais os sentidos construídos por mulheres leitoras a partir dos textos deste sítio e como é a produção destes textos pelas mulheres jornalistas do sítio Dibradoras.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Cíntia Aparecida de Sousa. Este termo será entregue via e-mail à cada participante do grupo focal durante o primeiro encontro no qual será feito o convite para a participação na pesquisa e sanadas dúvidas sobre a pesquisa. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você fará parte de um grupo com até 10 pessoas. O grupo focal será realizado durante cinco encontros de forma remota, por meio do aplicativo Google Meet. Neste grupo, as participantes lerão e discutirão, em conjunto, textos jornalísticos, pré-selecionados, do sítio Dibradoras, manifestando suas opiniões sobre o modo como a mulher-atleta é representada nesses textos, sobre as escolhas que a mulher jornalista faz para falar sobre a mulher-atleta e sobre a mulher no jornalismo esportivo. Os encontros serão gravados por meio do recurso do aplicativo e posteriormente serão transcritos, em nenhum momento o áudio e a imagem serão divulgados.

A pesquisadora responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa (gravações de áudio e imagens dos grupos focais) em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. É compromisso da pesquisadora responsável a

[158] Idem nota 156.

divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem, neste estudo, na sua identificação. Para que isto não ocorra, utilizaremos pseudônimos para a apresentação dos resultados. Os arquivos com as gravações das entrevistas serão utilizados apenas para a análise e sem o repasse ou divulgação para terceiros. Comprometemo-nos a manter os vídeos (áudio e imagem) decorrentes da realização de entrevistas em total sigilo, utilizando-os somente para transcrições para a composição do *corpus*. Caso você autorize apenas a gravação do áudio, a entrevista será realizada com a câmera desativada e a orientamos para que o perfil de acesso não utilize foto para que não ocorra a sua identificação. Quanto aos benefícios, esta pesquisa contribuirá com a discussão sobre a importância de se realizar estudos sobre o atual espaço da mulher no jornalismo esportivo. Além disso, o estudo promoverá um espaço de visibilidade para as mulheres, seja como mulheres-atletas, mulheres leitoras ou mulheres jornalistas, colocando-as como centro das atenções, não por sua beleza, mas sim pela competência no universo esportivo.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelas pesquisadoras.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Maria Aparecida Resende Ottoni, na Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Letras e Linguística, Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 1U220, campus Santa Mônica, Cep: 38408100, Uberlândia, MG, telefone: (34) 3239-4162.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no *link*:
https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, _____ de _____ de 2024

_____ _____

Cíntia Aparecida de Sousa Maria Aparecida Resende Ottoni

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

_____

Assinatura da participante de pesquisa